



"UM DOS MELHORES AUTORES DE AVENTURAS HISTÓRICAS
DE NOSSO TEMPO." — THE WASHINGTON POST

B E R N A R D
C O R N W E L L

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

A Espada de
S H A R P E



ESPANHA, JULHO DE 1812

AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÔNICAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Nos dias prévios à batalha dos Arapiles (julho de 1812), o espião mais valioso e sanguinário de Napoleão, o coronel Leroux, fracassou em sua primeira tentativa de acabar com a vida de Richard Sharpe; mas não é um homem que desista facilmente de completar as missões que lhe encomendam. Os melhores homens do serviço secreto britânico estão caindo nas mãos de Leroux, e Sharpe já tem um bom motivo para desejar pará-lo. Pego em um labirinto de segredos, rumores e suspeitas, Sharpe perseguirá Leroux sem descanso, decidido a obter sua vingança com o frio aço de sua espada. Somente em seu terreno, no campo de batalha, Sharpe conseguirá impor-se aos sujos truques de seu rival.

BERNARD CORNWELL

**A Espada de
S H A R P E**

Traduzido por KLEBER DE SOUZA ANDRADE (12/06/2014)
Reformatado por LeYtor



E D I T O R A R E C O R D
R I O D E J A N E I R O • S Ã O P A U L O

Para Peggy Blackburn,
com carinho.

“Cavaleiro aventureiro é uma coisa que em dois lances se vê espancado e imperador...”

— Quixote, I, XVI

LA BATALLA DE SALAMANCA

Julio de 1812

■ Ingleses

■ Franceses



0 1 2 3
millas





PRIMEIRA PARTE

De 14 a 23 de junho de 1812.



O homem alto que ia a cavalo era um assassino.

Era forte, de aspecto saudável, e cruel. Alguns opinavam que era muito jovem para ser um coronel da Guarda Imperial de Napoleão, mas ninguém tentava se aproveitar de sua juventude. Uma simples olhada para seus estranhos olhos pálidos, de pestanas pálidas, que conferiam a seu rosto forte e elegante a frieza da morte, era suficiente para que os homens mostrassem respeito ao coronel Leroux.

Leroux era o homem do imperador. Ia aonde Napoleão o enviava e realizava os encargos de seu amo com uma destreza e eficiência impiedosas. Agora se encontrava na Espanha, fora enviado pelo imperador, e o coronel Leroux acabava de cometer um erro. Era consciente disso e havia maldito a si mesmo, mas também estava planejando a maneira de escapar do apuro em que se metera.

Tinha caído em uma armadilha.

Cavalgara com uma escolta de cavalaria até um povoado mísero encravado na borda das extensas planícies de León e lá encontrou o seu homem, um sacerdote. Torturou-o arrancando-lhe a pele polegada por polegada, e finalmente, é claro, o sacerdote falou. Todos acabavam falando ao coronel Leroux. Contudo desta vez havia demorado demais. No momento da vitória, no momento exato em que o sacerdote não pôde aguentar mais a dor e gritou o nome que Leroux tinha vindo ouvir, a cavalaria alemã irrompeu no povoado. Os homens da Legião Alemã do rei, que lutavam do lado da Grã-Bretanha nesta guerra, massacraram os dragões franceses, levantando suas espadas e deixando-as cair ao mesmo tempo em que os cascos de seus cavalos martelavam debaixo dos gritos de dor. Mas o coronel Leroux tinha fugido.

Fugiu com um oficial de menor graduação. Um capitão da escolta da cavalaria, e juntos cavalgaram desesperadamente para o norte, abrindo passagem por entre um grupo de alemães, e depois, uma hora mais tarde, pararam no extremo de um bosque próximo a um arroio que escorria com viveza para o rio Tormes.

O capitão dos dragões olhou para trás.

— Nós os despistamos.

— Não — contestou o coronel.

O cavalo de Leroux mostrava linhas de suor branco, tinha as ilhargas estiradas para trás enquanto que o coronel sentia que o terrível calor do sol o fundia dentro de seu vistoso uniforme; uma casaca vermelha com rebordos dourados, calças verdes com reforços de couro e com botões de prata ao longo de cada perna. Seu grande chapéu de pele negra, tão grosso que podia frear um golpe de sabre dado contra a cabeça, pendia da sela. A leve brisa não conseguia agitar-lhe o cabelo loiro e colado pelo suor. De repente deu um sorriso para seu companheiro.

— Como se chama?

O capitão se sentiu aliviado ao perceber o sorriso. Tinha medo de Leroux, e esta repentina e inesperada amabilidade era uma mudança agradável.

— Delmas, senhor. Paul Delmas.

O sorriso de Leroux estava cheio de encanto.

— Bem, Paul Delmas. Até aqui havemos feito grandes coisas! Vejamos se podemos despistá-los de verdade.

Delmas se sentiu bajulado por aquela familiaridade e lhe devolveu o sorriso.

— Sim, senhor.

Voltou a olhar para trás e tampouco viu nada, salvo a grama esbranquiçada, que permanecia em silêncio debaixo do calor. Não se via nenhum movimento exceto as ondulações da grama provocadas pelo vento e um falcão solitário e ameaçador que com as asas imóveis sulcava o amplo céu azul.

O coronel Leroux não se enganava com aquele vazio. Viera examinando o terreno enquanto cavalgavam e sabia que os alemães, como bons profissionais, andavam pela planície cercando-a para fazer que os fugitivos se dirigissem para o rio. Também sabia que os britânicos marchavam para o leste e que alguns de seus homens iriam seguindo o curso do rio, e supôs que ele e seu companheiro se encaminhavam para uma emboscada. Isso mesmo. Estava cercado e em desvantagem numérica, mas não vencido.

Não podiam vencê-lo. Nunca o tinham vencido e agora, muito mais que outras vezes, tinha que chegar até onde estava o exército francês para pôr-se a salvo. Aproximara-se muito do êxito, e quando concluísse sua missão feriria ao exército britânico, que não havia sofrido muitas feridas nesta guerra. Sentiu que o prazer lhe invadia diante de tal pensamento. Por Deus que os feriria! Fora enviado à Espanha para descobrir a identidade de O Mirante, e esta tarde o havia conseguido; agora só faltava levar O Mirante a alguma câmara de tortura e espremê-lo até que o espião britânico soltasse os nomes de todos os correspondentes que tinha na Espanha, Itália e França, que lhe enviavam mensagens para Salamanca. O Mirante recolhia informação de todo o império de Napoleão e, ainda que os franceses conhecessem há tempos seu nome em código, não tinham conseguido descobrir sua identidade. Leroux, sim, conseguira-o e por isso devia escapar dessa armadilha, tinha que levar seu preso de volta para a França e lá destruiria a rede de espiões britânicos que trabalhava para O Mirante. Mas primeiro devia evitar aquela armadilha.

Deixou que seu cavalo entrasse no denso e fresco verdor do bosque.

— Venha, Delmas! Ainda não estamos acabados!

Encontrou o que queria justo a umas poucas jardas bosque adentro. Havia uma faia caída e com o tronco apodrecido diante de uma maranha de espinheiros e folhas que o vento tinha arrastado no outono anterior. Leroux desmontou.

— Ao trabalho, Delmas! — disse com voz otimista e alegre.

Delmas não entendia o que estavam fazendo, tinha medo de perguntar, mas seguiu o exemplo de Leroux e tirou a casaca. Ajudou o coronel a limpar a zona detrás do tronco, um esconderijo, e Delmas se perguntou se teriam que ficar de cócoras em tão espinhosa e incômoda posição até que os alemães abandonassem a perseguição. Dirigiu um sorriso tímido para Leroux.

— Onde ocultamos os cavalos?

— Um momento — disse Leroux sem responder ao que lhe perguntava. Parecia que o coronel estivesse medindo o esconderijo. Desembainhou a espada e a cravou no sarçal. Delmas observou a espada. Era uma arma de excelente artesanato, uma espada pesada de

cavalaria, de lâmina reta feita em Klignenthal, como a maioria das espadas da cavalaria francesa. Mas esta fora feita pelo melhor artesão de Klignenthal especialmente para Leroux. Era mais comprida que a maioria das espadas e também mais pesada, pois Leroux era um homem alto e forte. A folha era bonita, um resplendor de aço entre a luz manchada de verde do bosque, e a empunhadura e o guarda-mão eram feitos do mesmo aço. Um fio de prata envolvia a empunhadura e essa era sua única ornamentação, mas a pesar de sua simplicidade, a arma se revelava como uma lâmina bela, excelentemente equilibrada e mortífera. Segurar aquela espada, pensava Delmas, devia ser como saber o que sentia o rei Artur quando extraiu a Excalibur, suave como a seda cinza, da pedra do pátio da igreja. Leroux se endireitou, parecia contente.

— Temos algo atrás de nós, Delmas?

— Não, coronel.

— Não deixe de observar. Não andam muito longe.

Leroux supôs que lhe restavam dez minutos, e isso era mais que suficiente. Sorriu ao olhar as costas de Delmas, calculou a distância e investiu.

Queria que essa morte fosse rápida, indolor e com o mínimo de sangue. Não queria que Delmas gritasse e sobressaltasse quem pudesse estar no interior do bosque. A folha, tão dura como o dia em que saíra das mãos do artesão, atravessou a base da cabeça de Delmas. A força de Leroux, a tremenda força de Leroux, fez que atravessasse o osso, a medula espinhal, até o cérebro. Ouviu-se um suspiro suave e Delmas caiu para frente.

Silêncio.

Leroux supunha que o capturariam e também sabia que os britânicos não deixariam que Leroux fosse trocado por um coronel britânico capturado pelos franceses. Leroux era um homem procurado por seus próprios méritos. Atuava mediante o medo, semeava o horror apenas com seu nome e em todas suas vítimas, uma vez mortas, deixava inscrito seu nome. Deixava um pedaço de pele intacto e nesse pedaço cortava duas palavras. Leroux fecit. Como se fosse a vaidade de um escultor que alardeia ante uma obra bonita, deixava sua marca. "Leroux o fez." Se Leroux fosse capturado não podia esperar clemência. Contudo, os britânicos não dariam nada pelo capitão Paul Delmas.

Trocou de uniforme com o cadáver, movendo-se com sua rapidez e eficiência habituais, e quando terminou arrastou seu uniforme, junto com o cadáver de Delmas, para o esconderijo. Rapidamente os cobriu com folhas e espinheiros e deixou o corpo à mercê das bestas. Fez o cavalo de Delmas se afastar sem se importar aonde ia e depois montou seu próprio cavalo, colocou o capacete alto de bronze de Delmas na cabeça e girou para o norte, para o rio onde esperava ser capturado. Ia assobiando enquanto levava o cavalo à passo, não tentava ocultar sua presença, do seu lado pendia a espada perfeita e em sua cabeça hospedava o segredo que deixaria os britânicos cegos. Leroux não podia ser vencido.

Capturaram-no vinte minutos mais tarde. Os casacas-verdes britânicos, os fuzileiros, surgiram de repente de seus esconderijos no interior do bosque e o rodearam. Por um momento Leroux achou que tinha cometido um grande erro. Sabia que o exército britânico estava ao comando de cavaleiros, homens que levavam a honra a sério, mas o oficial que o capturou parecia tão rude e forte como ele próprio. Era um oficial alto, curtido, de cabelo

castanho que lhe caía rebelde por um rosto marcado com uma cicatriz. Ignorou as tentativas de Leroux em ser amável e ordenou que revistassem ao francês, e Leroux se alarmou quando um sargento enorme, ainda mais que o oficial, encontrou o papel dobrado entre a sela e a cobertor. Leroux simulou não saber falar inglês, mas trouxeram um fuzileiro que falava mal o francês e o oficial o interrogou a respeito do papel. Era uma lista de nomes, todos eles espanhóis, e junto a cada nome havia uma soma de dinheiro.

— Negociantes de cavalos — disse Leroux dando de ombros. — Compramos cavalos. Somos da cavalaria.

O alto oficial dos fuzileiros ouviu a tradução e olhou o papel. Podia ser verdade. Deu de ombros e meteu o papel na mochila. O enorme sargento pegou a espada de Leroux e o francês percebeu uma repentina cobiça nos olhos do oficial dos fuzileiros. Ainda que fosse estranho para um soldado de infantaria, o fuzileiro também levava uma pesada espada de cavalaria, mas assim como a de Leroux era bonita e cara, a do oficial dos fuzileiros era barata e tosca. O oficial britânico empunhou a espada e comprovou seu perfeito equilíbrio. Gostou dela.

— Pergunte-lhe como se chama.

O fuzileiro que atuava como intérprete fez a pergunta e o francês respondeu:

— Paul Delmas, senhor. Capitão do Quinto dos dragões.

Leroux viu como os olhos castanhos se colocavam nele. A cicatriz que tinha o fuzileiro na cara lhe dava um aspecto jocoso. Leroux reconheceu a dureza e aptidão do homem, também captou a tentação do fuzileiro de matá-lo ali mesmo e ficar com a espada. Leroux deu uma olhada para a clareira do bosque. O outro fuzileiro parecia igualmente impiedoso e duro. Leroux voltou a falar.

— Quer dar sua palavra, senhor — traduziu o fuzileiro.

O oficial dos fuzileiros se ficou calado um momento. Caminhava lentamente ao redor do prisioneiro, com a bonita espada ainda em sua mão, e quando falou o fez lentamente e com clareza.

— E o que faz o capitão Delmas sozinho? Os oficiais franceses não viajam sozinhos, têm muito medo dos guerrilheiros.

Tinha voltado a ficar diante de Leroux e o francês, com seus olhos pálidos, observava o oficial da cicatriz.

— E o senhor é um maldito convencido, Delmas. Deveria estar mais assustado. Não nos serve para nada. — Estava atrás de Leroux agora. — Acho que vou matá-lo.

Leroux não reagiu. Não pestanejou, não se moveu, apenas esperou até que o oficial dos fuzileiros estivesse de novo na sua frente. O alto oficial dos fuzileiros olhou fixamente nos olhos pálidos como se fossem lhe dar a chave do enigma que explicava a súbita aparição do oficial.

— Traga-o, sargento. Mas vigie este sacana.

— Sim, senhor!

O sargento Patrick Harper empurrou o francês para a vereda e seguiu ao capitão Richard Sharpe até fora do bosque.

Leroux se relaxou. O momento da captura era sempre o de maior perigo, mas o alto fuzileiro o punha a salvo e com ele ia o segredo que Napoleão esperava. O Mirante.

-Maldito seja, Sharpe! Se apresse, homem!

— Sim, senhor.

Sharpe não fez gesto de apressar-se. Lia cuidadosamente o pedaço de papel consciente que sua lentidão irritava ao tenente-coronel Windham. O coronel deu um golpe em sua bota com o rebenque.

— Não temos o dia todo, Sharpe! Há uma guerra para se ganhar.

— Sim, senhor.

Sharpe repetiu as palavras com tom paciente e tenaz. Não ia se apressar. Essa era sua maneira de se vingar de Windham por ter permitido que o capitão Delmas desse sua palavra. Inclinou o papel para que a luz do fogo iluminasse a tinta negra.

Eu, o abaixo assinante, Paul Delmas, capitão do Quinto Regimento de dragões, feito prisioneiro pelas forças inglesas em 14 de junho de 1812, prometo por minha honra que não tratarei de escapar nem abandonarei o cativeiro sem permissão e que não passarei nenhuma informação para as forças francesas ou a seus aliados, até que me tenham trocado, categoria por categoria, ou fique liberado deste compromisso.

Firmado, Paul Delmas

Atua como testemunha, servidor, Joseph Forrest, comandante do Regimento South Essex de sua Majestade Britânica.

O coronel Windham deu outro golpe seco com o rebenque e o ruído ressoou com força sob o frio gelado anterior ao amanhecer.

— Maldito seja, Sharpe!

— Parece que está correto, senhor.

— Correto! Raios e centelhas, Sharpe! Quem é você para dizer o que está correto! Santo Deus! Eu digo que está correto! Eu! Recorda-se de mim, Sharpe? Seu comandante?

Sharpe sorriu brinçalhão.

— Sim, senhor.

Ele entregou a promessa a Windham que a pegou com grande cortesia.

— Obrigado, senhor Sharpe. O senhor nos dá sua permissão para partirmos de uma maldita vez?

— Adiante, senhor.

Sharpe voltou a sorrir ironicamente. Nos seis meses que o coronel estava ao comando do South Essex, passou a gostar de Windham, apreço que era correspondido pelo coronel para com seu brilhante e obstinado capitão da Companhia Ligeira. Agora contudo, Windham estava impaciente.

— Sua espada, Sharpe! Por Deus, homem! Aprece-se!

— Sim, senhor.

Sharpe se voltou para uma das casas do povoado onde o South Essex havia acampado. O amanhecer era como uma linha cinzenta ao leste.

— Sargento!

— Senhor!

— A espada do maldito franchinote!

— Sharpe! — protestou o coronel Windham com ar de resignação.

Patrick Harper girou e gritou para o interior de uma das casas.

— O senhor McDonald, senhor! A espada do cavalheiro francês, senhor, que se apresse um pouco, senhor!

McDonald, o novo alferes de Sharpe, com apenas dezesseis anos e uma ânsia enorme por comprazer ao seu famoso capitão, saiu a toda pressa com uma bonita espada embainhada. Com a pressa, deu um tropeção, Harper o segurou e chegou até Sharpe e lhe deu a espada.

Deus, quanto a desejava! Estivera manejando a arma durante a noite, havia comprovado seu equilíbrio, percebera o poder do aço brilhante e liso. Sharpe cobiçava aquela espada. Aquilo era algo de uma beleza letal, feito por um mestre, digno de um grande lutador.

— Monsieur? — disse Delmas com voz suave e educada.

Atrás de Delmas, Sharpe viu Lossow, o capitão da cavalaria alemã, seu amigo, que havia conduzido Delmas até a armadilha. Lossow também tinha empunhado a espada e sacudira a cabeça sem dizer nada, mas assombrado pela arma. Agora observava como Sharpe a entregava ao francês, símbolo de que ele havia dado sua palavra e de que se lhe podia confiar sua arma.

Windham suspirou profundamente.

— Agora, talvez, podemos começar?

A companhia ligeira marchava na frente, atrás da cobertura da cavalaria de Lossow, adentrando-se pelas planícies antes que o calor do dia aumentasse e os cegasse com o suor e os sufocasse com a poeira quente e arenosa. Sharpe ia a pé, ao contrário da maioria dos oficiais, porque sempre fora a pé. Alistara-se no exército como soldado raso, tinha usado a casaca vermelha dos regimentos de linha e marchava com um mosquete pesado pendurado ao ombro. Depois, muito depois, havia realizado o salto impossível de sargento para oficial e se unira aos fuzileiros de elite com sua característica casaca verde, mas Sharpe seguia marchando a pé. Era um homem de infantaria e andava da mesma forma que seus homens, e carregava um fuzil tal como eles carregavam seus fuzis ou mosquetes. O South Essex era um batalhão de casacas-vermelhas, mas Sharpe, o sargento Harper e o núcleo da companhia ligeira eram todos fuzileiros que estavam acidentalmente destinados no batalhão e conservavam com orgulho suas casacas verde-escuro.

A luz cinza inundava a planície, o sol anunciava ao leste, com uma faixa de colorido vermelho-pálido, o calor que ia fazer, e Sharpe via as sombras escuras da cavalaria perfilar-se contra o amanhecer. Os britânicos marchavam para o leste invadindo a Espanha ocupada pelos franceses, em direção à grande cidade de Salamanca. A maioria do exército estava longe, ao sul, e ia marchando por uma dúzia de rotas, enquanto que o South Essex, com os homens de Lossow e um punhado de engenheiros, fora enviado para o norte para destruir uma pequena fortaleza dos franceses que defendia um vau do outro lado do

Tormes. Já tinham realizado aquele trabalho, o inimigo abandonara o forte e agora o South Essex marchava para unir-se às tropas de Wellington. Tardariam dois dias antes de voltar ao exército e Sharpe sabia que seriam dias de calor implacável, pois atravessavam a planície seca.

O capitão Lossow se deixou atrasar para juntar-se a Sharpe. Fez-lhe um sinal com a cabeça para o fuzileiro.

— Não confio no francês, Richard.

— Eu tampouco.

Lossow não se sentiu desalentado pelo tom seco de Sharpe. Estava acostumado ao mau humor matutino de Sharpe.

— Acho estranho que um dragão tenha uma espada reta. Deveria ter um sabre curvo, não?

— Sim — respondeu Sharpe fazendo um esforço para parecer mais sociável. — Deveríamos ter matado aquele sacana no bosque.

— É verdade. É a única coisa que se pode fazer com os franceses. Matá-los.

Lossow passou a rir. Como a maioria dos alemães que havia no exército britânico, provinha de um país que tinha sido invadido pelas tropas de Napoleão.

— Pergunto-me o que aconteceu ao segundo homem.

— Você o perdeu.

Lossow sorriu ironicamente ante aquela descortesia.

— Assunto encerrado. Escondeu-se. Espero que os guerrilheiros o peguem.

O alemão traçou com o dedo uma linha atravessando seu pescoço, insinuando o modo que os guerrilheiros espanhóis tratavam os franceses cativos. Depois sorriu para Sharpe.

— Queria sua espada, né?

Sharpe deu de ombros e disse a verdade.

— Era.

— Você a conseguirá, amigo! Você a conseguirá! — respondeu Lossow rindo, e depois avançou a trote até onde estavam seus homens.

Ele, certamente, acreditava que Sharpe conseguiria a espada; contudo, se aquela espada o faria feliz era outra questão. Lossow conhecia a Sharpe. Sabia do espírito inquieto que o empurrava nesta guerra, um espírito que o levava de uma façanha a outra. Em uma ocasião, Sharpe quis capturar um estandarte francês, uma águia^[1], algo que um britânico nunca havia feito antes, e o conseguiu em Talavera. Depois tinha desafiado aos guerrilheiros, aos franceses, inclusive aos de seu próprio lado, atravessando a Espanha com o ouro, e ao fazer isto havia conhecido Teresa e a havia desejado^[2]. Também a tinha conseguido, casara-se com ela a cerca de dois meses, depois de ser o primeiro homem a atravessar a brecha mortal de Badajoz^[3]. Sharpe, suspeitava Lossow, geralmente conseguia o que queria, mas parecia que suas proezas nunca o deixavam satisfeito. Seu amigo, concluiu o alemão, era como um homem que, buscando uma vasilha com ouro, tinha encontrado dez e as rechaçara todas porque não tinham a forma adequada. Passou a rir ao pensar nisso.

Marcharam durante dois dias, acampavam cedo e se punham em marcha antes do amanhecer e, na manhã do terceiro dia, o amanhecer mostrou uma mancha de fino pó no céu, um grande penacho que indicava o lugar onde a força principal de Wellington cobria as rotas que conduziam à Salamanca. O capitão Paul Delmas, chamativo com suas estranhas calças de cor ferrugem e com o capacete alto de bronze na cabeça, ultrapassou Sharpe esporeando seu cavalo para olhar fixamente a nuvem de poeira, como se esperasse ver debaixo dela as massas de infantaria, cavalaria e artilharia que marchavam para enfrentar-se às maiores forças da França. O coronel Windham seguiu ao francês, mas se deteve junto a Sharpe.

— Um ginete excelente o maldito, Sharpe!

— Sim, senhor.

Windham afastou para trás o bicorné e coçou a calva.

— Parece um tipo bastante decente, Sharpe.

— Falou com ele, senhor?

— Santo céu, não! Eu não falo em franchinote. Snap! Venha aqui! Snap! — Windham gritava para um de seus cachorros farejadores, eternos companheiros do coronel. A maior parte da matilha havia ficado em Portugal, no quartel de verão, mas meia dúzia daqueles cachorros mimados de maneira escandalosa ia com o coronel. — Não, Leroy conversou com ele.

Windham tinha arrumado para sugerir que o major americano era obrigado a falar francês, pois era estrangeiro. Os americanos eram raros, qualquer um era raro para Windham, se não tivesse o autêntico sangue inglês.

— Já sabe que ele caça, não?

— O major Leroy, senhor?

— Não, Sharpe. Delmas. A verdade é que caçam de uma maneira bem estranha na França. Matilhas de cachorros de lã. Suponho que tentam nos copiar e não sabem como fazê-lo.

— Provavelmente, senhor.

Windham deu uma olhada para Sharpe para ver se estava zombando, mas o rosto do fuzileiro não revelava nada. O coronel tocou o chapéu cortesmente.

— Não o distrairei mais, Sharpe. — Virou-se para a companhia ligeira. — Bem feito, safados! Marcha dura, hein? Logo terá acabado!

Acabou ao meio-dia, quando o batalhão alcançou as colinas Minadas junto ao rio. Um mensageiro do exército chegara e havia designado ao South Essex aquele lugar, enquanto que o restante do exército marchou mais para o leste, para os vaus que os levariam à margem norte. Os franceses tinham deixado uma guarnição em Salamanca que dominava a longa ponte romana, e o trabalho do South Essex era assegurar-se de que ninguém da guarnição escapasse atravessando o rio. A tarde se apresentava fácil e tranquila. A guarnição pensava em recolher-se; a guarda na ponte não era mais que uma formalidade.

Sharpe estivera em Salamanca quatro anos atrás com o infeliz exército de sir John Moore. Conheceu a cidade no inverno, sob uma chuva de água e neve fria e um futuro incerto, mas nunca a esquecera. Agora permanecia no cume da colina, a duzentas jardas do extremo sul da ponte romana, e olhava fixamente a cidade elevada sobre a água. O

resto do batalhão estava atrás dele, afastados da mira dos canhões franceses situados nos fortes, e estavam com ele apenas a companhia ligeira e Windham. O coronel viera para ver a cidade.

Era um lugar de pedra de cor mel, um esbanjamento de campanários e torres, igrejas e praças, tudo isso diminuído pelas duas catedrais que ficavam sobre a colina mais alta. A catedral nova, com três séculos de história e duas torres cobertas com cúpula, erguia-se enorme e serena sob a luz do sol. Esta cidade não era um lugar de comércio, como Londres, tampouco uma fortaleza de granito, como Badajoz, mas um lugar de erudição, de oração, de graça e de beleza que não tinha mais propósito que o de agradar. Era uma cidade de ouro sobre um rio de prata, e Sharpe estava contente de ter regressado.

Apesar disso, a cidade tinha sofrido danos. Os franceses arrasaram o canto sudoeste de Salamanca e só deixaram três edificações. As três foram convertidas em fortalezas, com fossos e muralhas, frestas e canhoneiras, e as casas e igrejas antigas, escolas e mosteiros tinham sido derrubados despiadosamente para proporcionar aos três fortes um amplo campo de fogo. Dois deles dominavam a ponte, o que impedia os britânicos de fazer uso dela, o terceiro ficava mais perto do centro da cidade. Sharpe sabia que os três teriam de ser tomados antes que os britânicos abandonassem a cidade e perseguissem o exército francês que se retiraria para o norte.

Olhou para baixo, das fortalezas para o rio, que corria lentamente sob a ponte, entre árvores verdes. Falcões das marismas, com os extremos de suas asas elevados, pairavam entre ilhas verdes. Sharpe voltou a olhar a magnificência da catedral de pedra dourada e desejou entrar na cidade. Não sabia quando isso ocorreria. Uma vez que o distante extremo da ponte estivesse protegido pela Sexta Divisão, o South Essex marcharia duas milhas para o leste, até o vau mais próximo, e iria ao norte para se unir com o restante do exército. Poucos homens das forças de Wellington veriam Salamanca até que o exército de Marmont fosse derrotado, mas de momento Sharpe tinha o bastante para admirar a serena e complexa beleza do outro lado do rio e desejar que logo, muito cedo, teria a oportunidade de explorar suas ruas mais uma vez.

O coronel Windham esboçou um sorriso.

— Extraordinário!

— Extraordinário, senhor?

Windham apontou com seu rebenque para a catedral, depois para o rio.

— Catedral, Sharpe. Rio. Igual a Gloucester.

— Eu achava que Gloucester era plano, senhor.

Windham sorveu ao ouvir o comentário.

— Rio e catedral. Realmente vem a ser o mesmo.

— É uma cidade bonita, senhor.

— Gloucester? Certamente! É inglesa. Ruas limpas. Não como esse maldito lugar.

Provavelmente Windham não se aventurara a sair da rua principal de qualquer cidade inglesa para explorar os becos e tugúrios cheios de porcaria. O coronel era um homem do campo, com as virtudes do campo e para quem todo estrangeiro era suspeito. Não era tonto, ainda que Sharpe suspeitasse que o tenente-coronel Windham, algumas vezes, gostava de fazer-se de bobo para evitar a mais agressiva de todas as censuras inglesas:

passar-se por astuto. Windham se retorceu sobre sua sela e olhou para trás para o resto do batalhão.

— Aí vem aquele francês.

Delmas cumprimentou a Windham. O major Leroy vinha com ele e traduzia para o coronel.

— O capitão Delmas pergunta quando poderá mandá-lo ao quartel general, senhor.

— Parece ter pressa, não? — Windham franziu o cenho de seu rosto curtido, depois deu de ombros. — Suponho que quer que o troquemos antes dos franchinotes de merda saírem correndo até Paris.

Delmas estava bem apoiado para trás em sua sela para que um dos cachorros do coronel pudesse lamber-lhe os dedos. Leroy falou com ele enquanto Windham se impacientava. O major se virou para o coronel.

— Agradeceria se o trocásse-mos logo, senhor. Diz que sua mãe está enferma e deseja ter notícias suas.

Sharpe soltou um ruído compassivo e Windham o fez calar. O coronel observava com aprovação ao francês, que alvoroçava seus cachorros.

— Não vejo inconveniente, Leroy. Não tenho a menor ideia de quem vai escoltá-lo até o quartel general.

Windham voltou a girar e deu uma rápida olhada no batalhão.

— Suponho que podemos pedir a Butler. Costuma estar disposto.

Avistou então ao alferes McDonald, muito mais perto.

— Seu homem sabe montar, Sharpe?

— Sim, senhor. Mas não tem cavalo.

— Você tem ideias bem raras, Sharpe.

Windham desaprovava bastante a ideia de Sharpe de que um oficial de infantaria devia caminhar, como seus homens. O fato de que alguns oficiais fossem a cavalo tinha seu sentido. Podiam ter melhor visão em batalha e podiam ser vistos por seus homens, mas uma companhia ligeira lutava a pé na linha de atiradores, e um homem a cavalo era um alvo perfeito. Os oficiais de Sharpe gastavam as botas. McDonald tinha ouvido a conversa entre Sharpe e Windham e se aproximou; parecia impaciente. O major Leroy se desceu de seu próprio cavalo.

— Pode pegar o meu. Monte-o com cuidado!

Leroy abriu sua bolsa e pegou um pedaço de papel dobrado.

— Aqui está a promessa do capitão Delmas. Dê isto ao oficial de serviço no quartel general, entendido?

— Sim, senhor — respondeu McDonald excitado.

Leroy ajudou o alferes a subir no cavalo.

— Sabe onde fica o quartel general?

— Não, senhor.

— Ninguém o sabe — resmungou Windham assinalando para o sul. — Vá por ali até que encontre o exército, depois vá para o leste até que encontre o quartel general. Eu o quero de volta aqui ao entardecer, e se Wellington lhe disser que fique para o jantar, diga-lhe que já está comprometido.

— Sim, senhor — respondeu McDonald dando um sorriso brincalhão, mas ao mesmo tempo encantado. — Acha que há essa possibilidade?

— Esqueça isso!

Windham devolveu o cumprimento a Delmas. O francês se voltou uma vez mais para olhar para Salamanca, olhava fixa e atentamente como se tentasse ver se algumas das tropas britânicas já tinham regressado dos vãos e entravam pelas ruas da cidade. Depois os olhos pálidos se voltaram para Sharpe. Delmas sorriu.

— Au revoir, monsieur.

Sharpe lhe devolveu o sorriso.

— Espero que sua mãe melhore, sacana.

Windham se eriçou.

— Isso era desnecessário, Sharpe! O tipo foi agradável! Francês, certamente, mas agradável!

Delmas ia a trote obedientemente detrás do alferes de dezesseis anos e Sharpe os olhou partir e se voltou de novo para a magnífica cidade do outro lado do rio. Salamanca. Seria a primeira vitória sem sangue da campanha de verão de Wellington, e logo Sharpe lembrou que não ia ser tão incruenta. As fortalezas provisórias que ficavam na cidade deveriam ser tomadas para que Wellington pudesse fazer suas provisões e seus reforços atravessassem a comprida ponte romana. Deveriam lutar pela cidade de ouro de maneira que a ponte, construída há tanto tempo pelos romanos, pudesse ajudar a um novo exército em uma guerra moderna.

Sharpe se surpreendia de que uma ponte tão velha se mantivesse de pé. Os parapeitos da pista eram ameaçados, como os muros de um castelo, e quase a meia ponte havia uma fortaleza pequena e elegante, com arcos, construída sobre a estrada. Os franceses não tinham uma guarnição no diminuto forte, deixaram-no aos cuidados de uma estátua de um touro. O coronel Windham também olhou para a ponte e meneou a cabeça.

— Realmente terrível, hein, Sharpe?

— Terrível, senhor.

— Tem mais malditos arcos que um coelho tem ossos! Uma ponte inglesa não teria mais que dois arcos, não é mesmo? Não essa maneira de desperdiçar pedras! Além disso, suponho que os espanhóis devam se achar muito astutos por tê-la construído, não?

Leroy, com o rosto marcado com as terríveis cicatrizes de Badajoz, respondeu com voz lacônica.

— Ela foi construída pelos romanos, senhor.

— Os romanos! — exclamou Windham com um grande sorriso brincalhão. — Todas as malditas pontes deste país foram construídas pelos romanos. Se não tivessem estado aqui, os espanhóis não teriam cruzado um rio em sua vida! — Passou a rir ante essa idéia — Boa, esta! Tenho que escrevê-la para Jessica. — Deixou cair as rédeas sobre o pescoço do cavalo. — Grande perda de tempo isto. Nenhum maldito franchinote vai tentar cruzar a ponte. Contudo, acredito que um descanso seria bom para os garotos. — Bocejou e olhou para Sharpe. — Sua companhia pode vigiar, Sharpe.

Sharpe não respondeu. O coronel franziu o cenho.

— Sharpe?

Mas Sharpe estava dando as costas para o coronel enquanto soltava o fuzil.

— Companhia ligeira!

Por Deus! Não tinha sempre atendido ao instinto? Sharpe estava puxando a pederneira de seu fuzil, colocou-se diante do cavalo de Windham, enquanto que a sua direita, abaixo no valezinho que se aproximava do extremo sul da ponte, estava Delmas.

Sharpe vira o movimento pelo canto do olho e logo, com grande sobressalto, reconheceu as calças folgadas, o capacete de bronze e somente um fuzil podia deter ao francês. Só um fuzil tinha o alcance para matar o fugitivo em quem o instinto de Sharpe dissera para não confiar. Maldita palavra!

— Santo Deus! — exclamou o coronel Windham ao ver Delmas. — Santo Deus! Sua palavra! Maldito seja!

Deus já podia ir maldizendo a Delmas, mas só um fuzileiro podia evitar que alcançasse a ponte e chegasse a salvo aos Inertes franceses que estavam do outro lado. Delmas, inclinado sobre o pescoço do cavalo, estava a umas cem jardas do fuzileiro, a mesma distância do início da ponte. Sharpe apontou para o grande cavalo, seguiu a besta a galope pelo ponto de mira, apertou seu dedo contra o gatilho e então o cavalo do coronel Windham lhe tampou a visão.

— Lá vaaa!

Windham, com o sabre desembainhado, esporeou seu cavalo para ir atrás do francês com seus cachorros ladrando de ambos os lados.

Sharpe levantou bruscamente o fuzil e maldisse a Windham por ter-lhe tapado a visão, olhou fixamente e com desespero enquanto o francês, tendo perdido a honra, precipitava-se pela ponte em busca de refúgio.



O cavalo de Windham impediu que todos os fuzileiros disparassem durante alguns segundos cruciais, mas logo o coronel se adentrou na concavidade da ladeira da colina e Sharpe voltou a apontar, disparou e foi descendo a colina antes de poder ver onde tinha ido parar sua bala. A pólvora que saía da caçoleta lhe ardia na cara, Sharpe ia cheirando a fumaça acre enquanto abria passagem correndo entre ele, e então ouviu uma descarga de disparos que provinha de seu punhado de fuzileiros.

Sharpe tinha errado, mas um de seus homens, provavelmente Hagman, acertara o cavalo de Delmas. O francês saiu disparado para frente, pois o cavalo caiu de joelhos, enquanto a poeira se elevava como espuma e ocultava o cavalo moribundo e o gineite caído.

— Ordem de escaramuça! — gritou Sharpe.

Não queria que seus homens se agrupassem e fossem um alvo fácil para a artilharia francesa situada nas fortalezas, do outro lado do rio. Agora corria com força, movia os braços para a direita e para esquerda indicando a seus homens que se separassem, enquanto que à frente o tenente-coronel Windham subia correndo para Delmas, que havia caído.

O francês se levantou, deu uma olhada para trás e começou a correr. Os sabujos que iam ladrando se separaram enquanto Windham, com o sabre levantado, berrava detrás.

O primeiro canhão francês disparou da fortaleza mais próxima do rio. Um som surdo ao passar por cima do rio, um estrondo que repercutia triste por em cima da beleza do rio e da ponte, e então o disparo caiu perto de Windham, quicou e se foi colina acima. Os canhões franceses estariam frios e isso fazia que os primeiros disparos se fossem curtos, mas inclusive um rebote era perigoso.

— Espalhem-se! — Gritava Sharpe. — Espalhem-se!

Mais canhões dispararam, suas detonações soavam como trovões e o ar deslocado por um disparo que havia quicado quase arranca Windham do cavalo. O animal se afastou e apenas o perfeito domínio do cavalo que tinha o coronel o salvou. Voltou a esporeá-lo, levantou o sabre novamente e Sharpe observou como o francês que corria se deteve e se virou para enfrentar seu perseguidor.

Outro canhão da fortaleza, outra nota entre os disparos e parecia que a ladeira saltava em pequenas explosões de terra ali onde a metralha, que jorrava das latas que explodiam na boca do canhão, picotavam a terra.

— Espalhem-se! Espalhem-se!

Sharpe ia correndo com imprudência, saltando pelo terreno desigual, soltou seu fuzil descarregado, sabendo que algum de seus homens o recolheria, e com torpeza empunhou sua enorme espada.

Windham estava furioso. A honra fora pisoteada quando Delmas rompeu com sua palavra, e o coronel não estava de humor para dar clemência ao francês. Windham ouvia os potes de metralha que golpeavam o solo, ouvia o ganido agonizante de um de seus cachorros ao ser ferido e logo se esqueceu de tudo porque Delmas estava perto, em sua

frente, e o coronel britânico estendeu seu sabre curvo de forma que a ponta atravessasse selvagemmente o peito do fugitivo.

Windham achou que Delmas atacava com sua espada cedo demais. Viu a lâmina que se aproximava e preparou o braço para receber o golpe de seu sabre contra o de seu inimigo, mas então a bonita espada de Delmas penetrou bruscamente e com fúria na boca do cavalo de Windham.

O animal gritou, afastou-se e empinou enquanto Windham lutava para manter o controle. Largou o sabre pendurando da munhequeira enquanto cortava as rédeas; durante esse tempo via o sangue brotando da boca de seu cavalo ferido e quando forcejava, não viu que o homem retrocedia e girava; e nunca chegou a saber o que foi que lhe havia matado.

Sharpe o viu. Gritava inutilmente, em vão, e viu a grande espada afiada golpear contra as costas do coronel. Pareceu que Windham se dobrava por causa do golpe. Mesmo morto apertava seus joelhos contra o cavalo, ainda que sua cabeça tombasse, seus braços ficassem flácidos e o sabre pendesse inutilmente. O cavalo voltou a relinchar, tentava tirar o homem morto de cima da sela. Fugia do homem que o tinha ferido, ainda corcoveando e fazendo-lhe estrago e depois, quase como por compaixão, um barril carregado de metralha lançou o homem e cavalo contra a grama, convertidos ambos em uma bagunça ensanguentada.

Os cachorros farejaram ao morto e ao cavalo moribundo. Seus cascos repicaram contra a terra seca durante um instante, os sabujos gemicaram e então o cavalo deixou cair a cabeça. O sangue empapou com rapidez a terra ressecada.

Delmas ia coxeando. A queda devia tê-lo ferido, mas seguia apressando-se, fazendo ranger os dentes de dor, mas agora Sharpe estava ganhando terreno. Havia umas casas no extremo sul da ponte, um pequeno posto avançado da cidade universitária do outro lado do rio, e Sharpe viu que o francês desaparecia atrás de um muro. Delmas já estava quase na ponte.

Outra descarga de potes de metralha carregados com balas de mosquete penetrou na grama, esfolando-a, e encheu o ar de verão com seu açoite mortal. Então Sharpe viu Patrick Harper, o sargento gigante, que subia correndo por sua direita brandindo sua arma de sete canos. Sharpe e Harper se aproximavam das casas, aproximavam-se da segurança que ofereciam seus muros frente aos canhões franceses das fortalezas, mas Sharpe teve um repentino pressentimento de perigo.

— Lá, Patrick! Lá!

Desviaram-se para a direita, seguiram correndo e quando dobraram a esquina da casa e vislumbraram pela primeira vez a estrada que ia diretamente para o outro lado do largo rio, Sharpe também viu o francês ajoelhado, apontando com um par de pistolas para o lugar por onde suspeitava que apareceriam seus perseguidores.

— Para o chão!

Sharpe se lançou sobre Harper e ambos caíram sobre a terra e naquele momento as pistolas detonaram e ouviram as duas balas sibilantes e malvadas por cima de suas cabeças.

— Deus!

Harper se pôs em pé com esforço. Delmas já havia girado e ia coxeando pela ponte, aproximava-se da margem norte, abaixo das três fortalezas.

Os dois fuzileiros avançaram correndo. Durante um tempo estiveram a salvo, protegidos dos canhões pelas casas, mas Sharpe sabia que tão logo aparecessem sobre a ponte, os potes de metralha começariam a repicar sobre as antigas pedras. Conduziu Harper para a esquerda, para a escassa proteção que a mureta, baixa e ameaçada, pudesse oferecer; mas no instante preciso em que pisaram na ponte, instintivamente, ambos se jogaram na estrada cobrindo as cabeças, aterrorizados com a repentina tormenta de metralha que se redemoinhava no ar acima da ponte.

— Deus salve a Irlanda! — murmurou Harper.

— Deus mate àquele sacana. Venha!

Foram arrastando-se sempre abaixo da mureta, seu passo era tremendamente lento, assim que Sharpe via como Delmas aumentava a distância que os separava. Parecia que a sua passagem o francês fosse deixando um torvelinho de disparos, de fragmentos de pedra provenientes da estrada que gritava ao saber-se tocadas pelos disparos, do som do metal contra a pedra; contudo o francês estava ileso graças à precisão dos artilheiros. Sharpe percebeu que Delmas escapava.

— Ao chão, senhor!

Harper empurrou sem consideração Sharpe com sua mão imensa e Sharpe entendeu que ia atirar com sua terrível arma de sete canos por cima de sua cabeça. Tampou os ouvidos com as mãos, abandonou a espada durante um segundo e esperou ouvir a explosão por cima de sua cabeça.

Era uma arma horrível, um presente de Sharpe para seu sargento e uma arma que apenas um homem enorme podia sustentar. Fora fabricada para a Marinha Real, com a intenção de que fosse disparada para baixo, para os conveses abarrotados dos barcos inimigos, mas o terrível retrocesso dos sete canos de meia polegada tinha limpado os marinheiros do aparelho e os lançara sobre as cobertas de seus barcos, onde caíam com os ombros fraturados. Patrick Harper, o irlandês enorme, era um dos poucos homens com a força bruta necessária para utilizar uma delas, e agora apontava para os canhões gorduchos que estavam agrupados perto daquela silhueta com calças que ia coxeando por debaixo do arco da pequena fortaleza.

Apertou o gatilho e a arma vomitou fumaça, balas e buchas ardendo. Uma caiu no colarinho de Sharpe. Era uma arma mortífera de perto, mas a cinquenta jardas, a distância que estavam de Delmas, seria uma sorte que o acertasse. Uma só palavra sobre a cabeça de Sharpe lhe indicou que o irlandês falhara.

— Venha!

Meia dúzia de fuzileiros tinha ido se arrastando pela ponte atrás de Sharpe e Harper, os outros permaneciam ao abrigo das construções e carregavam freneticamente suas armas com a esperança de poder disparar com precisão. Sharpe avançava maldizendo a metralha que gritava ao golpear contra a estrada. Uma bala, que quicou inesperadamente da distante mureta, acertou o salto de sua bota e Sharpe soltou um palavrão.

— Vamos ter que correr, Patrick.

— Santo Deus!

O sotaque de Donegal não ocultava seus sentimentos a respeito de ter que atravessar correndo aquela tormenta de tiros. Harper tocou o crucifixo que usava no pescoço. Desde que havia conhecido Isabella, a garota espanhola que salvara de ser violada em Badajoz, tinha se tornado mais religioso. Os dois podiam viver em pecado mortal, mas Isabella se assegurava de que aquele homem enorme fosse respeitoso com a Igreja à qual pertenciam.

— Diga a palavra, senhor.

Sharpe esperou até que outra demolidora descarga de metralha se estrelasse contra a estrada.

— Agora!

Correram a toda velocidade; Sharpe levava a pesada espada procurando que não se movesse. Parecia que o ar estivesse cheio do som da morte e o medo se apoderou dele, o medo de morrer desta forma espantosa, golpeado pela metralha e sem poder responder. Deslizou para a cobertura que lhe oferecia a arcada pequena sob a fortaleza e se chocou contra o muro.

— Deus!

Tinham sobrevivido, apenas Deus sabia como, mas não ia voltar a tentá-lo. O ar lhe parecera qualhado de disparos.

— Vamos ter que engatinhar, Patrick.

— O que o senhor mandar, senhor.

Daniel Hagman, o mais velho dos homens da companhia de Sharpe e o melhor atirador do batalhão, carregou metodicamente o fuzil. Tinha sido caçador ilegal em sua Cheshire natal, fora pego numa noite escura e havia deixado mulher e família para alistar-se no exército para não enfrentar a terrível justiça que os tribunais distribuíam. Não usava um cartucho de pólvora grossa, media a carga da pólvora fina que guardava em seu corno de fuzileiro, e depois escolhia uma bala e a atacava a fundo no cano. Tinha envolvido a bala em um pequeno de pele gordurenta, um pequeno pedaço que agarraria no rajado quando disparasse a arma e faria a bala girar, sua arma seria então muito mais precisa que o mosquete de alma lisa. Carregou a arma, apontou e lhe veio à mente a recordação do fuzileiro Plunkett que, fazia quatro anos, havia disparado uma bala a oitocentas jardas de distância para matar um general francês. Plunkett era uma lenda em seu regimento, o 95º, porque se achava que o fuzil Baker não era realmente preciso há mais de duzentas jardas, mas agora Hagman tinha uma visão clara de seu alvo, justo a uma centena de jardas de distância. Sorriu. A esta distância podia escolher o lugar, e escolheu a parte inferior da coluna, deixando que o ponto de mira ficasse um pouco mais acima, soltou o ar, conteve a respiração, e então apertou o gatilho. Não podia falhar a essa distância. O fuzil lhe golpeou no ombro, a fumaça jorrou da çaoleta e da boca, a pólvora queimada lhe beliscou na bochecha. A metralha gritava sobre a ponte, quatro cargas de canhão disparadas de uma só vez, e Hagman nunca chegou a saber o que se passou com sua bala. Não chegou a alcançar Delmas. A bala se perdeu em algum lugar do terrível cascalho que havia sobre a ponte, uma probabilidade inesperada, mas Delmas seguia com vida, seguia coxeando para a segurança que lhe oferecia a margem oposta.

Apesar disso, ainda restava outra oportunidade. As fortalezas ficavam no cume da

colina que se erguia sobre o rio e enquanto a ponte se aproximava da margem norte os canhões não podiam ver a estrada. Umas poucas jardas mais e Sharpe sabia que poderia se levantar e correr a salvo, mas Delmas também o sabia. O francês se esforçava para seguir, sem se importar com a dor, resistindo a ver-se vencido, e conseguiu forçar seu corpo ferido e fazê-lo correr lentamente, o que o afastou ainda mais.

Então pareceu que tudo estava perdido. Ouviram-se gritos à frente e Sharpe olhou para cima e viu alguns uniformes-azuis que desciam correndo pela colina para a ponte. Voltigeurs! A infantaria ligeira francesa com suas dragonas vermelhas que se destacavam sob o sol, e Sharpe praguejou pois sabia que estas tropas tinham sido enviadas ao exterior das fortalezas para se assegurar que Delmas chegasse a salvo. Uma dúzia de franceses descia a colina enquanto outros esperavam no cume.

Sharpe engatinhava, avançava sentindo a rouca respiração de Harper atrás dele. Agora parecia realmente inútil. Os voltigeurs alcançariam Delmas muito antes que Sharpe ou Harper, mas não ia desistir. Um fragmento de pedra rachado por um golpe de metralha ressoou contra a bainha metálica de sua espada, enquanto que outro lhe arranhou os nós dos dedos fazendo sair um sangue brilhante.

Os voltigeurs estavam no extremo da ponte, bordejavam-na, estavam preparando seus fuzis para disparar e Delmas estava a apenas alguns passos de distância. Uma bala de fuzil passou por Sharpe estalando, viu um voltigeur francês que esquivava da trajetória da bala e logo a outro francês que caía derrubado para frente. Adiante! Sharpe olhou para cima. Havia fumaça de mosquetes que provinha das casas da cidade, que rodeavam o terreno baldio que os franceses tinham limpo ao redor das fortalezas.

— Olhe! — apontou para cima. — A Sexta deve ter chegado até ali!

Não era a Sexta Divisão. Os que disparavam com mosquetes eram os habitantes de Salamanca que despejavam sua ira contra aqueles franceses que estavam a tanto tempo ocupando a cidade. Os voltigeurs se encontraram agarrados entre os dois fogos; os fuzileiros que disparavam do outro lado da ponte e os espanhóis que apontavam por trás.

— Venha!

Haviam alcançado a parte segura da ponte, aquela parte que os canhões não podiam alcançar, mas ao mesmo tempo Delmas tinha caído nos braços de seus resgatadores, que já se retiravam e levavam o fugitivo para os fortes.

Sharpe e Harper seguiam correndo, sem levar em conta as possibilidades, e o oficial dos voltigeurs franceses fez seis de seus homens darem meia volta, formarem e lhes apontarem.

Sharpe e Harper se separaram automaticamente, Harper foi para a direita da ponte, Sharpe para a esquerda, de maneira que o inimigo tivesse que escolher entre os dois alvos menores. Sharpe estava gritando agora, um grito incoerente de raiva que assustaria ao inimigo, e ouvia Harper gritando da sua direita.

Outra bala de fuzil lhes passou estalando, acertou um francês no joelho e o repentino grito de dor que soltou pôs os outros nervosos. Dois deles estavam feridos, ambos retrocediam arrastando-se para a colina. Atrás deles os mosquetes espanhóis disparavam, diante deles os fuzileiros disparavam para baixo, ao longo da ponte entre os dois homens enormes que os desafiavam aos gritos. Os outros quatro voltigeurs apertavam os gatilhos

apenas com o desejo de retirar-se a salvo para as fortalezas.

Sharpe notava no ar as balas de mosquete, sabia que não o tinham acertado e tinha a enorme espada preparada para o primeiro golpe. Os atiradores inimigos retrocediam, retiravam-se atrás de Delmas, mas o oficial tentou detê-los. Gritou, puxou um deles e, quando viu que era inútil, virou-se ele mesmo com sua espada longa e delgada e esperou por Sharpe.

Foi a valentia do oficial francês que fez que os quatro homens se virassem. Não tinham os mosquetes carregados, mas encaixaram neles as baionetas; tarde demais para salvar seu tenente.

Sharpe percebeu o medo nos olhos daqueles homens; desejou que o homem virasse e corresse, mas insistiu em ficar. Moveu-se para bloquear Sharpe, levantou sua espada para atacar a fundo, mas a enorme espada de cavalaria o afastou de um lado com um golpe sonoro e paralisante e depois Sharpe, que não desejava matá-lo, atingiu-o com o ombro e mandou o oficial voando para trás, contra a pista da entrada da ponte.

Os quatro voltigeurs voltaram com as baionetas preparadas. Sharpe se virou para eles, mostrou-lhes os dentes, a espada preparada, mas de repente não pôde se mover. O tenente francês lhe havia agarrado o tornozelo, segurava-o desesperadamente e os voltigeurs, ao vê-lo, apressaram-se repentinamente, aproveitando-se da perda de equilíbrio de Sharpe.

Foi um erro fatal. Patrick Harper, o irlandês, que se considerava amigo de Sharpe, apesar da diferença de graduação. Harper era enormemente forte, porém, como muitos homens fortes, tinha uma gentileza e mesmo uma placidez comoventes. Harper em geral se contentava em deixar que o mundo seguisse seu curso, observando-o com um humor irônico, mas não era assim na batalha. Crescera com as canções e as histórias dos grandes guerreiros irlandeses. Para Patrick Harper, Cuchulain não era um herói imaginário do passado remoto, mas um homem real, um irlandês, um guerreiro ao qual emular. Cuchulain morreu aos vinte e sete anos, a idade que tinha Harper neste momento e tinha lutado como Harper lutava, embriagado por uma selvagem canção de guerra. Harper também conhecia essa alegria louca, ele a sentia enquanto carregava contra os quatro homens e lhes gritava em sua própria língua antiga.

Brandia a pesada arma de sete canos como um garrote. O primeiro golpe derrubou um mosquete com baioneta, acertou a cabeça de um francês, e o segundo golpe derrubou dois homens. Agora Harper ia dando chutes, pisando-os, utilizava a arma como uma maça na qual punha toda sua força. O quarto homem arremeteu com sua baioneta e Harper, tirando uma mão do garrote, puxou o mosquete para si com raiva e deu uma joelhada na balbuciente cara do inimigo. Os quatro estavam vencidos.

O oficial francês, deitado no solo, observava horrorizado. Sua mão nervosa soltou o tornozelo de Sharpe, livrando-se do golpe descendente da enorme espada. Agora iam chegando mais fuzileiros, a salvo, naquela parte da ponte que os artilheiros inimigos não podiam alcançar.

Harper queria mais. Ia subindo pela ladeira da colina, subindo os entulhos das casas que os franceses tinham explodido para proporcionar a seus fortes um amplo terreno baldio. Passou à frente dos dois feridos que, assim como seus companheiros que estavam

mais abaixo, iam ser levados presos, e Sharpe seguiu o sargento.

— À direita! Patrick! À direita!

Sharpe não entendia. Delmas, a salvo com os outros voltigeurs, não se dirigia para a fortaleza. Ia coxeando direto para a cidade, para as casas com sacadas de onde os espanhóis disparavam. Um oficial voltigeur discutia com ele, mas Sharpe viu que o grande oficial dos dragões o fazia calar. Outros dois voltigeurs foram destacados para ajudar Leroux, quase para levar o coxo ladeira acima, e Sharpe não entendia por que Delmas se dirigia para o fogo disperso de mosquete disparado pelos civis. Era uma loucura! Delmas estava nas jardas de segurança que lhe ofereciam os fortes, e contudo ia direto para o interior de uma cidade hostil pela qual em qualquer momento andaria a Sexta Divisão do exército de Wellington. Delmas estava inclusive expondo-se ao fogo dos mosquetes espanhóis, quanto mais se aproximasse coxeando mais perigoso era.

Depois já não havia perigo. Sharpe, escalando atrás do dragão, viu aparecer um sacerdote alto, de cabelo grisalho em uma das sacadas das casas, e ainda que Sharpe não pudesse distinguir as palavras, ouviu que o sacerdote gritava. O homem agitava os braços para cima e para baixo, indubitavelmente dizia aos cidadãos que parassem de disparar. "Maldito sacerdote!" Estava deixando que Delmas entrasse no labirinto de ruelas, e os civis obedeciam ao homem de cabelo grisalho. Sharpe amaldiçoou e redobrou os esforços para pegar o grupo dos franceses. "Maldito padre de merda!"

Logo Sharpe teve que se esquecer de Delmas e do sacerdote. Ao ver com quanta velocidade Sharpe e Harper escalavam a ladeira, os outros voltigeurs foram enviados abaixo para se encarregarem deles. As primeiras balas levantaram poeira dos entulhos e Sharpe teve que rodar para pôr-se a salvo porque o fogo de mosquete era muito intenso. Ouviu Harper que amaldiçoava, procurou-o, e viu o irlandês esfregando a coxa onde tinha uma contusão que obtivera ao cair atrás de um bloco de pedra. O sargento sorriu ironicamente.

— Alguém disse que esta ia ser uma tarde fácil?

Sharpe olhou atrás de si. Supôs que estava a meio caminho ladeira acima, a uns cem pés abaixo do rio, e viu que três de seus fuzileiros agrupavam os prisioneiros. Outros quatro subiam para eles e um deles, Parry Jenkins, gritava com incoerência e apontava para frente de Sharpe. Nesse mesmo instante Harper gritou.

— Em frente, senhor!

Os voltigeurs, preocupados talvez com a imprudência da carga dos fuzileiros, estavam decididos a isolar os dois homens na ladeira. Tinham disparado sua descarga e agora uma dúzia deles descia com baionetas para fazê-los prisioneiros ou acabar com Sharpe e Harper.

A frustração fez Sharpe ficar irado. Culpou-se por Delmas ter fugido. Tinha que ter insistido com o coronel Windham de que não se podia confiar naquele homem, e agora Windham estava morto. Sharpe supunha que o pobre jovem McDonald também estaria morto, morto aos dezesseis anos por um sacana que faltara com a sua palavra e que agora fugia colina acima. Sharpe surgiu de seu esconderijo com uma ira tremenda, com a enorme e pesada espada mal equilibrada em sua mão, e quando se dirigia ao encontro dos franceses lhe pareceu, como amiúde lhe ocorria em batalha, que o tempo se demorava.

Viu claramente a face do primeiro homem, viu os dentes amarelados e escassos sob um bigode descuidado, viu seu pescoço e soube aonde iria sua espada, e atacou. O aço assobiou, a ponta afiada cortou a garganta do inimigo e Sharpe a retirou com um movimento para cima que se lançou de lado contra o mosquete de um segundo homem, penetrou-lhe no antebraço de maneira que soltou a arma e ficou indefenso quando o golpe descendente chocou atravessando-lhe o chapéu e o crânio.

Harper observou durante um instante com um sorriso brincalhão, porque estava acostumado ao espetáculo temível que Richard Sharpe oferecia quando se enfurecia na batalha, e logo se uniu a ele. Largou a arma de sete canos e usou um pedaço de madeira enegrecido pelo fogo com o qual açoitou ao inimigo de dragonas vermelhas até que, esgotados, voltaram se arrastando colina acima. Harper olhou para seu capitão, cuja espada avermelhada tinha derrotado quatro homens em menos de meio minuto. Inclinou-se para recuperar sua arma enorme.

— Já pensou alguma vez em se alistar no exército, senhor Sharpe?

Sharpe não escutava. Olhava fixamente para as casas onde o sacerdote tinha feito os civis pararem de disparar, e agora Sharpe sorria porque o sacerdote poderia dar ordens aos civis, mas não aos soldados britânicos. A Sexta Divisão tinha chegado! Via os uniformes vermelhos no cume da colina, ouvia o estalido dos mosquetes e Sharpe foi avançando ladeira acima para ver se podia ver onde Delmas estava. Harper o seguia.

Ao chegarem ao cume se jogaram no chão. A sua direita as casas se viam manchadas de uniformes vermelhos, a sua esquerda ficavam os três fortes para os quais os voltigeurs iam se retirando e Delmas ia com eles! A Sexta Divisão cortara seu caminho e lhes obrigara a ir para as fortalezas. Isto constituía de certa forma uma vitória, supôs Sharpe, porque agora o francês traidor se encontrava preso nos fortes. Olhou para trás e viu a margem do rio abarrotada de tropas britânicas marchando em direção ao oeste, pelo caminho que beirava o Tormes, para fechar o cordão ao redor das três praças fortes. Delmas estava preso!

Os canhões franceses voltaram a disparar, a metralha explodia por cima do terreno baldio e atingia as casas destroçando janelas e basculantes, com o propósito de que as recém chegadas tropas britânicas tivessem que se abrigar.

Sharpe observou a Delmas. Viu como era ajudado a entrar no fosso diante do forte mais próximo e menor. Observava como o capacete de bronze voltava a aparecer e o francês era introduzido em uma das frestas dos canhões. Sharpe observou como seu inimigo entrava no forte. O grande sacana estava preso! A espada estava em Salamanca e ainda poderia pertencer a Sharpe.

Sharpe olhou para Harper.

— É isso aí! O safado escapou.

— Da próxima vez não, senhor.

Harper deu meia volta e olhou fixamente sobre o rio. Um punhado de oficiais aproveitava a proteção que as casas ofereciam na outra margem, e outro grupo de homens, a quem os canhões franceses não importunavam, levavam o corpo de Windham colina acima. Harper via os cachorros que iam seguindo o triste cortejo. Enquanto observava, os artilheiros dispararam outra vez para a ponte. Deixariam que os britânicos

retirassem seus mortos, mas ainda não cederiam a passagem da ponte. Harper indicou com a cabeça a ponte.

— Não acredito que possamos voltar, senhor.

— Não.

— Não é que seja uma má cidade na qual ficar preso, senhor.

— O quê?

Sharpe apenas escutava pela metade. Estava pensando em Delmas.

O francês havia assassinado Windham e provavelmente matara também a McDonald.

Um homem que matava depois de dar sua palavra era um assassino.

— Digo que não é má cidade...

— Já lhe ouvi, Patrick. — Sharpe olhou para o sargento e lembrou-se da batalha. —

Obrigado.

— Pelo quê? Acha que deveríamos ir com os garotos?

— Sim.

Engatinharam colina abaixo para reunirem-se com os poucos fuzileiros que, assim como eles, achavam-se isolados na margem norte do rio. Um deles havia recuperado o fuzil de Sharpe e o carregara enquanto cruzava toda a ponte. Devolveu-lhe ao seu capitão.

— E agora o que fazemos, senhor?

— Agora? — Sharpe escutava. Ouvia-se debilmente um retumbar rítmico, um som afogado por uma leve melodia.

— Estão ouvindo?

Todos escutaram. Parry Jenkins sorriu brincalhão.

— É uma banda!

Sharpe pendurou o fuzil.

— Acho que deveríamos nos unir.

Supôs que a Sexta Divisão estava fazendo a entrada formal na cidade; as bandas tocavam e as bandeiras ondeavam e indicou em direção da margem do rio, para o leste.

— Por aí, garotos, logo acima para a cidade.

A rota os afastaria dos canhões franceses que apontavam para o outro lado do devastado extremo sudoeste da cidade.

— Escutem, garotos! — Eles o olharam. — Fiquem juntos, entendem? Supõe-se que não estamos aqui e a maldita polícia militar adoraria ter a chance de acorrentar um soldado verdadeiro. — Sorriu brincalhão. — Venham!

Ia limpando o sangue de sua grande espada enquanto os conduzia pela margem do rio, e depois para cima, por um beco empinado que desembocava nas duas catedrais que havia no cume. Estavam atrás das casas das quais os civis espanhóis dispararam em Delmas, ali onde o sacerdote lhes havia feito parar os disparos, e Sharpe achou que reconhecia a figura alta e de cabelo grisalho que subia na frente dele. Apertou o passo e deixou seus fuzileiros atrás, o ruído de suas botas contra a pista calçada fez que o sacerdote se virasse. Era um homem alto e idoso cujo rosto refletia alegria e caridade. Sorriu para Sharpe e lançou um olhar para a espada.

— Parece que quer me matar, meu filho.

Sharpe não sabia exatamente por que tinha perseguido o sacerdote, talvez para

desafogar sua ira contra o homem que interferira na luta da tarde. O perfeito inglês do sacerdote lhe surpreendeu e o tom sereno do homem o incomodou.

— Só mato os inimigos do rei.

O sacerdote sorriu ante o tom dramático de Sharpe.

— Está chateado comigo, filho. Porque impedi que os habitantes disparassem? Não? — Não esperou uma resposta, seguiu apaziguador. — O senhor sabe o que os franceses lhes farão caso tenham oportunidade? Sabe? Já viu civis colocados contra a parede enquanto lhes disparam como a cachorros raivosos?

A voz de Sharpe estava impregnada de ira.

— Pelo amor de Deus! Nós é que estamos aqui agora, não os franceses de merda!

— Duvido que seja por seu amor, filho. — O sacerdote irritava Sharpe com seu sorriso. — E quanto tempo vão permanecer aqui? Se não derrotarem os principais exércitos franceses, terão que voltar correndo para Portugal e nós esperamos até que esses franceses voltem a circular por nossas ruas.

Sharpe franziu o cenho.

— O senhor é inglês?

— Santo céu, não! — Era a primeira vez que o sacerdote se mostrava surpreendido por algo que Sharpe dissesse. — Sou irlandês, meu filho. Sou o padre Patrick Curtis, ainda que os salamanquenses me chamem Dom Patrício Cortes. — Curtis calou enquanto Harper puxava os fuzileiros curiosos ao passar junto dos homens. Harper os fez continuar rua acima. Curtis voltou a sorrir para Sharpe. — Agora Salamanca é minha cidade e esta gente é minha gente. Compreendo seu ódio contra os franceses, mas tive de protegê-los para o caso de alguma vez os franceses voltarem a mandar aqui. Aquele homem ao qual perseguia. Sabe o que lhes faria?

— Delmas? O quê?

Curtis franziu o cenho. Seu rosto era duro, sulcado de rugas profundas e destacavam nele duas sobrelhas fartas e grisalhas.

— Delmas? Não! Leroux!

Agora era Sharpe que ficava perplexo.

— Eu perseguia a um homem com um capacete de bronze. Um homem que coxeava.

— Sim! Leroux. — O sacerdote percebeu a surpresa no rosto de Sharpe. — É um coronel da Guarda Imperial de Napoleão. Philippe Leroux. É cruel, meu filho, sobretudo com os civis.

A voz suave e impassível do sacerdote não tinha apaziguado Sharpe, que mantinha um tom hostil.

— Sabe muito dele.

Curtis passou a rir.

— Certamente! Sou irlandês! Sempre nos interessam os assuntos alheios. Em meu caso, certamente, é que também é assunto de Deus saber coisas da gente. Inclusive de gente como o coronel Leroux.

— E meu trabalho era matá-lo.

— Como o Centurião disse no Calvário.

— O quê?

— Nada, meu filho. Um comentário de mau gosto. Bem, capitão? — perguntou o sacerdote adivinhando o posto e Sharpe assentiu com a cabeça. O sacerdote sorriu. — É para mim um prazer dar-lhe as boas-vindas a Salamanca, ainda que o senhor seja um inglês. Considere-se bem-vindo.

— Não gosta dos ingleses? — Sharpe estava decidido a não agradar ao sacerdote de meia idade.

— Por que deveria gostar? — Curtis seguia sorrindo — Por acaso agrada à minhoca o arado?

— Devo supor que prefere os franceses?

Sharpe ainda estava convencido de que Curtis tinha detido os disparos para salvar ao homem que se passava por Delmas.

Curtis deu um suspiro.

— Amado, oh Amado! Esta conversa, se me perdoa, capitão, está ficando chata. Desejo-lhe um bom dia, filho. Espero que voltemos a nos ver logo. Salamanca é uma cidade bastante pequena.

Virou-se e caminhou diante de Sharpe e deixou o oficial dos fuzileiros preocupado. Sharpe sabia que o sacerdote o tinha vencido, que a calma de Curtis acendera sua ira. “Bem, maldito sacerdote e maldito coronel Philippe Leroux.” Sharpe seguiu caminhando, apertou o passo ao passar junto de Curtis, como se não o reconhecesse, tinha a cabeça ocupada em sua necessidade de vingança. Leroux. O homem que assassinara Windham e McDonald, que faltara à sua palavra, havia escapado de Sharpe e possuía uma espada feita para um grande lutador. O coronel Leroux; um inimigo digno de um verão de guerra e calor como esse.



Sharpe ultrapassou seus homens e os conduziu junto às duas catedrais, pelas ruas que estavam abarrotadas de gente disposta a celebrar a libertação da cidade das mãos francesas. Havia cobertores pendurados cobertores nas sacadas mais pobres e bandeiras nas mais ricas e as mulheres se reclinavam sobre os parapeitos das janelas e dos balcões.

— Viva a Inglaterra!

— Viva a Irlanda — respondia Harper aos gritos.

Obrigavam-lhes a aceitar vinho, lançavam-lhes flores e a multidão, alegre e festiva, empurrava os fuzileiros para a música e o centro da cidade. Harper sorriu para Sharpe com zombaria.

— O tenente deveria estar aqui!

O tenente de Sharpe, Harold Price, ficaria excessivamente zeloso. As garotas eram belas, sorriam e a indecisão teria atormentado Price como a um terrier que não sabe que rato pegar primeiro. Uma mulher, imensamente gorda, dava saltos tentando dar um beijo na bochecha de Harper, e o irlandês a levantou entre seus braços, beijou-a alegremente e voltou baixá-la. As pessoas aclamavam encantadas. Passaram para o sargento uma menininha, agitando as pernas muito magras, que ele pegou e colocou sobre os ombros. Ela ia tamborilando sobre a parte superior do chapéu seguindo o som da banda e sorrindo para seus amigos. Salamanca era uma festa. Os franceses se haviam partido, ou para o norte com Marmont ou para o interior de suas três fortalezas cercadas, e Salamanca estava livre.

A rua dava para um pátio belamente decorado com esculturas e Sharpe se lembrou daquele lugar de sua última visita. Salamanca era uma cidade como Oxford ou Cambridge, uma cidade universitária, e o pátio fazia parte da universidade. As pedras dos edifícios tinham sido talhadas com tanta delicadeza como se fossem filigranas de prata, a destreza dos mestres era impressionante, e viu como seus homens ficavam olhando maravilhados para a pedra exuberante. Não havia nada igual a isto na Inglaterra, talvez em nenhum lugar do mundo, e contudo Sharpe sabia que o melhor de Salamanca ainda estava por vir.

Os sinos repicaram de uma dúzia de campanários, uma cacofonia de júbilo que se unia à banda do exército. Centenas de andorinhas volteavam e pousavam sobre os telhados como presságio do entardecer. Sharpe avançou, cumprimentando com a cabeça e sorrindo para as pessoas, e se fixou em que na rua seguinte as portas ainda tinham as marcas de giz deixadas pelos oficiais franceses que se alojaram ali. Esta noite a Sexta Divisão estaria nessas casas e seriam melhor recebidos, pois os britânicos pagavam pelas habitações e pela comida. Os franceses tinham partido. Sharpe sorriu porque Leroux estava preso nos fortes e se perguntou como podia presenciar o assalto da Sexta Divisão aos fortes.

A rua dava para um espaço amplo, e Sharpe viu as pontas brilhantes das baionetas agitando-se ritmicamente por cima das cabeças da multidão por umas arcadas. Harper desceu a menininha, deixou que corresse e se unisse às pessoas que beiravam a rota do desfile, e os homens da companhia ligeira seguiram Sharpe para a arcada. Como todos os

fuzileiros da companhia de Sharpe, Harper já estivera ali antes, no inverno de 1808, e recordava da Praça Maior que se estendia para além daquela arcada. A Sexta Divisão se reunia na Praça Maior para o desfile oficial que marcara a entrada britânica em Salamanca.

Sharpe se deteve justo naquela espécie de arcada e olhou para Harper.

— Estou procurando o major Hogan. Mantenha os garotos juntos e reúna-se comigo aqui as dez em ponto.

— Sim, senhor.

Sharpe olhou para os homens que iam com Harper, pilantras em sua maioria. Eram os típicos bêbados, ladrões, assassinos e fugitivos que de alguma maneira se converteram na melhor infantaria do mundo. Sorriu-lhes brinçalhão.

— Podem beber. — Eles lançaram vivas irônicos e Sharpe levantou uma mão. — Mas sem brigas. Não era para estarmos aqui e a maldita polícia militar ficaria encantada de mandá-los ao inferno. Então se mantenham afastados dos problemas e mantenham seu parceiro afastado dos problemas, entendido? Não se separem. Podem beber, mas eu não vou levar ninguém para casa esta noite, assim que se mantenham de pé.

Sharpe reduzira as normas do exército a três simples regras. Esperava de seus homens que lutassem, tal como ele fazia, com determinação. Não lhes permitia roubar, salvo ao inimigo, a menos que estivessem famintos. E nunca podiam embebedar-se sem sua permissão. Sorriram-lhe com ironia e levantaram o vinho que lhes ofereceram. Estariam com dor de cabeça pela manhã.

Largou-os e abriu passagem aos empurrões por entre a multidão que se alinhava na arcada. Já sabia o que ia encontrar, mas mesmo assim ficou sem fôlego quando se viu olhando fixamente o que ele considerava a praça mais bela que já vira na vida; a Praça Maior de Salamanca, a grande praça. Terminaram-na fazia justo trinta anos e tinham demorado setenta em construí-la, mas o tempo havia valido a pena. O quadrado era formado por casas umas junto das outras, cada uma tinha três pisos por cima da colunata abobadada e cada quarto que dava para a praça tinha um balcão de ferro forjado. A severidade do desenho dos edifícios se via suavizada por volutas decoradas, escudos de armas esculpidos e uma balaustrada no topo cheia de agulhas que cortavam o céu. As casas confluíam no lado norte da praça em um palácio esplêndido, mais alto que as casas e mais ornamentado, e no lado leste, justo sob os raios do sol descendente, se achava o pavilhão real. A pedra de toda a praça era dourada ao entardecer, desenhada com milhares e milhares de sombras projetadas pelos balcões, basculantes, esculturas e pelas agulhas. A praça tinha dimensões reais. Revelava grandeza, orgulho e magnificência; contudo era uma praça pública e pertencia aos habitantes de Salamanca. A pessoa mais mesquinha podia ir caminhar e demorar-se entre sua glória e imaginar-se na morada de um rei.

Agora a imensidade da praça se encontrava abarrotada de milhares de pessoas. Alinhavam-se pelas sacadas triplas e faziam ondear lenços e bandeiras, aclamavam e lançavam flores para a praça pavimentada. A gente se amontoava na sombra da arcada, sob os oitenta e oito arcos da colunata, e seus gritos de júbilo ameaçavam afogar a banda que tocava debaixo do palácio ao som de cuja música a Sexta Divisão fazia sua entrada oficial com solenidade.

Este era um momento para se saborear, um momento de glória, o momento em que os britânicos tomavam esta cidade. A Praça Maior havia percebido a importância deste momento, e o estava celebrando; contudo, no próprio centro do ruído e do colorido estava sentado um homem em silêncio que parecia, sobre seu alto cavalo, quase grisalho. Não usava uniforme. Um simples abrigo azul, calças cinza e um chapéu bicorne sem adorno algum bastavam para Wellington. Diante do general desfilavam suas tropas, os homens que o haviam seguido desde Portugal através dos brutais horrores de Cidade Rodrigo e Badajoz.

O primeiro batalhão do 11º Regimento, com as bordas de suas casacas de um verde tão escuro como os vales do norte de Devon, de onde provinham, eram seguidos pelos Shropshires, bordas vermelhas nas casacas vermelhas, e os abrigos de seus oficiais com galões dourados. As espadas se elevavam para cumprimentar ao simples homem de nariz aquilino que permanecia em silêncio entre o alvoroço. Os do 61º estavam ali, muito longe de Gloucestershire, e ao vê-los Sharpe recordou a depreciativa comparação que Windham fizera da cidade das duas catedrais. O coronel teria se encantado com isto. Estaria dando golpezinhos com seu rebenque ao ritmo da música, criticaria as casacas descoloridas da Guarda da Rainha, azul sobre vermelho, a segunda infantaria da linha depois da Guarda Escocesa, mas não falaria a sério. Os de Cornualha do 32º entravam, depois o 36º de Hereford, e todos eles marchavam com as bandeiras desdobradas, bandeiras que se agitavam ao leve vento e alardeavam as cicatrizes de mosquete e de canhão. As bandeiras estavam rodeadas por sargentos de alabardeiros com suas largas lâminas polidas como prataria brilhante.

Ouviram-se cascos junto à arcada por onde Sharpe tinha entrado, e Lossow, com seu uniforme meticulosamente escovado, conduzia o primeiro esquadrão dos Dragões Ligeiros da Legião Alemã do Rei para a praça. Levavam os sabres desembainhados, reluzentes, e os oficiais usavam peliças debruadas de pele que cobriam de maneira informal as casacas azuis com galões dourados. Parecia que a praça estava abarrotada de tropas, e contudo iam chegando mais. Apareceram as casacas marrons dos Caçadores portugueses, tropas ligeiras, cujas plumas verdes no chapéu se agitavam ao ritmo da música. Também havia casacas verdes, não os fuzileiros do 95º, o antigo regimento de Sharpe, mas homens do 60º, os Fuzileiros Reais Americanos. Observou como iam entrando no quadrado e se encheu de orgulho ao ver seus uniformes descoloridos e remendados e o aspecto destroçado de seus fuzis Baker. Os fuzileiros eram os primeiros no campo de batalha e os últimos a abandoná-lo. Eram os melhores. Sharpe tinha orgulho de sua casaca verde.

Isto era apenas uma divisão, a Sexta, enquanto que além da cidade e protegendo-se do exército de campo francês estavam as demais divisões que constituíam as forças de Wellington. A primeira, a terceira, a quarta, a quinta, a sétima e as divisões ligeiras, quarenta e quatro mil soldados de infantaria marchavam este verão. Sharpe sorriu para si. Recordava-se de Rolica, há apenas quatro anos, quando a infantaria britânica era constituída por apenas treze mil e quinhentos homens. Ninguém esperava que ganhassem. Enviaram-nos a Portugal com um general jovem e agora aquele general cumprimentava suas tropas em Salamanca. Em Rolica, Wellington lutou com dezoito canhões; na batalha deste verão se ouviriam mais de sessenta canhões britânicos. Duzentos soldados de

cavalaria haviam desfilado em Rolica, agora eram mais de quatro mil. A guerra ia crescendo, estendia-se pela Península, subindo para a Europa, e corriam rumores de que os americanos ameaçavam a Inglaterra enquanto que Napoleão, o mestre de cerimônias de tudo isto, olhava para o norte, para os mapas vazios da Rússia.

Sharpe não ficou para olhar todo o desfile. Em uma das oito ruas que davam para a praça achou uma bodega e comprou um odre de vinho tinto que decantou, com cuidado, em seu redondo cantil de madeira. Uma cigana o observou, com olhos negros impenetráveis; com uma mão segurava um bebê contra seu peito e com a outra bem metida no avental agarrava as poucas moedas que havia mendigado durante o dia. Sharpe deixou alguns tragos no odre e lhe lançou. Ela o pegou e jogou um jorro na boca do bebê. Uma barraca sob as arcadas da praça vendia comida e Sharpe comprou um pouco de tripa cozida com molho picante, e enquanto bebia o vinho ia comendo. Pensou na sorte de poder viver esse dia, nesse lugar, e desejou poder compartilhar esse momento com Teresa. Depois pensou no corpo de Windham, o sangue manchando a terra seca, e desejou que os franceses encerrados nos fortes estivessem ouvindo a banda e previssem o sítio. Leroux morreria.

O desfile acabou, os soldados receberam ordens de partir ou de romper filas; contudo a banda seguia tocando, pondo música na cerimônia noturna na qual os salamanquenses extravasavam a sua alegria. Os cidadãos iam à praça a cada entardecer. Os homens passeavam no sentido horário pela borda exterior do quadrado, enquanto que as garotas, rindo e de braços dados, caminhavam em sentido oposto num anel interior. Alguns soldados britânicos se uniam agora aos passeantes do exterior, olhavam para as garotas, gritavam para elas, enquanto os espanhóis, ciumentos, observavam com frieza.

Sharpe não se uniu ao círculo. Foi caminhando para a sombra espessa da arcada, passando pelas lojas que vendiam peles finas, jóias, livros e sedas. Passeava lentamente, lambendo o alho dos dedos, e era uma figura estranha entre a multidão festiva. Tinha jogado o chapéu para trás e deixava que seu cabelo negro caísse sobre o extremo superior da longa cicatriz que ia de seu olho esquerdo à bochecha. Ela lhe dava um aspecto sardônico, brincalhão quando o rosto estava quieto. Apenas o riso ou um sorriso suavizavam a rigidez da cicatriz. Seu uniforme estava tão andrajoso como o de qualquer fuzileiro. A bainha de sua comprida espada estava amassada. Parecia o que era, um soldado combativo.

Procurava por Michael Hogan, o major irlandês que servia no estado maior de Wellington. Sharpe e Hogan eram amigos quase desde que começou esta guerra, e Sharpe sabia que o irlandês seria uma boa companhia nesta noite de festejo. Sharpe tinha, ademais, outros motivos. Hogan estava ao comando do serviço secreto de Wellington, juntava e examinava cuidadosamente os informes que provinham dos espões e dos oficiais exploradores, e Sharpe esperava que o major, pequeno e de meia idade, pudesse responder algumas perguntas referentes ao coronel Philippe Leroux.

Sharpe ficou debaixo da colonata e se dirigiu para o grupo de oficiais a cavalo que se amontoavam junto ao general. O fuzileiro se deteve quando estava perto o bastante para ouvir seus risos e suas vozes grossas.

Não via a Hogan. Apoiou-se em uma coluna e observou os homens a cavalo,

magníficos com seus uniformes de gala, e não estava disposto a se unir ao grupo que buscava favores e que se amontoava em torno do general. Sharpe sabia que se Wellington metesse o dedo no nariz haveria um monte de oficiais prontos para chupar seu dedo, como se isso fosse representar um fio dourado a mais em seu uniforme.

Inclinou o cantil, fechou os olhos e deixou que o vinho áspero lhe lixasse a garganta.

— Capitão! Capitão!

Abriu os olhos, mas não via quem lhe havia gritado e achou que não fora dirigido a ele; então viu o sacerdote, Curtis, que abria passagem através do grupo de cavaleiros que rodeavam Wellington. O maldito irlandês estava em toda parte. Sharpe não se moveu mais que para pôr a rolha no cantil.

Curtis caminhou até ele e parou.

— Voltamos a nos encontrar.

— Como o senhor disse.

— Sempre se deve confiar em um homem de Deus. — O sacerdote idoso sorriu. — Desejava que o senhor estivesse aqui.

— Eu?

Curtis apontou para os oficiais a cavalo.

— Tem alguém que se sentiria aliviado, muito aliviado, se lhe ouvisse dizer que Leroux está bem encerrado nas fortalezas. Seria tão amável de confirmar?

Voltou a fazer um gesto convidando Sharpe para que caminhasse com ele, mas o alto fuzileiro não se movia.

— Não acreditam no senhor?

O sacerdote sorriu.

— Eu sou um sacerdote, capitão, professor de astronomia e história natural e reitor do Colégio Irlandês daqui. Estas não são as credenciais adequadas, temo, para estes assuntos belicosos. Ao senhor, por outro lado, acreditarão com relação a isto. Importa-se?

— De quê?

Sharpe achava que o homem era simplesmente um sacerdote intrometido.

Curtis lhe sorriu docemente.

— Sou eminente, sumamente eminente, e estou lhe pedindo que me faça um favor.

Sharpe não se movia, resistia a entrar no círculo de oficiais elegantes.

— Quem necessita da notícia tranquilizadora?

— Um conhecido. Não acredito que lamente a experiência. É casado?

— Sim — respondeu Sharpe consentindo com a cabeça e sem entender.

— Pela Mãe Igreja, suponho.

— Sim.

— O senhor me surpreende gratamente. — Sharpe não estava seguro se Curtis estava lhe censurando. O sacerdote arqueou as fartas sobrancelhas. — Isso ajuda, sabia?

— Ajuda?

— As tentações da carne, capitão. Amiúde agradeço a Deus que me tenha permitido envelhecer e ser imune a elas. Venha por favor.

Sharpe o seguiu com curiosidade e Curtis se deteve de repente.

— Não tenho o prazer de saber seu nome, capitão.

— Sharpe. Richard Sharpe.

Curtis sorriu.

— De verdade? Sharpe? Bem, bom! — Não deu tempo a Sharpe de reagir ao ver que o reconhecia. — Venha então, Sharpe! E não fique feito um pudim!

Com esta misteriosa ordem Curtis abriu caminho entre os cavalos com Sharpe seguindo seus passos. Devia de ter dúzias de oficiais, no mínimo, mas não estavam, tal como Sharpe pensara, amontoados ao redor de Wellington. Estavam olhando uma carruagem aberta e Curtis o conduziu até a lateral da carruagem.

"Alguém — pensou Sharpe — indecentemente rico." Quatro cavalos brancos permaneciam pacientemente nos tirantes da carruagem, um condutor com peruca empoadada estava sentado em um banco, um laçador com a mesma libré estava sobre uma plataforma atrás. Os tirantes dos cavalos eram correntes de prata. A carruagem era polida e resplandecia de um modo que teria satisfeito ao mais meticuloso dos sargentos. As bordas da carruagem, que Sharpe supôs que era um barouche novíssimo, ressaltavam em pintura prateada sobre o azul escuro. Um escudo de armas decorava a porta, um escudo tantas vezes dividido em quartos que os pequenos emblemas que continha não se podiam distinguir a menos que se inspecionassem de perto. A ocupante, contudo, teria assombrado a distâncias muito maiores.

Era loira, algo excepcional na Espanha, de pele branca e usava um vestido de um branco deslumbrante que a convertia no mais brilhante e luminoso de todo o quadrado de ouro de Salamanca. Estava recostada sobre algumas almofadas, um de seus braços brancos repousava descuidadamente sobre a lateral da carruagem e seus olhos pareciam lânguidos e divertidos, inclusive chateados, como se estivesse acostumada a tal abundância de adulações. Segurava uma pequena sombrinha contra o último sol, um pára-sol de renda branca que projetava uma sombra diáfana sobre seu rosto, mas a sombra não fazia nada para ocultar a boca de lábios grossos, os olhos grandes e inteligentes, ou o pescoço comprido e magro que parecia, comparado com a pele curtida e escura do exército e de seus seguidores, feito de uma substância de origem divina. Sharpe conhecera muitas mulheres belas. Teresa era bela, Jane Gibbons, cujo irmão tentara matá-lo em Talavera, era bonita, mas esta mulher era de outro mundo. Curtis bateu na porta da carruagem. Sharpe quase não notou a presença de outras pessoas, nem mesmo do próprio Wellington, e viu os olhos que se dirigiam para ele enquanto ela escutava a apresentação que Curtis fazia.

— Capitão Richard Sharpe, tenho a honra de apresentar-lhe à marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba.

Ela o olhou. Ele esperou que ela lhe estendesse sua mão enluvada de branco, mas ela apenas sorriu.

— A gente não o recorda nunca.

— A marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba.

Sharpe se assombrou por ter pronunciado os nomes sem gaguejar. Entendeu perfeitamente o que Curtis quis dizer quando falou para não ficar feito um pudim. Ela arqueou uma sobrancelha com surpresa brincalhona. Curtis ia lhe explicando, em espanhol, sobre Leroux. Sharpe ouviu que pronunciava o nome e viu que ela lhe dava uma olhada.

Cada olhada era assombrosa. Sua beleza era como uma força física. Sharpe supôs que outras mulheres deviam odiá-la. Os homens a deviam seguir como cachorros fraldiqueiros. Nascera bela e todo artifício que se pudesse comprar com dinheiro ressaltava aquela beleza. Era gloriosa, sedutora, e ele supôs que intocável para quem não fosse um verdadeiro senhor, e, tal como ocorria sempre que via algo que queria, mas não podia esperar obter, começou a desagradá-lo. Curtis parou e ela olhou para Sharpe. Sua voz parecia chateada, incômoda.

— Leroux está nas fortalezas?

Ele se perguntou onde teria aprendido inglês.

— Sim, senhora.

— Está seguro?

— Sim, senhora.

Ela fez um sinal com a cabeça dispensando-o e Sharpe achou que suas palavras não foram bem-vindas. Então ela se virou para ele e levantou a voz.

— O senhor parece muito mais soldado, capitão, que estes homenzinhos a cavalo.

Não se esperava que respondesse. Sharpe suspeitava que o comentário destinava-se simplesmente a molestar seus galantes admiradores. Ela nem sequer se incomodou em ver o efeito que provocara neles, pegou um lápis com a ponta prateada de uma bolsinha e começou a escrever em um pedaço de papel. Um homem beliscou o anzol, um oficial de cavalaria presunçoso cujo sotaque inglês mostrava seu berço aristocrático.

— Qualquer bruto pode ser valente, senhora, mas um rastelo sempre é melhor.

Fez-se silêncio. A marquesa levantou a vista para Sharpe e sorriu.

— Sir Robin Callard acredita que o senhor é um bruto despenteado.

— Melhor isso que um cachorrinho fraldiqueiro, senhora.

Ela tinha conseguido. Olhou para Callard e arqueou as sobrancelhas. Ele se via obrigado a ser valente. Ficou olhando para Sharpe com rosto furioso.

— O senhor é insolente, Sharpe.

— Sim ele é — disse uma voz decidida. Wellington se inclinou. — Sempre foi. — O general sabia o que a marquesa pretendia e iria impedir. — É sua força. E sua fraqueza. — Tocou seu chapéu. — Bom dia, capitão Sharpe.

— Senhor.

Afastou-se da carruagem sem que a marquesa fizesse caso, pois seguia dobrando o pedaço de papel. Despediram-no, inclusive com desprezo, e ele sabia que um capitão andrajoso com uma velha espada não tinha lugar entre aquela gente elegante e perfumada. Sharpe sentiu-lhe invadir o ressentimento e a amargura. Wellington necessitava de Sharpe quando tinha que abrir uma brecha em Badajoz, mas não aqui! Não entre seus iguais. Eles acreditavam que Sharpe era simplesmente um bruto que necessitava de um rastelo, contudo era um bruto que defendia como gato barriga acima seu mundo de privilégios e de esbanjamento. Malditos fossem todos. Malditos no inferno. Esta noite beberia com seus homens, nem um deles sonharia sequer em possuir tanto dinheiro como o que valia um só tirante de prata da carruagem da marquesa. Contudo eram seus homens. Maldita prostituta e malditos os homens que iam atrás dela. Sharpe lhes demonstraria que não se importava nem um pouco com eles.

— Sharpe?

Girou. Um elegante oficial de cavalaria, com o cabelo tão dourado como o da marquesa e o uniforme tão elegante como o de Robin Callard o estava olhando. Estava com o braço esquerdo numa tipóia, que lhe cobria o azul e o prateado de sua casaca, e por um momento Sharpe pensou que este homem devia de ser o segundo de Callard e que vinha para lhe propor um duelo. Contudo, o sorriso do oficial de cavalaria era franco e amistoso e sua voz cálida.

— É para mim uma honra conhecer-lhe, Sharpe! Jack Spears, capitão. — Sorriu amplamente. — Alegro-me de que tenha respondido a Robin. É um sacana presunçoso. Tome. — Entregou a Sharpe um pedaço de papel dobrado.

Sharpe o pegou de má vontade, não queria ter nada a ver com o círculo brilhante que havia em torno da carruagem azul e prateada. Desdobrou a mensagem escrita a lápis. "Dou uma pequena recepção esta noite às dez. Lorde Spears lhe conduzirá." Assinado, simplesmente "H".

Sharpe olhou para aquele cavalheiro surpreendentemente elegante.

— "H"?

Spears passou a rir.

— Helena, a marquesa de tarará e tarará, e o objeto de luxúria de todo um exército. Posso lhe dizer que virá? — perguntou com voz relaxada e amistosa.

— O senhor é lorde Spears?

— Sim! — Respondeu Spears mostrando todo seu encanto diante Sharpe. — Pela graça de Deus e a morte horrivelmente oportuna de meu irmão mais velho. Mas pode me chamar de Jack, todos o fazem.

Sharpe voltou a olhar a nota. A caligrafia era redonda e infantil, como a sua.

— Tenho outros assuntos para esta noite.

— Outros assuntos! — O grito de surpresa brincalhona de Spears fez que alguns salamanquenses que passeavam olhassem com curiosidade para o jovem e elegante oficial de cavalaria. — Outros assuntos! Meu querido Sharpe! Que outra coisa poderia ser mais importante que tentar abrir uma brecha na bela Helena?

Sharpe estava desconcertado. Sabia que lorde Spears era amigável, mas o encontro de Sharpe com a marquesa lhe havia feito se sentir andrajoso e inadequado.

— Tenho de ver o major Hogan. Conhece?

— Conhecê-lo? — respondeu Spears com um sorriso. — É meu amo e senhor. Certamente que conheço Michael, mas não o verá esta noite, a menos que vá a duzentas milhas ao sul.

— Trabalha para ele?

— É amável chamando de trabalho. — Spears sorriu. — Sou um de seus oficiais exploradores.

Sharpe olhou o jovem lorde com mais respeito. Os oficiais exploradores cavalgavam atrás das linhas inimigas, com uniforme de gala para que não pudessem lhes acusar de espionagem, e confiavam em seus cavalos velozes e alimentados com milho para que os tirassem dos problemas. Enviavam um fluxo de informação a respeito dos movimentos do inimigo e confiavam suas mensagens e seus mapas a mensageiros espanhóis. Era uma

vida valente e solitária. Spears começou a rir.

— Impressionei ao grande Sharpe, que maravilha! Era importante ver Michael?

Sharpe deu de ombros. Na realidade utilizara o nome de Hogan como desculpa para se esquivar ao convite da marquesa.

— Queria lhe perguntar a respeito do coronel Leroux.

— Aquele sacana de primeira. — Era a primeira vez que havia algo que não era alegria na voz de Spears. — Tinha que tê-lo matado. — Era evidente que Spears ouvira a breve conversa com a marquesa.

— Conhece?

Spears tocou sua tipóia.

— Quem acha que me fez isto? Quase me pega uma noite escura da semana passada. Lancei-me por uma janela para fugir dele. — Voltou a sorrir. — Não é muito galante, mas eu não queria que a nobre estirpe dos Spears terminasse em um antro espanhol. — Bateu nas costas de Sharpe com a mão sã — Michael querará falar com você de Leroux, mas enquanto isso, meu querido Sharpe, você virá comigo ao palácio Casares esta noite para beber o champanhe da marquesa.

Sharpe sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— Não, meu lorde.

— Meu lorde, meu lorde! Chame-me de Jack! Agora diga que virá!

Sharpe fez uma bolinha com o papel. Pensava em Teresa e se sentia nobre por recusar o convite.

— Não irei, meu lorde.

Lorde Spears observou como Sharpe partia, atravessando o círculo de passeantes na Praça Maior, e o cavalheiro sorriu.

— Dez contra um que virá, amigo, dez contra um.

S harpe teria amado ir à casa da marquesa; a tentação o rondou por toda a noite, mas se manteve afastado. Dizia a si mesmo que o fazia assim porque não lhe importava ir, mas a verdade era, e ele sabia, que tinha medo das zombarias dos amigos elegantes e engenhosos da marquesa. Ficaria deslocado.

Ficou bebendo, escutando as histórias de seus homens e afugentando ao único policial militar que tentou desafiar sua presença na cidade. Observou como apostavam em brigas de galos, como perdiam o dinheiro porque as aves ganhadoras tinham sido alimentadas com uvas empapadas em rum, e ele simulava preferir estar com eles. Eles estavam satisfeitos, ele sabia, e se sentiu envergonhado porque era uma simulação. Observou uma vez mais um galo morto que retiravam da pista empapada em sangue, e pensou na mulher radiante com o cabelo dourado e a pele branca.

Não havia nada que retivesse ao grupinho de fuzileiros em Salamanca, assim que na manhã seguinte saíram cedo para a colina de São Cristóvão, onde o grosso do exército esperava os franceses. Andavam com as cabeças pesadas e as gargantas amargas, deixando para trás a cidade e indo ao lugar a que pertenciam. Todos eles esperavam uma batalha. Tinham sido preparados para sacar os franceses de Salamanca, mas Marmont tinha largado as guarnições para trás, nas três fortalezas, e era óbvio inclusive para o último soldado que uma vez que o marechal francês recebesse reforços do norte voltaria para resgatar seus homens apanhados na cidade. Os britânicos o estavam esperando com o desejo de que atacasse a grande colina que bloqueava o caminho que ia para a cidade, a colina detrás da qual Sharpe se unia com seus homens ao South Essex.

McDonald estava morto e enterrado, morto por uma estocada da espada de Leroux entre suas costelas. O major Forrest, temporariamente ao comando depois da morte de Windham, sacudiu a cabeça penalizado.

— Sinto de verdade pelo menino, Richard.

— Eu sei, senhor.

Sharpe quase não havia tido tempo de conhecer ao alferes.

— Quer que eu escreva para seus pais?

— Faria isso? Eu escrevi para a mulher de Windham. — Forrest ia se barbeando sobre um balde de lona. — Uma carta me parece pouco adequado. Oh, querido. — Forrest era um homem bom, inclusive dócil e não era feito para os assuntos da guerra. Sorriu para Sharpe. — Alegro-me por tê-lo aqui, Richard.

— Obrigado, senhor — disse Sharpe sorrindo. — Olhe aquilo.

Isabella, pequena e gorducha, estava escovando a casaca de Harper apesar de tê-lo recebido toda chorosa. Todo o batalhão acampava no pasto, as mulheres e os filhos, e até podia ver ao leste e ao oeste, outros batalhões esperavam atrás da colina. Subiu caminhando até o cume e olhou para o norte, para a grande planície que brilhava com as papoulas e a centáurea. Pelo outro lado daquelas flores, do outro lado daquele mato que o sol tornava esbranquiçado, é por onde viria o inimigo. Viriam para esmagar o único exército que a Grã-Bretanha tinha na Espanha, um exército contra os cinco dos franceses,

e Sharpe fixou o olhar no horizonte esfumado pelo calor buscando a reveladora chispa de luz proveniente de uma espada ou de um capacete que indicaria a chegada do inimigo para oferecer batalha.

Não chegaram naquele dia, nem no seguinte, e à medida que as horas passavam Sharpe começou a esquecer o sucedido em Salamanca. O coronel Leroux deixou de ter importância, mesmo a marquesa de cabelos dourados se converteu em um sonho remoto. Sharpe cumpria seu trabalho de comandante da companhia e ocupava o tempo com o rotineiro ritmo da vida militar. Tinha que todo dia ver os livros, tinha que repartir castigos, dar recompensas, apaziguar brigas, e conseguir que homens chateados se mantivessem em forma. Esqueceu-se de Leroux, da marquesa e no terceiro dia na colina de São Cristóvão teve um bom motivo para esquecer.

Era um dia perfeito, o típico dia de verão que um menino recordaria para sempre, um dia em que o sol brilhava em um céu limpo e derramava luz sobre as papoulas e centáureas que se estendiam com tanta generosidade entre o trigo que amadurecia. Uma leve brisa suavizava aquele sol infernal e fazia ondear os cultivos, e sobre aquele cenário perfeito, aquele cenário de ouro, vermelho e azul, apareceu o exército do inimigo.

Quase pareceu um milagre. O exército avançava por dúzias de caminhos, com os flancos afastados um do outro, e nos campos de verão o normal era não ver mais que meia dúzia de regimentos diferentes. Contudo, e de repente, sob as ordens de um general as unidades dispersas se reuniram, converteram-se em uma grande formação disposta para a batalha e Sharpe, no alto sobre a colina que o vento refrescava, observou como Marmont realizava o milagre.

Primeiro vinha a cavalaria, com suas barrigueiras e as lâminas das espadas refletindo o sol com lampejos surpreendentes para os britânicos que observavam; os cavalos iam marcando veredas pisadas entre o trigo salpicado de flores. A infantaria vinha atrás, fileiras de homens com casacas azuis serpenteavam por toda a planície, estendiam-se para o leste e o oeste, com os canhões entre eles. A artilharia francesa, o negócio de Napoleão, preparava suas baterias à vista da colina e elevava os canhões ardentes da posição de transporte para a de luta. O major Forrest, que observava com seus oficiais, sorriu brincalhão.

— São muitos.

— Costuma ser assim, senhor — disse Sharpe.

Hussardos, dragões, lanceiros, cuirassiers, caçadores, guardas, granadeiros, voltigeurs, tirailleurs, infantaria, artilharia, músicos, engenheiros, sanitários, cocheiros, estado maior, todos eles seguindo o redobre do tambor até este lugar em que se convertiam em um exército. Cinquenta e cinco mil homens trazidos até este pedaço de terra, a metade do tamanho de um município rural, um pedaço de terra que ficaria bem adubado com seu sangue. Os granjeiros espanhóis diziam que as colheitas cresciam o dobro no ano seguinte a uma batalha.

Os franceses não viam os britânicos. Viam a alguns poucos oficiais no cume da colina, viam o lampejo fortuito de um telescópio que apontava para eles, mas Marmont devia supor onde estavam ocultas as tropas de Wellington atrás da colina. Teria que tentar adivinhar onde realizar o ataque, sabendo que suas tropas podiam subir a escarpa da

colina e se encontrar de repente diante da infantaria de casacas vermelhas que disparariam seus mosquetes Brown Bess com mais rapidez que qualquer outro exército do mundo. Marmont tinha que tentar adivinhar aonde atacar e os generais não gostavam de adivinhar.

Naquele primeiro dia não tentou adivinhar, nem no seguinte e parecia que os dois exércitos haviam se reunido apenas para ficar paralisados. A cada noite os homens das companhias ligeiras britânicas iam colina abaixo para fazer piquetes contra um ataque noturno, mas Marmont não poria seu exército em perigo na escuridão. Sharpe foi uma noite. O ruído do exército francês era como o ruído de uma cidade, suas luzes se salpicavam irregularmente e com a mesma abundância que as papoulas e centáureas. De noite fazia frio, o planalto não mantinha o calor do dia e Sharpe tremia, esquecera-se de Leroux e da marquesa e estava esperando que a batalha estourasse no alto da colina.

Na segunda-feira, depois dos desjejuns de madrugada, a estrada de Salamanca estava abarrotada de gente que vinha observar os dois exércitos. Alguns iam a pé, outros a cavalo, alguns em carruagens e a maioria deles se acomodavam em uma colina junto ao povoado de São Cristóvão e lhes chateava que os exércitos não lutassem. Talvez porque tinham chegado os espectadores, se sentia uma maior presteza nas linhas britânicas, e Sharpe observava mais uma vez como seus homens se preparavam para a batalha. Voltavam a ajustar as pederneiras no pedaço de couro que se agarrava aos dentes bem ajustados dos percussores do rifle, enxaguavam os canos já limpos com água quente, e Sharpe percebia o medo que todos os homens têm antes de uma batalha.

Alguns temiam a cavalaria e em suas mentes ia se repetindo o estrondo de milhares de cascos, a poeira que se elevaria com as cargas como uma névoa marítima e os golpes com as lâminas brilhantes que podiam fatar um homem até matá-lo ou, pior ainda, arrancar-lhe os olhos e deixá-lo às escuras pelo resto da vida. Outros tinham medo do fogo de mosquete, a rifa de uma bala sem apontar proveniente das descargas implacáveis que poriam fogo no mato seco com buchas ardendo e assariam aos feridos que caíssem. Todos temiam a artilharia, que tossiria sua morte em forma de leque. O melhor era não pensar nisso.

Uns cem mil homens, de ambos os lados da colina, tinham medo daquele dia tão perfeito de calor, papoulas e centáureas. A fumaça proveniente dos fogos acesos de noite pelos franceses para cozinhar se elevava formando uma neblina para o oeste, enquanto os artilheiros preparavam seus instrumentos de morte. Certos que hoje lutariam. Alguns homens em ambos os exércitos esperavam a batalha, procuravam no combate a morte que os liberaria das dores que sofriam seus corpos enfermos. Os espectadores queriam ver um combate. Para que mais tinham percorrido as seis longas e quentes milhas desde Salamanca?

Sharpe esperava a batalha. Fora a um regimento de dragões e havia pagado ao armeiro para que afiasse a lâmina de sua espada. Agora, ao meio-dia, dormia. Tinha o chapéu inclinado sobre o rosto e sonhava que estava caído, um cavaleiro cavalgava ao seu redor e ouvia claramente o som de cascos. Não podia se levantar, ainda que soubesse que o cavaleiro tencionava matá-lo, e em seu sonho lutava, sentiu a ponta da lança em sua cintura e se sacudi para os lados, retorcendo com desespero; de repente despertou e

havia um homem acima que ria.

— Richard!

— Céus!

O cavalo não havia sido um sonho. Estava a uma jarda de distância, seu cavaleiro desmontou e riu dele. Sharpe se sentou, esfregando os olhos.

— Céus, o senhor me assustou!

O major Hogan o despertara golpeando-lhe no cinturão com a bota.

Sharpe se levantou, bebeu água morna de seu cantil e só então sorriu para seu amigo.

— Como está, senhor?

— Todo o bem que me permitem. E você?

— Cansado desta espera. Por que não ataca, o grande sacana?

Sharpe olhou para sua companhia, a maioria deles cochilava sob o sol, assim como os homens das outras nove companhias do South Essex. Alguns oficiais se passeavam na frente das linhas sonolentas. A totalidade do exército britânico parecia estar adormecida, salvo alguns sentinelas no horizonte.

O major Hogan, com o bigode grisalho manchado de amarelo por causa do rapé, ao qual era viciado, olhava Sharpe de cima abaixo.

— Tem bom aspecto. Espero que seja assim, porque posso precisar de você.

— Precisar de mim? — Sharpe estava pondo o chapéu e pegando o rifle e a espada.

— Para o quê?

— Venha dar um passeio.

Hogan pegou Sharpe pelo cotovelo um momento, separou-o da companhia ligeira e o levou para cima, para a ladeira que ia até o cume da colina.

— Tem notícias do coronel Leroux para mim?

— Leroux?

Durante um segundo Sharpe ficou perdido. Os acontecimentos de Salamanca pareciam distantes e tinha a mente ocupada na batalha que ia ocorrer na colina de São Cristóvão. Pensava em atiradores, fuzileiros, não no alto coronel francês de olhos pálidos que estava nos fortes da cidade.

Hogan franziu o cenho.

— Você o conheceu?

— Sim — respondeu Sharpe passando a rir rudemente. — Eu conheci o sacana.

Explicou a Hogan sobre a captura do oficial dos dragões, de sua palavra, de como tinha escapado e finalmente como havia ido atrás dele colina acima. Hogan escutava atentamente.

— Tem certeza?

— De que está nos fortes? Sim.

— De verdade? — Hogan havia parado, olhava fixamente para Sharpe. — Está seguro de verdade?

— Eu o vi entrar subindo. Está lá.

Hogan não disse nada enquanto acabavam de subir ao extremo da colina. Ficaram ali, onde o terreno descia profundamente para a grande planície na qual os franceses estavam

reunidos. Sharpe viu uma carreta com munições que avançava para a bateria mais próxima, e teve que tirar da cabeça a ideia de que talvez sua própria morte fosse naquela carreta.

Hogan suspirou.

— Maldito seja, teria desejado que o matasse.

— Eu também.

Hogan olhava fixamente para o exército francês, mas Sharpe suspeitava que não o visse. O major estava pensativo, inclusive preocupado, e Sharpe esperou até que sacou do bolso um pedaço de papel. Hogan o passou para Sharpe.

— Estou com ele há dois meses.

O papel não dizia nada a Sharpe. Tinha grupos de números escritos como palavras formando um pequeno parágrafo. Hogan deu um sorriso forçado.

— É um código francês, Richard, um código realmente especial. — Voltou a pegar o papel de Sharpe. — Temos a um tipo que sabe decifrar estes códigos, um tal capitão Scovell, e também é bem astuto.

Sharpe se perguntava que história haveria detrás do pequeno pedaço de papel. Um mensageiro francês que tinha caído em uma emboscada dos guerrilheiros? Ou um dos espanhóis que tentava passar mensagens através do território inimigo com o papel oculto no salto de uma bota ou em uma bengala oca, um homem ao qual teriam capturado e matado e que desta maneira o pedaço de papel chegara a Hogan? Sharpe sabia que os franceses mandavam quatro ou cinco mensagens idênticas porque contavam que a maioria seria interceptada e entregue aos britânicos.

Hogan olhava fixamente os números.

— Uma coisa é decifrar estas mensagens, Richard, e outra entendê-las. Este é o código do próprio imperador! O que me diz? — Compreensivelmente, sorriu radiante ante o triunfo de Scovell. — Ele enviou aquele homem ao marechal Marmont e vou ler o que diz. — Foi lendo os números como se fossem palavras. — “envio-lhe o coronel Leroux, trabalha para mim. Deve proporcionar-lhe tudo o que lhe peça.” Isso é tudo, Richard! Eu o sei ler, mas não o entendo. Sei que um tal coronel Leroux está aqui para fazer um trabalho especial, um trabalho para o próprio imperador, mas que trabalho? Depois ouço mais coisas. Alguns espanhóis foram torturados, esfolados vivos, e o grande sacana os marcou com seu nome. Por quê? — Hogan dobrou o papel. — Havia algo mais. Leroux capturou Colquhoun Grant.

Isto surpreendeu a Sharpe.

— Ele o matou?

— Não, capturou. Não vamos anunciar para todo mundo esse fracasso.

Sharpe entendia a angústia de Hogan. Colquhoun Grant era o melhor oficial explorador britânico, um companheiro de lorde Spears que cavalgava descaradamente pelos flancos das tropas francesas. Grant constituía uma grande perda para Hogan e um triunfo para os franceses.

Sharpe não disse nada. A sua direita via, a meia milha de distância, ao general e seu estado maior amontoados na linha do horizonte. Um ajudante de campo acabava de abandonar o grupo e esporeando o cavalo descia a colina para as forças britânicas. Sharpe

se perguntou se ia suceder algo.

Os franceses estavam realizando um movimento, ainda que não fosse muito enérgico. Na frente de Sharpe e Hogan, ao pé da escharpa da colina, havia uma lombadinha que rompia a uniformidade da planície onde estavam reunidos os franceses. Dois batalhões inimigos avançaram lentamente e agora beiravam o cume da lombada. Não eram uma ameaça para a colina e, ao ter coroado o diminuto cume, pareciam conformados em ficar ali. Dois canhões de campo iam com eles.

Hogan não os ignorou.

— Devo deter a Leroux, Richard. Essa é minha missão. Está pegando meus melhores agentes e matando se são espanhóis e capturando se são britânicos; ele se acha muito esperto.

Sharpe se surpreendeu com a tristeza que havia na voz de seu amigo. Hogan normalmente não se desmoralizava com os reveses, mas Sharpe via que o coronel Leroux deixava o major irlandês tremendamente preocupado. Hogan voltou a olhar par Sharpe.

— Você o revistou?

— Sim.

— Diga-me o que encontrou. Conte-me tudo.

Sharpe deu de ombros. Tirou o chapéu para que a leve brisa lhe refrescasse a testa. Falou daquele dia no bosque, da aparente arrogância do prisioneiro. Mencionou a espada, falou de sua suspeita de que Leroux fingia não entender o inglês. Hogan sorriu ao ouvir isto.

— Estava certo. Fala inglês como se fosse um. Continue.

— Não há nada mais. Já lhe disse tudo! Sharpe olhou detrás da colina para ver aonde havia ido o ajudante de campo e uma urgência lhe invadiu repentinamente.

— Olhe! Estamos nos movendo! Deus! — exclamou pondo o chapéu na cabeça. — O South Essex, junto com outro batalhão, mostrava sinais de atividade. Haviam se levantado, estavam alinhados e agora subiam a colina em companhias. Iam atacar! Sharpe olhou para o norte, para a pequena lombada, e percebeu que Wellington respondia à ação francesa com sua própria jogada. Os franceses seriam retirados aos empurrões da pequena elevação e o South Essex seria um dos dois batalhões que realizariam tal ação.

— Devo ir!

— Richard! — gritou Hogan retendo-o pelo cotovelo. — Pelo amor de Deus. Nada mais? Nem papéis? Nem cadernetas? Nada oculto em seu capacete, quero dizer, por Deus, devia de ter algo!

Sharpe estava impaciente. Queria ir com seus homens. A companhia ligeira entraria primeiro em combate e Sharpe a encabeçaria. Já estava se esquecendo de Leroux e só pensava nos atiradores inimigos que enfrentaria em poucos minutos. Estalou os dedos.

— Não, sim. Sim. Havia uma coisa. Deus! Um pedaço de papel, disse que eram os comerciantes de cavalos ou algo assim. Era apenas uma lista!

— Ainda a tem?

— Está em minha mochila. Lá embaixo.

Apontou para o lugar do onde o South Essex havia partido. O batalhão se encontrava agora a meio caminho ladeira acima, e a companhia ligeira já ia se adiantando.

- Tenho que ir, senhor!
- Posso buscar o papel?
- Sim!

Sharpe já corria, Hogan o soltara e a baidha e o fuzil iam batendo de lado enquanto ele se apressava por seus homens. As fundas de couro eram tiradas das bandeiras de maneira que estas, desenroladas, se abriam com a brisinha e as borlas de um amarelo brilhante destacavam junto à bandeira da união. Sentiu que a emoção lhe invadia porque a bandeira era o orgulho do soldado. Iam lutar!

- Vão combater?

A marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba tinha ido a São Cristóvão desejando ver uma batalha. Lorde Spears estava com ela, seu cavalo estava perto da elegante carruagem e a marquesa veio acompanhada de uma mulher de meia idade desalinhada que ia murchando com o calor dentro de um grosso vestido de sarja. A marquesa usava branco e levantava sua sombrinha delgada contra o sol.

Lorde Spears soltou de sua tipóia para acomodá-la.

- Não, querida, é apenas uma mudança de frente.
- Espero que esteja equivocado, Jack.
- Dez guinéus de que não.
- Já me deve o dobro.

A marquesa havia pegado um telescópio pequeno de prata com o qual percorria os dois batalhões britânicos. Iam marchando pelo o cume.

- Não obstante, aceito, Jack. Dez guinéus.

Largou o telescópio no colo e pegou um leque de marfim com o qual refrescou o rosto.

— Todo mundo teria que ver uma batalha, Jack. Forma parte da educação de uma mulher.

— Certo, querida. Na primeira linha da matança. Academia para senhoritas Lorde Spears, marcam-se batalhas, as mutilações são nossa especialidade.

O leque se fechou de golpe.

— Como você é chato, Jack, e apenas um pouquinho divertido. Oh, olhe! Alguns vão correndo! Eu os animo?

Lorde Spears percebeu de que acabava de perder outros dez guinéus que não tinha, mas não manifestou pesar.

- Por que não? Hurra, hurra...

— Hurra! — gritou a marquesa.

Sharpe fez soar o apito e seus homens formaram uma linha de atiradores. As outras nove companhias lutariam em sua fila, sujeitos à disciplina, mas seus homens lutavam em pares, com muito cuidado e eram os primeiros que enfrentavam o inimigo. Agora se achava no cume, debaixo de seus pés o capim estava alto e sua linha de atiradores descia para o inimigo. Uma vez mais se esqueceu de Leroux, da preocupação de Hogan, pois estava realizando o trabalho pelo qual o exército lhe pagava. Ele era um atirador, um lutador de batalhas entre exércitos, e a paixão do combate se apoderava dele, aquela

curiosa emoção que diluía o medo e que lhe levava a impor sua vontade ao inimigo. Sentia-se excitado, ansioso e conduzia seus homens com passo rápido ladeira abaixo, para onde os atiradores inimigos, os voltigeurs, saíam a seu encontro. Este era seu mundo agora, esta pequena passagem entre a escarpa e a lombada, um diminuto pedaço de pasto cálido sob o sol e belamente florido. Ali se encontraria com o inimigo e ali venceria.

— Dispersem-se! Continuem se movendo!

Sharpe entrava em combate.



Wellington não queria atacar. Para ele tinha pouco sentido enviar seu exército para a planície, mas se sentia frustrado com a resistência dos franceses em atacá-lo. Havia enviado dois batalhões contra os dois batalhões inimigos na lombada com a esperança de provocar uma reação de Marmont. Wellington queria incitar os franceses a subirem até a colina, obrigar a sua infantaria ascender pela escarpada ladeira e se darem de frente com os canhões e os mosquetes que surgiriam de repente para derrubar o inimigo, cansado entre o caos e o horror, e fazê-los regressar por onde tinham vindo.

Tais pensamentos estavam longe de Richard Sharpe. Seu trabalho era muito mais simples, tinha que se encarregar de uma companhia ligeira inimiga e derrotá-la. Os britânicos, ao contrário dos franceses, atacavam em linha. Os franceses gostavam de atacar em colunas, grandes grupos de homens dirigidos como aríetes para a linha inimiga, colunas impelidas pelos os apertados tambores entre eles, que iam marchando sob os orgulhosos estandartes de águia que haviam conquistado a Europa, mas esta não era o costume do exército de Wellington. Os dois batalhões de casacas vermelhas formavam uma linha de duas filas de fundo que avançava, as filas pareciam cambalear por causa das irregularidades do terreno e andavam para a linha defensiva dos franceses, de três filas de largura, apenas quebradas ali onde os canhões de campanha esperavam para disparar.

A companhia de Sharpe ia à cabeça da linha britânica. Sua missão era bastante simples. Seus homens deviam debilitar a linha inimiga antes que estourasse o ataque britânico. Para isso disparariam de posições de emboscada contra os oficiais, contra os artilheiros, minando a moral dos franceses e, para evitar que fizessem o mesmo, os franceses tinham enviado seus próprios atiradores. Sharpe os via claramente, homens com casacas azuis e correias brancas cruzadas e ombros vermelhos, homens que avançavam em duplas e esperavam a companhia ligeira. O suor escorria pelas costas de Sharpe.

Os atiradores inimigos superavam em número a sua companhia ligeira, mas ele tinha uma vantagem sobre os franceses. A maioria dos homens de Sharpe, assim como o inimigo, usava mosquetes que, ainda fossem carregados e disparados com rapidez, não eram precisos salvo a pouca distância. Mas Sharpe contava também com seus fuzileiros de casaca verde, os assassinos de longa distância, cujos rifles Baker de carga lenta decidiriam esta batalha. Os talos do capim eram grossos, puxavam suas botas, roçavam na passagem em sua bainha metálica que pesava do lado. Olhou para sua direita e viu que Patrick Harper caminhava com tanta facilidade como se passeasse pelas colinas de seu amado Donegal. Curiosamente, o sargento não olhava para os franceses, observava um falcão que sobrevoava suas cabeças. Harper era fascinado por pássaros.

Os artilheiros franceses, calcularam o tiro, carregaram os cevadores e os dois canhões de campanha empurraram para trás nas tábuas laterais, expulsaram fumaça formando uma nuvem suja e lançaram seus disparos contra a ladeira oposta. Os artilheiros tinham dado um disparo curto intencionalmente, pois uma bala de canhão podia fazer mais estrago se quicasse na altura da cintura entre os inimigos. Este tipo de tiro era

chamado de “rasante” e Sharpe o observou, vomitava capim, sujeira e pedras a sua passagem. A bala passou roçando por seus homens, ascendeu bruscamente para a colina e voltou a passar rasante antes de golpear uma fila do South Essex que vinha atrás.

— Fechem filas! Fechem filas! — Sharpe ouvia os sargentos gritarem.

O ruído começaria agora. Disparos, gritos, chiados. Sharpe os ignorava. Ouvia os canhões, mas só olhava seu inimigo. Um oficial voltigeur, com um sabre de um lado, fazia que seus homens se dispersassem e apontava para Sharpe. Sharpe sorriu brincalhão.

— Dão?

— Senhor? — respondeu Hagman alegre.

— Vê aquele sacana?

— Irei atrás dele, senhor!

O oficial francês já podia dar-se por morto. Sempre era assim. Buscar os chefes, oficiais ou homens, e matá-los primeiro. Depois disso o inimigo cambalearia.

Richard Sharpe fazia isso muito bem. Estava fazendo-o há dezenove anos, toda sua vida adulta, mais, inclusive, de meia vida, e se perguntava se alguma vez conseguiria fazer tão bem outra coisa. Poderia fazer coisas com suas mãos? Poderia ganhar a vida cultivando algo, ou era apenas isto? Um assassino no campo de batalha, legitimado pela guerra, para a qual, sabia, estava dotado. Ia calculando a distância entre os atiradores, buscando sua oportunidade, mas uma parte de sua mente se preocupava com a chegada da paz. Poderia ser soldado em tempo de paz? Seria capaz de dirigir seus homens contra uma revolta de famintos na Inglaterra ou contra os conterrâneos de Harper em sua assolada ilha? Contudo, não havia indícios do final desta guerra. Tinha durado toda sua vida, Grã-Bretanha contra a França, e se perguntava se duraria a vida de sua filhinha, Antônia, a quem via tão pouco. Vinte segundos para ir.

Os canhões já tinham adquirido ritmo, as balas golpeavam os atacantes e em poucos segundos mudariam para metralha para polvilhar a ladeira de mortos. A missão de Harper era deter isto. “Dez segundos”, pensou Sharpe, e viu um francês que se ajoelhava e levava o mosquete ao ombro. O mosquete apontava para Sharpe, mas a distância era demasiada para se preocupar. Durante um segundo Sharpe pensou no pobre alferes McDonald que tanto tinha desejado distinguir-se na linha de atiradores. Maldito Leroux.

Cinco segundos e Sharpe via o capitão adversário olhando nervoso da direita para a esquerda. A fumaça que provinha dos canhões era espessa, o ruído tritura o tímpano de Sharpe.

— Agora!

Perdera a conta do número de vezes em que havia feito isto.

— Venha! Venha!

Isto estava ensaiado. A companhia ligeira se abriu correndo, a última coisa que o inimigo esperava, e foram para a esquerda e para a direita, desconcertando a pontaria do inimigo, e depois fecharam filas para exercer pressão sobre a coragem do inimigo. Os fuzileiros foram os primeiros em deter-se, com as malvadas armas apoiando em seus ombros, e Sharpe ouviu o primeiro estalido que lançou o oficial inimigo para trás, com as mãos para o alto; o sangue lhe saiu num jorro repentino. Depois Sharpe pôs um joelho no chão, levava seu rifle ao ombro, e viu a baforada de fumaça onde estivera o homem que

lhe apontava e entendeu que a bala não havia acertado o alvo. Sharpe apontou colina acima. Procurava o coronel inimigo, viu-o a cavalo, apontou lentamente, apertou e sorriu zombeteiro ao ver que o francês caía de sua sela para trás. Este seria o último disparo de Sharpe nesta batalha. Agora faria de seus homens sua arma.

Ouviram-se mais estalidos de rifles que disparavam dentro da mancha de fumaça, ao redor do canhão mais próximo. Se pudessem matar os artilheiros, seria melhor, mas pelo menos as balas que assobiavam perto de sua arma tornariam o fogo lento e poupariam um pouco o South Essex daquela espantosa metralha.

— Sargento Huckfield! Vigie a esquerda!

— Senhor!

Os homens lutavam aos pares. Um homem disparava enquanto o outro carregava e ambos procuravam alvos para cada o outro. Sharpe viu quatro inimigos no solo, dois deles recuavam de quatro, e viu que homens ilesos se apressavam para ajudar os feridos. Isso era bom. Quando os ilesos vão ajudar seus companheiros significa que procuram uma desculpa para abandonar a luta.

Os mosquetes de Sharpe iam disparando depressa e seus homens avançavam, ao mesmo passo, enquanto o inimigo retrocedia. O canhão de campanha em frente do South Essex disparava mais lentamente, e Sharpe sorriu porque não tinha nada o que fazer. Seus homens estavam lutando como ele supunha que fariam, usando sua inteligência, fazendo o inimigo retroceder, e Sharpe olhou para trás para ver onde estava o batalhão principal.

O South Essex estava a cinquenta jardas atrás, avançavam com firmeza e usava as baionetas nos mosquetes, que brilhavam debaixo do sol; atrás deles, sobre a ladeira da colina, estavam os corpos que tinham sido destroçados pelo canhão.

— Fuzileiros! Buscar na linha principal! Matem os oficiais! Façam viúvas neste campo!

Matar os oficiais, desmoralizar a moral do inimigo. Sharpe viu que Hagman apontava, disparava e os outros fuzileiros o seguiram. O tenente Price dirigia o fogo de mosquete e impedia que os atiradores inimigos avançassem ao ordenar que disparassem por cima das cabeças dos fuzileiros. Sharpe se sentia orgulhoso de seus homens. Eram bons, muito bons, e estavam mostrando aos espectadores exatamente como devia lutar uma companhia ligeira. Passou a rir com vontade.

Encontravam-se agora ao pé da ladeira, as tropas ligeiras do inimigo retrocediam para sua linha e em poucos segundos o South Essex alcançaria a sua companhia ligeira. Faltavam umas cem jardas.

Sharpe pegou o apito da balsa, esperou alguns segundos e deu o sinal de formar em companhia. Ouviu como os sargentos repetiam o sinal, observou que seus homens se aproximavam dele correndo, pois seu trabalho como atiradores havia terminado. Agora formariam à esquerda da linha de ataque e entrariam como as outras companhias. Os homens corriam a toda velocidade para ele, puxavam com força suas baionetas para tirá-las, e ele dava palmadinhas em suas costas, dizia como tinham se saído bem. Depois de formar, a companhia marchou, foram subindo a lombada passando por cima do sangue de seus inimigos.

O canhão de campanha deixara de disparar. A fumaça estava se dispersando.

Sharpe caminhava à frente de seus homens. Sua grande espada esfregava-se contra a bainha.

A linha de franceses apontou com seus mosquetes.

As botas faziam ranger a grama à sua passagem. Fazia calor. O pó da fumaça fazia pinicar o nariz dos homens.

— Pelo que vamos receber — disse uma voz.

— Silêncio na tropa! Calem-se!

— Mantenha a formação, Mellors! O que diabos está fazendo? Ponha-se em fila, sacana inútil!

Com as botas entre o mato, a linha francesa pareceu dar meia volta à direita enquanto os mosquetes voltavam ao ombro. As bocas dos canhões, mesmo a uma distância de oitenta jardas, pareciam enormes.

— Levante a baioneta, Smith! Não está arando o maldito campo!

Sharpe escutava aos sargentos.

— Devagar, meninos, devagar!

Os oficiais franceses tinham as espadas levantadas. A fumaça de canhão se dissipara e Sharpe viu que o canhão de campanha havia desaparecido. Fora levado para longe da infantaria.

— Com calma, meninos!

Setenta jardas e as espadas francesas baixaram rapidamente e Sharpe percebeu de que tinham disparado muito cedo. A fumaça saiu ondulante das centenas de mosquetes, o ruído era como o de estacas gigantes ao cair e o ar se encheu com o tamborilar das balas. A linha de ataque se sacudiu com as balas. Alguns homens caíram para trás, alguns tropeçaram, a maioria se manteve imperturbável. Sharpe sabia que o inimigo estaria carregando freneticamente, que estaria manipulando com torpeza os cartuchos e as baquetas e ele apertou o passo instintivamente para que o South Essex pudesse encurtar a distância antes de o inimigo voltar a carregar as armas. Os outros oficiais também se apressaram e a linha de ataque começou a perder a coesão. Os sargentos gritavam.

— Não é uma corrida de obstáculos pela grama! Mantenham a formação! Cinquenta jardas, quarenta, e o major Leroy, cuja voz era duas vezes mais potente que a de Forrest, berrou para o South Essex que parasse.

Sharpe via que alguns inimigos atacavam os mosquetes. Parecia que os franceses estavam nervosos ao ver o seu inimigo tão perto.

Leroy encheu os pulmões de ar.

— Apontem os mosquetes!

Somente a companhia ligeira não estava carregada. As demais companhias apontaram e sob cada uma das bocas de arma a baioneta de dezessete polegadas apontava para os franceses.

— Fogo!

— Atacar! Venham!

O estalido daquela descarga, a fumaça, e depois os casacas vermelhas se liberaram da disciplina dos sargentos e puderam subir livremente as lâminas colina acima para massacrar o inimigo, que ficara destruído pela descarga.

— Matem esses sacanas. Em frente! Acabem com eles!

E os gritos de alento os iam conduzindo pela ladeira, gritavam, apenas desejavam alcançar os homens que os tinham ameaçado durante a longa marcha de aproximação, e Sharpe correu na frente de seus homens com sua comprida espada preparada.

— Alto! Formem filas! Depressa!

O inimigo havia ido. Fugiram das baionetas tal como Sharpe previra. Os batalhões inimigos iam correndo de volta diretamente para o grosso do exército e os casacas vermelhas ficaram ocupando a colina na qual havia mortos e feridos do inimigo. O saque já havia começado, mãos experimentadas despojavam as vítimas de suas roupas e de seu dinheiro. Sharpe embainhou a espada sem sangue. Tinham se saído bem, mas agora se perguntava o que viria depois. Mil e duzentos soldados britânicos ocupavam a colininha, eram as únicas tropas britânicas em uma planície povoada por mais de cinquenta mil franceses. Isso não era assunto seu. Acomodou-se para esperar.

— Eles fugiram! — gritava a marquesa aparentando decepção.

Lorde Spears sorriu brincalhão.

— Isso só era uma batalha de dez guinéus, querida. Por duzentas tem direito ao espetáculo completo, matança, desmembramento, pilhagem e inclusive algum estupro.

— Aí é aonde você entra, Jack?

Spears riu.

— Tenho esperado tanto por esse convite, Helena...

— Terá que esperar um pouco mais, querido — disse sorrindo. — Aquele era Richard Sharpe?

— Sim. Um autêntico herói, e tudo por dez guinéus.

— Que duvido muito que veja algum dia. É um herói de verdade? — perguntou cravando seus enormes olhos em Spears.

— Oh, céus, Sim! Totalmente autêntico. O pobre tonto deve de ter desejo de morrer. Capturou uma Águia, foi o primeiro a entrar em Badajoz e corre o rumor de que explodiu Almeida.

— Que maravilha. — Abriu o leque. — Tem ciúmes dele, não é mesmo?

Spears passou a rir, porque a acusação não era certa.

— Eu desejo uma vida longa, longa, Helena, e morrer no leito de alguma mulher muito jovem e tremendamente bela.

Ela sorriu. Seus dentes pareciam mais brancos do que nunca.

— Gostaria de conhecer um herói de verdade. Convença-o a ir ao palácio.

Spears se retorceu na sela de montar e fez uma careta porque lhe doía o braço da tipóia.

— Deseja frequentar os bairros pobres, Helena?

A mulher sorriu.

— Se fizer, Jack, o pegarei de guia. Traga-me simplesmente.

Ele sorriu ironicamente e cumprimentou.

— Sim, senhora.

Os franceses não seriam incitados a entrar em batalha. Não fizeram nenhuma tentativa de sacar os britânicos da lombada. Marmont não podia ver o que havia além da

colina e temia, com grande sensatez, atacar Wellington na posição que o inglês escolhesse.

Da colina se elevava uma fumaça que se dissipava convertendo-se em calor que brilhava debilmente sobre o capim. Os homens estavam deitados no chão e bebiam a água salobra e morna de seus cantis. Alguns fogos intermitentes ardiam provocados pelos disparos dos mosquetes, mas ninguém se movia para apagá-los com os pés. Alguns homens dormiam.

— Já acabou? — perguntou o tenente Price franzindo o cenho em direção aos franceses.

— Quer mais, Harry? — respondeu Sharpe a seu tenente sorrindo zombador.

— Digamos que esperava mais.

Price passou a rir, deu meia volta e olhou para a colina. Um oficial do estado maior cavalgava imprudentemente ladeira abaixo.

— Aí vem um tipo elegante.

— Provavelmente vão nos dizer para nos retirarmos.

Harper bocejou amplamente.

— Talvez nos ofereçam entrada livre no bordel do estado maior esta noite.

— Isabella lhe mataria, Harps! — exclamou Price passando a rir ao pensar nisso. — Deveria ser livre, como eu.

— É pela sífilis, senhor. Não podia viver com isso.

— E eu não posso viver sem isso. Ah!

Price franziu o cenho porque o oficial, em lugar de cavalgar para as bandeiras onde acharia o oficial ao comando do batalhão, dirigia-se diretamente para a companhia ligeira.

— Temos visita, senhor.

Sharpe se dirigiu caminhando ao encontro do oficial, que lhe chamou quando ainda estava a trinta jardas de distância.

— Capitão Sharpe?

— Sim!

— Chamam o senhor no quartel general. Agora mesmo! Tem cavalo?

— Não.

O jovem franziu o cenho ao ouvir a resposta e Sharpe compreendeu que estava considerando ceder seu próprio cavalo para cumprir as ordens do general. Tal pensamento não perdurou muito em sua mente ao ver quão escarpada que era a subida. O oficial sorriu.

— Terá que caminhar! O mais rápido que possa, por favor.

Sharpe lhe sorriu.

— Sacana. Harry?

— Senhor?

— Assuma o comando! Diga ao major que me ordenaram ir ver o general.

— Sim, sim, senhor! Dê-lhe lembranças de minha parte!

Sharpe se afastou da companhia, entre as fogueiras, para a ladeira cheia dos pedaços de papel rasgados dos cartuchos de seus atiradores. Leroux. Tinha que ser Leroux o que empurrava de novo Sharpe para a cidade. Leroux, seu inimigo, e o homem que possuía a

espada que ele queria. Sorriu. Logo a conseguiria.



Wellington estava furioso e os oficiais ao seu redor nervosos por sua irritabilidade. Observaram como Sharpe subia em direção ao general e cumprimentava.

Wellington franziu o cenho de sua cadeira.

— Por Deus que veio com calma, senhor Sharpe.

— Vim o mais rápido que pude, senhor.

— Maldito seja! Não tem cavalo?

— Sou um soldado de infantaria, senhor.

A resposta era insolente, uma daquelas que fazia os aristocráticos ajudantes de campo que tanto agradavam a Wellington olharem com dureza para aquele fuzileiro desalinhado com a cicatriz na cara e as armas maltratadas. Sharpe não se preocupava. Conhecia aquele homem. Tinha salvado a vida do general na Índia e a partir daquele momento surgira um estranho vínculo entre ambos. O vínculo não era de amizade, isso nunca, era um vínculo de necessidade. Sharpe necessitava de um patrão, ainda que remoto, e Wellington algumas vezes tinha a incômoda necessidade de um soldado eficiente e implacável. Ambos sentiam respeito mútuo. O general olhou para Sharpe com acritude.

— Então eles não lutaram?

— Não, senhor.

— Deus maldiga sua alma de francês. — Referia-se ao marechal Marmont. — Marchou todo este maldito caminho apenas para gabar-se diante de nós? Malditos sejam! Então conheceu a Leroux? — perguntou exatamente com o mesmo tom com o qual havia maldito aos franceses.

— Sim, senhor.

— Você o reconheceria outra vez?

— Sim, senhor.

— Bem — disse Wellington com tom pouco comprazido. — Ele não pode nos escapar, entende? Tem que capturá-lo. Entendido?

Sharpe havia entendido. Teria que voltar a Salamanca e sua missão, de repente, consistia em pegar o coronel francês de olhos pálidos que conseguira inclusive que Wellington se preocupasse.

— Entendo, senhor.

— Graças a Deus que alguém me entende. — O general estalou. — Ponho-o sob as ordens do major Hogan. Parece que tem a habilidade de fazer que lhe convoque, Deus sabe como. Bom dia, senhor Sharpe.

— Senhor? — requereu Sharpe elevando a voz pois o general já se afastava.

— O que foi?

— Tenho uma companhia inteira que o reconheceria, senhor.

— De verdade? — O mau humor de Wellington havia se convertido em um leve sarcasmo. — Quer que despoje o South Essex de uma companhia ligeira para facilitar as coisas para você?

— Há três fortes, senhor, um perímetro grande e um homem não tem olhos em toda

parte.

— Por que não? De mim esperam isso. — Wellington passou a rir, livrando-se do mau humor de forma extraordinariamente repentina. — De acordo, Sharpe, pode levar. Mas não o perca. Entendido? Não o perca.

Os olhos azuis do general reforçavam a mensagem.

— Não o perderei, senhor.

Wellington esboçou um sorriso.

— É todo seu, Hogan. Cavalheiros!

Os oficiais do estado maior seguiram a trote o general com obediência, e Hogan ficou sozinho com Sharpe. O irlandês ria com discrição.

— Você sente um profundo respeito pelos oficiais superiores, Richard, é o que faz de você um grande soldado.

— Teria chegado aqui antes se aquele sacana tivesse me dado seu cavalo.

— Provavelmente lhe custaram duzentos guinéus. Deve supor que é mais valioso do que você. Por outro lado, aquele ruminante custou dez libras e pode pegá-lo emprestado.

Hogan apontava para seu criado, que levava um cavalo de reserva para eles. Hogan havia se antecipado à chegada de Sharpe a pé e esperava enquanto o fuzileiro subia torpemente na sela.

— Sinto aquele pânico, Richard.

— E difundiu o pânico?

— Deus, claro. Seu pedaço de papel o provocou.

Sharpe odiava ir a cavalo. Gostava de controlar seu destino, mas parecia que os cavalos não compartilhavam aquele desejo. Ele o fez apertar o passo com cautela, com a intenção de que acompanhar o passo do animal de Hogan e sem saber como conseguiu colocar-se na frente.

— A lista?

— Não lhe era familiar?

— Familiar? — Sharpe se surpreendeu franzindo o cenho. Só o que se recordava era de uma lista de nomes espanhóis com umas somas de dinheiro ao lado. — Não.

Hogan deu uma olhada para trás para se assegurar de que seu criado não podia ouvi-los.

— Era minha letra, Richard.

— A sua? Oh, céus! — Sharpe apalpava com as mãos as rédeas enquanto que sua bota direita havia saído do estribo. Nunca havia conseguido entender como a gente conseguia fazer parecer fácil cavalgar. — Como diabos Leroux conseguiu uma lista escrita pelo senhor?

— Essa é uma pergunta para alegrar uma manhã chata. Como diabos o conseguiu? Comerciantes de cavalos! — Disse essas últimas palavras com tom depreciativo, como se Sharpe tivesse a culpa.

O fuzileiro conseguira voltar a meter o pé no estribo.

— O que era?

— Temos informantes, não? Aos milhares. Quase cada sacerdote, doutor, alcaide, sapateiro, ferreiro e qualquer um que você queira nos manda notícias soltas dos franceses.

Marmont não pode dar um peido sem que nos digam em dez mensagens. Algumas delas, Richard, são mensagens realmente boas e outras nos custam dinheiro. — Hogan fez uma pausa quando passaram diante de uma bateria de artilharia. Devolveu a saudação de um tenente, depois voltou a olhar para Sharpe. — A maioria deles o faz por patriotismo, mas uns poucos necessitam de dinheiro para manter sua lealdade intacta. Aquela lista, Richard, era a lista de pagamentos do mês de abril. — O tom e o aspecto de Hogan eram amargos. — Isso significa, Richard, que alguém de nosso quartel general trabalha para os franceses, para Leroux. Deus sabe quem! Temos cozinheiros, lavadeiras, cavaleiros, secretários, criados, sentinelas, qualquer um! Céus! Eu acreditava que simplesmente a tinha extraviado, mas não.

— E daí?

— E daí? Daí que Leroux abriu caminho com essa lista. Matou a maioria deles de formas realmente horríveis e, ainda que isso seja mau, o pior ainda está por vir. Um homem que estava naquela lista, um sacerdote, sabia algo que eu teria preferido que não soubesse. E agora, eu acredito que Leroux o sabe.

Sharpe não disse nada. Seu cavalo ia esquipando bastante alegremente, dirigia-se para o oeste pela vereda atrás da colina. Deixaria que Hogan explicasse sua triste história a seu próprio ritmo. O major irlandês enxugou o suor do rosto.

— Leroux, Richard, está realmente a ponto de nos fazer um verdadeiro estrago. Podemos nos permitir perder uns poucos sacerdotes e alcaides, mas isso não é o que Leroux quer. Podemos nos permitir perder a Colquhoun Grant, mas tampouco isso é o que Leroux veio fazer aqui. Há uma pessoa, Richard, que não podemos perder. Essa é a pessoa pela qual Leroux veio.

Sharpe franziu o cenho.

— Wellington?

— Ele também, talvez, mas não. Wellington não. — Hogan sacudi irritado uma mosca. — Isto é algo que não deveria lhe explicar, Richard, mas lhe explicarei um pouquinho, o suficiente para que veja a importância de você impedir que o safado escape dos fortes. — Fez uma pausa para pôr em ordem seus pensamentos. — Já lhe disse que temos informantes por toda a Espanha. São úteis, Deus sabe quanto, mas temos informantes muito mais valiosos. Temos homens e mulheres na Itália, Alemanha, França, e na própria Paris! Gente que odeia a Bonaparte e que quer nos ajudar, e o fazem. Um regimento de lanceiros sai de Milão e nós ficamos sabendo em duas semanas, e sabemos aonde se dirigem e como são seus cavalos e inclusive o nome da amante de seu coronel. Se Bonaparte grita com um general, nós ficamos sabendo, se pede um mapa da Patagônia nós nos informamos. Às vezes penso que sabemos mais do império de Bonaparte que ele mesmo, e tudo isso, Richard, graças a uma pessoa que vive em Salamanca. E essa pessoa, Richard, é a pessoa a quem Leroux veio buscar. E quando a tenha encontrado, a torturará, descobrirá todos os nomes dos correspondentes na Europa e de repente ficaremos cegos.

Sharpe sabia que não devia perguntar quem era aquela pessoa. Esperou.

Hogan deu um sorriso forçado.

— Quer saber quem é? Bem, não lhe direi. Eu sei, Wellington sabe e uns poucos

espanhóis sabem, porque são os responsáveis de passar as mensagens para Salamanca.

— O sacerdote sabia?

— Sim. O sacerdote que estava em minha lista sabia e agora, que Deus o tenha em sua glória, está morto. A maioria dos mensageiros não sabe o verdadeiro nome, apenas conhecem o nome em código. O Mirante.

— O Mirante — repetiu Sharpe.

— Sim. O Mirante, o melhor espião ao serviço dos britânicos, e nossa missão é impedir que Leroux pegue O Mirante. E a maneira mais fácil de consegui-lo, Richard, é detendo Leroux. Tentará escapar, isso eu sei, e posso supor quando o fará.

— Quando?

— Durante o ataque que façamos aos fortes. Não pode fazê-lo em outro momento. Temos rodeadas aquelas fortalezas, mas na confusão da batalha, Richard, ele já o terá planejado. Detenha-o!

— Isso é tudo? Detê-lo? Capturá-lo?

— Isso é tudo, mas não o subestime. Capture-o e me entregue, e eu lhe prometo que o coronel Leroux não voltará a ver a luz do dia até que esta guerra tenha acabado. Nós o encerraremos tão bem que desejará não ter nascido.

Sharpe pensou em tudo isso. Não seria tão difícil. A Sexta Divisão tinha cercado os fortes, e mesmo durante um ataque o cordão de homens rodearia o terreno baldio. Tudo o que devia fazer, ou um de sua companhia, era reconhecer Leroux entre os prisioneiros. Sorriu para Hogan com desejo de animá-lo.

— Considere-o feito.

— Se você o diz, Sharpe, farei isso. — Era um compromisso muito bom.

Tinham se aproximado da colina onde haviam se agrupado os espectadores, e Sharpe olhou à direita e viu um rosto sorridente que avançava para ele sobre um cavalo feroz, mas bem montado. Inclusive com uma só mão lord Spears era um cavaleiro mais elegante do que Sharpe. O cavaleiro estava de bom humor.

— Michael Hogan! Por Deus! Está mais sério que um padre, senhor! O que foi feito de seu espírito irlandês? De sua atitude despreocupada frente ao esforço diário da vida?

Hogan olhou para o cavaleiro com certa indulgência.

— Jack! Como vai o braço?

— Muito bem, senhor. Como no dia em que nasceu. Continuo usando a tipóia para que não me mande trabalhar. Richard Sharpe! Estive observado como trabalha sua companhia. Estão pletóricos!

— São bons.

— E estão ambos convidados para um piquenique. Agora. — disse sorrindo.

— Para um o quê? — perguntou Hogan franzindo o cenho.

— Um piquenique. É uma palavra francesa, mas suponho que logo nós a usaremos. Para os senhores, toscos que não sabem francês, significa uma refeição simples e leve ao ar livre. Temos frango, presunto, salsichas, um bolo delicioso e, o melhor de tudo, vinho. Nós, certamente, refiro-me à marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba e eu. Os senhores estão particularmente convidados.

Hogan sorriu. Parecia que o fato de Sharpe ter aceitado a responsabilidade com

relação à Leroux lhe tirasse um peso de cima.

— A marquesa! Já é hora de me relacionar com a aristocracia!

— E eu, o que sou? — perguntou Spears com aspecto agravado. — Não sou o bastante nobre para o senhor? Meu Deus! Quando meus antepassados comeram do fruto proibido no Éden se empenharam em que lhes fosse servido em bandeja de prata. Vai vir? — ele perguntou a Sharpe.

Sharpe deu de ombros. Hogan insistia em ir, assim que Sharpe se viu obrigado, e ainda que um parte dele ansiasse voltar a ver a marquesa, outra, a maior parte dele, temia o encontro. Odiava ver-se tentado por coisas que não podia possuir, e sentiu que se punha de mau humor ao ir subindo a colina atrás de Hogan e Spears.

A marquesa os viu se aproximando. Levantou a mão languidamente para saudá-los.

— Capitão Sharpe! Por fim aceitou um de meus convites!

— Estou com o major Hogan, senhora.

Um instante depois de dizer isso lamentou. O que quis dizer era que não vinha de boa vontade, que não era seu escravo, mas por suas palavras parecia que o obrigassem a ir. Ela sorriu.

— Devo agradecer ao major Hogan. — Voltou-se com seu grande beleza para o irlandês. — Nós nos conhecemos, major?

— Certamente, senhora. Em Cidade Rodrigo, eu recordo.

— Eu também, foi realmente encantador.

— Os irlandeses normalmente o são, senhora.

— É uma pena que os ingleses não tenham aprendido com seus vizinhos.

A dama olhou para Sharpe que estava sentado, desgraçado, sobre seu incômodo cavalo. Voltou a sorrir para Hogan.

— Está bem?

— Certamente, senhora, e obrigado, senhora. A senhora? Seu marido?

— Ah, meu marido! — Abanou o rosto. — O pobre Luis está na América do Sul, reprimindo uma de nossas rebeliões coloniais. É um absurdo. Os senhores estão aqui para liberar nosso país, enquanto que Luis está fazendo o contrário em algum lugar. — Passou a rir e voltou a olhar para Sharpe. — Meu marido, capitão Sharpe, é um soldado, como o senhor.

— Verdade, senhora?

— Bem, não exatamente igual ao senhor. É muito mais velho, muito mais gordo e se veste muito melhor. Também é general, assim que não é exatamente igual ao senhor. — A dama deu umas palmadinhas no assento de couro da carruagem entre ela e sua acompanhante. — Tenho vinho, capitão, não virá comigo?

— Estou bastante cômodo, senhora.

— Não parece, mas caso se empenhe...

A mulher sorriu. Era, tal como ele recordava, de uma beleza deslumbrante. Era um sonho, algo de uma elegância excelente, algo que fazia Sharpe se sentir ofendido, pois achava que sua beleza era constrangedora. Ela ainda lhe sorria.

— Jack diz que o senhor é um autêntico herói, capitão Sharpe.

— Em absoluto, senhora.

Perguntava-se se deveria ir buscar a sua companhia e apresentar desculpas ao major Forrest, que se sentiria tremendamente infeliz por perder suas tropas ligeiras.

Lorde Spears passou a rir a gargalhadas.

— Que não é um herói! Fixe-se! Encanta-me!

Sharpe franziu o cenho, incomodado, e olhou para Hogan em busca de ajuda.

O irlandês lhe sorriu brincalhão.

— O senhor conseguiu uma Águia, Richard.

— Com Harper, senhor.

— Oh, vamos! O herói modesto! — Lorde Spears estava se divertindo. Imitava a voz de Sharpe. — Tudo foi um acidente. A Águia apenas caiu, justamente em minhas mãos. Eu estava colhendo flores silvestres naquele momento. Depois me perdi em Badajoz. Achava que ia a uma procissão e aconteceu que penetrei pela brecha. Muito mau. — Spears passou a rir. — Maldito seja, Richard! Se inclusive salvou a vida do general!

— De Arthur? — perguntou a marquesa, e olhou para Sharpe com interesse. — Onde? Como?

— Na batalha de Assaye, senhora.

— A batalha de Assaye! O que é isso? Onde foi?

— Na Índia, senhora.

— E o que se passou?

— Seu cavalo foi ferido por uma lança, senhora. Ocorre que eu estava ali.

— Oh, que Deus nos assista! — exclamou Spears com sorriso amável. — Ele somente rechaçou um ataque de milhares de malditos infiéis, e diz que passava por ali.

A vergonha de Sharpe ia aumentando. Olhou para Hogan.

— Deveria ir para buscar a minha companhia, senhor.

— Não, Richard, não deveria. Isso pode esperar. Eu tenho sede, você tem sede, e sua senhoria nos está oferecendo gentilmente vinho. — Inclinou-se para a marquesa. — Com sua licença, senhora. — Estendeu a mão para a garrafa que a dama de companhia segurava.

— Não, major! Jack o fará. Tem modos de servente, não é assim Jack?

— Sou seu escravo, Helena.

Spears pegou a garrafa alegremente, enquanto Hogan dava uma taça a Sharpe. O cavalo de Sharpe tinha se separado alguns pés da carruagem, em busca de capim mais fresco, e Sharpe alegrava-se por a marquesa não puder ouvi-lo. Bebeu o vinho com rapidez, estava realmente abrasado de sede e descobriu a Hogan junto a seu cotovelo. O irlandês sorria compassivo.

— Ela faz que você saia em retirada, Richard. O que se passa?

— Não é meu lugar, senhor, né? Meu lugar é ali — disse assinalando com a cabeça colina abaixo lá onde o South Essex se relaxava sobre a lombada.

Os franceses não se moviam.

— É apenas uma mulher que tenta ser agradável.

— Sim.

Sharpe pensou em sua mulher, aquela beleza de cabelo negro que desprezaria esse luxo aristocrático. Deu uma olhada para a marquesa.

— Como é que fala inglês tão bem?

— Helena? — Mesmo Hogan, captou Sharpe, parecia que a conhecia bem o suficientemente para chamá-la por seu nome de batismo. — É meio inglesa, de pai espanhol, mãe inglesa, e educada na França. — Hogan bebeu de sua taça. — Seus pais morreram na época do Terror, horroroso, e Helena conseguiu escapar para a casa de um tio, em Saragoça. Depois se casou com o marquês de Casares o Grande e Melida Sadaba e é imensamente rica. Casas por toda a Espanha, um par de castelos e uma muito boa amiga nossa, Richard.

— De que estão falando? — perguntou ela dirigindo-se a eles, e Hogan fez girar seu cavalo.

— Trabalho, senhora, somente trabalho.

— Isto é um piquenique, não um refeitório de oficiais. Venha!

Fez que Spears servisse mais vinho para Sharpe e este o bebeu tão depressa como a primeiro taça. A tacinha de cristal era ridiculamente pequena.

— Está sedento, capitão?

— Não, senhora.

— Tenho muitas garrafas. Um pouco de frango?

— Não, senhora.

Ela suspirou.

— O senhor é difícil de agradar, capitão. Ah! Ali está Arthur! — Wellington regressava para o oeste seguindo a vereda que havia atrás da colina.

Spears girou sobre sua sela para olhar ao general.

— Dez contra um que sobe até aqui para vê-la, Helena.

— Ficaria surpresa se não o fizesse.

— Sharpe! — gritou Spears sorrindo brincalhão. — Dois guinéus de que não vem?

— Não faço apostas.

— Eu sim! Céus! Já perdi a metade de meu maldito patrimônio.

— A metade? — disse a marquesa passando a rir. — Todo íntegro, Jack. Todo íntegro e muito mais. O que deixará para seus herdeiros?

— Eu não sou casado, Helena, assim que nenhum de meus bastardos pode se considerar meu herdeiro. — Lançou um beijo para a dama. — Se seu querido marido morresse, eu suplicaria à senhora de joelhos. Acho que faríamos um belo casal.

— E quanto duraria minha fortuna?

— Sua beleza é sua fortuna, Helena, e está a salvo para sempre.

— Que bonito, Jack, e que falso.

— Foi o que disse o capitão Sharpe, querida, eu não fiz nada mais que repeti-lo.

Seus enormes olhos se dirigiram para Sharpe.

— Que bonito, capitão Sharpe.

Ele estava ruborizando por culpa da mentira de Spears, e para ocultá-lo puxou bruscamente as rédeas e se pôs a olhar fixamente para os franceses, que estavam inativos. Lorde Spears o seguiu e lhe falou em voz baixa.

— Você a deseja, não é mesmo?

— É uma mulher bonita.

— Meu querido Sharpe. — Spears se avançou e fez o cavalo do fuzileiro dar alguns passos. — Se a quer, prove. — Passou a rir — Não se preocupe comigo. Ela não quer nem me ver. É muito discreta, nossa Helena, e não vai permitir que Jack Spears saia alardeando pela cidade que se meteu em seu leito. Deveria preparar um ataque, Sharpe!

Sharpe estava furioso.

— Quer dizer que os amantes tomados de entre os criados calam porque estão agradecidos?

— Quem disse isso foi você, amigo, não eu.

— Verdade.

— E se o sabe é porque talvez esteja certo. — Spears seguia mostrando-se amável, mas suas palavras eram vulgares e contundentes. — Algumas pessoas acham que a carne servida aos criados é melhor que a que se serve no salão de banquetes.

— A marquesa? — perguntou Sharpe olhando para seu elegante rosto.

— Ela consegue o que quer, você consegue o que eu quero. — Sorriu. — Estou lhe fazendo um favor.

— Sou casado.

— Deus nos livre! E reza a cada noite?

Spears passou a rir sonoramente, depois se virou, pois alguns sons de cascos de cavalo anunciavam a chegada de Wellington á frente de seu estado maior. O general freou, tirou o chapéu e depois lançou uma olhada gelada para Spears e para Sharpe.

— Você está bem escoltada, Helena!

— Querido Arthur! — exclamou a dama estendendo-lhe a mão. — Você me desapontou!

— Eu? Como?

— Eu vim para ver uma batalha...!

— Todos nós também. Caso tenha alguma queixa deve dirigi-la a Marmont. O tipo se nega redondamente a atacar!

Ela o olhou com uma cara feia.

— Mas eu desejava tanto ver uma batalha!

— Já a verá, já a verá. — Deu umas palmadinhas no pescoço de seu cavalo. — Apostaria que os franceses escapularão esta noite. Eu lhes dei uma oportunidade e eles a recusaram, assim que amanhã tomaremos aqueles fortes.

— Aqueles fortes! Poderei vê-lo do palácio!

— Pois então, reze para que Marmont escapula esta noite, Helena, porque se o fizer vou montar um verdadeiro ataque para você. Tanta batalha como você queira!

Ela aplaudiu.

— Em tal caso darei uma festa amanhã pela noite. Para celebrar sua vitória. Virá?

— Para celebrar minha vitória? — perguntou Wellington, que parecia realmente frívolo na presença da dama. — Certamente que irei!

A mulher assinalou com a mão para todos os cavaleiros que se amontoavam ao redor da elegante carruagem.

— Todos os senhores hão de vir! Inclusive o senhor, capitão Sharpe! Tem que vir!

O olhar de Wellington se cruzou com o de Sharpe. O general lhe sorriu.

— O capitão Sharpe estará ocupado, amanhã pela noite.

— Então que venha quando tenha acabado seu trabalho. Bailaremos até o amanhecer, capitão.

Sharpe percebeu, ainda que sem saber se era intencional, uma sutil zombaria nos olhos que o observavam. “Amanhã.” “Amanhã” enfrentaria Leroux, “amanhã” lutaria por aquela espada e Sharpe sentiu o desejo de lutar. Venceria Leroux, àquele coronel que tinha feito que o medo se estendesse entre os britânicos; enfrentá-lo-ia, lutaria contra ele e depois de capturá-lo o arrastaria para o terreno baldio. “Amanhã” lutaria e estes aristocratas presunçosos o observariam do palácio da marquesa e de repente Sharpe soube que recompensa queria por enfrentar o coronel Philippe Leroux. Não somente a espada. Isso obteria de qualquer maneira como butim de guerra, mas outra coisa. Conseguiria a mulher. Sorriu para a dama pela primeira vez e cumprimentou com a cabeça.

— Amanhã.



Alguns exploradores da cavalaria regressaram cansados para a cidade na madrugada da terça-feira. O exército de Marmont havia se deslocado para o norte durante a noite. Os franceses abandonaram a guarnição dos fortes da cidade, agora esperariam o momento oportuno com a esperança de que em algum momento, durante o verão, pegariam a Wellington desprevenido e poderiam travar uma batalha com eles determinando as condições.

As fortalezas já não eram de utilidade para Wellington. Não fizeram Marmont apresentar-se à batalha para resgatá-las e tinham detido o aprovisionamento usando a comprida ponte romana, de maneira que as fortalezas seriam destruídas. A marquesa teria sua batalha e Sharpe teria que buscar Leroux entre os prisioneiros. Se houvesse prisioneiros. O general havia custado pouco prometer à marquesa um assalto às três construções, mas Sharpe entendia que os defensores não iam se render facilmente. Estivera observando durante um tempo as construções isoladas pelo terreno baldio e quanto mais as olhava menos lhe agradavam.

O terreno deserto estava partido por um profundo barranco que ia em direção sul para o rio. À direita do barranco ficava o forte francês mais distante, o São Vicente, enquanto que à esquerda se achavam os fortes da Mercê e o de São Caetano. Um ataque a qualquer dos três fortes receberia a investida dos canhões dos outros dois.

As três construções eram conventos até que os franceses expulsaram as freiras e converteram aquele canto da cidade em uma praça forte. Há quase uma semana os conventos sofriam o fogo dos canhões britânicos; contudo a artilharia lhes causara poucos danos. Os franceses haviam preparado bem as construções.

Com o material das casas que rodeavam os conventos e que eles arrasaram tinham feito um rudimentar talude que fazia as balas quicarem por cima e sobrevoassem as fortificações defensivas. Tinham muralhas com contrafortes atrás do profundo fosso que rodeava cada convento e por cima das localizações dos canhões e dos refúgios das tropas tinham construído tetos grossos e enormes. Cada teto era como uma enorme caixa cheia de terra, desenhada para absorver as bombas dos morteiros britânicos que caíam do céu com fumaça ondulante. As guarnições francesas estavam cercadas, presas, mas penetrar nelas os custaria aos britânicos.

Sharpe fez sua companhia formar, não de forma totalmente casual, no exterior do palácio Casardes. As enormes portas permaneciam abertas e mostravam o pátio central em cujo centro a água de uma fonte chapinhava. O pátio era pavimentado e cheio de jardineiras com flores, e Sharpe ficou olhando fixamente por entre as sombras dos arcos para a grande porta na parte superior das escadas principais. A casa parecia deserta. Umas esteiras grossas de palha pendiam das janelas para impedir que o sol penetrasse, e a água da fonte era o único sinal de movimento naquela casa grande e rica.

Por cima da entrada, na muralha exterior alta e sem adornos, destacava-se o mesmo escudo de armas que decorava a porta da carruagem trabalhado na pálida pedra dourada. Por cima, no alto, Sharpe viu que cresciam plantas na parte superior do muro, o que

evidenciava a existência de um balcão, ou mesmo de um jardim, no terraço; e era dali, supôs Sharpe, de onde a marquesa observaria, por cima dos telhados, do terreno baldio e dos fortes. Não é que fosse ver grande coisa. O ataque teria lugar com a última luz do dia. Sharpe teria preferido um ataque noturno, mas Wellington os temia, recordava como tinham estado juntos o desastre e o êxito na noite em que entrou em Seringapatam, já fazia muito tempo.

Afastou o olhar da casa e a dirigiu para sua companhia, sabia que aquela mulher já lhe obcecava. Achava ridículo, uma ambição de proporções descomedidas, mas a tinha metida na cabeça. Seu trabalho consistia em matar Leroux para proteger a figura desconhecida de O Mirante, contudo, sua mente estava com a marquesa.

— Senhor? — Harper ficou-se. — Companhia pronta para a revista, capitão!

— Tenente Price!

— Senhor?

— Armas, por favor.

Sharpe confiava em seus homens. Nenhum deles entraria em batalha com as armas inservíveis. Price podia revisá-las, puxar as pederneiras ajustadas, tocar os fios das baionetas, mas não encontraria nada. Sharpe ouvia que as tropas de assalto entravam em forma. Eram tropas ligeiras, o melhor de cada batalhão, e estavam se concentrando longe do terreno baldio pois esperavam que o repentino ataque pegasse os franceses de surpresa. Os canhões de sítio seguiam disparando. Havia trazido quatro canhões do dezoito atravessando os vauz até a cidade que martelavam contra as fortificações com enormes balas de ferro.

— Escutem-me — começou a falar. — Não estamos aqui para heroísmos. Nosso trabalho não é capturar as fortalezas, entendido? — Eles assentiram com a cabeça. Alguns sorriram. — As outras companhias ligeiras se ocuparão disso. Nosso trabalho consiste em encontrar a um homem, o homem que capturamos. Assim que ficarmos detrás do ataque. Se pudermos, andaremos de um lado, longe da linha de fogo. Não quero baixas. Mantenham as cabeças abaixadas. Ordem de escaramuça durante todo o caminho. Se capturarmos as fortificações, nosso trabalho é buscar prisioneiros. Pelotão normal. Não quero que ninguém vá por sua conta. Não há recompensas, assim que não se façam de heróis. E lembrem. Aquele sacana matou o jovem McDonald e o coronel Windham. É perigoso. Se o encontrarem, ou se acharem tê-lo encontrado, amarrem-no firme. Pagarei dez guinéus por sua espada.

— E se valer mais, senhor?

Essa era a voz de Batten; o lamuriante e resmungão Batten, sempre insatisfeito. Harper se encaminhava para ele, mas Sharpe o deteve.

— Vale bem mais que isso, Batten, provavelmente vinte vezes mais, mas se a vender a alguém que não seja eu lhe porei para cavar latrinas durante o resto desta maldita guerra. Entendido?

Os outros sorriram. Um soldado raso não podia pretender vender uma espada valiosa em um mercado público. Seria acusado de tê-la roubado e a condenação por roubo podia ser a forca. Alguns sargentos pagariam mais, mas não muito mais, e lucrariam em Lisboa. Dez guinéus eram uma boa quantia, mais que o soldo de um ano depois de fazer as

deduções, e a companhia sabia que era uma boa oferta.

Sharpe voltou a elevar a voz.

— Sem baionetas. Carregados, mas as pederneiras baixadas. Não queremos que saibam que vamos. Se dispararem um mosquete nos darão metralha para o jantar. — Fez um sinal para Harper com a cabeça. — Meia volta para a direita, você sabe aonde vamos.

— Meia volta, volver! — gritou Harper.

— Capitão Sharpe! — Era o major Hogan, que se apressava pela bateria principal onde se ouviam os canhões de dezoito libras.

— Senhor! — respondeu Sharpe quedando-se e cumprimentando. À frente na companhia se mostravam formais, corretos.

— Boa sorte! — gritou Hogan sorrindo para os homens.

Eles o conheciam bem, os fuzileiros tinham passado duas semanas com ele antes de serem obrigados a unirem-se ao South Essex, os casacas-vermelhas o recordavam de Badajoz e das noites em que tinha ido buscar a companhia de Sharpe. O major irlandês olhou para Sharpe, ficou de costas para seus homens e fez um gesto de resignação.

— Que tenham sorte.

— Boa, não?

— Não. — Hogan sorveu pelo nariz. — Algum idiota desordenou os suprimentos de munições. Temos uns quinze cartuchos para cada canhão! Mas que diabos!

Sharpe entendeu que se referia aos grandes canhões de dezoito libras.

— E os morteiro?

Hogan havia sacado sua caixa de rapé e Sharpe esperou até que o major inalasse uma pitada. Espirrou.

— Pelo amor de Deus! — voltou a espirrar. — Malditos morteiro! Não vão poder afetar aquele maldito lugar! Cento e sessenta cartuchos para seis canhões. Assim não se pode fazer a guerra!

— Não é otimista.

— Otimista?

Hogan esperou enquanto um canhão do dezoito disparava uma de suas apreciadas e escassas munições.

— Não. Mas convencemos ao general de que ataque apenas a fortificação central. Estamos disparando para ela.

— São Caetano?

Hogan consentiu com a cabeça.

— Se pudermos tomá-la, poderemos construir nossas próprias baterias lá e disparar para as outras. — Deu de ombros. — A surpresa é tudo, Richard. Se não nos esperam... — Se voltou a encolher os ombros.

— Talvez Leroux não esteja no São Caetano.

— Provavelmente não esteja lá. É provável que esteja no grande. Mas nunca se sabe. Quem sabe se rendem todos com a queda do central.

Sharpe deduziu que podia ser uma noite muito longa. Se os outros fortes decidissem que a resistência era inútil, as negociações de rendição podiam durar horas. Tinha, calculou ele, uns mil homens nas três guarnições, e seria difícil buscar na escuridão. Deu uma

olhada dura para o palácio Casares, que estava atrás dele. Era possível, sem dúvida, que não conseguisse chegar a tempo. Hogan captou o olhar.

— Convidado?

— Para a celebração? Sim.

— Como toda a cidade. Apenas desejo que haja algo para celebrar.

Sharpe sorriu com ironia.

— Nós os pegaremos de surpresa.

Deu uma olhada ao redor e viu que sua companhia marchava por um beco e fez um gesto indicando-a com o polegar por em cima do ombro.

— Devo ir.

Trezentos e cinquenta homens, as companhias ligeiras de duas brigadas da Sexta Divisão, estavam apertados em uma rua que se estendia atrás das casas que ficavam de frente para o terreno baldio. Era a proteção mais próxima da fortificação central, São Caetano, mas ninguém, salvo um punhado de oficiais, tinha permissão para olhar o terreno que tinham que cobrir. A surpresa o era tudo. Havia vinte escadas, cada uma delas rodeada do grupo que a carregava, e seriam os primeiros a correr a toda pressa as duzentas jardas que havia até o fosso da fortaleza. Saltariam ao interior do buraco e depois colocariam as escadas contra a paliçada.

Sharpe ouvia o estalido dos rifles que assustavam as andorinhas que voavam no crepúsculo. Havia fuzileiros que tinham cercado os fortes durante os seis dias seguintes à entrada do exército em Salamanca, viveram com total desconforto nos buracos pouco profundos do terreno baldio, disparando de sua posição oculta para as canhoneiras francesas. Tudo parecia normal naquele entardecer. Os franceses não podiam ter detectado nada incomum no ritmo do sítio. Os grandes canhões disparavam de forma intermitente, os rifles estalavam, e ao desvanecer-se a luz também o fizeram os sons dos disparos. Parecia, pensou Sharpe, uma noite apazível nos três fortes construídos sobre a colina que se elevava sobre o rio Tormes, que corria lentamente.

Um grande sargento com a cara cheia de cicatrizes puxou o travessão de uma das escadas. Este se arqueou e se partiu, e o sargento cuspiu mal-humorado contra uma muralha.

— Esta merda de madeira verde!

Harper carregava sua arma de sete canos, media cuidadosamente a pólvora que extraía do cevador. Levantou a vista e sorriu para Sharpe.

— Vi aquele sacerdote irlandês enquanto o senhor conversava com o major, senhor. Desejou-nos sorte.

— Curtis? Como diabos ele sabe? Eu pensava que isto era um segredo.

Harper deu de ombros, depois bateu a culatra de sua enorme arma contra o solo.

— Provavelmente deve ter visto aquela turma entrar. — Indicou com sua cabeça as companhias ligeiras. — Não têm aspecto de terem vindo precisamente a um baile do regimento.

Sharpe se sentou para esperar, com a cabeça reclinada contra o muro e o rifle carregado entre seus joelhos. Naquela noite tão perfeita de verão, em que a luz que se desvanecia ia convertendo-se em um cinza translúcido, era estranho pensar na imensa

guerra secreta que ensombrava a guerra de canhões e espadas. Como o sacerdote soubera que este ataque ia acontecer nessa noite? Havia também espiões franceses em Salamanca que saberiam e podiam já ter avisado às fortalezas? Sharpe supôs que poderia ser. Era possível que os franceses estivessem preparados, esperando ansiosos o primeiro ataque para desbaratá-lo com metralha.

Sharpe apenas tinha visto um espião francês. Era um espanhol pequenino, alegre e generoso, que se fazia passar por vendedor de limonada aos arredores de Fontes de Oñoro. Era um cabo de um dos regimentos espanhóis que lutavam com os franceses, e Sharpe vira como o enforcaram. Morreu com dignidade, com um sorriso nos lábios, e Sharpe se perguntava a valentia que requeria esse tipo de homem. O Mirante, supunha Sharpe, tinha essa valentia. Vivera em Salamanca sob a ocupação francesa, e apesar disso tinha seguido enviando seu fluxo de informação para as forças britânicas que estavam em Portugal. Esta noite, Sharpe lutava por esse homem valente, por O Mirante, e levantou a vista para a luz tênue e percebeu de que o ataque começaria logo.

— Sharpe? — Um oficial de patente maior o olhava. Sharpe se levantou imediatamente e cumprimentou.

— Senhor?

— General de brigada Bowes. Estou ao comando esta noite, mas pelo que entendi que tem suas próprias ordens.

Sharpe consentiu com a cabeça. Bowes olhou com curiosidade para aquela estranha figura, vestida metade de oficial e metade de fuzileiro. O general de brigada estava contente.

— Alegro-me de que esteja conosco, Sharpe.

— Obrigado, senhor. Espero que possamos ser úteis.

Bowes fez um gesto assinalando para o forte oculto.

— Há uma trincheira mal acabada para as primeiras setenta jardas. Isso nos protegerá. Depois, que seja o que Deus quiser. — Olhou com sincera admiração para a coroa que Sharpe usava na manga. — Não é a primeira vez que faz uma coisa destas.

— Badajoz, senhor.

— Isto não será tão duro.

Bowes seguiu seu caminho. Os soldados estavam em pé, ajustavam as casacas, comprovavam obsessivamente os últimos detalhes antes da batalha. Alguns tocavam os talismãs pessoais, outros se benziam, e a maioria deles mostrava aquela alegria forçada que tenta ocultar o medo.

Bowes deu umas palmadas. Era um homem baixo, de forte compleição e subiu em um batente que havia junto a uma das casas.

— Recordem, meninos! Em silêncio! Em silêncio!

Esta era a primeira batalha da Sexta Divisão na Espanha e os homens escutavam ansiosos, queriam impressionar o restante do exército.

— As escadas primeiro. Atrás de mim!

Sharpe disse a seus homens que esperassem. Harper capitanearia o primeiro pelotão, depois o tenente Price, o sargento McGovern e o sargento Huckfield se ocupariam dos outros. Sorriu-lhe brincalhão. Huckfield era novo na companhia, desde Badajoz tinha sido

ascendido e provinha de uma das outras companhias. Sharpe se lembrou de quando, sendo ainda soldado raso, Huckfield tentou amotinar-se antes de Talavera. Huckfield devia a vida a Sharpe, mas tinha saído ganhando. Era um homem consciencioso e firme, bom com os números e com os livros da companhia, e a recordação daquele distante dia, fazia três anos, em que Huckfield quase conseguiu que o batalhão se amotinasse estava borrado e parecia irreal.

A rua foi se esvaziando, os soldados encheram o terreno baldio e Sharpe continuava esperando. Não queria que sua companhia se misturasse com as outras. Quase conteve a respiração para ver se ouvia os primeiros disparos, mas era uma noite silenciosa.

— Bem, meninos. Permaneçam em silêncio.

Passou primeiro pela passagem que havia entre as casas, o piso descia para um buraco profundo que fora feito quando os escavadores tinham expulsado uma das baterias de flanco. Os canhões do nono permaneciam em silêncio atrás das faxinas. Diante dele via as companhias, apertadas no interior da trincheira pouco profunda. Não a fizeram para o ataque, na realidade eram os restos de uma ruela e dava cobertura porque as casas desmoronadas de ambos os lados constituíam um monte de entulhos. Não se atrevia a levantar a cabeça para olhar São Caetano. Tinham a esperança de que os franceses estivessem sonolentos, que não esperassem problemas, mas não tinha motivo para supor que os sentinelas estivessem menos alerta porque a noite estava em silêncio.

Uma escada, lá na frente, chocou-se contra os entulhos e se ouviu o ruído de pedras soltas ao cair. Ele ficou imóvel, aguçou os sentidos esperando a reação do inimigo, mas a noite seguia silenciosa. Ouviu-se um suave ruído de fundo, incessante, e percebeu que era o burburinho da água ao se chocar contra os pilares dos arcos da ponte. Ouviu uma coruja, no lado sul do rio. O céu era de um cinza perolado, ao oeste pintado de carmesim, o ar era quente depois do calor do dia. Sabia que a gente de Salamanca estaria passeando formando círculos na grande praça, bebendo vinho e conhaque, e que na cidade seria uma noite de grande beleza. Wellington esperava, temia que o fator surpresa se houvesse perdido, e de repente Sharpe pensou na marquesa, ali acima no telhado ou no balcão, observando as sombras escuras no terreno baldio. Um sino deu às nove e meia.

Ouviu em sua frente chiados e estalidos e compreendeu que os atacantes estavam pondo as baionetas para sair correndo da cobertura e precipitar-se pela bagunça que constituía o terreno baldio até São Caetano. O tenente Price viu Sharpe e lhe fez um gesto assinalando uma das baionetas de seus homens. Sharpe sacudiu a cabeça em sinal de negação. Não queria que as lâminas revelassem a posição de sua companhia, bastante atrás, e de toda forma não seriam de utilidade no ataque ao forte.

— Avançar! — a voz de Bowes rompeu o silêncio.

Ouviram-se passos rápidos e a rua desabada que se estendia na frente de Sharpe se encheu do ofegar de corpos que subiam engatinhando pelos entulhos. Este era o momento perigoso, a primeira aparição, pois se os franceses estavam preparados e os esperavam, os canhões disparariam e dizimariam o ataque.

Dispararam.

Nas fortificações havia canhões pequenos, alguns de quatro libras que foram capturados e eram velhos, mas mesmo um canhão pequeno, carregado com metralha,

pode repelir um ataque. Sharpe já conhecia bem as cifras. O pote de metralha de um canhão de quatro libras era uma lata repleta de balas, sessenta ou oitenta por pote, e ao ser disparada o enlatado explodia na boca do canhão e as balas se espalhavam em forma de cone. A trezentas jardas da boca do canhão o cone teria noventa pés de largura, muitas probabilidades para um homem que estivesse na linha de fogo, mas nenhuma se os cones de vários canhões se cruzassem. São Caetano, à frente do ataque, apenas tinha quatro canhões, mas São Vicente, do outro lado do barranco e o forte maior, poderia contribuir com vinte para dizimar o flanco do ataque britânico.

Todos dispararam. Primeiro um, segundos depois o restante, e o ruído dos canhões era diferente, mais grave que o normal, como mais sólido. Sharpe olhou horrorizado para Harper.

— Estão duplamente carregados!

Harper consentiu com a cabeça e deu de ombros. Dois potes de metralha por canhão, com umas setenta balas cada um, e vinte e quatro canhões disparando. Sharpe escutava o inferno metálico que ia cruzando os entulhos e tentou calcular números. Três mil balas de mosquete, pelo menos, deram as boas-vindas ao ataque, dez para cada homem, e no silêncio que se fez depois da descarga ouviu os gritos dos feridos e o estalido dos mosquetes proveniente das canhoneiras dos franceses. Não podia ver nada. Olhou para os de sua companhia.

— Fiquem aqui!

Subiu pelo lado da rua com entulhos, foi rodando para o cume e achou refúgio atrás de uma viga de madeira. Bowes estava vivo, empunhava o sabre e encabeçava o ataque.

— Avançar! Avançar!

Alguns grupos com escadas, milagrosamente vivos, surgiram do solo para onde tinham se lançado em busca de proteção e começaram a abrir passagem entre a bagunça de pedras. Cada escada media trinta pés, eram pesadas naquele terreno escurecido, mas os homens se moviam e atrás deles outros avançavam para o escuro vulto que era São Caetano.

Os atacantes aclamavam, mantinham-se firmes apesar da primeira descarga esmagadora, e Sharpe achou um milagre que tantos tivessem saído com vida dos cones. Deslizou seu fuzil para frente, olhou, e então ressoou a segunda descarga dos franceses.

Esta descarga era mais desigual que a primeira. Os artilheiros carregavam tão rápido como podiam, um só pote de metralha, e as dotações mais rápidas disparariam primeiro. As balas assobiavam ao surgir das frestas, ressoavam sobre as pedras, volteavam os mortos e os feridos criando certa confusão, e Sharpe maldisse aos franceses. “Eles sabiam! Eles sabiam! Não tinha sido surpresa!” Tinham carregado os canhões com o dobro de metralha, tinham as mechas preparadas e o ataque não tinha chances. A metralha explodia e estendia a morte entre os atacantes, um canhão depois do outro, os disparos eram de um em um ou em grupinhos e as balas de chumbo martelavam como a chuva pesada contra as pedras, a madeira e os corpos que havia no terreno baldio. Os dois fortes estavam envolvidos por anéis de fumaça. O terceiro, longe de Sharpe, a sua esquerda, permanecia em silêncio pois, e ainda que parecesse um insulto, seus canhões não eram necessários. Agora ouvia aos franceses, que celebravam o trabalho realizado

enquanto os artilheiros empurravam as armas, carregavam e disparavam, carregavam e disparavam, e as chamas surgiam do outro lado do fosso, partiam a fumaça e lambiam a metralha que despedaçava.

— Rifles!

Não podiam fazer grande coisa, mas qualquer coisa era melhor que ficar olhando tal massacre. Voltou a gritar.

— Rifles!

Seus fuzileiros passaram em tropel por cima dos entulhos. Havia treinado a uma meia dúzia dos casacas vermelhas no manejo dos rifles Baker, armas que haviam restado dos homens mortos nos três últimos anos, e esses também foram. Harper se deixou cair junto dele com as sobranceiras arqueadas e Sharpe lhe assinalou o forte mais próximo.

— Buscar as canhoneiras!

Talvez pudessem matar um ou dois artilheiros, não era grande coisa, mas pelo menos era algo. Ouviu os primeiros disparos, ele mesmo disparava quando a fumaça mostrava um alvo, mas o ataque já tinha terminado. Os britânicos não sabiam ainda. Os homens seguiam avançando, com os ombros agachados como se abrissem passagem por uma tormenta, e iam largando os mortos e os feridos sobre o terreno. Os gritos penetravam o som discordante dos canhões e Sharpe resmungava a cada nova descarga de metralha para que uma bala acabasse com aqueles gritos. Bowes seguia em pé, seguia indo à cabeça, empunhando seu sabre contra os artilheiros, e atrás e de cada lado os sobreviventes não queriam abandonar. Agora estavam dispersos e eram menos vulneráveis à chuva de projéteis, mas eram muito poucos para aspirar uma vitória. Um grupo com escada inclusive chegou a cruzar o fosso. Sharpe viu como saltavam dentro, ouviu os mosquetes que disparavam desde a paliçada, e então viu o general de brigada, desenhando-se contra a cortina de fumaça que se estendia; e acertaram Bowes. Parecia que dançava ali mesmo, sacudia os pés para manter-se direito e seu sabre caiu quando agarrou o estômago com as mãos. Jogou a cabeça para trás gritando, outros disparos o lançaram para frente e ele seguia tentando manter-se em pé, e então foi como se um pote inteiro de metralha açoitasse aquela figura trêmula, derrubou-o totalmente e de repente o terreno baldio ficou vazio daqueles homens que corriam. Os atacantes haviam se escondido, derrotados, e os franceses se zombavam deles, insultavam e o fogo dos canhões se extinguiu.

Já não havia mais homens para se lançar ao ataque, salvo a companhia de Sharpe, e não ia sacrificá-los diante dos artilheiros. Em Badajoz o exército tinha seguido atacando, uma e outra vez contra um fogo pior que esse, em um lugar mais reduzido, até que para Sharpe pareceu que toda a metralha do mundo não teria podido seguir matando a torrente de homens que saía para as brechas. Este ataque tinha se iniciado com trezentos e cinquenta homens e já não havia mais nenhum. Tinha terminado. A fumaça dos canhões converteu o crepúsculo em uma noite falsa e os franceses lançaram um foguete aceso, palha bem apertada e empapada em óleo e enrolada em uma lona, por cima da mureta. Ouviram-se alguns gritos procedentes do terreno baldio.

— Recuar! Recuar!

Alguns homens se expuseram aos disparos, levantaram-se e passaram a correr. Os

franceses permaneciam em silêncio. Outros homens se armaram de coragem e os sobreviventes foram iniciando pouco a pouco a retirada. Os franceses seguiam sem disparar, contentes de que os britânicos tivessem se dado por vencidos, e os homens iam parando para recolher os feridos. Sharpe olhou para seus fuzileiros.

— Para trás, garotos.

Eles permaneciam em silêncio, abatidos. Estavam acostumados com a vitória, não com a derrota, mas Sharpe sabia que os tinham atraído. Olhou para Harper.

— Sabiam que viríamos.

— Provavelmente. — O enorme irlandês estava afrouxando a pederneira de sua arma, com o qual não tinha disparado. — Carregaram os canhões com o dobro de metralha. Eles sabiam.

— Gostaria de agarrar o sacana que lhes disse.

Harper não respondeu. Fez um gesto para frente deles e Sharpe viu um homem, cambaleando entre o entulho, que se aproximava para eles. Tinha punhos vermelhos do 53º regimento, o de Shropshire, e seu rosto era da mesma cor que seu uniforme. Sharpe se levantou, pendurou o rifle e chamou aquele homem.

— Aqui! Por aqui!

Parecia como se o homem não ouvisse nada. Ia caminhando quase como um bêbado, ziguezagando sobre as pedras, e Sharpe e Harper correram para ele. O homem gemia. Brotava sangue de sua cabeça.

— Não vejo!

— Tudo ficará bem!

Sharpe não podia ver o rosto daquele homem através do sangue. Suas mãos, sem o mosquete, seguravam o estômago. Parecia que ouvia a Sharpe, aquela cabeça empapada em sangue procurava sua voz e depois caiu nos braços de Sharpe. Solto as mãos e a casaca e as calças de Sharpe ficaram empapadas de sangue.

— Não importa, garoto, não importa!

Deitaram-no e ele começou a se afogar. Harper o virou, limpou-lhe a garganta com um dedo e olhou para Sharpe sacudindo a cabeça. O homem do Shropshire vomitou sangue, gemia e voltava a murmurar que não via. Sharpe destampou seu cantil, jogou água sobre seus olhos e o sangue, que empapava uma ferida de metralha na testa, foi se limpando lentamente.

— Tudo ficará bem!

Os olhos se abriram, depois se fecharam de imediato quando um espasmo de dor o sacudiu e pareceu que o sangue manava do diafragma. Harper rasgou o uniforme do homem.

— Deus salve a Irlanda!

Era um milagre que ainda estivesse com vida.

— Aqui!

Sharpe se desatou a faixa de oficial, deu-a a Harper e este a passou por debaixo do corpo, pegou o extremo e atou como se fosse uma espécie de bandagem ao redor da horrível ferida. Olhou para Sharpe.

— Pela cabeça ou pelos pés?

— Pés.

Pegou o homem pelos tornozelos, levantaram-no e abriram passagem com aquele peso pelas casas. Havia outros homens que iam mancando pelas pedras. Os franceses permaneciam em silêncio.

Estenderam o homem na rua, cheia agora outra vez de gente, e Sharpe chamou gritando pelos músicos. O soldado se debatia entre a vida e a morte, o ar lhe chiava na garganta e parecia impossível que pudesse sobreviver àquelas feridas. Sharpe voltou a gritar.

— Músicos!

Um oficial com o uniforme incólume de poeira ou sangue e com os punhos e os galões dourados impolutos passou olhando para Sharpe.

— Dale. Sem mosquete. — Ia ditando para um secretário com óculos.

— O quê? — Disse Sharpe virando-se para olhar o tenente.

Harper elevou a vista ao céu e depois olhou para o sargento McGovern. Os dois sargentos sorriram. Conheciam a Sharpe e sabiam de seu temperamento.

— Equipamento comprovado.

O tenente olhou para o rifle de Sharpe, depois para a grande espada e logo para o ombro do fuzileiro.

— Desculpe-me, senhor.

— Não — respondeu Sharpe assinalando com a cabeça para o ferido. — Pensa em lhe cobrar?

O tenente olhou ao seu redor buscando escapatória ou ajuda, depois suspirou.

— Ele perdeu seu mosquete, senhor.

— Um disparo dos franceses o destroçou — disse Sharpe com voz calma.

— Estou seguro de que poderá pô-lo por escrito, senhor.

— Não. O senhor porá. O senhor estava lá fora, não é mesmo?

O tenente engoliu saliva nervoso.

— Não, senhor.

— Por que não?

— Senhor! Ordenaram-me que ficasse aqui, senhor!

— E ninguém lhe ordenou que amargasse a vida dos homens que iam, não? De quantas batalhas já participou, tenente?

O tenente percorreu com os olhos o círculo de rostos sinistros e curiosos. Deu de ombros.

— Senhor?

Sharpe estendeu a mão até o cabo secretário e lhe tirou a caderneta da mão.

— Escreva "destroçado pelo inimigo" antes de tudo, entendido? Tudo. Inclusive as botas que perderam na semana passada.

— Sim, senhor — respondeu o tenente ao mesmo tempo em que pegava a caderneta de Sharpe e a dava ao secretário. — Já ouviu o homem, Bates. "Destroçado pelo inimigo."

O tenente se afastou caminhando de costas.

Sharpe observou como partia. Não tinha descarregado sua ira e queria dar um golpe em alguém, em algo, porque os homens morreram por causa de uma traição. Os

franceses estavam preparados, alguém lhes preveniu do ataque e eles tinham perdido homens bons; voltou a gritar.

— Músicos!

Dois deles, que estavam fazendo seu trabalho no campo de batalha, que era ocupar-se dos feridos, chegaram e se agacharam junto ao ferido Dale. Levantaram-no com torpeza e o colocaram em uma maca. Sharpe reteve um deles quando estavam a ponto de partir.

— Onde fica o hospital?

— No colégio Irlandês, senhor.

— Cuidem dele.

— Sim, senhor — disse o homem encolhendo os ombros.

“Pobre Dale — pensou Sharpe —, ver-se atraindo para sua primeira batalha.” Se chegasse a sobreviver receberia baixa do exército por invalidez. Seu corpo destroçado, inútil, seria enviado para Lisboa e ali teria que apodrecer no cais até que os burocratas comprovassem que dera conta de todo seu equipamento. Qualquer coisa que faltasse seria descontada de seu miserável pagamento e apenas quando as contas fechassem o meteriam em um transporte repugnante e o enviariam de barco para um cais inglês. Ali o abandonariam, tendo cumprido com a obrigação do exército, ainda que com sorte pudessem lhe dar um documento de viagem que prometia reembolso a qualquer paróquia que lhe desse de comer enquanto viajava de regresso para sua casa. Normalmente não consideravam o papel e os tiravam da jurisdição com uma ordem de ir mendigar em outro lugar. Para Dale talvez fosse melhor morrer do que enfrentar tudo isso.

O tenente Price cumprimentou Sharpe com precaução, pois percebia sua raiva.

— Ordem de romper filas, senhor?

— De romper filas e de embriagar-se, tenente.

Price sorriu aliviado.

— Sim, senhor. Revista?

— As nove em ponto.

Harper ainda percebia a raiva contida de Sharpe, mas ele não temia a ira do capitão. Indicou seu uniforme com a cabeça.

— Não pretende ir a uma jantar de gala esta noite, senhor?

Seu uniforme estava empapado com o sangue de Dele, escuro com fundo verde. Sharpe resmungou. Esfregou-lhe inutilmente. Tinha previsto ir ao palácio Casardes e então pensou em quanto a marquesa desejara uma batalha; ela a havia tido e agora poderia ver o aspecto de um verdadeiro soldado em lugar das roupas cheias de ouro e prata dos que se consideravam combatentes. O uniforme de Harper também estava manchado de sangue, mas Harper era esperado por Isabella, e de repente Sharpe se sentiu cansado de ficar só e desejava a mulher de cabelo dourado; sua raiva era tal que o levaria até o palácio para ver o que sucedia. Olhou para o sargento irlandês.

— Eu lhe verei pela manhã.

— Sim, senhor.

Harper olhou como Sharpe se afastava e suspirou.

— Alguém vai ter problemas.

O tenente Price deu uma olhada para o enorme sargento.

— Deveríamos ir com ele?

— Não, senhor. Acho que ele quer uma briga. Aquele tenente não lhe deu oportunidade, por isso vai à busca de outra. — Harper sorriu brincalhão. — Dentro de um par de horas estará de volta, senhor. Deixe que se desafogue. — Harper levantou o cantil oferecendo-o a Price e deu de ombros. — À saúde de uma noite feliz, senhor. Uma noite feliz e sangrenta.

S harpe tinha decidido ir ao palácio da marquesa, mas sua firmeza foi fraquejando à medida que se aproximava. Contudo, dissera a Harper que não voltaria até de manhã, e o que não queria era ter que escapular com o rabo entre as pernas, assim que seguiu caminhando. A cada passo se preocupava mais com o estado em que estava seu uniforme.

As ruas estavam cheias dos homens das companhias ligeiras que esperavam a ordem de romper filas enquanto se fechavam as listas definitivas. Os feridos, em macas e carretas, eram transportados para as facas dos cirurgiões e ainda restavam muitos mortos no terreno baldio. Os que não estavam feridos tinham uma expressão amarga e furiosa, e os cidadãos de Salamanca se apressavam por entre as sombras, desviando o olhar com a esperança de que os soldados não descontassem sua ira nos civis desvalidos.

As portas abobadadas do palácio Casardes estavam completamente abertas, viam-se trêmulas pela luz que projetavam as chamas das velas e Sharpe, assim como os cidadãos temerosos, ficou na sombra do outro lado da rua. Apoiou-se contra o muro e estirou a casaca empapada de sangue. Abotoou os botões de cima e tentou ajeitar o colarinho, que fazia tempo tinha perdido a forma, e arrumou-lhe em torno do pescoço. Queria vê-la.

Viam-se velas no saguão. A luz salpicava com a fonte que havia no centro do pátio. O tanque estava rodeado pelas silhuetas de uniformes britânicos, uniformes de oficiais, e enquanto a maioria deles estava tomando ar, ou fumando um charuto no frescor da noite, outros vomitavam sem remédio sobre as lajotas. Ao que parece, a derrota não perturbara a celebração. O pátio estava envolto em luz, nas janelas antes ocultas queimavam velas e a música chegava docemente até o outro lado da rua. Não era o esmurrar da música militar, nem o som grosseiro das tabernas de soldados, mas o tilintido fino e delicado da música dos ricos. Música tão cara como um lustre de cristal, e Sharpe compreendeu que se atravessasse a rua e passasse sob o arco alto, para o saguão, se sentiria tão estrangeiro e estranho como se mergulhasse na corte do rei da Tartária. A casa estava iluminada para uma festa, os ricos brincavam e os mortos, que jaziam destroçados pela metralha apenas a um quarto de milha de distância, pareciam nunca terem existido.

— Richard! Não acredito! É você? — Era lorde Spears que estava na entrada. Tinha um charuto na mão com o qual lhe fez sinais. — Richard Sharpe! Venha aqui, safado! Sharpe sorriu, apesar de seu humor e cruzou a rua.

— Meu lorde.

— Deixará de me tratar de “meu lorde”? Parece um maldito tendeiro! Meus amigos me chamam de Jack, meus inimigos como querem. Vai entrar? Foi convidado. Não é que importe muito, todo mundo da cidade está aqui.

Sharpe mostrou seu uniforme.

— Temo que não esteja bem vestido.

— Deus! O que quer dizer em estar bem? Eu estou bêbado como um gambá e perdi o juízo.

Tal como Sharpe via, Spears se mantinha em pé com dificuldade. O cavaleiro pegou Sharpe pelo braço com a mão boa, prendeu o charuto entre os dentes e conduziu Sharpe para o interior do pátio.

— Deixe-me dar uma olhada. — Fez Sharpe parar sob a luz, girou-o e o olhou de cima abaixo. — Deveria trocar de alfaiate, Richard, o que tem está lhe roubando de forma descarada! — Sorriu brincalhão. — Um pouco de sangue, isso é tudo. Venha aqui! — Lançou o charuto no tanque e com a mão boa foi jogando água no uniforme de Sharpe e o foi esfregando. — Como foi lá fora?

— Sangrento.

— Já vejo! — estava de joelhos, dando palmadas nas calças de Sharpe. — Custou-me um rim.

— Como?

Spears levantou a vista e sorriu.

— Apostei cem em que você entrava no forte antes de meia-noite. Perdi.

— Reais?

Spears se levantou e inspecionou o trabalho que tinha realizado.

— Reais espanhóis, Richard? Sou um cavaleiro. Guinéus, bobo.

— O senhor não tem cem guinéus.

Lorde Spears deu de ombros.

— Uma pessoa tem que guardar bem as aparências. Se soubessem que estou tão duro como uma puta virgem me desacreditariam.

— De verdade?

Spears consentiu com a cabeça.

— De verdade, de verdade. E nem ao menos sei como indenizá-la pela perda. —

Inclinou a cabeça, continuava inspecionando Sharpe — Não está mau, Richard, não está mau. As armas dão um toque rústico ao conjunto, mas acho que podemos melhorar. — Deu uma olhada no pátio e viu sir Robin Callard, bêbado como uma gambá, que desabara junto a umas flores. Spears sorriu. — Maldito Robin Callard, meu Deus! Nunca aguentou a bebida. — Dirigiu-se para o oficial do estado maior caído. — Eu fui ao colégio com este porquinho feio. Urinava na cama. — Spears se agachou e puxou Callard. — Robin? Querido Robin?

Callard teve náuseas, jogou-se para frente e Spears segurou sua cabeça entre os joelhos. Quando o tinha dobrado tirou a pelica de cavalaria que usava nos ombros, depois puxou a gravata. Estava presa. Callard suspendeu a cabeça e a gravata afrouxou, o bêbado protestou, mas Spears voltou a baixá-la, puxou com mais força e a gravata se soltou. Spears voltou para onde Sharpe estava.

— Aqui. Ponha isto.

— E ele?

— Que diga o que queira. Você a põe, Richard, e amanhã a joga. Se este sacana acordar e quiser que lhe devolva o empurraremos de cabeça no poço negro. Achará que está de volta em casa.

Sharpe passou a gravata pelo colarinho, pôs nos ombros a pelica vermelho-escuro debruada de pele negra, de forma que pendia pelo lado esquerdo. Spears sorriu irônico ao

ver o efeito que produzia, passou a rir quando Sharpe pendurou o rifle sobre a vestimenta decorada.

— Está arrebatador. O que acha ir buscar algo a que arrebatá-lo?

O salão estava cheio de oficiais e de gente da cidade e Spears abriu passagem entre eles, dando gritos para os amigos e cumprimentando indiscriminadamente. Girou-se para olhar para Sharpe.

— Já comeu?

— Não.

— Aquilo é uma sala de jantar! Deveria meter a cabeça dentro!

Sharpe se encontrava em um aposento amplo, iluminado por milhares de velas, e sobre as paredes pendiam grandes e escuras pinturas a óleo que mostravam homens com armaduras solenes. Uma mesa se estendia de um lado a outro da sala junto a uma parede e estava coberta com uma toalha de mesa branca e pilhas de pratos. A metade da comida não sabia nem o que era; passarinhos, marrons depois de sair do forno, que jorravam um molho claro e pegajoso, e junto deles uma bandeja com frutos estranhos, fantasticamente decorados com folhas de palmeira e brilhantes pedaços de gelo, que os criados suados iam repondo enquanto corriam de um lado para o outro da mesa. Sharpe pegou um peito de ganso, mordeu e descobriu que estava faminto. Pegou mais um enquanto observava aquela estranha multidão.

A metade era de oficiais. Havia britânicos, alemães, espanhóis e portugueses, e o colorido de seus uniformes cobria toda a paleta de um pintor. Os outros eram civis, ricamente vestidos e sombrios, e os homens, supôs Sharpe, superavam em número às mulheres em cinco para um. Um grupo de oficiais dos dragões britânicos tinha inventado um jogo no extremo oposto da sala, lançavam pãezinhos como se fossem bombas de morteiro para cima da multidão, de maneira que caíam de forma indiscriminada por entre um sóbrio grupo de espanhóis que faziam de conta que os canhões de pão fossem apenas uma invenção de sua imaginação. Spears gritava quando disparavam e lhes corrigia o tiro, avisava da queda do disparo e depois, encantado com o jogo, lançou um frango assado inteiro em um grupo. Iam cantando as ordens. “Escovilhão! Carregar! Cavar! Retroceder! Fogo!” O frango sulcou o ar girando e jorrando, depois desceu e caiu oblíquo sobre a elevada manta e o elaborado penteado de uma matrona espanhola. A dama balançou levemente para frente, aparentemente sem prestar atenção aos gritos de júbilo dos dragões, e seus acompanhantes olharam em silêncio para o interior de seu penteado destroçado, oco e com arame. Parecia que aqueles restos desprendiam um pouco de pó. Um dos homens se inclinou, arrancou uma asa de frango e começou a mastigá-la.

Spears fez um sinal para Sharpe com a mão.

— Bem, Richard, não acha divertido?

Sharpe abriu passagem entre a multidão.

— O general está aqui?

— O que acha? — Spears apontou para os oficiais de cavalaria. — Não se atreveriam se ele estivesse aqui. Não, dizem que não virá. Está lambendo as feridas, por assim dizer, de alguma maneira — Spears gritou por cima do ruído da gente.

Sharpe foi apresentaram aos oficiais de cavalaria, um torvelinho de nomes,

afabilidade, rostos pouco memoráveis, e depois ele o empurrou até a entrada, para o fundo da sala, e de lá para cima por uma escada enorme que se dividia em duas grandes curvas pelos lados de uma estátua. A estátua, que representava uma decorosa donzela segurando um cântaro, tinha sido coroada com um chapéu britânico.

Sharpe pensara que o aposento onde ficava a comida era a sala principal do palácio, mas no final da escada lhe fizeram passar por uma porta e entrar em um salão que o deixou sem respiração. Era grande como uma sala de instrução de cavalaria, revestida com pinturas enormes, com um teto de gesso trabalhado e iluminada com grandes lustres, cada um deles como um universo de velas, e o cristal brilhava e deslumbrava, brilhava e surpreendia, por cima dos uniformes dos oficiais (ouro e prata, galões e correntes) e acima dos vestidos e das jóias das mulheres.

— Deus! — deixou escapar.

— Também Ele se desculpou — disse Spears sorrindo com ironia. — Gosta?

— É incrível!

— Ela se casou com um dos diabos mais ricos da Espanha, e o mais chato.

Spears se inclinou de repente para um civil de meia idade.

— Meu lorde!

O civil cumprimentou gravemente a Spears com a cabeça.

— Meu lorde!

Era inglês, gorducho, com rosto furioso. Olhou para Sharpe de cima abaixo inquisitivamente com o monóculo levantado. O uniforme de Sharpe ainda estava molhado de sangue e água.

— Quem é você?

Spears se adiantou a Sharpe.

— É Callard, senhor. Recorda-se dele?

Sua senhoria fez um sinal com a mão para Sharpe para que se separasse.

— Temos que manter as aparências, Callard, e você está uma vergonha. Retire-se e troque-se.

Sharpe sorriu.

— Eu lhe arrancarei a traquéia desse pescoço gordo se não afastar da porta esse traseiro gordo em dois segundos.

O sorriso havia disfarçado a tremenda raiva com a qual golpeou o homem. Por um segundo pareceu que o homem gorducho ia protestar, e logo partiu, movendo seu traseiro de um lado para o outro e deixando Sharpe irritado e lorde Spears quase sem poder conter o riso.

— Deus, você é único, Sharpe. Sabe quem era?

— Pouco me importa.

— Percebi. Lorde Benfleet, um de nossos políticos que veio para temperar um pouco este meridional. Gostará de saber que seu apelido é lorde Bumfleet⁽⁴⁾. Venha. — Agarrou Sharpe pelo cotovelo e o conduziu à parte superior das escadas. — A quem conhecemos por aqui? A quem mais você pode molestar?

Uma orquestra tocava sobre um estrado situado em um grande arco rematado com

uma concha dourada. Parecia que os músicos, com as cabeças com peruca e inclinadas, arranhavam obsequiosos para a massa que ia girando. Entre as pessoas que estavam na pista Sharpe viu os hábitos escuros de clérigos elegantes, com os rostos avermelhados por causa da bebida e da boa comida. Um dos rostos não estava vermelho. Sharpe viu as sobancelhas fartas e logo uma mão se levantou para cumprimentá-lo do outro lado do aposento. Spears viu o gesto.

— Você o conhece?

— Curtis. É catedrático nesta universidade.

— É um maldito traidor.

— Ele é o quê? — Sharpe perguntou assombrado com a repentina seriedade na voz de Spears. — Traidor?

— Irlandês de merda. Sabe Deus, Richard, alguns irlandeses me caem bem, mas outros me reviram as tripas. E com este é assim.

— Por quê?

— Lutou contra nós, sabia? Quando os espanhóis estavam do lado dos franceses ele era capelão em um barco da armada. Apresentou-se como voluntário quando soube que iam lutar contra os ingleses. Inclusive se vangloria disso!

— Como sabe?

— Porque o general em uma noite tinha muitos desses que chamam cidadãos eminentes ao jantar, entre eles a sua maldita eminência irlandesa, e se queixaram da qualidade da refeição. Deviam lhe dar um tiro.

Sharpe olhou para os que dançavam e onde Curtis estava escutando um oficial espanhol. Parecia que o irlandês brotava nos lugares mais imprevisíveis. Fizera os cidadãos que disparavam em Leroux cessarem o fogo e nesta mesma noite dissera a Harper que sabia do ataque iminente. Um irlandês que não sentia amor pelos ingleses. Sharpe tirou isso da cabeça. Via espões por toda parte, quando na realidade o que importava era a derrota absoluta de Leroux.

Sharpe não se sentia à vontade naquele aposento. Não era seu mundo. Os músicos, depois de fazer uma breve pausa, voltaram a tocar outra vez e os homens cumprimentavam as mulheres, levavam-nas até a pista e lorde Spears lhe sorriu brincalhão.

— Dança?

— Não.

— Não sei por que achava que diria isso. É muito fácil, Richard. Você vai movendo os pés, fazendo parecer sabe o que faz e vai aproximando suas cinturinhas para você. Uma volta pela pista e saberá se está com sorte. Deveria tentar!

Mergulhou entre a multidão e Sharpe se deu a volta, pegou uma taça de um criado que passava e procurou um canto onde pudesse ficar para beber o vinho.

Sentia-se fora de lugar. Não era só a roupa. Qualquer homem, supunha, podia fazer que um alfaiate o vestisse como um senhor, mas não era só uma questão de dinheiro. Como aprendia um homem que talher pegar primeiro entre uma dúzia de facas e garfos? Ou a bailar? Ou como manter uma conversa superficial com uma marquesa, brincar com um bispo, ou mesmo dar ordens a um mordomo? Dizia-se que isso se trazia no sangue,

disposto por Deus; contudo, adventícios de baixo berço como Napoleão Bonaparte tinham chegado ao brilhante cume da nação mais rica da terra. Ele perguntara uma vez ao major Leroy, o americano legalista, se não havia diferenças sociais nos novos Estados Unidos, mas o major passara a rir, cuspira um pedaço de charuto e lhe dissera com solenidade:

— “Consideramos que estas verdades são evidentes, que todos os homens são iguais.” Sabe o que é isto?

— Não.

— A Declaração da Independência. — Leroy cuspiu outro pedaço de tabaco da língua.

— A metade dos sacanas que assinou isso tinha escravos, a outra metade correria antes de apertar a mão de um criminoso. Não. Dentro de cinquenta anos todos quererão ter títulos. Barões de Boston e duques de Nova York. Será assim.

E Sharpe, de pé sob uma miríade de velas que se refletiam, supôs que Leroy tinha razão. Caso se pegasse a cada pessoa do aposento e a abandonasse, como a Robinson Crusoe, em uma ilha deserta, ao cabo de um ano haveria um duque, cinco barões, e o resto seria servo. Mesmo os franceses tinham restaurado a aristocracia! Primeiro a mataram, como tinham matado aos pais da marquesa, e agora Bonaparte fazia de seus marechais príncipes disto e duques daquilo, e ao seu pobre e honesto irmão o havia feito rei da Espanha!

Sharpe olhava os rostos sudorosos que sobressaiam dos colarinhos apertados, as grossas coxas ajustadas nos uniformes militares, os vestidos ridículos das mulheres. Tirem-lhes o dinheiro, supôs, e serão iguais a qualquer um, mais brandos talvez, mais fracos, mas o dinheiro e a linhagem lhes davam algo do que ele carecia. Uma segurança? Uma facilidade para mover-se entre as douradas águas da sociedade? Tinha que se preocupar? Poderia abandonar o exército, quando a guerra terminasse, e Teresa teria uma casa para ele em Casatejada entre os extensos campos de sua família. Não teria que dizer nunca mais “meu lorde”, ou “senhor”, ou sentir-se inferior na presença de um tonto elegante, e sentiu uma raiva ante a injustiça da vida e, ao mesmo tempo, a determinação de que chegaria um dia em que o respeitariam. “Que apodreçam!”

— Richard! Já vai?

Spears saiu com uma volta da pista de baile, subiu os dois degraus para dirigir-se até onde estava Sharpe e o levou para junto de uma garota pequena de cabelo negro e faces vermelhas e brilhantes.

— Cumprimente a Maria.

— Senhorita — disse Sharpe inclinando-se.

— Somos formais — assinalou Spears sorrindo com ironia. — Não se vai, verdade?

— Eu já ia.

— Não pode, querido! De nenhuma maneira. Ao menos terá que cumprimentar a marquesa. Aproximar seus excelentes dedos por seus lábios, murmurar “encantado” e elogiar de sua roupa.

— Diga-lhe de minha parte que está maravilhosa.

Não a vira, ainda que a tenha procurado em ambos os salões.

Spears jogou-se par trás fingindo resignação.

— Você é um inosso, Richard. Não me diga que o herói de Talavera, o conquistador

de Badajoz, desliza de volta para seu catre solitário a rezar umas orações pelos cachorrinhos coxos e os órfãos! Divirta-se! — Fez um gesto indicando a garota. — Você a quer? Provavelmente seja tão pura como dizem. De verdade! Pode ser sua! Há um monte ali embaixo.

Maria, que obviamente não falava nem uma palavra de inglês, olhava o rosto bonito de Sharpe com devoção.

Sharpe se perguntava por que Spears se mostrava tão amigável. Talvez sua senhoria necessitasse de um braço forte que o protegesse de seus credores ou talvez, tal como falara da marquesa, Spears gostava da companhia dos que eram de uma classe social inferior. Fosse o que fosse, não importava.

— Já vou. Foi um dia muito comprido.

Spears deu de ombros.

— Se é assim, Richard. Se é assim... Eu tentei.

— Obrigado, meu lorde.

Sharpe deu uma última olhada pela sala de baile, para as pessoas deslumbrantes que giravam em círculos sob os grandes lustres e percebeu que ter ido ali fora uma bobagem. A marquesa não era sua recompensa. Havia sido um presunçoso. Cumprimentou Spears com a cabeça, virou-se e se dirigiu caminhando para o patamar superior. Parou junto à estátua com o chapéu sobre a cabeça e olhou fixamente para o teto grande e cheio de pinturas, e não pôde imaginar o que seria possuir a centésima parte de um centésimo de toda aquela riqueza. Voltaria e explicaria a Harper.

— Senhor?

Um criado estava junto dele. O homem estava distante, usava libré e tinha um olhar arrogante.

— Sim?

— Por aqui, senhor — disse o homem puxando Sharpe pela manga para um tapete pendurado na parede.

Sharpe sacudiu a mão, grunhiu e observou que o criado se alarmava.

— Senhor! Por favor! Por aqui!

Sharpe percebeu de repente que o homem devia repetir as palavras de quem dava ordens na casa. A marquesa. Seguiu o homem para o tapete pendurado. O criado deu uma olhada pelo patamar, assegurando-se de que ninguém observava e então levantou com rapidez um canto da grande tela. Atrás desta havia uma portinha aberta.

— Senhor?

A voz do homem manifestava presteza. Sharpe entrou pelo dintel e o laçao ficou no patamar e deixou que o tapete voltasse ao seu lugar. Sharpe estava sozinho, muito sozinho, rodeado por uma escuridão absoluta e fechada.



Ficou quieto, o ar fresco batia em um lado de seu rosto e o ruído da farra estava amortecido pelo grosso tapete. Estendeu lentamente a mão esquerda, notou que a porta estava aberta e a fechou. As dobradiças estavam bem lubrificadas. Foi se movendo sem fazer ruído até que a fechadura encaixou e se ouviu o clique; então Sharpe se apoiou contra a porta e deixou que seus olhos se acostumassem à escuridão.

Estava em um pequeno patamar de forma quadrada entre duas escadas. A sua direita as escadas desciam para a mais completa escuridão, a sua esquerda subiam e no extremo superior viu um quadrado pálido que podia ser o céu noturno se não fosse porque, curiosamente, era frisado e não havia estrelas nele. Dirigiu-se para a esquerda, subiu lentamente, as botas rangiam sobre os degraus de pedra até que foi dar em um amplo balcão.

Viu então por que não vira as estrelas. A parte aberta e o telhado do balcão eram cobertos por uma gelosia por onde trepavam frondosas plantas que proporcionavam mais frescura ao balcão. Os talos das plantas eram guiados de maneira que ficavam amplos vãos entre eles e Sharpe se aproximou do espaço que tinha mais perto e apoiou o extremo do chapéu contra a gelosia para poder olhar. A gelosia se moveu. Retrocedeu; percebeu que era formada por uma série de portas de dobradiça e que qualquer uma delas podia ser aberta para que o sol desse sobre os azulejos. A cidade se estendia a seus pés, a luz cinzenta da lua se refletia nas pedras e nas lajotas e o fulgor dos fogos avermelhava alguns dos edifícios.

A sacada estava vazia. Havia umas esteiras no centro que formavam um pequeno caminho que se estendia entre alguns cachepôs, nos quais havia pequenos arbustos e uns bancos de pedra que se apoiavam sobre leões talhados. Caminhou lentamente ao longo do balcão e seus olhos captavam estranhos e intermitentes lampejos de luz que provinham de sua direita. Parecia que surgiam do piso da sacada, ali onde se unia com o muro do palácio, e ele parou, agachou-se e viu que as luzes provinham de uma série de diminutas janelas que davam para o interior da sala de baile que ficava abaixo. Eram como olhos mágicos. Por debaixo das lâminas de vidro, do tamanho da palma de uma mão, escorriam túneis que deviam atravessar a pedra e a argamassa e cada um deles deixava ver uma parte do grande salão de baile. Sharpe viu através de seu olho mágico lorde Spears dando voltas com sua pelica sobre o ombro de Maria e com seu braço bom em algum lugar por debaixo da pelica. Sharpe se levantou e seguiu caminhando.

O balcão girava para a direita e Sharpe parou no canto. As esteiras do trecho novo eram revestidas com tapetes e havia portas, bem fechadas, que davam ao interior do palácio. Ao fundo de tudo, e de frente para uma parede vazia, Sharpe viu uma mesa com comida e vinho. O cristal e a porcelana cintilavam à luz de uma única vela, protegida com vidro, que havia em uma niche da parede. Apenas havia duas cadeiras junto à mesa, ambas vazias, e Sharpe sentiu seu instinto despertar para o perigo, e se perguntava por que fora convidado ao que parecia ser uma festa tão íntima. Não tinha sentido algum,

apesar da explicação que Spears lhe dera, que a marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba convidasse o capitão Sharpe para seu balcão particular, tão luxuoso e caro.

A meio caminho da mesa havia um enorme telescópio de bronze montado sobre um pesado tripé de ferro. Sharpe se encaminhou para ele e empurrou a porta da gelosia que existia perto do instrumento; então viu o que já havia suposto anteriormente, que dava para o campo de batalha. O terreno baldio estava pálido debaixo da luz da lua, as fortificações escuras, e Sharpe viu claramente a barranca que se estendia entre São Vicente e os fortes menores. O resplendor do fogo tingia a silhueta dos telhados do pátio de São Vicente e ele percebeu que os franceses estavam celebrando a vitória ao redor das chamas, mas também temiam o assalto seguinte. Também se viam outros fogos, pequenas tochas seguradas por homens que no terreno baldio buscavam os feridos e os mortos. Os franceses não se importavam. Sharpe estremeceu de repente. Sem motivo algum se lembrou da fogueira que se fizera dos mortos depois do assalto a Badajoz, há apenas algumas semanas. Eram tantos os corpos para enterrar que os amontoaram junto com pedaços de madeira intercalados entre os corpos desnudos, e os fogos arderam bem negros. Recordava que os cadáveres da parte superior tinham ficado como sentados, quase como se estivessem vivos e pedissem para ser resgatados, e depois os cadáveres debaixo também tinham começado a se dobrar com o grande fogo e, para livrar-se daquela visão, soltou a gelosia, que fez um estalido sonoro.

— No que está pensando? — disse uma rouca voz feminina.

Virou-se e viu a marquesa de pé junto à mesa, ao lado de uma porta que se abria silenciosamente, e uma criada se achava no quício oferecendo-lhe um xale. A marquesa sacudiu a cabeça em sinal de negação e a criada desapareceu fechando a porta tão silenciosamente como a abria. A marquesa ressaltava luminosa na escuridão. Para Sharpe parecia que seu cabelo dourado resplandecia, tecido com o resplendor fino de gaze, e seu vestido era de um branco brilhante. Com os ombros e os braços nus; Sharpe via as sombras de suas clavículas e queria pôr sua mão sobre aquela pele fina e pálida porque ela era, em um palácio cheio de objetos belos e de valor incalculável, o mais perfeito de todos eles. Sentiu-se desajeitado.

— Disseram-me para elogiar sua roupa.

— Meu vestido? Suponho que deve ter sido Jack Spears.

— Sim, senhora.

— Ele não me viu.

A dama se inclinou sobre a mesa e Sharpe viu que acendia um charutinho com a vela. Ficou assombrado. Estava acostumado a ver as mulheres do exército com cachimbos curtos de argila, mas nunca vira uma mulher com um charuto. A mulher soltou uma baforada de fumaça que se elevou pela gelosia.

— Contudo, eu os estive vindo, a ambos. Iam lançando olhares furiosos pelo salão de baile, odiavam tudo, e ele se perguntava onde poderia encontrar um quarto vazio para levar aquela garota boba. O senhor fuma?

— Às vezes. Agora não, obrigado. — Sharpe apontou para os olhos mágicos. — Foi por ali que o viu?

Sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— O palácio é cheio de olhos mágicos, capitão. Cheio de passagens secretas.

A marquesa se aproximou de Sharpe, seus pés avançavam silenciosos sobre o tapete. Para Sharpe pareceu que sua voz estava diferente, esta não era a mesma mulher que se mostrara excitada e entusiasmada em São Cristóvão. Essa noite falava com decisão, com uma autoridade segura, e toda aparência de ingenuidade desaparecera. Sentou-se em um banco cheio de almofadas.

— O tataravô de meu marido mandou construir o palácio, e era um homem desconfiado. Casou-se com uma mulher mais jovem, como eu, e temia que ela fosse infiel, então fez construir passadiços e olhos mágicos. Assim poderia segui-la por todo o edifício, ela à luz e ele na sombra, e tudo o que fizesse ele observaria.

Ela explicava a história como se fosse um conto já explicado, que tivesse interesse para o ouvinte, mas que para ela fosse chato. A dama deu de ombros, deixou a fumaça ir para cima e olhou para Sharpe.

— A história é essa.

— E viu algo que não tinha que ter visto?

Ela sorriu.

— Dizem que ela descobriu os passadiços e falou com dois pedreiros. Um dia ela esperou que seu marido estivesse em um longo túnel que vira ao chegar à biblioteca, com apenas uma entrada.

Os olhos da dama eram enormes na escuridão. Sharpe a observava extasiado pela linha de seu pescoço, pelas sombras sobre sua pele que deixava ver o vestido branco decotado, por sua boca aberta.

— Ela fez um sinal para os pedreiros e estes fecharam a entrada com pregos e colocaram pedras sobre esta. Depois fez os criados lhe darem prazer de um em um, de dois em dois, e enquanto isso iam ouvindo ao marido que gritava e escavava do outro lado do muro. Ela lhes dizia que eram os ratos e que continuassem. — A dama deu de ombros. — Isso é uma bobagem, certamente, não é verdade. O orgulho desta casa não permitiria, mas as pessoas de Salamanca contam a história, e é verdade que os passadiços existem.

— É uma história dura.

— Sim. Continua com ela morrendo estrangulada pelo fantasma de seu marido e que esse será o destino de qualquer senhora desta casa que seja infiel ao seu marido.

A marquesa deu uma olhada para Sharpe enquanto dizia as últimas palavras e seu rosto mostrava uma curiosa hostilidade, talvez um desafio.

— A senhora diz que a história não é verdadeira?

Ela mostrou um sorriso hesitoso, reservado.

— Que pouco tato o seu, capitão Sharpe. — Deu uma tragada no charuto e o extremo vermelho se endureceu. — O que lorde Spears lhe disse de mim?

Sharpe se surpreendeu com a franqueza da pergunta, pela dedução que lhe obrigavam a contestar. Sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— Nada.

— O que estranho, tratando-se de Jack. — Voltou a dar uma chupada no charuto. — Ele lhe disse que eu lhe pedi que o trouxesse para mim?

— Não.

— Eu fiz. Não tem curiosidade de saber por quê?

Sharpe se apoiou contra a moldura da gelosia.

— Sim, tenho curiosidade.

— Graças a Deus! Começava a achar que não havia sequer um sentimento humano em seu corpo. — Sua voz era dura. Sharpe se perguntava o que estavam jogando. Observou como jogava o charuto sobre as lousas da sacada e este, ao cair, largou faíscas como a caçoleta de um mosquete ao disparar à noite.

— O senhor acha que é por que, capitão?

— Não sei por que estou aqui, senhora.

— Oh! — Exclamou ela num tom brincalhão. — Encontra-me sozinha, ignorando meus convidados, sem falar de meus pertences e há uma mesa posta com vinho... E o senhor não imagina nada?

Sharpe não gostava que jogassem com ele.

— Eu sou um humilde soldado, senhora, pouco habituado aos modos de meus superiores.

Ela riu, e seu rosto se suavizou de repente.

— O senhor diz isso com uma arrogância tão deliciosa. Eu lhe faço se sentir incômodo?

— Quando quer, sim.

Ela consentiu com a cabeça.

— Sim. Quero que me diga o que Jack Spears lhe sussurrou.

De novo se notava em sua voz o tom de comando, como se falasse ao seu postilhão.

Sharpe se cansara de seus jogos. Deixou que sua voz soasse tão dura como a dela.

— Que a senhora tinha gostos baixos, senhora.

Ela ficou calada e tensa. A marquesa estava inclinada sobre o banco, com as mãos se agarrava à borda, e Sharpe se perguntava se estava a ponto de chamar seus criados e mandar que o retirassem. Então se reclinou, relaxou e mostrou com sua elegante mão o balcão.

— Eu pensava que tinha gostos bastante elevados. Pobre Jack, se acredita que todo mundo é como ele.

Sua voz tinha voltado a mudar, neste momento falava com uma suave tristeza. Levantou-se, caminhou para a gelosia e empurrou uma das portas para abri-la.

— Aquilo esta noite foi uma matança.

Parecia que o tema anterior estava esquecido, como se nunca tivesse existido. Sharpe se voltou e a olhou.

— Sim.

— Por que o general ordenou o ataque? Parecia inútil.

Sharpe se sentiu tentado a dizer que ela tinha querido uma batalha, quase havia rogado uma para Wellington, mas esta nova mulher não era a que ele queria molestar, não neste momento.

— Sempre é impaciente nos sítios. Quer acabá-los o quanto antes.

— Isso significa muitas mortes? — perguntou enquanto ia tamborilando com seus dedos contra a moldura da gelosia.

— Sim.

— E agora?

A marquesa olhava fixamente para as fortificações e Sharpe olhava fixamente para seu perfil. Era a coisa mais adorável que já tinha visto.

— Teremos que cavar trincheiras. Teremos que fazer as coisas direito.

— Onde?

Ele deu de ombros.

— Provavelmente no barranco.

— Mostre-me.

Sharpe ia se aproximando dela, sentia seu cheiro sua proximidade e se perguntou se ela poderia perceber como tremia. Viu um pente de prata que lhe segurava o cabelo no alto e então afastou o olhar e apontou para o barranco.

— Ao longo do lado direito, senhora, perto de São Vicente.

Ela virou o rosto para ele, apenas a umas polegadas de distância, e seus olhos eram violetas à luz da lua, que lhe desenhava umas sombras sob as maçãs do rosto.

— Quanto tempo levará?

— Pode ser feito em dois dias.

Ela manteve a face para cima e seus olhos pousaram nos de Sharpe. Ele tinha consciência daquele corpo, dos ombros desnudos, das escuras sombras que prometiam suavidade.

Ela se afastou repentinamente e se dirigiu para a mesa.

— Não comeu nada.

— Comi um pouco, senhora.

— Venha sente-se. Sirva-me um pouco de vinho.

Havia perdizes inteiras assadas, codornas recheadas de carne e pimentões, e rodelinhas de fruta que conforme disse ela era marmelo em calda. Sharpe tirou o chapéu, apoiou o rifle contra o muro e se sentou. Não tocou na comida. Serviu vinho para a marquesa, aproximou a garrafa de sua taça e ela ficou olhando para Sharpe, meio sorrindo, e lhe falou com uma voz desenvolta e curiosa.

— Por que não me beijou então?

A garrafa tilintou contra o copo. Sharpe a largou sobre a mesa.

— Não queria ofendê-la.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Um beijo é ofensivo?

— Se não é desejado.

— Então uma mulher tem que demonstrar sempre quando quer que a beijem?

Sharpe se sentia tremendamente incômodo, fora de lugar em um mundo que não entendia. Tentou desviar o tema.

— Não sei.

— Sim sabe. O senhor acredita que uma mulher deve convidar sempre a um homem, não é assim? E que assim o senhor é inocente. — Sharpe não disse nada e ela passou a rir. — Esqueci. O senhor é um humilde soldado e não entende os comportamentos de seus superiores.

Sharpe olhava para aquela beleza que estava no outro extremo da mesa e dizia a si mesmo que era apenas mais uma mulher, e ele um homem, e que não havia mais. Ele podia comportar-se como se ela fosse qualquer mulher que tivesse conhecido, mas não pôde se convencer. Era uma marquesa aparentada com imperadores, e ele era Richard Sharpe, aparentado com ninguém exceto com sua filha. A diferença impunha uma separação entre ambos e ele não podia salvá-la. Outros poderiam, mas não ele. Deu de ombros para si.

— Sim, senhora. Não entendo.

Ela pegou outro charuto da caixa que havia sobre a mesa e se inclinou sobre a vela do nicho para acendê-lo. Sentou-se e ficou olhando o resplendor do charuto como se nunca o tivesse visto anteriormente. Sua voz era acariciadora de novo.

— Sinto muito, capitão Sharpe. Não era minha intenção ofendê-lo. — Levantou a vista para ele. — Quanta gente o entende? Quantos, o senhor acredita, vivem assim? Um entre cem mil? Não o sei. — Ela olhou para os densos tapetes e para o cristal que havia sobre a mesa. — O senhor acha que sou afortunada, não é mesmo? — Sorriu para si. — E sou. Falo cinco idiomas, capitão, e a única coisa que se espera que faça com eles é dispor as refeições diárias. Olho-me em um espelho e sei o que vê. Abro minhas portas e todos esses oficiais do estado maior entram em tropel e me adulam, cativam, divertem, e todos eles querem algo de mim. — A marquesa sorriu para Sharpe, e este lhe devolveu o sorriso. Ela deu de ombros. — Eu sei o que querem. Depois vem meus criados. Querem que seja branda, que não lhes exija. Querem me roubar a comida, meu dinheiro. Meu confessor quer que viva como uma freira, que financie suas obras de caridade, e meu marido quer que eu embarque para a América do Sul. Todo mundo quer algo de mim. E agora eu quero algo.

— O quê?

Tragou o charuto e o olhou através da fumaça.

— Quero que me diga se vai haver uma batalha.

Sharpe riu. Bebeu um pouco de vinho. Ela o tinha feito ir a esse balcão para que lhe dissesse algo que qualquer oficial britânico ou espanhol, alemão ou português podia lhe dizer? Olhou para a marquesa e viu que estava séria, esperando, assim que consentiu com a cabeça.

— Sim. Haverá. Não viemos até aqui para ficar de braços cruzados, e não imagino a Marmont abandonando o oeste da Espanha.

— E por que Wellington não atacou ontem — perguntou ela com lentidão.

Sharpe tinha esquecido completamente que fora no dia anterior quando estiveram sentados no cume da colina observando ambos os exércitos.

— Queria que Marmont o atacasse.

— Isso eu já se. Mas não o fez e o general tinha mais efetivos, por que não atacou?

Sharpe estendeu a mão e cortou uma perdiz. A pele estava crocante e caramelizada. Apontou com o pedaço da carne para as luzes dos olhos mágicos.

— Ali embaixo há uma dúzia de generais, três dúzias de oficiais do estado maior, e pergunta para mim? Por quê?

— Porque eu quero! — respondeu ela com uma rudeza surpreendente.

Parou para dar uma chupada no charuto.

— Por que o senhor acha? Se pergunto a um deles sorrirá educadamente, com encanto, e me dirá com muitas palavras que não me preocupe com questões militares. É por isso que pergunto ao senhor. Por que não atacou?

Sharpe jogou-se para trás, respirou fundo e lhe disse o que pensava.

— Ontem os franceses estavam de costas para uma planície. Marmont poderia se retirar até o infinito, em ordem, e a batalha teria parado no crepúsculo. Teria havido, oh... — deu de ombros —, digamos que quinhentos mortos em cada lado? Se nossa cavalaria fosse melhor poderiam ser inclusive mais, mas não seria decisivo. Os exércitos teriam que voltar a lutar. Wellington não quer uma série de pequenas escaramuças que não sejam decisivas. Quer estender uma armadilha para Marmont, quer vê-lo em um lugar do qual não possa escapar, ou que não lhe seja favorável e então esmagá-lo. Destrui-lo.

Ela observava a repentina paixão que Sharpe destilava, a crueldade que refletia seu rosto ao imaginar a batalha.

— Continue.

— Não tem mais. Tomaremos as fortificações e iremos atrás de Marmont.

— Gosta dos franceses, capitão Sharpe?

A pergunta o surpreendeu por ser tão curiosa, tinha se equivocado. Provavelmente o que ela queria dizer era se não gostava dos franceses. Fez um gesto de indecisão.

— Não — respondeu com um sorriso. — Não me desagradam. Não tenho motivos para não gostar deles.

— Contudo luta contra eles?

— Sou um soldado.

Não era tão simples. Era soldado porque não podia ser outra coisa. Em todos aqueles anos tinha descoberto que podia fazer aquele trabalho e fazê-lo bem, e não podia se imaginar em outro tipo de vida.

Ela mostrava olhos curiosos, enormes e curiosos.

— Por que luta?

Ele sacudiu a cabeça sem saber o que lhe responder. Se dissesse “Inglaterra” soaria pomposo e Sharpe suspeitava que se tivesse nascido na França teria lutado por ela com a mesma destreza e a mesma ferocidade com a qual servia à Inglaterra. A bandeira? Talvez, porque era o orgulho do soldado e o orgulho é algo valioso para um soldado, mas supunha que a verdadeira resposta era que lutava por si mesmo, para não se deixar tragar para o nada de onde começou. Os olhos de ambos se encontraram.

— Meus amigos.

Era a melhor resposta que lhe ocorreu.

— Amigos?

— São muito importantes no campo de batalha.

Ela sacudiu a cabeça, levantou-se e caminhou pelo balcão deixando um rastro de fumaça atrás dela.

— O que o senhor pensa daqueles que acusam Wellington de não saber lutar atacando? Dizem que só sabe se defender.

— Assaye.

Ela girou.

- Onde cruzou um rio de cara para o inimigo?
- Ontem a senhora não sabia nada sobre Assaye.
- Ontem eu estava em público — o charuto voltou a brilhar.
- Não pôde atacar.

Sharpe estava impressionado com a inteligência da marquesa, por seus conhecimentos táticos, mas também estava desconcertado. Havia algo felino na marquesa. Era silenciosa em seus movimentos, bonita, mas ele sabia que tinha garras e, além disso, tinha inteligência para utilizá-las com habilidade.

- Acredite em mim, senhora, ele sabe atacar.

Ela consentiu com a cabeça.

- Eu acredito. Obrigado, capitão Sharpe. Isso é tudo o que queria saber.

- Tudo?

A dama virou-se para a gelosia e abriu uma porta.

— Quero saber se os franceses voltarão a Salamanca. Quero saber se Wellington vai lutar para impedir que isso ocorra. O senhor me disse que o fará. O senhor não estava alardeando, nem tentava me impressionar, deu-me o que eu queria; a opinião de um profissional. Obrigado.

Sharpe se levantou, não estava seguro se a visita tinha terminado e se já o dispensava. Caminhou para ela.

- Por que queria sabê-lo?

— Isso tem alguma importância? — perguntou ela enquanto seguia olhando fixamente para as fortificações. — Simples, é que sou curiosa.

Sharpe parou atrás dela.

- Por quê?

Ela olhou para trás, para a mesa.

- Esqueceu seu mosquete.

- Rifle. Por O quê?

Ela girou para pôr-se de frente para ele e cravar-lhe outra olhada hostil.

- Quantos homens já matou?

- Não o sei.

- De verdade?

- De verdade. Faz dezenove anos que sou soldado.

- Tem medo?

Sharpe sorriu.

- Certamente. Continuamente. Cada vez é pior, não melhor.

- E como é isso?

- Não sei. Às vezes penso que quanto mais velho se fica, mais se quer viver.

Ela riu ao ouvir esta última frase.

- Qualquer mulher lhe dirá o contrário.

— Não, não todas. Algumas, talvez. Também alguns homens. — Indicou para o distante som da festa. — Os oficiais de cavalaria não gostam de envelhecer.

— O senhor de repente está muito sábio, levando em conta que é um simples soldado.

A marquesa estava zombando dele. Pôs o charuto na boca e a fumaça se elevou entre os dois.

Ela ainda não tinha respondido a sua pergunta, e ele seguia sem entender por que o tinha feito ir até aquele balcão onde as folhas tremiam com a brisa noturna.

— Poderia ter feito essas perguntas a um milhar de pessoas da cidade e lhe teriam dado as mesmas respostas. Por que eu?

— Já lhe disse. — A dama assinalou com seu charuto para o rifle. — E agora por que não pega seu rifle e se vai?

Sharpe não disse nada. Tampouco se moveu. Ouviam-se as vozes procedentes da cidade, provavelmente eram soldados bêbados que brigavam, perto dali um cachorro uivava para a lua e ele viu que ela observava sua bochecha.

— E essas manchas negras?

Sharpe começava a se acostumar com as perguntas repentinas da dama que não guardavam nenhuma relação com a conversa anterior. Parecia que lhe agradasse chateá-lo, provocar sua ira e depois sair com qualquer nimiedade. Ele esfregou a bochecha direita.

— Manchas de pólvora, senhora. A pólvora explode na caçoleta do rifle e a expulsa.

— Matou alguém esta noite?

— Não, esta noite não.

Apenas dois pés os separavam e Sharpe sabia que qualquer um dos dois podia ter se afastado. Contudo, ficaram quietos, desafiando-se; sabia que ela o desafiava a tocá-la e de repente sentiu a tentação de romper as regras. Sentiu-se tentado a partir, da mesma maneira que Marmont tinha se afastado do exército de Wellington, mas não podia fazê-lo. Aquela boca, os olhos, as maçãs do rosto, a curva do pescoço, as sombras que se projetavam sobre o vestido branco de renda, tudo, o havia cativado. Ela franziu o cenho.

— Como se sente quando mata um homem?

— Às vezes bem, às vezes nada, às vezes mal.

— Quando se sente mal?

Sharpe deu de ombros.

— Quando não é necessário. — Sacudiu a cabeça ao recordar os pesadelos. — Havia um homem em Badajoz, um oficial de artilharia francês.

Ela queria mais. Inclinou a cabeça.

— Siga.

— A luta tinha terminado. Havíamos ganhado. Eu acho que ele queria se render.

— E o senhor o matou?

— Sim.

— Como?

Apontou para a grande espada.

— Com esta.

Não foi tão simples. Ele o rachou, abriu-o de cima abaixo, e lhe tirou suas entranhas levado pela enorme ira até que Harper o deteve.

Ela deu meia volta e olhou a comida da mesa, que quase não tinham tocado.

— Gosta de matar? Eu acho que sim.

Sharpe sentia que seu coração pulsava em seu peito como se tivesse dilatado.

Golpeava soando oco, ressoava em seus tímpanos e percebeu de que era uma mistura de medo e excitação. Sharpe olhou seu rosto, que se perfilava contra a luz da lua minguante, e aquela beleza era irresistível, não parecia justo que uma pessoa pudesse ser tão adorável. E então sua mão, quase contra sua própria vontade, levantou-se lentamente, muito lentamente até que seus dedos tocaram o queixo da marquesa e girou seu rosto para ele. Ela abriu bem os olhos com calma e depois se separou dele de maneira que o braço de Sharpe ficou suspenso no ar. Sentiu-se estúpido. A cara da marquesa era hostil.

— Gosta de matar?

Ela o havia provocado para que a tocasse e assim poder se afastar e o fazer se sentir um idiota. Fizera-o vir para conseguir uma pequena vitória e se soube derrotado. Sharpe se deu a volta e se dirigiu para seu rifle, pendurou-o no ombro e se foi caminhando pelo balcão sem dizer uma palavra. Não a olhou. Passou junto dela e cheirou a fumaça do tabaco de seu charuto.

— O coronel Leroux gosta de matar, capitão.

Seguiu caminhando, mas o nome de seu inimigo fez que parasse. Olhou-a de novo.

— O que a senhora sabe de Leroux?

Ela deu de ombros.

— Vivo em Salamanca. Os franceses ficavam nesta casa. Sua missão é matá-lo, não?

A voz da marquesa voltava a desafiá-lo, a impressioná-lo com seus conhecimentos e de novo sentiu que estava implicado em um jogo cujas regras somente ela conhecia. Pensou em Leroux, que estaria nas fortificações, no cordão de homens pelo terreno baldio e nos homens de sua companhia que estariam em seus alojamentos. Tinha uma missão bem simples e a estava complicando.

— Boa noite, senhora. Obrigado pela comida.

— Capitão?

Não se deteve. Dobrou a esquina, passou pelas luzes dos olhos mágicos e se sentiu liberado. Ia ser fiel a Teresa, que o amava, e apertou o passo em direção à escada secreta.

— Capitão! — A marquesa ia correndo agora, seus pés descalços golpeavam contra as esteiras — Capitão! — Ela lhe puxou pelo cotovelo. — Por que se vai?

Ela o havia humilhado antes, zombara dele por não tê-la beijado e se afastara quando ele a tocara. Agora lhe segurava o braço, estava lhe rogando e com seus olhos procurava no rosto do capitão por segurança. Sharpe detestava estes jogos.

— Vá ao inferno, senhora.

Pegou-a pelas costas, quase a levantou e a beijou na boca. Apertava-a, beijando-a para lhe ferir, e quando viu que ela fechava os olhos a soltou.

— Pelo amor de Deus! Se eu gosto de matar? O que sou? Uma merda de troféu para sua parede apodrecida? Vou me embriagar, senhora, em algum antro desta maldita cidade e quem sabe pego uma puta. Não me fará perguntas estúpidas. Boa noite!

— Não! — gritou ela voltando a agarrá-lo.

— O que quer de mim? Que eu poupe aquele dinheiro?

Sharpe era duro, sentia-se ferido. Ela era mais bela do que ele jamais poderia

imaginar.

— Não — disse ela meneando a cabeça. — Quero, capitão, quero que me salve do coronel Leroux.

Pronunciou estas palavras com amargura e depois, como envergonhada pelo beijo, deu a volta e se afastou dele.

— Quer o quê?

A marquesa regressou ao canto e para a parte iluminada do balcão. Uma vez mais o surpreendera, mas desta vez não lhe pareceu que era um jogo. Seguiu-a. A marquesa estava junto ao telescópio e observava através da gelosia, Sharpe apoiou o rifle contra o muro e se aproximou dela por trás.

— Diga-me por quê?

— Eu tenho medo dele — respondeu esquivando seu olhar.

— Por quê?

— Ele me matará.

Não se ouvia nada, e pareceu para Sharpe achar-se suspenso sobre um grande abismo de silêncio. Um movimento em falso e estaria perdido, acabado e era como se ele e ela estivessem sozinhos acima da negra noite; então viu a sombra entre os ossos de seus ombros, uma sombra escura que descia pelo intrincada renda de seu vestido, e lhe pareceu que não havia na terra nada mais misterioso, mais espantoso, ou mais frágil que uma mulher bela.

— Ele a matará?

— Sim.

Sharpe levantou lentamente a mão e tocou seu ombro, com tanta suavidade como se fosse um fio dourado de seu cabelo. Deslizou o dedo pela pele cálida e seca da dama e ela não se moveu.

— Por que ele vai matá-la?

As polpas de seus dedos exploravam as ondulações de suas costas. Ela seguia sem se mover e ele deixou que os outros dedos também descessem e depois foi subindo lentamente para o pescoço. Ela permanecia muito quieta.

— Já não me chama "senhora".

— Por que ele vai lhe matar, senhora?

Tinha os dedos na nuca onde sentiam as mechas de cabelo que tinham se desprendido dos pentes de prata. Moveu a mão direita, muito lentamente, para que seus dedos sentissem a curva de seu comprido pescoço. Ela começou a dar a volta e a mão de Sharpe, como temerosa de poder romper algo frágil, saltou e se separou uma polegada. Ela se deteve, esperou que a voltasse a tocar e girou o rosto para ele.

— Seus amigos o chamam de Dick?

Sharpe sorriu.

— Faz muitos anos que não.

Seu braço estava tenso pelo esforço de mantê-lo quieto, suspenso sobre a pele dela, e esperou que falasse, com conhecimento de causa de que ia lhe fazer uma pergunta repentina e irrelevante, pois estava pensando. Parecia que ela havia se esquecido da mão de Sharpe, mas ele sabia que não era assim e seu coração pulsava com força.

— Tenho medo de Leroux — disse simplesmente.

Sharpe deixou que a palma de sua mão lhe tocasse na curva do pescoço. Ela seguia sem se importar. Seus dedos serpentearam pelas costas da marquesa.

— Por quê?

Ela assinalou o balcão.

— O senhor sabe o que é isto?

Ele deu de ombros.

— Uma sacada.

A marquesa permaneceu alguns segundos em silêncio. A mão de Sharpe era como uma pluma que deslizava pelo pescoço da marquesa e ele via como se moviam as sombras sobre sua pele quando ela respirava. Ouvia o latido de seu próprio coração. Ela passou a língua pelos lábios.

— Uma sacada, mas uma sacada especial. Daqui se pode ver a grande distância e foi construída para que assim seja.

Os olhos da marquesa, confiados e sérios, pousaram-se sobre os dele. Falava com simplicidade, como se o fizesse a um menino para que a entendesse. Era, pensou Sharpe com sua mão sobre o pescoço, mais outra faceta daquela mulher surpreendente que mudava continuamente, mas havia algo em seu tom de voz que lhe indicava que ela não estava jogando. Se havia uma verdadeira marquesa, era esta.

— Podem-se ver os caminhos do outro lado do rio e por isso foi construído. O tataravô de meu marido não só queria espiar de portas adentro. Gostava de observar sua mulher quando esta saía para cavalgar, assim que fez construir este balcão como se fosse uma atalaia. São frequentes na Espanha, e têm esta gelosia por um motivo especial. Ninguém pode ver o interior, senhor Sharpe, mas permite ver o exterior. É um tipo de balcão especial. Isto em realidade não é um balcão. Sabe o que é isto?

Sharpe havia deixado a mão absolutamente quieta. Não sabia a resposta, mas podia adivinhá-la. Disse a palavra quase balbuciando, mas a disse em voz alta.

— Um mirante?

Ela consentiu com a cabeça.

— O Mirante — disse ela olhando-lhe o rosto.

Ela percebeu uma pulsada na bochecha de Sharpe, junto à cicatriz. Tinha os olhos escuros. Ela arqueou as sobrancelhas como lhe perguntando.

— Já sabe, não?

Sharpe quase não se atrevia a falar, quase não se atrevia a respirar. Moveu a mão e a deslizou lentamente pelas costas da marquesa e as polpas de seus dedos percorreram a pele de sua coluna. O vento fez tremer as folhas que tinham acima deles.

Ela franziu ligeiramente o cenho.

— Sabe o que é?

— Sim, eu sei.

Ela fechou os olhos, largou um suspiro e ele a puxou para seu peito. O cabelo dela ficava abaixo do queixo de Sharpe, tinha o rosto afundado no grosseiro uniforme e a voz da dama era suplicante e débil.

— Ninguém deve saber, Richard, ninguém. Não diga a ninguém que o sabe, nem

mesmo da mesmíssima general! Ninguém deve sabê-lo. Promete?

— Eu prometo.

Ela a agarrava com força contra seu peito, maravilhado.

— Tenho medo.

— Por isso queria que viesse aqui?

— Sim. Mas não sabia se podia confiar em você.

— Pode confiar.

A dama levantou a cabeça para olhá-lo e ele viu que seus olhos brilhavam.

— Tenho muito medo dele, Richard. Faz coisas horrorosas com as pessoas. Eu não sabia! Não sabia que ia ser assim.

— Eu sei.

Ele se inclinou e ela não moveu o rosto. Beijou-a e de repente ela o rodeou com seus braços e se agarrou a ele com força e o beijou com força, como se quisesse absorver toda sua força. Sharpe a agarrara com os braços ao redor de seu corpo magro e pensava no que seu inimigo faria àquela mulher tão perfeita, adorável e dourada; desprezou a si mesmo por não ter confiado nela porque, agora, ele sabia que ela era mais valente que ele, que tinha vivido sozinha no grande palácio rodeada de inimigos e correndo sempre o perigo de morrer de forma terrível. O Mirante!

Com sua mão lhe pressionava as costas, por entre a renda notou os colchetes do vestido e deslizou a mão entre eles, tocou a pele; então fez pressão com o indicador e o polegar, dois dedos que estavam mais habituados a apertar a pederneira na caçoleta, e o colchete se desabotoou. Sharpe avançou para o segundo, voltou a apertar, soltou-se, e ela cravou seu olhar no peito de Sharpe, ainda abraçada a ele. Ele não podia acreditar no que estava acontecendo, que ele, Richard Sharpe, estivesse naquele mirante, àquela noite, com aquela mulher, e moveu a mão até chegar ao último colchete, apertou-o e ouviu o som do metal ao se soltar. Ela ficou entre seus braços. Sharpe ficou imóvel.

Ela levantou o olhar para ele e seus olhos procuraram no rosto de Sharpe a segurança de que aquele homem poderia mantê-la afastada da espada Klighenthal de Leroux. Ela esboçou um leve sorriso.

— Chame-me Helena.

— Helena?

O colchete se desprende, ele moveu a mão e sentiu o vestido cair e a acariciou e o sentiu preso na curva de suas costas. Sua pele era como seda.

O sorriso desapareceu, toda a rudeza regressou.

— Solte-me! — gritou como se fosse uma ordem. — Solte-me!

Que idiota havia sido! O que Helena queria era proteção e não isto, havia a ofendido ao imaginar o que não era. Sharpe a soltou e ela se afastou. O rosto da marquesa voltou a mudar. Riu dele, de seu desconcerto, pois ela lhe ordenara que a soltasse para que o vestido, leve como um cardo, caísse ao piso. Ela ficou nua junto ao vestido e caminhou para ele por cima das dobras.

— Sinto muito, Richard.

Sharpe a pegou entre seus braços, sua pele se apertava contra o uniforme, o cinturão da espada, a bolsa de munições, e ela se agarrou a ele. Sharpe olhou fixamente aquela

massa escura que era São Vicente e jurou que o inimigo nunca a alcançaria, nunca, não enquanto lhe restasse um pouco de fôlego no corpo ou enquanto seu braço pudesse levantar a pesada espada cuja fria bainha a tocava. Ela enroscou uma perna ao redor das suas, elevou-se e o beijou; Sharpe se esqueceu de tudo. A companhia, as fortificações, Teresa; tudo devorado por este momento, esta promessa, esta mulher que mantinha sua própria guerra contra seus inimigos.

A marquesa desceu, pegou-o pela mão com a face grave e inocente.

— Venha.

Sharpe a seguiu, obediente, sob a escura e promissora noite salamanquense.

SEGUNDA PARTE

De 24 de junho a 08 de julho de 1812.



S harpe se deu conta de que não lhe alegrava o avanço da trincheira que estavam cavando. Sabia que quando a escavação tivesse alcançado o ponto médio entre São Vicente e São Caetano o segundo assalto seria iminente. O segundo assalto não podia falhar. A munição dos canhões pesados fora restituída. Tinha chegado em diversos carros que atravessaram o vau de Santa Marta e penetraram com seus chiados na cidade e cada carro ia carregado com as enormes balas. Os canhões disparavam sem cessar e destroçavam as defesas, e para tornar ainda pior para os franceses, os artilheiros esquentavam as balas ao vermelho vivo de maneira que ao se alojarem entre as velhas madeiras dos conventos acendessem fogos que os franceses tentavam controlar com desespero.

Sharpe observou os bombardeios durante quatro noites do mirante, e os disparos em vermelho vivo se elevavam na escuridão e se lançavam contra as fortificações que iam desmoronando. Os fogos ardiam, eram apagados e logo voltavam a arder; apenas nas primeiras horas do amanhecer davam alguma trégua aos defensores. Em algumas noites Sharpe achava que ninguém poderia sobreviver àquele bombardeio contra os fortes. Os disparos passavam como um raio por cima do terreno baldio enquanto, mais acima, o estopim das granadas dos morteiros giravam soltando fumaça, desciam e explodiam em um estouro de chamas e trovão. O crepitar das chamas competia com o estalido dos fuzileiros, que cada vez se aproximavam mais, e cada novo dia mostrava maiores danos: mais canhoneiras a descoberto mostrando os canhões derrubados, destroçados, inutilizados. Wellington tinha pressa. Queria que se tomassem os fortes para poder ir para o norte atrás de Marmont.

Sharpe sabia que quando as fortificações caíssem iria para o norte. A companhia ligeira se reuniria com o regimento e ele abandonaria Salamanca, abandonaria a marquesa e o mirante, e cada momento, marcado pelo lento avanço das trincheiras dos atacantes, era valioso para ele. A cada manhã saía do palácio por uma escada secreta que dava para um beco junto aos estábulos, e a cada tarde voltava quando só o que perturbava a sesta de Salamanca era o som dos artilheiros destroçando os fortes.

Os fuzileiros da companhia ligeira estavam desconcertados; Patrick Harper mais do que os outros, mas Sharpe não dizia nada e apenas podiam especular a respeito de para onde seu capitão desaparecia a cada dia e a cada noite. Na primeira manhã que regressou para junto deles vinha banhado, trazia o uniforme limpo, remendado e engomado, mas não deu nenhuma explicação. Todo dia dirigia a instrução da companhia, fazia com que marchassem pelo campo e realizassem os exercícios próprios de uma escaramuça. Fazia com que trabalhassem duro, pois não queria que amolecessem ao ficarem naquela cidade tão benigna. Às tardes os deixava livres e partia, em segredo e com prudência, pela portinha que havia no beco junto ao estábulo. A escada do outro lado da porta conduzia ao andar superior, que era privado e ao qual só tinham acesso os criados em quem a marquesa mais confiava e onde, apesar de sua incredulidade, Sharpe encontrava-se vivendo um apaixonado romance.

Tinha perdido o medo da marquesa. Já não era a marquesa, agora era O Mirante, e ainda que continuasse sendo uma mulher perfeita também era uma pessoa a quem ele escutava com avidez. Ela falava de sua vida, explicava com amargura a morte de seus pais. “Nem sequer eram franceses, mas os pegaram. E mataram. A escória.” Seu ódio à revolução era imenso. Sharpe havia calculado a idade daquela mulher pelo que ela lhe contara. Tinha dez anos quando o povo havia levado seus pais, assim que agora tinha vinte e oito, e durante aqueles anos transcorridos tinha estudado as forças de um mundo que havia levado a vida de seus pais. Ela lhe falava de política, de ambições e lhe mostrou mapas vindos da Alemanha que diziam que Napoleão estava reunindo um grande exército que, conforme ela, seria destinado à Rússia. Também tinha notícias do outro lado do Atlântico. Notícias a respeito de uma iminente invasão do Canadá por parte dos americanos e Sharpe, sentado no mirante, tinha a sensação de estar observando todo um mundo que se adentrava num redemoinho de chamas e disparos como o qual martelava, sem cessar, lá embaixo.

Sobretudo, Helena falava de Leroux, de sua reconhecida crueldade e do pânico que tinha de que pudesse escapar. Sharpe sorria.

— Não pode escapar.

— Por quê?

Ele apontou para o terreno baldio.

— Está cercado, totalmente. Ninguém pode atravessá-lo, nem mesmo um rato!

Disso Sharpe estava seguro, de que as tropas ligeiras que rodeavam os fortes sitiados estavam bem vigilantes, muito juntos os uns dos outros para que Leroux não pudesse escorrer entre eles. Leroux, tal como Hogan dissera, tentaria escapar durante o caos que se produziria no assalto final. O problema de Sharpe consistiria em compreender aquele caos e reconhecer o francês alto. Helena deu de ombros.

— Ele se disfarçará.

— Eu sei. Mas não pode ocultar sua altura e também tem um ponto fraco.

— Um ponto fraco? — perguntou ela surpresa.

— A espada — respondeu Sharpe com um sorriso, pois sabia que tinha razão. — Não perderá aquela espada, por isso que não estou preocupado se estará vestido como um general de divisão britânico. Será ele.

— Parece muito seguro.

— Estou.

Deu um trago naquele vinho branco e fresco e pensou na alegria que sentiria ao possuir aquela espada. A Klighenthal seria sua, dentro de uma semana, mas implicaria na perda daquela mulher.

Seria uma perda secreta, como devia ser, contudo havia momentos nos quais sentia desejo de gritar sua alegria dos telhados, e tinha momentos em que lhe era difícil ocultá-la. Um dia, ao amanhecer, ia caminhando pelos alojamentos da companhia e ao atravessar a grande praça ouviu um ruído que provinha de um dos balcões superiores.

— Sharpe! Seu safado! Espere!

Lorde Spears lhe fazia sinais com a mão, voltou a entrar no edifício e reapareceu um instante depois em uma das portas da arcada. Ia caminhando e bocejou ao receber a luz

do amanhecer, depois se deteve.

— Por Deus, Richard! Você quase tem aspecto humano! O que fez!

— Só limpei o uniforme.

— Somente limpou o uniforme! — exclamou lorde Spears imitando-o, depois deu uma volta ao redor do fuzileiro observando-o. — Você deixa as botas debaixo de uma cama que não é a sua, não é assim? Santo Céu, Richard, se acredita que não percebo um pecado a mil passos de distância? Quem é?

— Ninguém — respondeu Sharpe sorrindo, mas incomodado.

— E você está muito contente já de madrugada. Quem é?

— Já lhe disse, ninguém. O senhor se levanta cedo.

— Eu me levanto cedo? Se não me meti na cama. Estive jogando as malditas cartas outra vez. Acabo de perder terras na Irlanda para um tipo bem chato.

— De verdade?

Spears riu.

— De verdade. Não tem nenhuma graça, eu sei, mas Deus! — exclamou encolhendo os ombros. — Minha Mãe não vai gostar. Sinto muito, mãe.

— Resta-lhe algo?

— A casa de minha mãe. Alguns acres em Hertfordshire. Um cavalo. Um sabre. O sobrenome. — Riu outra vez, depois pegou Sharpe pelo braço e o levou para o outro lado da praça. Perguntou com voz séria, quase suplicante. — Com quem tem estado? Alguém. Na noite passada não estava e aquele seu sargento enorme e aterrador disse que não sabia onde estava. Onde você estava?

— Tinha saído, isso é tudo.

— Você acredita que nós, os Spears, somos tontos? Que não sabemos? Que não podemos nos compadecer de um pecador? — Parou, soltou o braço bom e estalou os dedos. — Helena! Safado! Tem estado com Helena!

— Não seja ridículo!

— Ridículo? Bobagem. Ela não apareceu na festa que deu, disseram que estava enferma, e desde então não foi mais vista. Nem a você. Santo Deus! Safado de sorte! Admita!

— Não é verdade — mesmo para Sharpe soava muito pouco convincente.

— É verdade. — Spears sorria encantado. — Então, se não é verdade, com quem estava?

— Já lhe disse, com ninguém.

Spears respirou fundo e gritou para as janelas fechadas da praça.

— Bom dia, Salamanca! Tenho algo para anunciar! — Sorriu para Sharpe — eu lhe digo, Richard, a menos que me confesse a verdade. — Voltou a respirar fundo.

Sharpe o interrompeu.

— Dores.

— Dores? — Spears com um amplo sorriso, estava surpreso.

— É a filha de um sapateiro. Ela gosta dos fuzileiros.

Spears riu.

— Não me diga! Dores, a filha do sapateiro? Vai me apresentá-la?

— É tímida.

— Oh, tímida! Então, como a conheceu?

— Eu a ajudei na rua.

— Oh, claro! — Spears seguia a corrente. — Você ia dar comida para os cachorros de rua ou ia ajudar os órfãos, não é mesmo? E, simplesmente, ajudou-a. Um sapato dela tinha caído, não?

— Não zombe. Só tem uma perna. Algum sacana lhe serrou duas polegadas do extremo da outra.

— A filha coxa de um sapateiro? Sem dúvida, o pai deve poupar um bom dinheiro. Você é um mentiroso, Richard Sharpe.

— Eu juro.

Spears voltou a respirar fundo e gritou outra vez.

— Richard Sharpe se deitou com a Dores! A filha coxinha do sapateiro!

Dava gargalhadas do que dizia e se inclinou na frente de alguns peões surpreendidos, que estavam desmontando os parapeitos utilizados no dia anterior para a corrida de touros. Voltou a pegar no braço de Sharpe e baixou a voz.

— Como está a marquesa?

— Como vou saber? Não voltei a vê-la desde que estivemos em São Cristóvão.

— Richard! Richard! Você é astuto demais para mim. Queria que admitisse, mesmo que não seja verdade, seria um escândalo delicioso.

— Não creio que isso lhe impedisse propagá-lo.

— Verdade. Mas ninguém acredita em mim! — Spears suspirou, e de repente ficou sério. — Permita-me que lhe faça outra pergunta.

— Faça.

— Já ouviu falar de O Mirante?

— O Mirante? — Sharpe parou surpreso.

Spears também parou.

— Sim, já ouviu, não?

— Somente o nome.

Sharpe teria preferido que não tivesse notado sua surpresa.

— Um nome? Relacionado com o quê?

Sharpe fez uma pausa para pensar uma resposta. Passou-lhe pela cabeça que aquilo podia ser algum tipo de prova preparada pela marquesa para ver se ele era realmente de confiança. Isso lhe lembrou, como se tivesse esquecido, o segredo absoluto em que ela estava envolvida.

Sharpe deu de ombros.

— Com nada. É um dos chefes dos guerrilheiros?

— Como você é teimoso? — Spears sacudiu a cabeça em sinal de negação. — Não, não é um guerrilheiro, é um espião daqui, de Salamanca.

— Nosso ou deles?

— Nosso. — Spears se mordeu o lábio e virou-se com raiva para Sharpe. — Pense! Tente recordar! Onde ouviu o nome?

Sharpe estava estupefato diante daquela repentina paixão, e teve uma inspiração.

— Lembra-se do major Kearsey? Acho que ele o mencionou, mas não recordo por que. Isso deve ter uns dois anos.

Spears soltou um palavrão. Kearsey fora, como lorde Spears, um oficial explorador; mas estava morto, fora expelido das muralhas de Almeida quando Sharpe explodiu o armazém.

— Como é que o senhor sabe dele? — perguntou Sharpe.

Spears deu de ombros.

— Ouvem-se rumores quando se é um oficial explorador.

— Por que tem tanta importância agora?

— Não tem, mas gostaria de saber algo. — Deu um puxão no braço da tipóia. — Quando isto curar voltarei a trabalhar e necessitarei de amigos em todas as partes.

Sharpe voltou a andar.

— Em Salamanca não. Os franceses partiram.

Spears alcançou Sharpe, que avançava a grandes passadas.

— Apenas por agora, Richard. Primeiro temos que derrotar Marmont, se não teremos que regressar correndo para Portugal com o rabo entre as pernas. — Olhou para Sharpe. — Se ouvir algo, você me dirá?

— Sobre O Mirante?

— Sim.

— Por que não pergunta a Hogan?

Spears bocejou.

— Talvez o faça, talvez o faça.

Ao meio-dia Sharpe foi para as baterias principais e observou como os artilheiros esquentavam as balas sólidas em fornos portáteis. Sabia que o assalto devia estar próximo, podia inclusive ser no dia seguinte, e que marcaria o final de suas visitas ao palácio Casardes. Desejaria que os artilheiros não fossem tão aplicados. Observava a alguns que trabalhavam duro no fole de um extremo da forja, enquanto outros tiravam com uma pá o carvão da carvoeira. No centro ficava a fundição, que rugia debaixo do calor do meio-dia, as chamas escapavam do fundo e ele se espantava de que houvesse homens que pudessem trabalhar com aquele calor e sob aquele sol. Levavam um quarto de hora para esquentar cada bala de dezoito libras até que o resplendor vermelho penetrasse no interior do ferro. E então retiravam a bala do crisol com pinças longas e a faziam rodar com cuidado para uma armação que era carregada por dois homens e na qual levavam a bala até o canhão. Carregavam o canhão com a pólvora, depois, com um tampa de trapo molhado que impedia que a bala quente acendesse a carga. Atacavam o fundo com rapidez, para que se mantivesse o calor ao vermelho vivo, e logo o canhão lançava seu grito e o disparo desenhava um rastro de fumaça muito fina em sua trajetória para as destroçadas defesas francesas. Agora os canhões inimigos quase não respondiam. Sharpe sabia que no assalto seguinte encontrariam pouca resistência. Perguntava-se se Leroux já estaria morto, se seu corpo estaria estendido com o dos outros mortos durante o sítio, pois se fosse assim os artilheiros já teriam feito o trabalho que lhe encomendaram.

Encontrou a marquesa escrevendo em uma pequena escrivania que havia em seu

tocador. Ela lhe sorriu.

— Como estão progredindo?

— Amanhã.

— Certeza?

— Não — respondeu sem poder impedir que sua voz revelasse o pesar que sentia, mas percebia que ela o compartilhava e isso era maravilhoso. — O general o decidirá amanhã, mas não há motivos para esperar. Será amanhã.

Ela posou a pena, levantou-se e o beijou rapidamente na face.

— Assim que amanhã o pegará?

— A menos que já esteja morto.

Ela foi caminhando para o mirante e empurrou uma das portas da gelosia para abri-la. Em São Vicente se viam dois fogos pálidos sob a luz do forte sol e em São Caetano fumegava um incêndio que os defensores apagaram. Ela se virou para ele.

— O que fará com ele?

— Se não resistir, eu o farei prisioneiro.

— Permitirá que dê sua palavra?

— Não, outra vez não. Será preso com grilhões. Já faltou com sua palavra. Não o trocarão, não o tratarão bem, simplesmente o enviarão para uma prisão da Inglaterra e lá o manterão até que a guerra termine. — Deu de ombros. — Quem sabe? Talvez possam julgá-lo por assassinato, pois matou alguns homens enquanto estava sob juramento.

— Então amanhã estarei a salvo.

— Até que enviem outro para que a encontre.

Ela moveu a cabeça. Sharpe se acostumara a ela, a seus gestos, a seus repentinos sorrisos deslumbrantes e tinha esquecido aquela mulher coquete e brincalhona que conheceu em São Cristóvão. Aquela era a cara pública, ela lhe dissera enquanto a olhava e se perguntava se voltaria vê-la, no futuro, e veria aquele rosto público rodeado de oficiais adúlteros e sentiria uma inveja tremenda. Ela lhe sorriu.

— O que acontecerá a você quando isto terminar?

— Teremos que nos reunir ao exército.

— Amanhã?

— Não. Talvez no domingo. Depois de amanhã. Iremos para o norte e faremos Marmont apresentar batalha.

— E depois?

— Quem sabe? Madri, talvez.

Ela voltou a sorrir.

— Temos uma casa em Madri.

— Uma casa?

— É muito pequena. Não tem mais que sessenta quartos — disse ela rindo. — Mesmo assim será muito bem recebido, pena que não tenha entrada secreta.

Sharpe sabia que era irreal. Nunca falavam de seu marido ou de Teresa. Eram amantes secretos, Sharpe e uma dama, e deviam permanecer em segredo. Havia concedido estes poucos dias, estas noites, mas o destino ia separá-los; para ele havia uma batalha, para ela a guerra secreta de cartas e códigos. Dispunham daquela noite, a

batalha de amanhã e depois, se fossem afortunados apenas mais uma noite, a última noite; e então estariam nas mãos do destino. Ela voltou a olhar as fortificações.

— Amanhã você lutará?

— Sim.

— Posso observá-lo — ela disse fazendo um gesto para o telescópio montado sobre o pesado tripé. — Eu o observarei.

— Tentarei não cometer nenhuma imprudência por estar me olhando.

Ela sorriu.

— Não seja imprudente. Quero tê-lo amanhã.

— Posso lhe trazer Leroux acorrentado.

Ela riu e seu riso revelou um toque de tristeza.

— Não faça isso. Lembre que talvez ainda não saiba quem é O Mirante. Poderia adivinhá-lo e depois escapar.

— Não escapará.

— Não.

Ela o pegou pela mão e o conduziu para o interior do palácio. Desceu uma persiana de madeira para tapar a luz do sol e virou-se para ela, que já estava sobre o leito de cortinados negros. Estava bonita, pálida na escuridão, frágil como o alabastro. Ela lhe sorriu.

— Pode tirar as botas, capitão Sharpe. É hora da sesta.

— Sim, senhora.

Naquela mesma tarde ele se pegou olhando para ela enquanto dormia, e parecia que ela dava um salto cada vez que soavam os grandes canhões. Beijou-a na testa, afastando da pele o cabelo dourado, e ela abriu os olhos entre sonhos, aproximou-se dele e lhe murmurou algo. Ela apenas estava adormecida.

— Sentirei sua falta, Richard, sentirei sua falta.

Sharpe a tranquilizou como faria com uma criança e percebeu que também sentiria saudades, mas o destino era inexorável. Lá fora, além da persiana, além da gelosia, os canhões faziam o destino se apressar, e eles se abraçaram como se a pressão de seus corpos pudesse ficar gravada na memória para sempre.

-O nde diabos estava? — perguntou Hogan com agressividade e bem suado por causa do calor.

— Aqui, senhor.

— Procurei você à noite passada. Maldito seja, Richard! Pelo menos poderia dizer para sua gente onde está! E se fosse importante!

— E era, senhor?

— Realmente não — admitiu Hogan a contragosto. — Patrick Harper me disse que ouvira que estava com a filha de um sapateiro. Doris, ou algo assim, e que ela não tinha pernas.

— Sim, senhor.

Hogan abriu sua caixa de rapé.

— Maldito seja, Richard, seu matrimônio é coisa sua, mas você tem muita sorte de ter Teresa. — Aspirou com violência para ocultar seus sentimentos. Sharpe esperou até que espirrasse e depois Hogan sacudiu a cabeça em sinal de negação. — Deus! Não vou dizer mais nada.

— Não há nada a dizer, senhor.

— Espero que não, Richard, espero que não.

Hogan fez uma pausa e escutou o som chiante de uma bala ao vermelho vivo que era atacada na bucha empapada. O canhão disparou para as casas e a fumaça acre flutuou até onde os dois oficiais falavam.

— Teve alguma notícia de Teresa, Richard?

— Já faz um mês que não, senhor.

— Vai à caça dos homens de Caffarelli. Ramón me escreveu. — Ramón era o irmão de Teresa. — Sua filha está bem e bonita, em Casatejada.

— Estupendo, senhor.

Sharpe não sabia se Hogan tencionava que se sentisse culpado. Talvez devesse se sentir culpado, mas não era assim. A relação de Sharpe com a marquesa era tão conjuntural, seu amor estava condenado a um período de tempo tão curto que isso não afetava seus planos a longo prazo. E não podia se sentir culpado de proteger O Mirante. Era sua missão.

Hogan deu uma olhada para a companhia de Sharpe, estavam formados na rua e disse grunhindo que tinham bom aspecto. Sharpe consentiu.

— O descanso lhes caiu bem, senhor.

— Já sabe o que tem de fazer?

— Sim, senhor.

Hogan enxugou a testa. O sol do meio-dia esquentava a cidade. Repetiu as ordens ignorando a resposta de Sharpe.

— Vá atrás do assalto, Richard. Ninguém deve fugir, entendido? Ninguém, a menos que lhes tenha visto o rosto, e quando encontrar aquele sacana traga-o para mim. Se não estiver aqui estarei no quartel general.

— Sim, senhor.

A companhia entrou em fila na nova trincheira que conduzia ao Tormes pelo interior do vale. Por cima de suas cabeças os disparos seguiam retumbando, seguiam se chocando contra as fortalezas e as tropas de ataque estavam contentes e confiantes. Desta vez não podiam falhar. Tinham bombardeado tanto São Caetano que uma muralha desaparecera, e este seria o primeiro forte que atacariam. O ataque teria lugar à luz do dia, agravado pelos ecos dos canhões de sítio, e as tropas estavam contentes porque quase não se ouviam os canhões franceses. Um tenente dos fuzileiros ia encabeçar o pelotão suicida, mas nem ele nem seus homens tinham o olhar cansado e desesperado de outros pelotões suicidas. Para um pelotão suicida se espera a morte. Sua missão consistia em atrair o fogo inimigo, esvaziar os canhões da defesa antes que o ataque principal irrompesse na brecha. Os voluntários sorriram com ironia para Sharpe. Eles o admiravam e invejavam a insígnia com a coroa de louro que usava no braço.

— Não será como em Badajoz, senhor.

— Não, tudo sairá bem.

Sharpe via no outro extremo do vale as águas prateadas do Tormes deslizando silenciosamente para o distante mar. Seus homens tinham pescado naquelas águas durante as tardes compridas e ociosas e sentiriam saudade das trutas. Sharpe viu que Harper olhava fixamente para aquelas águas.

— Sargento?

— Senhor?

— O que foi isso que ouvi de Doris? O que disse ao major Hogan?

— Doris, senhor? — Harper se fazia de inocente, mas lhe pareceu que Sharpe não estava preocupado. — Quer dizer Doris, senhor. Devo ter-lhe dito algo.

— Quem lhe falou disso?

Harper pegou na pederneira de sua espingarda de sete canos.

— A mim, senhor? Acho que foi lorde Spears, um dia em que estava procurando pelo senhor. Deve ter mencionado algo. — Deu um sorriso irônico para Sharpe com ar conspirador. — Ouvi que não tem pernas, senhor.

— Ouviu mal. Não é verdade.

— Não, senhor. Certamente que não, senhor.

Harper se pôs a assobiar e olhou o céu limpo.

Na trincheira se percebeu um movimento e grunhidos dos homens que se punham em pé e fixavam as longas baionetas nos mosquetes, então Sharpe percebeu de que o canhoneio tinha cessado. Era o momento do ataque, contudo carecia da tensão que sentiu no ataque anterior, quando estes mesmos batalhões foram destruídos pelos canhões franceses. Seu instinto lhe dizia que desta vez seria mais fácil, porque os horríveis disparos de balas fumegantes lançadas pelos canhões converteram as fortificações em um inferno para as guarnições que estavam dentro. O tenente dos fuzileiros desembainhou seu sabre, fez um sinal para o pelotão suicida e escalou a lateral da trincheira. No cume, sem fogo inimigo, parou. Fez um sinal para seus homens, que aguardavam embaixo.

— Alto! Alto!

— O que diabos se passa?

Um tenente-coronel abriu passagem pela trincheira. Tinha o colarinho fechado por uma tira de couro e sua cara estava vermelha e brilhante pelo calor.

— Anda, homem!

— Estão se rendendo, senhor! Uma bandeira branca!

— Santo Deus!

O coronel subiu engatinhando a parede da trincheira e olhou para São Caetano, depois para São Vicente.

— Santo Deus!

As tropas britânicas que estavam na trincheira zombaram dos franceses e lhes gritaram insultos.

— Lutem, sacanas! Estão com medo?

— Silêncio! Silêncio! — gritava o coronel.

Somente se via a bandeira branca em São Caetano, os outros fortes permaneciam em silêncio, não se viam defensores nas janelas. Sharpe pensou que talvez fosse um truque, um estratagema urdido por Leroux para conseguir a liberdade, mas se era assim não o entendia. Tanto se fossem derrotados pelas baionetas como se simplesmente se rendessem, as guarnições francesas continuariam à mercê de seus captores e Sharpe ainda poderia buscar entre a tropa àquele homem alto de olhar gelado com uma comprida espada Kligenthal. A companhia se acomodou na trincheira. Os rumores percorriam de cima abaixo a escavação, dizia-se que os franceses apenas queriam evacuar aos feridos, depois que o inimigo queria tempo para negociar a rendição. Alguns dos homens dormiam, roncando suavemente, e para Sharpe a tranquilidade daquela tarde sem o fogo de canhão pareceu tremendamente pacífica. Olhou a sua esquerda e viu, por cima dos telhados, a gelosia escura do mirante. Havia um buraco quadrado negro que mostrava de onde a marquesa estaria observando com seu telescópio. Ele desejava que aquela tarde acabasse, que os prisioneiros formassem e quera Leroux acorrentado no quartel general. Então poderia voltar para a portinha, subir a escada de pedra e passar a última noite salamanquense no palácio Casardes.

Um oficial que falava francês levou um megafone até o parapeito da trincheira e gritou para São Caetano. As traduções grosseiras percorreram a trincheira. Os franceses queriam receber ordens do comandante de São Vicente, mas Wellington não permitia. Os britânicos atacariam após cinco minutos e a guarnição tinha que escolher. Lutar ou se render. Como para reforçar a mensagem os canhões de dezoito lançaram uma última descarga e Sharpe ouviu o rugido e o crepitar das chamas atrás dele enquanto São Vicente voltava a pegar fogo. O oficial de São Caetano gritou para os britânicos, o oficial britânico que sabia francês respondeu e outro mensageiro desceu para a trincheira e gritou algo para o homem que tinha o megafone. A ordem foi ouvida claramente na trincheira. O inimigo perdera muito tempo em discussões. Tinham que retirar a bandeira branca porque o assalto era iminente. A ordem foi traduzida para o francês, o tenente-coronel desembainhou sua espada, virou-se para a trincheira abarrotada e gritou que avançassem.

Os homens aclamaram. Tinham as baionetas preparadas, queriam vingança, e se lançaram para cima para o vale, sem prestar atenção ao pelotão suicida que agora já era parte do ataque principal, e Sharpe ia com eles. Não dispararam os canhões das frestas

francesas. São Vicente, quando Sharpe se girou para olhá-lo, estava ardendo com intensidade. Os artilheiros do forte francês maior lutavam contra as chamas, não carregavam os canhões e o assalto não foi perturbado pela metralha. A bandeira branca tinha desaparecido de São Caetano, retiraram-na das defesas destroçadas e em seu lugar havia uma fila de soldados de infantaria franceses. Os inimigos estavam sujos, manchados de fuligem e poeira, e apontavam com seus mosquetes para o ataque. Olhavam uns para os outros sem estar certos de se tinham se rendido ou não, mas ao ver os atacantes saltando para cima dos entulhos se decidiram. Dispararam.

Foi uma descarga débil, pouco efetiva, e apenas serviu para ferir a um punhado de homens e excitar aos outros. Ouviram-se vivas desiguais, os primeiros casacas-vermelhas entraram no fosso que estava meio cheio de entulhos e subiram a tosca brecha para o forte. Os franceses não ofereceram batalha. Os soldados de infantaria lançaram ao chão os mosquetes antes que os atacantes chegassem até onde eles estavam. Não lhes fizeram caso, empurraram-nos de lado e as tropas fluíram para o interior do convento. Os edifícios ainda fumegavam e se via onde havia pegado fogo. São Caetano estava cheio de britânicos que aclamavam dispostos ao saque; Sharpe parou no extremo do talude e olhou atrás dele. O pelotão do sargento McGovern estava lá onde devia estar e Sharpe fez um megafone com suas mãos.

— Detenham qualquer um que tente fugir! Entendido!

— Sim, senhor!

Sharpe sorriu para Harper.

— Vamos à caça.

Desembainhou sua espada pensando que talvez essa fosse a última vez que a utilizaria e saltou para o interior do fosso. A subida para as defesas era fácil, pois a muralha do convento havia sido derrubada no fosso, e Sharpe foi correndo pelas pedras com a esperança de que Leroux estivesse naquele primeiro edifício. Podia estar em qualquer um dos três. Os franceses não tinham podido abandonar os fortes graças ao cordão das companhias ligeiras, mas não houve maneira de impedir que se movessem entre as construções na escuridão da noite.

— Deus salve a Irlanda! — gritou Harper detendo-se no cume.

São Caetano parecia um ossuário cujos cadáveres tivessem sido esmagados e queimados. Os prisioneiros ilesos estavam reunidos no pátio central, mas nas muralhas estava, junto aos canhões, um espantoso resto da guarnição. A ânsia de vingança dos atacantes se paralisou ao ver aquele horror. Os casacas-vermelhas se ajoelhavam junto aos feridos, davam-lhes água, e todo soldado pôde imaginar o que devia ter sido a vida durante aquelas últimas horas sob o bombardeio fechado dos canhões. Havia um homem perto da brecha, sobre uma maca na qual Sharpe supôs que o tinham colocado para podê-lo levar depressa ao hospital, e parecia que aquela figura horrenda que gritava de dor simbolizasse todo o sofrimento da guarnição. Era um oficial de artilharia e seu uniforme azul fez Sharpe se lembrar do homem que ele havia matado em Badajoz. A este homem restava pouca vida. Tinha a metade da cara coberta de sangue, uma massa informe ali onde tivera um olho e o ventre aberto por lascas de madeira ou por pedaços de ferro que lhe tinham deixado suas tripas, de um azul brilhante entre sangue espesso, ao ar e à

mercê das moscas. Suspirava, gritava, pedia ajuda aos gritos e mesmo os homens que estavam habituados ao sofrimento e à morte repentina acharam que aquela agonia era insuportável. Entre berros, o homem ofegava, gemia e chorava. Dois soldados de infantaria franceses ilesos estavam sentados de cócoras junto ao oficial. Um segurava sua mão. O outro tentava conter a terrível ferida de um colorido vermelho-azulado que havia manchado o uniforme com sangue onde o fogo não o chamuscara. Sharpe olhou para o oficial de artilharia.

— Teria sido mais rápido atirar nele.

— Há outra dúzia deles, senhor.

Harper indicou com a cabeça outros homens, alguns deles igualmente malferidos, outros queimados e Sharpe voltou a subir a parte superior da brecha para gritar para McGovern.

— Vão retirar os feridos! Deixe-os subir!

Já havia carroças esperando na cabeça da trincheira, junto à bateria principal, para levar os franceses ao hospital. Sharpe os ia detendo de um em um e olhava para os prisioneiros que havia no pátio. Leroux não estava ali. Contudo, isso não o surpreendeu. Esperava que Leroux estivesse no forte principal, São Vicente, e se apressou quando começou a revistar São Caetano, pois sabia que o assalto aos outros estaria a ponto de começar. Correu escadas acima pelo interior do convento, abria de um golpe as portas que davam para os quartos vazios, tossia quando tinha que percorrer um corredor cheio de fumaça para explorar as habitações ameaçadas pelas chamas, mas no forte não havia ninguém. Os franceses estavam presos lá embaixo e os únicos homens nos quartos superiores eram soldados britânicos que se apoderavam das posses de seus antigos inimigos. Sharpe inclusive olhou para esses homens detalhadamente, pois havia a possibilidade de que Leroux tivesse se disfarçado com um uniforme britânico, mas ele não estava ali.

Ouviu um grito que provinha de baixo e Sharpe foi correndo até o último quarto que não tinha revistado. Estava vazio como todos os outros, mas tinha um telescópio como o da marquesa, montado sobre um tripé e um soldado galês tentava levantá-lo.

— Largue-o!

O homem se sentiu ofendido.

— Sinto muito, senhor.

Sharpe viu as marcas do tripé no piso de madeira e com cuidado alinhou o telescópio outra vez sobre as velhas marcas. Supôs que talvez tivesse sido usado para receber mensagens telegráficas quando o exército francês se achava perto da cidade, mas não podia estar seguro. Olhou através da lente, viu o céu amplo e inclinou o tubo para baixo. A lente apontava através de uma janela diminuta. Qualquer um que o usasse desde as marcas do tripé quase não poderia ver nada por aquele espaço diminuto. Um pedaço de céu, logo a lente se estabilizou e Sharpe viu o quadrado escuro, o círculo de luz que reconheceu como a lente da marquesa segura por um aro de cobre. Sorriu. Alguém tinha tentado observar a marquesa em sua sacada e ele não lhe podia repreender, pois devia ser um inferno ver-se pegado naquele diminuto forte. A lente fora colocada bastante para trás para que não refletisse nenhuma luz que pudesse trair seu usuário, e devia ter rezado e

desejado conseguir um vista daquela beleza perfeita para se esquecer daquele inferno que destroçaria as entranhas de qualquer homem. Permaneceu um momento com a esperança de vê-la, mas não havia sinal dela. Lembrou do grito que provinha de baixo e fez um gesto apontando para a lente.

— Pode pegá-lo, soldado.

Correu escadas abaixo e se reuniu com Harper, que havia voltado a revistar os quartos; o grito havia anunciado a descoberta do paiol dos franceses. O edifício estava ardendo e abaixo seus pés os barris de pólvora iam explodir em diminutos pedaços. Um oficial britânico organizara uma corrente de homens que iam subindo os barris, atravessavam o pátio e os largavam empilhados no fosso. Sharpe passou por aquela corrente aos empurrões sem se importar com os protestos, mas Leroux não estava naquele porão.

Os outros dois fortes ainda não tinham se rendido; contudo, os britânicos caminhavam com bastante tranquilidade e despreocupação pelo espaço exterior de São Caetano. Os canhões franceses não disparavam, não havia metralha que crivasse o ar. O sargento Huckfield ordenara a seu pelotão que se reunisse com o de McGovern e os dois sargentos cumprimentaram Sharpe quando este saiu da brecha. McGovern moveu a cabeça com severidade.

— Não há sinal dele, senhor?

— Não.

Sharpe embainhou sua espada. O tenente Price estava esperando na trincheira, preparado para ir a São Vicente, e Sharpe pensou na longa tarde que tinham pela frente. Queria regressar para o lado da marquesa, queria acabar com aquele trabalho e começou a ressentir-se da comprida busca debaixo do insuportável calor. Olhou para Huckfield.

— Leve seus homens para A Mercê. Espere-me lá.

Não achava que Leroux estivesse no forte menor, mas tinha que cobri-lo. Dirigiu-se a McGovern.

— Deixe quatro de seus homens aqui, para o caso dele ter se escondido. Os outros irão para o grande.

— Senhor. Preferiria que fossem seis.

— De acordo, seis. — Pensou no que poderia passar se Leroux tivesse encontrado um esconderijo entre as ruínas fumegantes. — E você também fica, Mac.

— Senhor — assentiu McGovern com gravidade.

Deus, como fazia calor. Sharpe tirou o chapéu e enxugou o rosto. Usava a casaca desabotoada, solta. Desceu engatinhando pela lateral do barranco com a vista levantada, olhando para São Vicente, e então viu que as tropas portuguesas começavam sua ascensão para a grande fortaleza em chamas. “Deixe que os grandes sacanas se rendam rápido”, pensou, e se apressou; o suor lhe empapava a camisa nova de linho que a marquesa lhe dera. Teria que tomar banho no palácio, pensou, e lembrou-se do incrível luxo da enorme tina, enchida por um exagero de criados e a estranha sensação de ver-se submergido em água quente. Sorriu ao recordar e Patrick se perguntou no que estaria pensando seu capitão.

Os portugueses não encontraram resistência. As pequenas figuras saltavam para o

interior do fosso, trepavam pelos abrigos dos canhões e não havia mosquetes que lhes disparassem. Os franceses já tinham o bastante. Sharpe olhou para seus pelotões.

— Venha!

O ar era sufocante. Perto do forte maior era inclusive mais quente, graças às chamas que ardiam no edifício. Alguns franceses aos quais os portugueses não prestavam atenção saltavam das defesas e Price fez que seu pelotão fosse cortar sua fuga. Sharpe subiu correndo o rudimentar talude, o calor lhe abrasava, e conduziu o pelotão de Harper para o interior das grandes defesas para encontrar-se com o mesmo quadro que viram anteriormente. Os feridos necessitavam de atenção, os vivos se rendiam, os mortos fediam entre as pedras e as madeiras caídas. Os portugueses já iam empurrando os barris de pólvora desde os porões; levavam-nos até um lugar a salvo enquanto outros iam agrupando os prisioneiros e saqueavam as mochilas dos franceses. Não havia sinal de Leroux. Tiraram três franceses enormes das filas e Sharpe os olhou detalhadamente, tentando descobrir um rastro delator, mas nenhum deles era Leroux. Um tinha o lábio leporino e não pôde imaginar ao coronel da Guarda Imperial com aquela desfiguração, outro era muito mais velho e o terceiro parecia um bobão que sorria sem vontade para o oficial dos fuzileiros. Não era Leroux.

Sharpe olhou para os edifícios em chamas e depois para Harper.

— Vamos ter que revistá-lo.

Eles o revistaram. Olharam em cada habitação no qual se pudesse entrar, e tentaram inclusive olhar naquelas onde nenhum ser humano podia permanecer com vida. Sharpe cambaleou na borda de uma lajota quebrada ao olhar fixamente para um fogo que crepitava e se elevava, ouviu como caíam grandes vigas de madeira e percebeu que nenhum homem podia estar vivo ali. Pôs a mão na bolsa de munições e o couro estava quente demais e não podia ser tocado, então saiu para trás temendo que de repente a munição do rifle explodisse e se sentiu invadido pela dúvida e pela frustração. Estava empapado em suor, enegrecido pela fuligem e o sol seguia caindo implacável sobre o edifício, os prisioneiros se amontoavam no exterior e Sharpe maldisse a Leroux.

Price ofegava debaixo daquele calor.

— Não o vi, senhor.

Sharpe indicou um grupo que estava à parte.

— Quem são?

— Feridos, senhor.

Olhou para os feridos. Inclusive fez que um dos homens tirasse uma bandagem da cabeça e lamentou tê-lo feito. O homem estava muito queimado e não era Leroux. Sharpe olhou a cena que se desenrolava no talude.

— Quantos prisioneiros?

— Quatrocentos aqui, senhor. Pelo menos.

— Voltem a revistá-los!

Foram percorrendo as filas, paravam diante de cada homem e os prisioneiros franceses os olhavam com tristeza. Alguns eram altos, e estes eram separados das filas para um grupo à parte, mas era inútil. Alguns não tinham dentes, outros não tinham a idade, alguns eram parecidos, mas não eram Leroux.

— Patrick!

— Senhor?

— Procure aquele oficial que falava francês. Diga-lhe que venha me ver.

O oficial veio e ajudou com gosto. Perguntou aos prisioneiros se conheciam ao alto coronel Leroux ou a um tal capitão Delmas. A maioria deles deu de ombros, mas um ou dois disseram que recordavam de um capitão Delmas que lutou muito bem em Austerlitz e outro recordava de um Leroux que esteve na guarda da cidade de Pau. O sol era agonizante, reverberava sobre as pedras quebradas e o suor caía nos olhos de Sharpe, que ardiam, e era como se Leroux tivesse sumido da face da terra.

— Senhor? — Harper apontava para o outro lado do barranco. — O forte pequeno se rendeu.

Voltaram a cruzar o vale e, agora que o terceiro forte havia se rendido, foi permitido aos feridos desalojados de São Caetano e de São Vicente saírem da trincheira. Sharpe se perguntava quantos teriam morrido enquanto esperavam debaixo daquele sol abrasador. O oficial da artilharia, cujas tripas estavam expostas por causa de uma lasca voadora, ainda vivia. Seu rosto com aquela sangrenta asquerosidade onde teve um olho balançava para cima e para baixo, e Sharpe viu que Harper tocava seu crucifixo enquanto observava a maca que o levava para as carroças. “Graças a Deus”, pensou Sharpe, e subiu o vale e se dirigiu para A Mercê.

Leroux não estava ali. Leroux não estava em nenhum dos fortes e Sharpe e Harper voltaram a caminhar pelo amplo terreno baldio que estava ardendo em direção a São Vicente; voltaram a revistar os prisioneiros que havia no talude. Leroux não estava ali. Por mais que tentasse, Sharpe não conseguia que nenhuma cara se encaixasse com a do coronel francês. Olhou para o oficial que falava francês com frustração.

— Alguém deve conhecê-lo!

O tenente-coronel estava impaciente. Queria que se levassem os prisioneiros para que seus homens pudessem se livrassem de ter que vigiá-los sob o sol da tarde, mas Sharpe voltou a percorrer as filas uma vez mais com teimosia. Enxugou o suor que lhe caía nos olhos, escrutinou os rostos, mas sabia que não encontraria nada. Fez um sinal de má vontade para o coronel.

— Já acabei, senhor.

Não havia acabado. Voltou a revistar o convento em chamas, desceu ao frescor do enorme porão que fora o paiol, mas não encontrou sinais do fugitivo. Finalmente, foi Harper que admitiu o que Sharpe se negava a admitir.

— Não está aqui, senhor.

— Não.

Mas ele não ia se dar por vencido. Se Leroux havia escapado, e não se explicava como, a marquesa estava em perigo. O francês podia tardar dias ou semanas, ou simplesmente horas, antes de fazer algum movimento. Sharpe imaginou o corpo daquela mulher nas mãos daquele homem e deu um golpe de espada dentro de um armário aberto, como se pudesse ocultar um fundo duplo. Esperou até sua raiva se apaciar.

— Revistem os mortos.

Havia a possibilidade de Leroux estar entre os mortos, mas Sharpe suspeitava que o

coronel alto e inteligente não tivesse se exposto ao fogo de artilharia. Contudo, Sharpe tinha que revistar os cadáveres.

Os mortos fediam. Alguns estavam mortos há dois dias sem enterrar debaixo daquele calor. Sharpe foi tirando com um rastelo os corpos do monte e quanto mais se aproximava do fundo, maior era sua certeza de que Leroux não estava ali. Voltou a sair para o talude e ficou olhando os outros dois fortes.

A Mercê estava vazio, a guarnição se afastava andando para o cativo e somente McGovern, com seu pequeno piquete, montava guarda em São Caetano. Sharpe olhou para o pelotão de Harper. Estavam muito cansados, arrebatados, e lhes fez um gesto para que se sentassem. Tirou a casaca e a deu ao tenente Price.

— Vou dar outra olhada em São Caetano.

— Sim, senhor — respondeu Price coberto de poeira e de suor.

Harper acompanhou Sharpe, e pela quarta vez escalaram o vale e caminharam lentamente para o primeiro forte que havia caído. O sargento McGovern não tinha visto nada. Seus homens haviam voltado a revistar o edifício, mas ele jurava que estava vazio e Sharpe consentiu com a cabeça.

— Volte com o tenente Price, Mac. Mande um homem para que traga ao sargento Huckfield.

A Mercê não estava muito castigada pelo bombardeio e não havia cadáveres no forte pequeno, assim que a única esperança que lhes restava eram os mortos de São Caetano. Sharpe e Harper penetraram lentamente no pátio horroroso e olharam o espantoso monte. Não havia mais o que revistar. Os cadáveres se refestelavam anormalmente depois de terem sido tirados do monte. Sharpe olhava cada rosto e cada rosto lhe era estranho. Dirigiu-se a uma das muretas que estava menos estragada e ficou com Harper olhando para o outro lado do rio. As colinas verdes e peladas se viam pálidas sob a luz do sol. Olhou para as mãos, manchadas do excremento e do sangue dos mortos, e amaldiçoou com força. Harper lhe ofereceu seu cantil sem dizer nada. Sabia o que Sharpe estava pensando; que haviam encomendado à companhia ligeira uma missão fácil, uma tarefa que lhes proporcionara dias junto ao rio e noites nas adegas, e em troca eles haviam fracassado na única coisa que lhes pediram para fazer.

Os homens de Huckfield marchavam em fila por debaixo da mureta; o sargento levantou a vista para Sharpe e lhe ofereceu ajuda. Sharpe negou com a cabeça.

— Aqui não tem nada! Siga em frente. Já nos reunimos com você.

— E agora? — perguntou Harper sentado na mureta.

— Não sei.

Deu uma olhada para o forte pequeno, o da Mercê, e pensou em se deveria voltar a revistá-lo, mas sabia que estava vazio. Podia esperar até que o incêndio acabasse em São Vicente e depois procurar entre as cinzas em busca de um corpo. Por Deus! Ele faria! E derrubaria os malditos conventos, pedra a pedra, até que encontrasse ao francês. Sua camisa nova estava manchada e fedia, estava colada ao peito por causa do suor. Pensou na marquesa, no frescor de seus quartos, no banho que o estava esperando e o vinho fresco no mirante. Sacudiu a cabeça.

— Não pode ter escapado. Não pode!

— Ele o fez antes — disse Harper tentando consolá-lo.

Então Sharpe pensou na pele suave e sedosa da marquesa arrancada de seu corpo, polegada a polegada, e pensou em Leroux torturando-a. Aquela ideia lhe fez fechar os olhos.

Harper enxaguou a boca com água e a cuspiu no fosso.

— Podemos voltar a revistar, senhor.

— Não, Patrick. Já está bom.

Levantou-se e começou a descer, cansado, as escadas para o pátio. Odiava ter que admitir o fracasso, mas não achava que outra revista daria em algo. Parou para esperar por Harper e ficou olhando para um cadáver francês ao qual tinham tirado as entranhas. O homem estava nu, a ferida o tinha deixado tão aberto que dava para ver a coluna através do estômago, mas Sharpe não via nada. Apenas olhava fixamente e as lembranças vinham martelando. Harper se fixou e olhou também ele para o cadáver.

— Tem graça, isso.

— O quê? — perguntou Sharpe abstraído em seus pensamentos. Harper assinalou com a cabeça para o cadáver.

— Aquele pobre sacana foi estripado como este. Mas o outro estava vivo.

— Sim — respondeu Sharpe encolhendo-se de ombros. — Têm graça as feridas. Recorda-se do major Collett? Não tem nem um sinal. Outros pobres sacanas vivem com a metade do recheio para fora.

Ia conversando para tentar ocultar seu desgosto. Afastou-se, mas Harper seguia olhando o cadáver.

— Vem, Patrick?

Harper se acorou e tentou afastar as moscas com a mão.

— Senhor? — chamou com voz preocupada. — O senhor diria que este tinha tudo, senhor? Já sei que é uma autêntica patifaria, mas...

— Oh, santo céu! Deus! — exclamou Sharpe.

Sabia que as tripas do cadáver podiam ter se perdido em uma explosão, podiam tê-lo jogado aos cachorros rueiros que mexiam no terreno baldio pela noite... Ou podiam tê-las tirado para fazer o disfarce perfeito.

— Oh, Deus!

Os dois soldados começaram a correr.



Os dois correram com todas suas forças para as pedras, tropeçando nos escombros das casas em ruínas, e pegaram o caminho mais curto para a cidade. O cordão de tropas ligeiras que ainda permanecia em seu lugar observou com assombro para aqueles dois homens enormes, um com a camisa manchada e suada e brandindo uma espada enorme e o outro com uma arma de sete canos, que carregava para eles. Um homem apontou o mosquete para eles desafiante.

— Abram o caminho! — O grito de Sharpe convenceu o pelotão de que os dois eram britânicos.

Sharpe entrou no primeiro pelo beco de onde quatro dias antes havia partido o ataque frustrado. Os civis abarrotavam as ruas com a esperança de ver um pouco da agitação que se vivia no terreno baldio, mas se afastaram apressadamente ante aqueles dois homens armados. Sharpe agradeceu que o caminho para o Colégio Irlandês, aonde levavam os feridos, fosse ladeira abaixo.

Apesar disso, o homem que com toda segurança devia ter colocado as tripas de outro homem sobre seu estômago, que se melara com sangue e fuligem, que se disfarçara com uma ferida tão horrível para que ninguém acreditasse em sua sobrevivência a ponto de se importar com ele, tinha boa vantagem. Trinta minutos, talvez quarenta, e Sharpe sentia uma ira que lhe cegava por sua própria estupidez. “Não confie em nada e não confie em ninguém! Reviste a todos”, e, contudo a visão daquele oficial de artilharia estripado lhe havia feito afastar-se com horror e compaixão. Era o primeiro oficial que vira no interior do primeiro forte e estava convencido de que tinha que ser Leroux, agora em liberdade no interior da cidade.

Giraram para a esquerda, estavam ofegantes e Sharpe viu que ainda tinham uma oportunidade. Não era muito, mas isso lhe fazia seguir. A multidão levantava as carroças que transportavam os feridos, zombavam do inimigo e as tropas britânicas continham a multidão com mosquetes. Sharpe abriu passagem aos empurrões até a carroça mais próxima e gritou para o condutor.

— É o primeiro lote?

— Não, amigo. Já foi meia dúzia. Sabe Deus como chegarão.

O condutor tinha confundido a Sharpe com um soldado. Havia visto o rifle pendurado no ombro, e sem a casaca e a faixa Sharpe não tinha mais distintivo de classe que a espada. Procurou Harper com o olhar.

— Venha!

O capitão gritava para a multidão, empurrava, livraram-se da aglomeração que rodeava os feridos e seguiram correndo colina abaixo. Sharpe via diante deles os carros vazios diante das escadas do colégio. Algumas sentinelas impediam a entrada sem se importar com as súplicas dos civis que queriam entrar para acabar o que o bombardeio britânico tinha começado. Além dos civis, a maioria jovens com navalhas longas, não se ouvia outro alvoroço no colégio. Nem gritos, nem perseguição, não havia sinal de que um ferido tivesse voltado repentinamente à vida e aberto passagem para uma liberdade pouco

segura nas vingativas ruas de Salamanca.

Sharpe subiu os degraus de dois em dois e empurrou a multidão que abarrotava o saguão diante da porta principal. Um sentinela lhe deu ordem de parar, mas ao ver a espada e o rifle fez um espaço para que os dois homens abrissem passagem aos empurrões. Esmurraram a porta.

Harper estava sem fôlego. Sacudiu a cabeça, e voltou a golpear a madeira adornada e olhou para Sharpe.

— Espero que tenha razão, senhor.

A companhia havia ficado em São Vicente sem saber aonde iam seu capitão e seu sargento.

Sharpe esmurrou com o guarda-mão de aço de sua espada.

— Abram!

Uma portilha se abriu e apareceu um rosto.

— Quem é?

Sharpe não respondeu. Abriu passagem de um empurrão, agachando-se para atravessar a pequena entrada, e em sua frente encontrou com um pátio. Devia ter sido um lugar bonito, um refúgio de paz em uma cidade pacífica, um poço rodeado de grama que por sua vez era rodeado por um claustro de dois pisos talhado. Contudo, agora era um lugar de reunião para os moribundos, o pátio estava cheio dos primeiros feridos franceses que vinham se unir aos homens que eles feriram quatro noites antes. O pátio estava abarrotado de homens que sangravam, de ordenanças, e Sharpe parou na arcada e procurou com desespero o oficial de artilharia que parecia tão malferido.

— O que querem? — perguntou um sargento agressivo que surgiu da portaria. — Quem são?

— Um oficial francês, ferido. Onde está?

O tom de Sharpe revelou ao sargento que estava falando com um oficial.

O sargento deu de ombros.

— Os cirurgiões estão lá no fundo, senhor, do outro lado do pátio. A ala dos oficiais fica acima. Como ele é?

— Tem as tripas para fora. Em uma maca.

— Tente com os cirurgiões, senhor.

Sharpe deu uma olhada para o claustro superior. Estava bastante escuro, mas viu dois ou três guardas britânicos chateados, com os mosquetes pendurados e sem dúvida alguma havia oficiais feridos nas sombras. Olhou para Harper com sua arma enorme.

— Veja lá em cima, Patrick. E tenha cuidado. Pegue um desses guardas para ajudá-lo.

Harper sorriu e levantou a arma enorme.

— Não acho que seu homem tente nenhuma bobagem.

Dirigiu-se para uma das escadas curvas que conduziam à ala dos oficiais. Sharpe abriu caminho entre os feridos para o som de gritos que indicava o lugar onde trabalhavam os cirurgiões.

Montaram toldos sobre partes da grama para que o sol não queimasse os feridos. Um cortejo constante de homens extraía água do poço e a repartia com uma concha do balde que se achava suspenso junto a um complicado gradeado. Sharpe foi ziguezagueando

e olhando para os homens que estavam em macas, escrutinou os rostos dos homens na profunda sombra dos claustros e foi para a parte de grama que não estava resguardada do sol, onde jaziam os primeiros mortos, fracassos do escalpelo ou homens que haviam morrido antes de chegar à mesa manchada de sangue. Seu instinto lhe dizia que Leroux estava ali, contudo não podia ter certeza, e quase esperava encontrar o oficial de artilharia ferido deitado no pátio. Sharpe não o encontrou e se voltou para as salas dos cirurgiões.

O coronel Leroux esperava no claustro superior. Agora apenas necessitava de duas coisas: um cavalo e uma capa comprida e simples para ocultar o aspecto horrível de seu uniforme, e ambas deviam estar esperando-o às três em ponto no beco detrás do Colégio Irlandês. Gostaria de tê-las pedido antes, mas não suspeitava que os britânicos cortassem as negociações de rendição de forma tão incisiva, e agora se assomava por entre os pilares da balaustrada e reconheceu a figura alta do oficial dos fuzileiros de cabelo castanho. Sharpe não usava casaca, mas o reconhecia com facilidade graças à espada comprida e ao rifle pendurado. Leroux havia ouvido um relógio da cidade dando a meia hora, calculou que nesse momento faltariam uns dez minutos para a hora, e teria que correr um risco desnecessário porque não lhe haviam trazido antes o cavalo e a capa. Contudo, as coisas iam bem. Foi um contratempo ficar preso nos fortes em lugar de estar com um de seus agentes na cidade, mas a fuga foi planejada com meticulosidade e até o momento funcionava. Foi um dos primeiros a entrar no hospital e os cirurgiões que esperavam quase não o olharam. O homem fez gestos assinalando para cima porque era óbvio que nenhum cirurgião poderia salvar o oficial de artilharia ferido. Seria deixado para morrer na sombra do claustro superior onde ficavam as salas dos oficiais. Leroux observou Sharpe entrando nos aposentos dos cirurgiões e sorriu para si; tinha pouco tempo.

Estava incomodado. Amontoara sobre o estômago os intestinos de um morto e tinha passado as entranhas pelo cinturão do uniforme emprestado para que a massa úmida, brilhante e gelatinosa se mantivesse em seu lugar. Salpicara a si mesmo com sangue, melara o cabelo loiro até que ele havia ficado esticado e emaranhado e depois colocara um pedaço de carne irreconhecível sobre o olho esquerdo. E queimara alguns pedaços do uniforme. A Kligenthal estava junto dele, desembainhada, e ele rezava para que Sharpe se entretivesse nas salas dos cirurgiões. Cada minuto que passava era valioso. Ouviu a amigável voz do sentinela postado no extremo superior da escada curva.

— Sargento, posso ajudá-lo?

Leroux ouviu que o recém chegado fazia o sentinela se calar e seu instinto lhe advertiu do perigo, assim que gemeu, rodou para um lado e deixou que as tripas escorressem de seu corpo. As moscas protestaram. Escavou com as mãos e arrancou as frias entranhas, depois alcançou o olho esquerdo e o limpou. Parecia que o tivesse fechado e colado, e teve que cuspir na mão e esfregar outra vez até poder ver bem. Havia chegado o momento de se mover.

Tudo aconteceu com tremenda rapidez. Um homem que parecia estar moribundo gemia debilmente, e um segundo depois se punha em pé e levava na mão uma espada comprida e cinzenta. Era como algo que surgisse do inferno, algo que tivesse rodado e esfocinhado e bebido em sangue; liberou-se da rigidez do braço com um golpe da espada e

soltou a voz com um grande grito de guerra: "Em nome do Imperador!".

Harper estava olhando para o outro lado. Ouviu o grito, girou e o sentinela estava entre ele e a figura demoníaca. Harper gritou para que o homem se movesse, tentou jogá-lo de lado com os canos largos de sua grande arma, mas o sentinela investiu debilmente com sua baioneta contra a horrível figura, a Klignenthal o afastou de lado e voltou para gravar uma diagonal no rosto do sentinela. O homem gritou, caiu de costas sobre a arma de sete canos e o impacto fez que o dedo de Harper apertasse o gatilho e a enorme espingarda disparou. As balas martelaram inutilmente contra as lajotas, quicaram na balaustrada e o retrocesso da arma, um retrocesso que podia lançar um homem de um barco, fez Harper girar para trás. O sargento tentava manter o equilíbrio. Só tinha degraus às suas costas, e estava na parte interna da curva, ali onde os degraus são mais estreitos. Estava a ponto de cair e com sua mão direita procurava apoio; o sentinela, gritando porque não via nada, caiu aos pés de Harper e foi engatinhando para pôr-se a salvo, seu braço bateu no tornozelo do enorme sargento e Harper caiu.

Harper agarrou-se à balaustrada, puxando com todas suas forças e então viu que o oficial francês vinha para atingi-lo com a espada dirigida para seu peito, e parecia que a lâmina acelerava ao mesmo tempo em que a força do francês penetrava na investida.

A lâmina o atingiu. A ponta bateu entre as coxas diminutas do crucifixo de Harper. Que se soltou da balaustrada, gritou para alertar e prevenir a Sharpe, mas suas pernas estavam presas pelo sentinela e ele sacudia inutilmente o braço buscando o equilíbrio; finalmente caiu distante da espada. E rodou pela escada.

Bateu com a cabeça no oitavo degrau. O som que se produziu se pôde ouvir por todo o pátio e foi um estalido surdo. Pareceu que a cabeça quicava para cima, o cabelo castanho claro se agitou, o sangue começou a brotar; então a cabeça voltou a cair e o corpo de Harper foi deslizando até que parou na curva da escada. Parou com os membros estendidos e sangrando, com a cabeça para baixo sobre a escada de pedra.

Leroux deu a volta para ir e gritou para os feridos franceses que lhe dessem passagem. Correu para a esquerda, o caminho mais curto para a parte traseira do colégio, e as duas sentinelas assustadas se juntaram e apontaram seus mosquetes. Um se pôs de joelhos, puxou a pederneira e Leroux se deteve. Estavam muito longe para que carregasse contra eles. O homem disparou e a bala passou sem ferir o francês, mas o outro esperou muito e Leroux se afastou. Daria a volta com a esperança de que não houvesse sentinelas; sentia a espada estupidamente em sua mão, como algo com vida, e ele riu de prazer.

Sharpe estava no interior das salas dos cirurgiões quando ouviu o rugido da arma de sete canos; se deu a volta e correu, saltando por cima dos corpos jogados sobre a grama, justo para ver Harper caindo, viu o corpo enorme quicar contra os degraus e gritou com uma raiva que fez os ordenanças do hospital se afastarem de seu caminho. Subiu os degraus de três em três e saltou o corpo de Harper, do qual gotejava sangue que formava um charco no degrau debaixo. O sargento não dizia nada e não se movia.

Sharpe chegou ao extremo superior da escada quando Leroux regressava ao lugar onde arremeteu contra Harper. Sharpe sentia uma raiva imensa. Não sabia se Harper estava vivo ou morto, mas sabia que estava ferido; Harper era um homem que teria dado sua vida por ele, um amigo, e Sharpe estava de frente para o homem que lhe ferira. O

capitão de fuzileiros subiu os últimos degraus com o rosto desfigurado pela ira e sua longa espada ressoou no ar quando a dirigiu para o francês, mas Leroux a parou. Leroux agarrava o pulso direito com a mão esquerda de maneira que toda sua potência estivesse na Klighenthal e as lâminas se chocaram.

Sharpe sentiu o golpe de aço contra aço como se fosse um golpe de marreta que lhe imobilizasse o braço direito. Que ficou rígido depois do esforço do golpe e o retrocesso das lâminas freou sua investida, ameaçando derrubá-lo para trás, mas também havia parado a Leroux. O encontro das duas espadas o havia sacudido e o coronel francês estava assombrado com a intensidade do ataque, com a força que arremetia contra ele e que lhe seguia ameaçando.

A Klighenthal atacou quando o eco do primeiro golpe estrepitoso voltou do outro lado do pátio. Sharpe parou a estocada com a ponta para abaixo e girou sua própria espada com tal rapidez que Leroux retrocedeu de um salto e o extremo da lâmina de Sharpe passou a apenas meia polegada do rosto do francês. Uma e outra vez Sharpe ia sentindo que lhe invadia o regozijo porque ele tinha a mesma rapidez que aquele homem e sua mesma força, e Leroux aparava com desespero, retrocedendo. Só o que a Klighenthal fazia era bloquear as acometias da velha espada de cavalaria. Então Leroux tocou pedra com os calcanhares, se achava contra o muro e não podia escapar de Sharpe. O francês deu uma olhada para sua direita, viu por onde devia ir e notou que o rosto de Sharpe se retorcia, ao esforçar-se para dar um último golpe que o cortaria pela metade. Levantou a Klighenthal com força, um golpe que não tinha nada da arte de esgrima, apenas uma acometida mortal como última defesa, e as espadas ressoaram no ar, a Klighenthal passou junto de Sharpe e a acometida do fuzileiro foi parada.

As duas lâminas se encontraram, fio contra fio, de novo o choque sacudiu seus braços e os corpos, e o que se ouviu não foi um som metálico, nem uma música discordante. Sharpe desmoronou porque o som era surdo e sua espada, que havia lhe acompanhado por quatro anos em todos os campos de batalha, quebrara-se com o impacto do aço cinzento, bonito e assedado da Klighenthal. Sharpe sentiu como se desaparecesse; como se o golpe estremeedor se convertesse em uma queda, e viu que a parte superior da lâmina se partia e caía, como se o aço não fosse mais que caramelo. Quebrou, cinzenta e rachada, e a ponta caiu com estridência sobre os ladrilhos; Sharpe ficou com uma empunhadura e um toco dentado. Ele bateu contra as pedras, rodou para Leroux e tentou atingir a virilha do francês com o toco, mas Leroux riu aliviado, afastou-se e elevou sua espada, com a ponta para baixo, para desferir o golpe mortal.

O sentinela que não tinha disparado sua arma ia andando pesadamente para a esquina do claustro, afastou a cotoveladas dois oficiais franceses feridos e gritou para o homem manchado de sangue cuja espada estava no ar. O sentinela levantou o mosquete de um golpe, Leroux o viu, esqueceu-se de Sharpe e correu. O fuzileiro lançou o pedaço de espada, errou e rodou para se pôr de pé com o rifle caindo-lhe do ombro.

— Ei!

O protesto do sentinela se deixou de ouvir quando disparou o mosquete. Levantou de uma sacudida o cano e a pederneira soltou faíscas; só o que conseguiu foi não acertar Sharpe, que havia entrado em sua linha de fogo. A bala passou junto de Sharpe e ele sentiu

sua força sobre a bochecha, passou junto de Leroux e se esmagou contra a parede ao longe. Leroux corria sem inimigos na frente dele e com a comprida Kligenthal na mão.

O braço de Sharpe era lento, estava entorpecido pelo choque das espadas, e manipulava a pederneira do rifle. Leroux havia chegado até uma porta que tinha no fundo e puxou a maçaneta, depois bateu na porta com o punho. Continuava fechada. De novo estava preso.

Sharpe se levantou. A pederneira retrocedeu e sentiu com satisfação que a pesada mola se comprimia. Fez um estalido ao colocar-se em seu lugar, o rifle estava preparado. Caminhou para Leroux, que seguia esmurrando a porta a apenas vinte passos de Sharpe. Sharpe apontou com o cano.

— Quietos!

O francês se inclinou até tocar a bota e quando o fez a porta se abriu. Sharpe viu que levantava a mão e que nela havia uma pistola de cano octogonal, Leroux levava uma pistola de duelo. Deu um grito, passou a correr e, afastando da porta o sacerdote irlandês, Curtis, entrou. Sharpe gritou para que o velho se afastasse de seu caminho, mas a porta se fechou e Sharpe não teve tempo de apontar, assim que apertou o gatilho e a bala fez saltar uma lasca do marco da porta. Havia errado o tiro.

Leroux voltou a abrir a porta e levantou lentamente a mão direita com a pistola. Sorriu, inclinou a mão, de maneira que a pistola apontasse baixo para Sharpe, e o fuzileiro viu a chama na caçoleta, lançou-se de lado, viu a fumaceira diante de Leroux e sentiu que um grande golpe lhe estremecia o corpo. Então pareceu como se tudo estivesse sucedendo a pouquíssima velocidade. A porta se fechou atrás de seu inimigo. Sharpe seguia correndo, o rifle caía, ressoava e quicava, e a dor se estendia por todo seu corpo, mas tentava correr. Ouviu um grito de autêntica dor, um grito que percorreu o pátio, mas Sharpe não se dava conta de que era seu próprio grito e seguia empenhado em correr. Um joelho se chocou contra os ladrilhos, mas ele ainda seguia tentando, suas mãos se agarravam ao sangue recente, de um vermelho brilhante, e ele gritava, caía. Escorregou sobre as pedras, arrastou-se e o sangue brotava atrás dele e lhe manchava as pernas que se sacudiam, e seguia ouvindo o grito.

Foi arrastando-se até a porta, encolheu-se, agarrado a um mundo de dor que nunca tinha imaginado, e gritou inutilmente. O sangue manou de entre seus dedos, que se agarravam ao estômago como se pudesse chegar até seu interior e arrancar a horror que o rasgava. Então, graças a Deus, deixou de gritar e ficou calado.

O relógio da catedral deu as três.



O soldado Batten estava preocupado e fez o restante da companhia ficar sabendo.

— Aquele sacana não merece nada, não é verdade? Sabe a que me refiro? — Ninguém respondeu.

Esperavam no talude do forte São Vicente. O tenente Price olhou o relógio e ficou contemplando o forte vazio de São Caetano. Batten esperava uma resposta. Coçou o orelhão.

— Foi um fodido soldado, era e continua sendo. Fazendo-nos esperar.

Ninguém respondeu e Batten se animou com seu silêncio.

— Sempre fodendo, vocês perceberam? Nossa companhia não é suficientemente boa para ele, não, não para o fodido senhor Sharpe. Sabem a que me refiro?

Olhou ao seu redor em busca de apoio.

O sargento Huckfield havia ido à busca de Sharpe. Os homens viam sua casaca vermelha no vale que conduzia a São Caetano. Um ou dois homens dormiam. Price se sentou em um enorme tijolo feito de alvenaria e pôs o abrigo de Sharpe ao seu lado. Estava preocupado.

Batten futucou o nariz com a unha e depois a lambeu.

— Poderíamos ficar aqui sentados por toda a chata noite e ele não se importaria nem um pouco.

Daniel Hagman abriu um olho.

— Ele impediu que lhe pendurassem pelo chato pescoço há dois anos. Não tinha por que ter se incomodado.

Batten riu.

— Não podiam enforcar-me. Era inocente. Sharpe está descuidado. Esqueceu-se de nós até que nos necessite outra vez. Provavelmente esteja embebedando-se com Harps. Isto não é justo.

O sargento McGovern, um escocês calmo, levantou e estendeu os braços. Caminhou cerimoniosamente até o soldado Batten e ficou em sentido.

— Atenção.

— Por quê? — soltou Batten em um tom de queixa e surpresa de uma vez, que era sua melhor defesa neste mundo tão irritante.

— Porque vou quebrar essa cara asquerosa.

Batten foi se afastando pouco a pouco do escocês e olhou para as costas do tenente Price.

— Ei! Tenente, senhor!

Price não se moveu.

— Siga, sargento.

Os homens riram. Batten olhou para McGovern.

— Senhor?

— Feche sua maldita boca.

— Mas, senhor...

— Cale-se ou levante.

Batten, ferido, baixou a cabeça com dignidade e se entreteve com o buraco direito de seu nariz, fazendo comentários sem que ninguém ouvisse. O sargento McGovern se dirigiu ao tenente atentamente. Price olhou.

— Sargento?

— Tudo isto é um pouco estranho, senhor.

— Sim, o é.

Os dois viram que Huckfield cruzava o fosso do forte central. Price percebeu de repente que McGovern, sempre formal, ainda estava em posição de sentido.

— Descanse, sargento, descanse.

— Senhor — McGovern baixou ligeiramente os ombros. — Obrigado, senhor.

Price olhou o relógio. Quinze para as quatro. Não sabia o que fazer e se sentiu desamparado sem Sharpe nem Harper. Sabia que o sargento escocês estava insinuando que se devia tomar uma decisão e sabia que McGovern tinha razão. Olhou para São Caetano, viu a casaca vermelha de Huckfield em um parapeito, depois desapareceu e, depois de uma longa espera, Huckfield apareceu no ponto mais alto e estendeu as mãos vazias. Price suspirou.

— Esperaremos até as cinco, sargento.

— Sim, senhor.

O major Hogan havia esperado por Sharpe, primeiro no barranco, depois no quartel general, mas o destino do coronel Leroux não era a única preocupação do irlandês. Wellington, agora que os fortes estavam ocupados, estava ansioso para sair da cidade. Queria informes do norte e do leste e Hogan trabalhou por toda à tarde.

Não foi até as seis e meia quando o tenente Price, tentando evitar um toque de atenção por parte do quartel general, entrou no quarto de Hogan. O major o olhou, pressentiu problemas e franziu o cenho.

— Tenente?

— Trata-se de Sharpe, senhor.

— O capitão Sharpe?

Price consentiu tristemente.

— Nós o perdemos, senhor.

— E Leroux?

Hogan quase havia se esquecido de Leroux. Dava por certo que era problema de Sharpe, enquanto isso ele podia se concentrar em descobrir que novas tropas se uniriam a Marmont. Price negou com a cabeça.

— Nem Leroux, senhor.

Price resumiu os fatos da tarde.

— O que fizeram desde então?

Afinal de contas, não tinham feito grande coisa. O tenente Price procurou em São Caetano outra vez, depois na Mercê e depois levou a companhia para seus alojamentos com a esperança de que Sharpe aparecesse.

Não estava nem Sharpe nem Harper, somente um desorientado tenente Price. Hogan consultou seu relógio.

— Meu Deus! Perderam-no durante quatro horas?

Price assentiu.

Hogan gritou.

— Cabo!

Uma cabeça apareceu pela porta.

— Senhor?

— O boletim, está aqui?

— Sim, senhor.

— Algo estranho, além dos fortes? Rápido, homem!

Não tardou muito tempo. Um fuzilamento e uma briga no hospital, um francês tinha escapado e a guarda da cidade já estava em alerta, mas não havia rastro do fugitivo.

— Vamos, homem!

Hogan pegou sua casaca e seu chapéu e conduziu o tenente Price ao Colégio Irlandês.

O sargento Huckfield, que tinha ido com Price até a porta principal do quartel general, uniu-se a eles e foi ele quem esmurrou a grade, que seguia fechada para evitar a vingança dos cidadãos. Os guardas da grade não tardaram muito em escutar a história de uma perseguição. Um homem ficou ferido, provavelmente na sala do hospital, e o outro? Os guardas deram de ombros.

— Não sabemos, senhor.

Hogan assinalou a Price.

— Salas de oficiais. Revistem-nas. Sargento?

Huckfield se pôs em sentido.

— Senhor?

— As salas dos outros soldados. Busque ao sargento Harper. Agora mesmo!

Leroux em liberdade. Este pensamento obcecava a Hogan. Não podia acreditar que Sharpe tivesse falhado, necessitava encontrar o fuzileiro porque, pensou, provavelmente Sharpe poderia esclarecer o episódio. Era impossível que Leroux estivesse livre!

Os oficiais médicos ainda estavam trabalhando; nos homens que não estavam tão gravemente feridos, tiravam pedaços de pequenas pedras que penetraram nos defensores franceses por causa do bombardeio. Hogan foi de quarto em quarto, mas ninguém se recordava do capitão fuzileiro. Alguém se lembrou do sargento Harper.

— Sem sentido, senhor.

— Quer dizer que está louco?

— Não. Desmaiado. Somente Deus sabe quando acordará.

— E seu oficial?

— Não vi nenhum oficial, senhor.

Sharpe ainda seguia na pista de Leroux? Existia uma pequena esperança e Hogan se agarrava a ela. O sargento Huckfield encontrou Harper, sacudiu o enorme irlandês pelo ombro, mas Harper seguia fora do mundo, roncando, incapaz de pronunciar uma palavra.

O tenente Price desceu as escadas de caracol. Estava pestanejando, era quase incapaz de falar.

— O que foi?

— Não está aqui, senhor.

— Tem certeza?

Price consentiu e respirou fundo.

— Mas dispararam nele, senhor. E foi grave, senhor.

Hogan sentiu um arrepio. Houve um silêncio durante alguns segundos.

— Disparado?

— Grave, senhor. E não está nas habitações do hospital.

— Oh, meu Deus. — Huckfield sacudiu a cabeça, incrédulo.

Hogan se aferrara à ideia de um Sharpe vivo, um Sharpe perseguindo Leroux, um Sharpe que podia ajudá-lo, e não podia assimilar estas últimas notícias. Se Sharpe estava ferido e não se achava nas salas do hospital para os oficiais, então se achava...

— Quem o viu?

— Uma dúzia de franceses feridos, senhor. Eles contaram aos oficiais britânicos. E ao capelão castrense.

— O capelão castrense?

— No andar de cima, senhor.

Hogan correu pelo mesmo caminho que Sharpe tinha corrido, subiu as escadas de dois em dois dando golpes secos com a espada e correu para os quartos de Curtis. Para Price e Huckfield, que ficaram fora, a espera foi interminável.

Curtis contou sua história, que havia aberto a porta e se encontrara com um oficial francês.

— Parecia muito malferido. Ensanguentado dos pés à cabeça. Ele me empurrou para dentro e depois fechou a porta. Ele saiu pela janela. — Indicou a janela alta que dava para o beco. — havia um homem lá com um cavalo e uma capa.

— Então ele fugiu.

— Sem deixar rastro.

— E Sharpe?

Curtis cruzou as mãos como se fosse rezar.

— Gritou, gritava terrivelmente. Depois parou. Abri a porta outra vez. — Deu de ombros.

Hogan quase não se atrevia a falar.

— Está morto?

Curtis deu de ombros.

— Não o sei — não se percebia esperança na voz do velho.

Hogan insistiu em voltar a repassar a história, esmiuçando-a, como se algum detalhe novo pudesse de alguma maneira mudar o final, mas saiu com o rosto severo e desceu a escada de caracol lentamente. Não deu explicações a Price, simplesmente voltou a falar com os oficiais médicos. Ele os ameaçou, deu ordens, utilizou todo o poder do quartel general, mas seguia sem ter notícias. Um deles atendeu a um paciente com ferida de bala e o salvou. Tratava-se de um tenente do exército português, mas estavam bastante seguros de não ter visto oficiais britânicos com feridas de bala.

— Tivemos alguns poucos soldados.

— Bravo! A um oficial fuzileiro! O capitão Sharpe!

— Ele? — exclamou o último oficial médico encolhendo os ombros. — Teriam nos

falado dele. O que foi que houve?

— Dispararam nele — respondeu Hogan carregando-se de paciência.

O oficial médico moveu a cabeça. O bafo cheirava ao vinho que estivera bebendo durante a longa tarde.

— Se dispararam nele aqui, teríamos visto. A única explicação é que nunca chegou até aqui. — O homem deu de ombros. — Sinto muito, senhor.

— Você quer dizer que ele está morto?

O oficial médico deu de ombros outra vez.

— Já olhou nas salas do hospital? Não está aqui? — Hogan negou com a cabeça. O oficial médico fez um gesto com uma faca cheia de sangue apontando para o pátio. — Veja com os coveiros.

Do lado do colégio havia um pequeno pátio onde, em outros tempos, viviam os criados. Isto era quando o Colégio Irlandês hospedava os seminaristas irlandeses expulsos da Inglaterra. Hogan encontrou os coveiros no pátio. Estavam trabalhando, limpavam os caixões, costuravam mortalhas para os franceses mortos e não se recordavam de Sharpe. O odor naquele pequeno pátio era horrível. Os corpos jaziam ali onde os haviam jogado e os coveiros pareciam viver à base de rum. Hogan procurou o homem mais sóbrio.

— Explique-me o que faz aqui.

— Senhor?

O homem só tinha um olho, faltava parte de sua bochecha, mas se fazia entender. Parecia sentir-se orgulhoso de que um oficial se interessasse por tudo aquilo.

— Nós os enterramos, senhor.

— Eu sei. Quero saber como é feito.

Se ao menos Hogan pudesse encontrar o corpo de Sharpe, a mais dolorosa das perguntas teria uma resposta.

O homem sorveu o nariz. Tinha uma agulha e fio grosso na mão.

— Amortalhamos aos franchinotes, senhor, a menos que sejam oficiais, certamente, estes vão parar em um caixão. Um bonito caixão, senhor.

— E os britânicos?

— Oh, vão para um caixão, senhor, sem dúvida, quando temos suficientes, se não, são amortalhados como a estes. A menos que não tenhamos mortalhas, senhor; então simplesmente os espetamos com a agulha e os enterramos.

— Os espetam?

O homem piscou o olho bom. Estava preparando o ambiente para dar sua explicação. Junto aos joelhos tinha um soldado francês, com cara de morto. Estava branco como cera e a mortalha estava meio fechada com alguns pontos de sutura grandes e toscos. O homem pegou a agulha e a afundou no nariz do francês.

— Vê, senhor? Não sangra. Isto significa que não está vivo, entende, senhor? E se estivesse não lhe agradaria que o sacudíssemos repentinamente. Tivemos um faz quatro dias. — Olhou para um de seus sádicos companheiros. — Quatro dias, Charlie? Aquele de Shropshire que se sentou e vomitou? — Voltou a olhar para Hogan. — Não é agradável que ser enterrado vivo, senhor. — Mostrou a agulha. — É como um alívio saber que nós cuidamos deles e nos asseguramos que estejam realmente mortos.

A gratidão de Hogan não era sequer cordial. Apontou para um monte de caixões feitos com torpeza.

— Vocês os enterram?

— Não, senhor. Aos franchinotes poderíamos jogar ao fosso. O que quero dizer é que não tem sentido fazer uma grande montagem se pensamos no que estavam tentando fazer conosco; não sei se me entende, senhor. Em troca, com seus oficiais é diferente. Eles poderiam...

Hogan o cortou.

— Refiro-me aos britânicos, estúpido! O que ocorre com eles?

O especialista em enterros, ofendido, deu de ombros.

— Seus companheiros se ocupam deles, não? Quero dizer, senhor, que o batalhão lhes faz um serviço correto com o capelão castrense. Aquele ali está esperando seu enterro. — Assinalou o monte.

— E o que ocorre se você não sabe quem são?

— Eu os tiro, senhor.

— O que ocorreu com os corpos que chegaram hoje?

— Isso depende, senhor. Alguns já se foram, outros estão esperando e alguns como este os estão atendendo — disse revestindo a frase de dignidade.

Sharpe não se achava em nenhum dos caixões. O senhor Huckfield abriu as tampas dos caixões com uma alavanca, mas todas as caras eram de estranhos. Hogan suspirou, olhou as andorinhas e depois para Price.

— Provavelmente já esteja enterrado. Não entendo. Não está nem aqui nem no hospital.

Hogan não dava crédito a suas próprias palavras.

— Senhor?

Huckfield estava revistando o monte de uniformes que tinham rasgado, revistando-os com uma faca e que tinham lançado bruscamente em um canto do pequeno pátio. Tinha a jaqueta de Sharpe, a típica jaqueta de cor verde que Sharpe tinha tirado de um oficial francês da Guarda Imperial morto. Tanto Hogan como Huckfield a reconheceram no mesmo instante.

Virou-se para o homem de um olho só cujos pontos de sutura, agora que um oficial se achava presente, eram menores e pulcros.

— De onde veio esta roupa?

— Dos mortos, senhor.

— Recorda-se do homem que a usava?

O homem torceu a vista com o olho.

— Primeiro os recebemos nus e às vezes a roupa nos vem depois. — Sorveu o nariz.

— Os sacanas já as inspecionaram, nós só as queimamos. — Olhou de perto a jaqueta. — Deve de ter sido de um franchinote.

— Sabe quais corpos são dos franceses?

— Certamente, senhor. Os sacanas nos dizem quando os trazem.

Hogan se virou para Huckfield e indicou o monte de franceses mortos e amortalhados.

— Abra-as, sargento.

Fixou-se, quase pela primeira vez, na grande mancha de sangue que havia na jaqueta. Era imensa. Nenhum homem podia ter sobrevivido a isso.

Os coveiros protestaram quando Huckfield começou a rasgar as mortalhas cinzentas, mas Hogan fez que calassem e ele e Price viram como ia aparecendo um rosto depois do outro. Nenhum deles era o de Sharpe. Hogan se voltou para o coveiro.

— Já enterraram a algum?

— Sim, senhor. Dois carregamentos esta manhã, senhor.

Portanto, Sharpe foi enterrado em uma vala comum junto com seus inimigos. Hogan começou a soluçar e engoliu saliva, esperneou como se tivesse os pés frios e olhou para Price.

— É sua companhia agora, tenente.

— Não, senhor.

A voz de Hogan era doce.

— Sim. Será melhor que partam pela amanhã. Encontrará o batalhão em São Cristóvão. Terá que comunicar ao major Forrest.

Price moveu a cabeça com obstinação.

— Não deveríamos achá-lo, senhor? Refiro-me a que o mínimo que podemos fazer é cavar-lhe uma sepultura decente.

— Quer que cavemos as tumbas dos franceses mortos?

— Sim, senhor!

Hogan sacudiu a cabeça.

— Dispare uma descarga sobre a tumba amanhã pela manhã. Isto bastará.

“Isso é tudo o que Sharpe teria desejado”, pensou Hogan enquanto voltava caminhando lentamente para o quartel general. Não, não era verdade. Não sabia o que Sharpe queria, além do êxito e de demonstrar que um homem vindo do nada era capaz de competir com qualquer um, de ser tão bom como o mais privilegiado. E talvez fosse melhor que encontrasse a paz agora em vez de lutar para conseguir aquele sonho remoto, mas tampouco lhe agradou este último pensamento. Não era melhor que os outros. Sharpe fora turbulento, ambicioso, mas Hogan sempre pensou que algum dia Sharpe se sentiria satisfeito. Então, Hogan se sentiu ofendido por Sharpe, ofendido porque havia sido assassinado e deste modo negava sua amizade a todos os que ainda viviam. Hogan não podia imaginar a vida sem Sharpe. Justo quando parecia que a vida podia chegar a um equilíbrio no qual se podia confiar no fuzileiro para alterar as coisas e converter o tédio em algo excitante, tudo havia terminado. Um amigo tinha morrido.

Muito cansado, Hogan subiu as escadas do quartel general. Os oficiais vinham do refeitório quando ele entrava pelo corredor. Wellington viu a cara de Hogan e se deteve.

— Major?

— Richard Sharpe está morto, senhor.

— Não.

Hogan consentiu.

— Sinto muito, senhor.

E contou o que sabia. Wellington escutava em silêncio. Recordava de Sharpe quando

era um sargento. Juntos haviam percorrido muitas milhas e durante muito tempo. Viu a dor no rosto de Hogan e o compreendeu, mas não sabia o que dizer. Moveu a cabeça.

— Sinto muito, Hogan, sinto mesmo.

— Sim, senhor.

De repente Hogan percebeu que a vida a partir de então não teria sentido. Richard Sharpe tinha morrido.



O s cirurgiões não tinham mentido para o major Hogan. Recordavam de Patrick Harper, tão aturdido pelo golpe que parecia morto, e o examinaram e apalpam sem encontrar nada quebrado, assim que o puseram em uma sala onde pudesse roncar até que recobrasse a consciência.

Outro homem participara da luta no claustro superior. Quando o levaram aos cirurgiões ainda respirava, mas debilmente, e a perda da consciência havia feito que se aliviasse da dor. Um ordenança lhe havia arrancado a bainha vazia e o cinturão da espada, cortado sua camisa pelas costas e vira as velhas cicatrizes dos açoites. Levantaram o corpo até a mesa manchada de sangue.

Os cirurgiões, salpicados com o sangue fresco que brilhava sobre as manchas coaguladas e ressecadas das operações daquela semana, trataram de pegar as calças de Sharpe, os cortaram com enormes tesouras e viram a ferida baixa no lado direito do abdômen de Sharpe. Ele sacudiu a cabeça e reclamou. O sangue manava do buraquinho da ferida, derramava e corria pela coxa e pela cintura, e o cirurgião nem sequer se incomodou em pegar uma faca. Inclinou-se, aproximando-se do peito musculoso e percebeu que a respiração era débil, tão débil que era quase inaudível. Tomou seu pulso; primeiro não sentia a pulsação, estava a ponto de deixá-lo, mas então a sentiu; uma pulsada fraca, fina, diminuta. Fez um sinal com a cabeça para o ordenança e para o ferido.

— Feche-a.

Não era muito, o que podia fazer, salvo evitar que o homem morresse sangrado, e às vezes ele pensava que isso seria mais compassivo com aquele tipo de ferida. Um ordenança agarrou Sharpe pelos pés e lhe prendeu com força, o segundo beliscou a pele sobre a ferida, puxou a carne, o sangue e os fios do uniforme, tudo junto, procurando não tocar com os dedos no buraco do qual vazava sangue. O cirurgião se foi por o braseiro, pegou o atizador e cauterizou a ferida. O ferido se sacudiu, ofegou e gemeu, mas a inconsciência o conteve e o sangue deixou de manar. A fumaça se elevava sobre o abdômen ensanguentado, o fedor de carne queimada invadiu o nariz do cirurgião.

— Ponha uma venda. Leve-o.

O ordenança que havia fechado a ferida fez um gesto com a cabeça.

— Não há nada a fazer, senhor?

— Não.

A bala estava dentro. O cirurgião era capaz de cortar uma perna em noventa segundos. Podia sondar buscando por uma bala e extraí-la de junto do fêmur em sessenta, podia recompor membros quebrados, inclusive podia extrair uma bala do peito de um homem se não tivesse penetrado no pulmão, mas ninguém no mundo, nem mesmo o famoso cirurgião de Napoleão, o general Larrey, podia extrair uma bala alojada na parte inferior do abdômen. Este era um homem morto. A respiração continuava muito fraca, a pele empalidecia e o pulso desaparecia. Quanto antes morresse melhor, pois o resto de sua vida não ia ser mais que dor. Sua vida seria curta. A ferida passaria a ser um abscesso, começaria a apodrecer, e após uma semana já estaria enterrado. O cirurgião,

irritado consigo mesmo por sua minuciosidade, virou Sharpe de lado e viu que não havia ferida de saída. Contudo, viu as cicatrizes dos açoites. Um agitador que tinha acabado mal.

— Levem-no para baixo. O seguinte!

Enfaixaram-no, despiram e suas roupas, tal como estavam, jogaram-nas em um canto onde as pudessem revistar à vontade. Havia muitos homens que escondiam moedas nas costuras de suas roupas, e os ordenanças conseguiam uma boa recompensa por seu trabalho. Um deles olhou aquela cara pálida.

— Quem é?

— Não sei. Acho que é um francês. — As calças de Sharpe eram francesas.

— Não seja estúpido. Os franceses não açoitam os sacanas.

— Eles açoitam!

— Não açoitam!

— Isso pouco importa. Ele está morrendo. Leve-o para Connelley. Como o doutor disse.

O sargento Harper poderia ter-lhes dito que Sharpe era um oficial britânico, mas o sargento Harper estava inconsciente e Sharpe não usava nada que indicasse seu posto, apenas as cicatrizes de alguns açoites que Obadiah Hakeswill lhe dera em um povoado da Índia há anos. Parecia um soldado raso, trataram-no como tal e o levaram escadas abaixo para o porão, onde os doutores deixavam os desenganados para morrer. A sala da morte.

O sargento Michael Connelley, ele mesmo desenganado por uma intoxicação etílica, ouviu os passos e girou o vulto enorme e gordo que era seu corpo.

— O que têm aí?

— Não sei, sargento. Poderia ser um franchinote, poderia ser um dos nossos, mas não fala.

Connelley olhou aquele rosto, a bandagem e lhe fez uma cruz com rapidez sobre o peito.

— Pobre porco. Pelo menos está tranquilo. Bem, meninos, ali no fundo. Resta-nos pouco lugar.

Connelley se sentou no banco, inclinou a garrafa de rum sobre a cara e observou como levavam o novo homem por entre a escuridão do úmido porão de tijolos.

— Tinha dinheiro?

— Não, sargento. Pobre como um irlandês.

— Tenha cuidado! — Grunhiu Connelley e cuspiu no piso. — Deveriam ter-me posto com os oficiais lá de cima. Aqui chega pouco dinheiro. — Voltou a dar um trago.

Empurraram Sharpe até a parede, estiraram-no em um delgado colchão de palha cheio de nódulos e sua cabeça ficou no espaço onde o arco de tijolo se juntava com o piso. Havia um monte de cobertores sujos debaixo da única janela, que tinha uma grade no extremo superior do arco, e o ordenança cobriu com um o corpo desnudo, que tinha recolhido as pernas em posição fetal.

— Aqui está, sargento, é todo seu.

— E de verdade que fica em boas mãos.

Connelley não era um homem desagradável. Poucos teriam aceitado seu trabalho, mas ele não se importava. Tentava fazer que seus moribundos passassem o melhor

possível nas últimas horas, contudo ele esperava que, mesmo na hora da morte, os homens tivessem classe. Em particular se houvesse franceses moribundos em sua sala. Nesse casoalaria aos feridos britânicos, ele os exortaria a morrer como homens, a não se desonrar diante do inimigo.

— Terá um funeral como Deus manda, não? — ele lhes dizia. — Com todo o regimento e as armas no funeral, as honras pertinentes e está fazendo mais ruído que uma senhorita. Que vergonha, homem! Não quer morrer bem?

Indicou o fundo da sala para os dois ordenanças e disse.

— Há algum morto por lá?

O sargento grande fazia a ronda pelo corredor central de vez em quando, com um balde de água e uma concha, com a intenção de tocar os pés dos pacientes para ver se tinham morrido. Aproximou-se de Sharpe e se agachou junto dele. A respiração era lenta, como uma leve lamúria na garganta; Connelley lhe pôs a mão no ombro desnudo e estava frio.

— Ah, pobre homem. A morte já vai lhe pegar!

Caminhou pesadamente para a janela, pegou outro cobertor, sacudiu como se assim pudesse tirar os piolhos que infectavam as costuras e o pôs sobre o outro cobertor. Um homem na outra ponta gritou de dor e Connelley deu a volta.

— Sobe, garoto! Sobe! Calma! Para morrer bem!

Um francês gritou e Connelley se sentou de cócoras junto dele, pegou sua mão e lhe falou da Irlanda. Explicou ao desconcertado francês a beleza de Connaught, de suas mulheres, de pastos tão férteis que um cordeiro engordava em uma semana, de rios tão caudalosos que os peixes suplicavam para que os pescassem; o francês se calou e Connelley lhe acariciou o cabelo e disse que era valente e que estava orgulhoso dele enquanto do outro lado da grade o céu ia escurecendo no crepúsculo. Os ordenanças voltaram a descer e arrastaram ao francês, que havia morrido, escadas acima, com a cabeça dando golpes.

A dor era como um sonho para Sharpe. Às vezes saía flutuando das profundezas da dor e gritava, e outras vezes se adentrava em suas dobras asfixiantes e o sonho o retorcia por dentro, separava-se dele. Contudo, uma parte se cravava nele como a lança que os soldados indianos seguravam nas mãos e que o havia cravado à árvore, nos arredores de Seringapatam; salvo que esta era escura, escura, e ele gritava e soluçava por causa da dor.

— Sobe, garoto! — exclamou Connelley com a garrafa a meio caminho de seus lábios. — É um valente, creio que sim. Seja valente, pequeno.

Sharpe estava deitado de lado. Voltava a ser um menino, golpeado, atado ao banco no orfanato, e o braço descia com estrépito uma e outra vez, a vara dos açoites o lascava dentro, o rosto do supervisor passava a ser o rosto de Wellington e aquele rosto ria dele.

Sonhava. Teresa estava ali, mas não se recordava daquele sonho, e não sabia que sonhava com a marquesa. O crepúsculo virava escuridão, noite em Salamanca, e deveria de ter sido sua última noite no amplo leito com cortinados negros. Gemia sobre o colchão de palha e Connelley, meio bêbado, gritava para que morresse bem.

Dormiu. Sonhou que os ratos mastigavam a massa de farinha e água que se havia

passado no cabelo de um soldado. Os recrutas eram obrigados a deixar o cabelo comprido e quando estava bastante longo o puxavam para trás e o enrolavam ao redor de uma trança de couro, estiravam tanto que alguns gritavam quando os puxavam e retorciam. Ao cabelo feito uma meada era dado a forma de uma calda, de cinco polegadas, uma trança sólida que endureciam com uma massa feita de farinha e água para que ficasse bem esticada e branca, e algumas vezes, de noite, os ratos roíam aquela calda. Depois, emergindo da dor, recordava-se que já fazia uma dúzia de anos que não lhe punham aquela massa no cabelo, que o exército havia abandonado aquela moda; e que os ratos eram de verdade, se arrastavam pelo extremo do porão, e ele lhes tossia, cuspiam com força, encolhia-se de dor e gritava.

— Deve morrer bem, menino, morrer bem.

Connelley havia despertado. Deviam tê-lo substituído há horas, mas raramente o faziam. Deixavam-no beber em paz com os moribundos. O sargento irlandês se levantou, gemeu ao sentir a dor e voltou a gritar para Sharpe.

— São apenas ratos, menino, não lhe tocarão enquanto esteja vivo.

Sharpe percebeu então que a dor era real, que não era um sonho, e desejou estar sonhando outra vez, mas não podia. Abriu os olhos para aquela úmida escuridão e a dor pulsava por dentro, fazia-o soluçar, e fez força com os joelhos para se levantar. Sentiu a tensão, mas a dor era terrível e envolvente.

A vela de junco que havia nas escadas vacilava sobre a parede do porão. Os tijolos brilhavam com a umidade, escuros, descendendo em forma de curva para a cabeça de Sharpe, e percebeu que estava naquele lugar para morrer. Lembrou-se de Leroux, da marquesa, e percebeu de que fora muito confiante e que tudo havia terminado. Chegara longe, desde o orfanato até ser um capitão do exército britânico, contudo agora estava tão desamparado como o menino atado ao banco que golpeavam com a vara. Ia morrer, estava indefeso, como uma criança; soluçou para si e a dor era como ganchos que o rasgavam. Voltou a sonhar.

O sacerdote irlandês zombava dele, que o apunhalava em um lado com uma lança comprida e Sharpe percebeu que o mandavam para o inferno. Sonhou que estava em um amplo edifício, tão alto que o telhado era coberto de névoa, e ele estava cravado com a lança comprida no centro do piso. Era diminuto e no grande espaço ressoava um riso, um riso de louco que retumbava e esmurrava o enorme edifício. Percebeu em um segundo o piso se abriria e ele cairia interminavelmente, cairia para o abismo do inferno. Lutou para sair daquele sonho e regressar à dor. Não iria ao inferno, não iria, e não morreria, mas a dor lhe fazia desejar dormir ou gritar.

Os tijolos brilhavam acima de seu rosto. Uma água fria gotejava lentamente sobre o colchão de palha. Sabia que estava no meio da noite, no reino da morte e que os ratos passavam correndo junto à parede. Tentou falar, arrancando-lhe as palavras à dor, mas sua voz era como o vento que balança os cardos.

— Onde estou?

Connelley estava bêbado, dormindo e não obteve resposta.

Harper não estava ali. Sharpe recordava seu corpo sobre as escadas, seu amigo, e o sangue que formava um charco sobre o degrau. Sharpe chorou porque estava sozinho, se

morresse e ali não havia ninguém. Não havia ninguém. Nem Harper, nem Teresa, nem mãe, nem família, apenas um porão úmido e frio cheio de ratos, o reino da morte. Toda a glória da bandeira que avança entre a fumaça da batalha, todo o orgulho de um soldado, das baionetas que ondeiam sob o sol e das botas que avançam através dos clarões para a vitória, tudo acabava aqui. Em uma sala de desenganados. Harper não estava ali. Nem seu sorriso brincalhão, nem os pensamentos que compartilhavam sem falar, nem os risos.

Soluçou e entre soluços se jurou que não morreria.

Sentia dor por todo o corpo, fez força e baixou a mão direita; encontrou as pernas nuas, e moveu a mão esquerda e achou a bandagem. Apalpou ao redor da bandagem, em torno do baixo ventre, e a dor se elevou como um grito em seu interior provocando como um inchaço vermelho e imenso que o voltou a submergir na inconsciência. Sonhou que tinha a espada quebrada, rachada, inutilizada. Sonhou.

Um homem gritou na habitação, foi um grito agudo e trêmulo que assustou os ratos e despertou Connelley.

— Alto aí, garoto! Está bem, sim, aqui estou. Ei, garoto, vai! Calma. Para morrer bem!

— Onde estou?

A voz de Sharpe não se ouviu entre o ruído. Ele sabia. Tinha visto salas de moribundos antes.

O homem que gritara estava agora chorando, pequenos gritos entre tragos patéticos, e o sargento Connelley engoliu com rapidez um pouco de rum, meteu a garrafa num bolso e saiu caminhando pela sala com o balde de água. Havia outros homens que se moviam, choravam pedindo por água, por suas mães, por luz, pedindo ajuda, e Connelley gritava com todos.

— Estou aqui, pequenos, aqui, e vocês são meninos valentes, certo? Andem, sejam valentes! Temos franceses, aqui, e não querem que pensem que somos fracos, não?

Sharpe respirava a suspiros curtos, débeis e jurava que não morreria. Tentou esquecer a dor, mas não podia, e tentou recordar dos homens que tinham saído com vida da sala dos desenganados. Não podia. Apenas podia pensar em seu inimigo, o sargento Hakeswill, que tinha sobrevivido à força; Sharpe jurou que não morreria.

Connelley fazia que os homens calassem com sua dura ternura. Ia caminhando pela habitação, parava junto de alguns, achava os tinham morrido, consolava a outros. Sharpe se via arrastado pela dor; era como algo vivo que o pegava, e devia lutar contra ela. Connelley se ajoelhou junto dele, falou e Sharpe ouviu o sotaque irlandês.

— Patrick?

— Agora se chama Patrick? E nós achando que era franchinote. — Connelley lhe acariciou o cabelo castanho.

— Patrick?

— Esse é um bom nome, pequeno. Eu me chamo Connelley e sou de Kilkieran Bay e você e eu iremos passear juntos por aquelas colinas.

— Morrendo — disse Sharpe com a intenção de que soasse como uma pergunta, mas saiu como uma afirmação.

— Que nada! Dentro de pouco perseguirá as mulheres, já o verá.

Connelley pegou a garrafa de rum, levantou suavemente a cabeça de Sharpe e lhe deu um pouquinho entre os lábios.

— Agora durma, Patrick, ouviu?

— Não vou morrer — disse Sharpe com suavidade, como se fossem suspiros.

— Claro que não! — disse Connelley baixando-lhe a cabeça. — A nós, irlandeses, não podem matar.

Recuou pelo corredor e se pôs de pé. A sala estava mais tranquila agora, mas Connelley sabia que em qualquer momento se iniciaria de novo o ruído. Eram como cachorrinhos, os moribundos. Quando um se excitava toda a matilha começava a ganir, e se necessitava de um pouco de silêncio para beber e morrer bebendo. Estava cantando, caminhava corredor acima e corredor abaixo e lhes cantava a canção do cabo, aquela que falava da vida do soldado, e ia repetindo uma e outra vez o refrão como se com a canção quisesse conduzi-los a uma morte digna de um soldado.



Na manhã seguinte o tenente Price fez a companhia marchar até um campo a oeste da cidade, onde se havia cavado uma vala comum para os franceses. Os homens da companhia estavam emocionados, incrédulos. Pararam junto ao buraco. Price ficou olhando o interior da vala. Parecia como se alguns cachorros tivessem estado escavando na parte em que os corpos amortalhados estavam já cobertos de terra. Um sentinela deu de ombros.

— Agarramos um louco aqui esta manhã, senhor. Tentava desenterrar os corpos.

Estavam em duas filas. Price fez um sinal para McGovern com a cabeça.

— Prossiga, sargento.

Tudo parecia insuficiente. Deram as ordens, colocaram os mosquetes e os rifles sobre os ombros e a descarga ressoou nas casas. Tudo parecia deprimente, errado, insuficiente. Quando a descarga e o eco desvaneceram, ouviu-se um repentino estalido de sinos procedente da cidade, um repique de sinos de vitória e de júbilo, e a companhia se afastou delas e se dirigiu para o norte, deixando atrás de si uma nuvem de fumaça que se elevou sobre a tumba. Hogan escutou a descarga à distância e depois ouviu o clamor dos sinos; estirou o uniforme, tirou o bicornio e entrou na catedral. Era domingo. Ia-se celebrar um tedéu pela liberação de Salamanca e pela destruição dos fortes. Contudo, era uma celebração que carecia de entusiasmo. A catedral estava cheia, abarrotada de vistosos uniformes, de cidadãos sombrios e de sacerdotes com sotaina, e o órgão retumbava no grande espaço. Mas Hogan não sentia outra coisa além de uma imensa tristeza. A congregação cantava e respondia como era devido, contudo sabiam que Salamanca apenas estava liberada temporariamente, que o exército de Marmont ainda devia ser destruído, e alguns deles, os melhor informados, sabiam que outros quatro exércitos franceses estavam na Espanha e que nenhuma cidade estaria liberada até que os derrotassem. E o preço que pagariam seria alto. Uma boa parte de Salamanca já havia sido destroçada para deixar um espaço livre ao redor das fortificações. A cidade tinha perdido claustros, pátios, colégios e casas; tudo reduzido a entulhos.

Depois do serviço, Wellington ficou debaixo das fantásticas talhas das grandes portas do oeste, na frente do palácio do bispo, e recebeu o aplauso da multidão. Abriu passagem entre eles, cumprimentando com a cabeça e sorrindo, às vezes agitava o chapéu, mas procurava por alguém com o olhar. Viu Hogan e com o chapéu fez um sinal para o irlandês.

— Meu lorde?

— Está bem?

— Sim, meu lorde.

Wellington sacudiu a cabeça em sinal de aprovação.

— Esta noite nos pomos em marcha.

O general avançou e Hogan ficou para trás. Puseram uma discreta guarda no Mirante. Não foi uma decisão fácil. Pôr uma guarda no Mirante significava ter que dizer aos guardas

escolhidos quem era o custodiado e por que era importante, contudo, com Leroux em liberdade, era a única coisa que se podia fazer. Tinham encarregado a missão a lorde Spears, que já estava com o braço bom, mas ainda não estava em forma para cumprir com suas obrigações normais. Primeiro se mostrou resistente, mas quando lhe disseram que O Mirante não tinha que ficar custodiado em casa, apenas nos lugares públicos, cedeu. Ainda lhe restaria tempo, ao que parece, para jogar. Então lhe revelaram a identidade de O Mirante e ele abriu os olhos incrédulo.

— Que me matem, senhor! Não teria adivinhado nunca! — exclamou.

Ninguém do quartel general, exceto Wellington e Hogan, conheciam quais eram as novas funções de lorde Spears. Hogan tinha em conta que Leroux contava com uma conexão dentro do quartel general britânico.

Tudo o que se podia fazer se havia feito, mas de má vontade, porque Hogan ainda não se acostumara com a ideia de que Sharpe estivesse morto. Naquela manhã tinha visto duas vezes oficiais dos fuzileiros caminhando pelas ruas e em ambas as ocasiões seu coração disparou porque achava ver a Sharpe e logo se recordava. Richard Sharpe estava morto e o exército ia pôr-se em marcha sem ele. Hogan esperou que a multidão se dispersasse e partiu caminhando lentamente, desconsolado, pelas ruas.

— Senhor! Senhor! — gritou-lhe uma voz desde o pé da colina. — Major Hogan!

Hogan olhou para baixo para a empinada rua pela qual passava. Um grupo de prisioneiros acorrentados eram conduzidos pela polícia militar, e um deles espancava um homem preso com grilhões com a culatra do mosquete. Hogan reconheceu a voz. Correu.

— Basta! Basta!

Os policiais giraram. Eles eram a polícia do exército, que desagradava a todos, e observaram como se ia aproximando Hogan com agressividade. O sargento Harper, que era quem havia gritado, estava no chão. Levantou a vista para Hogan.

— Vai dizer para esta escória que me deixem ir, senhor?

Hogan sentiu um alívio imenso quando viu Harper. Havia algo tremendamente tranquilizante naquele companheiro irlandês. Harper era tão inseparável de Sharpe que de repente Hogan sentiu uma esperança louca; que se Harper estava vivo, também Sharpe estaria. Inclinou-se junto ao sargento, que esfregava o ombro no lugar onde o policial o golpeara.

— Pensei que estava no hospital.

— E estava. Mas já sai daquele inferno. — Harper estava furioso. Cuspiu no solo. — Despertei esta manhã, senhor, cedo, com uma cabeça do diabo. Fui à busca do capitão Sharpe.

Hogan se perguntou se Harper ainda não saberia. Perguntava-se por que o haviam prendido. Os policiais se moveram mal-humorados e um deles sugeriu ao outro que fosse buscar seu capitão. O homem partiu.

Hogan suspirou.

— Acho que está morto, Patrick.

Harper o desmentiu com obstinação sacudindo a cabeça.

— Não está, senhor.

As correntes tilintaram quando levantou a mão para fazer Hogan calar.

— O guarda da porta me disse que estava morto; disse que o haviam enterrado com os franceses.

— Sim. — Hogan havia falado com o sargento da porta do Colégio Irlandês. — Sinto muito, Patrick.

Harper voltou a sacudir a cabeça em sinal de negação.

— Não está lá, senhor.

— O que quer dizer?

— Eu o procurei. Não está lá.

— Procurou direito? — perguntou Hogan ao mesmo tempo em que pela primeira vez se dava conta de que Harper estava com as calças manchadas de terra.

Harper se levantou, sobressaía por sua altura entre os outros prisioneiros.

— Rasguei mais de vinte mortalhas, senhor, inclusive as que fediam. E posso assegurar que não estava ali. — Deu de ombros. — Eu achei que, pelo menos, merecia um enterro como Deus manda.

— O que quer dizer?

Hogan se deteve. A esperança crescia nele, mas não queria acreditar. Voltou-se para o policial.

— Liberte-o.

— Não posso fazê-lo, senhor. São as normas.

Hogan era um homem pequeno, normalmente apazível, mas cabia nele uma ira temível. Descarregou-a sobre o policial militar, ameaçou com os mesmos grilhões, ameaçou com batalhões de castigo na ilhas Fever e o policial se encolheu diante daquele ataque e abriu imediatamente as fechaduras das algemas. Harper estava esfregando os pulsos quando o outro policial regressou com seu capitão. O capitão deu uma olhada depreciativa para o prisioneiro liberado, cumprimentou a Hogan e começou a dar uma explicação.

— O prisioneiro foi encontrado esta manhã, senhor, profanando os mortos...

— Cale-se — ordenou Hogan irritado. Olhou para Harper. — Onde estão suas armas?

Harper assinalou com a cabeça para os policiais.

— Estes sacanas estão com elas, senhor.

Hogan olhou para o capitão.

— As armas do sargento Harper deverão me ser entregues no quartel general do exército dentro de uma hora. Devem ser limpas, polidas e esfregadas com óleo. Entendido?

— Sim, senhor.

Harper pisou no pé do homem que o golpeara com um mosquete. Hogan viu que a cara do homem se encrespava de dor, Harper fez mais força, depois o sargento se retirou com um olhar de surpresa no rosto.

— Desculpe. — Olhou para Hogan. — Vamos procurá-lo, senhor?

Hogan tinha visto o galo e o sangue que Harper tinha no rosto. Apontou com a mão.

— E isso?

— Horrível de verdade, senhor. É como se um sacana escavasse em meus miolos. Sobreviverei.

Harper se encaminhou rua acima e Hogan o alcançou.

— Não tenha tantas esperanças, Patrick. — Não lhe agradava tê-lo que dizer, mas devia fazê-lo. — Dispararam nele e os cirurgiões não o viram. — Hogan tinha que apressar-se para alcançar o enorme sargento. — Provavelmente esteja enterrado com os britânicos, Patrick.

Harper sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— Sem dúvida não está enterrado, senhor. Provavelmente esteja sentado na cama pedindo aos gritos o desjejum. Sempre é muito cortês pelas manhãs.

Hogan sacudiu a cabeça.

— Você não me ouviu. Não atenderam a nenhum oficial britânico com uma ferida de bala.

Não gostava de ter que fazer Harper perder as esperanças, contudo o sargento irlandês se mostrava impassível.

— O senhor procurou?

— Sim. Na sala dos oficiais, na dos cirurgiões, nos mortos do pátio.

— E nas salas de outras graduações?

Hogan deu de ombros.

— O sargento Huckfield procurou você, não viu Sharpe. Por que havia de estar lá?

Harper torceu a cara de dor.

— Não atenderam a nenhum oficial?

Hogan teve pena de Harper. Finalmente a verdade saía à luz.

— Sinto muito, Patrick. Não, não atenderam a nenhum.

— Claro que não. O grande sacana não usava a casaca, e indubitavelmente viram suas cicatrizes nas costas.

— O quê?

Hogan se desviou de um aguadeiro que agitava o bocal de couro com a esperança de que o major lhe comprasse. Harper deu de ombros.

— Ele deixou a casaca com o tenente, não foi? Fazia tanto calor lá fora. Depois os cirurgiões devem ter visto suas costas. Como a minha.

Tanto Harper como Sharpe haviam recebido açoites, e as cicatrizes não haviam desaparecido.

Hogan maldisse ao ausente tenente Price, a quem não ocorreu mencionar a casaca de Sharpe. Começou a correr sentindo uma repentina esperança que lhe produzia vertigem e subiram as escadas do colégio em dois saltos. Aquela esperança permaneceu nele quando entraram na sala dos soldados. Hogan imaginava o rosto de Sharpe quando os visse, o alívio, a zombaria por ter sido confundido com um soldado raso, ou mesmo com um francês, mas ali não havia rastro de Sharpe. Revistaram cada quarto, duas vezes, e as caras que havia no piso eram as mesmas. Harper deu de ombros.

— Talvez tenha se levantado e dito quem era.

Os ordenanças negaram tal coisa. Não tinham visto oficiais, nenhum paciente que se queixasse por estar naquela sala. Sharpe não estava. A esperança se desvaneceu. Inclusive Harper se resignou.

— Não posso desenterrar os britânicos, senhor.

— Não, Patrick.

Um dos ordenanças havia se somado à procura. Seguiu vagando, esperançoso, entre o monte de feridos. Olhou para Hogan e parecia que lhe custava falar.

— Estava malferido, senhor?

— Sim — respondeu Hogan consentindo com a cabeça.

— E o reino de Connelley, senhor?

— O quê? — O ordenança apontou para a janela, para uma portinha no outro extremo do pátio. — A sala dos desenganados, senhor. O porão.

Cruzaram a grama passando debaixo dos toldos que ainda estavam estendidos sobre o poço, e Harper puxou a porta e a abriu. Uma pestilência surgiu debaixo daquele sol, um fedor de pus, de sangue, de vômito, da sujeira e da morte. Via-se uma luz no extremo da escada, fraca, a luz vacilante de uma vela de junco e a gorda massa de um homem apareceu.

— Quem é?

— Amigos. Quem é você?

— Connelley, sua senhoria. Sargento. Vêm para me substituir?

— Não.

Harper desceu as escadas, pisava com cuidado, pois estavam escorregadias e o fedor de doença e de morte era cada vez pior. A sala se enchia de gemidos e gritos, mas os corpos estavam completamente quietos, como se na escuridão ensaiassem para a tumba.

— Procuramos um homem com uma cicatriz no rosto e várias nas costas. Atiraram nele ontem.

Connelley cambaleou ligeiramente, era evidente que estava bêbado.

— Não será você irlandês?

— Sim. Conhece ao homem?

— Uma cicatriz, diz? Todos têm cicatrizes. São soldados, não leiteiras.

Connelley soltou uma lamúria e se sentou em seu banco. Assinalou com a mão para a janelinha com barrotes.

— Ontem nos chegou um tipo irlandês, atiraram nele. Patrick se chamava. Faz uma hora estava vivo, mas não durará. Nunca duram.

Hogan havia descido as escadas e o sargento gordo e bêbado olhou surpreso o uniforme do oficial.

— Oh, meu Deus, é um oficial, não há dúvida.

Levantou-se com dificuldade e agitou a mão para cumprimentá-lo. A saudação se converteu em um cumprimento para toda a sala.

— Ah, todos eles são bons meninos. Sabem morrer como homens, sim senhor, e não precisam de oficiais em cima, senhor, eles cumprem com seu dever.

Harper empurrou suavemente a Connelley para o banco. Pegou a tocha do suporte e começou a buscar pela habitação. Hogan o observava e sentiu que suas esperanças se convertiam em nada. Os corpos estavam tão quietos, tão inúteis... A sala era como uma tumba.

Harper se pôs de cócoras debaixo do teto de tijolo e manteve a tocha sobre os corpos. Primeiro foi para a esquerda pela parte mais escura do porão e os rostos que viu estavam pálidos. Alguns dormiam, outros estavam mortos, e outros olhavam como a luz

passava e seus olhos mostravam a terrível esperança de que a tocha pressagiase alguma ajuda, algum milagre. Muitos se estremeciam debaixo dos cobertores. A febre os mataria, se o ferimento não fizesse.

Harper não podia imaginar que um homem daquela sala pudesse sobreviver, mas essa era a sala dos moribundos e estavam ali para morrer. O grande sargento Connelley parecia um tipo bastante decente. Os encarregados de algumas salas de moribundos se limitavam a deslizar-lhes uma adaga entre as costelas porque não podiam suportar os intermináveis gritos, lamúrias, o comportamento infantil e inútil dos moribundos. Harper girou ao chegar ao extremo da parede e passou a tocha pelo outro lado. Parou várias vezes e retirou os cobertores úmidos que cobriam alguns rostos; viu a febre e cheirou a morte. Passou junto das escadas onde estava Hogan, ao lado do banco de Connelley.

— Algo, sargento? — perguntou Hogan com um sussurro que mostrava preocupação.

Harper não respondeu. Parou junto de outro homem cujo rosto estava oculto e cujas pernas estavam recolhidas. Harper puxou o cobertor que o cobria até o cabelo castanho. Tinha outro cobertor por baixo e o homem se agarrava a ele, ocultando o rosto, e Harper teve que abrir-lhe os dedos para poder soltar dele.

Tinha os olhos vermelhos. As bochechas já estavam afundadas. O rosto pálido e o cabelo empapado de água e suor. Harper não percebia respiração alguma, contudo os dedos não estavam frios, e o enorme irlandês passou um dedo pela longa cicatriz. Os olhos não se moveram. Estavam fixos no vazio, no lugar para onde se moveram os ratos durante a noite.

— Ei, safado. O que está fazendo aqui?

Sharpe moveu os olhos lentamente, levantou-os para o rosto que vacilava debaixo da luz da tocha.

— Patrick? — disse quase sem força na voz.

— Sim.

Harper olhou para trás para Hogan.

— Está aqui, senhor.

— Vivo? — perguntou Hogan com uma voz que não era mais que um sussurro.

— Sim, senhor.

“Mas apenas um pouco — pensou Harper —, pendendo de um fiozinho, mas vivo.”



Marmont tinha partido para o norte, afastando-se do rio Tormes, quarenta milhas pelo vale do rio Duero. A poeira provocada por aquela retirada dos franceses se elevava, formando espirais, das rodas, botas e cascos dos cavalos do exército; poeira que cobria os campos de trigo sob o sol. Era como o rastro fino de fumaça de um fogo que queimasse um capim tremendamente alto. Desvanecia e desviava para o leste empurrado pela brisa procedente do distante Atlântico, e das planícies de León estavam vazias salvo pelos falcões, os lagartos, as papoulas e a centáurea que manchavam com coloridos a terra esbranquiçada.

Na segunda-feira, 29 de junho, dia de São Pedro e São Pablo, o exército britânico foi engolido pela neblina da imensa planície. Dirigiam-se para o norte seguindo Marmont e só o que lhes vinha dali eram rumores. Um dia a gente de Salamanca disse que havia tido lugar uma grande batalha, que o céu se iluminara com o resplendor dos grandes canhões, mas apenas tinha sido uma tormenta de verão que recobriu o escuro horizonte de prata e no dia seguinte já corria outro rumor. Dizia-se que Wellington fora derrotado, que o tinham decapitado, e depois eram os franceses os que tinham perdido, que pintaram o Duero de vermelho com seu sangue e o puseram a perder com seus cadáveres. Apenas eram rumores.

A Visitação da Santa Virgem Maria veio e passou, depois do dia de São Martim, e uma garota camponesa de Barbadillo disse que lhe havia aparecido um anjo em sonhos. O anjo usava uma armadura de ouro e empunhava uma espada escarlata com duas lâminas. O anjo lhe dissera que a última batalha se travaria em Salamanca, que os exércitos do norte destroçariam a cidade, derramariam sangue pelas ruas, profanariam as catedrais, pisoteariam as sagradas formas até que, desesperada, a terra se abria e tragaria tanto a maldade como a justiça. O sacerdote de seu povoado, um homem sensato e preguiçoso, mantinha-a presa. Já havia bastantes problemas no mundo sem mulheres histéricas, mas o rumor se propagou e os camponeses olhavam as azeitonas recentes e se perguntavam se chegariam a colhê-las no outono. No norte, do outro lado do Duero, para lá de Galiza, após os Pirineus e na própria França, e ainda mais ao norte, um homenzinho conduzia um imenso exército para a Rússia. Era um exército como nunca se vira no mundo desde que os cascos dos bárbaros surgiram do amanhecer. A guerra era agora inimaginável, tão extensa que os sonhos de uma garota camponesa de Barbadillo se acrescentavam aos medos de sensatos homens de Estado. Do outro lado do Atlântico, além dos farrapos que formam as cristas das ondas, os americanos preparavam suas forças para invadir o Canadá britânico. Já era uma guerra mundial, que se travava desde os Grandes Lagos até o oceano Índico, das estepes russas até as planícies de León.

Sharpe estava vivo. Uma mensagem foi para o norte para o South Essex, e outra, mais para o norte, para A Agulha, comunicando que seu marido estava ferido e que deveria se dirigir imediatamente para o sul. Hogan não tinha muitas esperanças de que seu mensageiro pudesse chegar até Teresa; a viagem era longa e os guerrilheiros tomavam caminhos secretos e lugares ocultos.

Levaram Sharpe para cima. Tinha um quarto para ele, pequeno e desnudo. Harper e Isabella o dividiram com uma cortina e viviam com ele. Os médicos anunciaram que Sharpe morreria. A dor, disseram, não o abandonaria, inclusive se aguçaria, e a ferida se converteria em um abscesso constante de sangue e pus. A maioria do que disseram foi verdade. Hogan ordenou a Harper que ficasse, uma ordem desnecessária, mas ao grande sargento irlandês às vezes lhe custava suportar a dor, o odor, a impotência de seu capitão. Isabella e ele lavavam Sharpe, limpavam o pus, vendavam a ferida e escutavam os rumores que chegavam à pequena força britânica que tinha ficado na cidade. Chegou uma carta do batalhão escrita pelo major Forrest e firmada por um monte de nomes. Os da companhia ligeira escreveram a sua, redigida pelo tenente Price e vinha decorada com as cruzes e as firmas dos homens, e às vezes Sharpe ficava lúcido e se sentia comprazido com as cartas.

Não se sabia como estava aguentando. Cada manhã Harper esperava encontrar o seu capitão morto, mas vivia, e mesmo os médicos davam de ombros e reconheciam que algumas vezes, em poucas ocasiões, um homem se recuperava daquele tipo de ferida. Sharpe pegou febre então. A ferida estava infectada, trocavam a bandagem duas vezes por dia, mas agora Harper e Isabella tinham que enxugar o suor que lhe jorrava e escutar os delírios que murmurava dia e noite.

Isabella achou algumas calças de fuzileiro, tinha apanhado de um morto tão alto como Sharpe, e as pendurou na parede junto com a casaca e em cima das botas de Sharpe que Harper havia encontrado descartadas no pequeno pátio. O uniforme o estava esperando, mas os doutores descartaram de novo qualquer esperança. A febre o mataria. Harper quis saber como os médicos tratariam a febre e eles tentaram enganá-lo, mas o irlandês havia ouvido falar de um remédio milagroso, um remédio novo, algo que tinha a ver com a casca de uma árvore sul-americana. Os médicos tinham muito pouca quantidade daquela substância, mas Harper os assustou e lhe proporcionaram a contragosto para que desse a Sharpe. Parecia que ia bem, mas os médicos tinham muito pouca daquela apreciada substância. Havia chegado para eles no ano anterior, era cara, e a faziam durar misturando a quinina em pó com pimenta negra. Quando a quinina acabou deram a Sharpe casca de quássia, mas a febre persistia e inclusive o remédio da marinha que lorde Spears sugerira, e que consistia em pólvora mesclada com conhaque, não o fez melhorar.

Havia um remédio do exército e Harper decidiu utilizar. Levou Sharpe para baixo uma manhã, tirou suas roupas e o estendeu na grama do pátio justo ao lado do claustro. O sargento já havia tirado água do poço e a tinha levado ao claustro superior onde havia enchido dois barris. Teria preferido que fosse mais alto, pelo menos três pisos, mas o máximo que tinha era o claustro superior. Olhou para baixo para o corpo trêmulo e nu e verteu o primeiro barril provocando uma comoção brilhante e fria que explodiu sobre Sharpe, que gritou, como se lhe tivessem saltado em cima. Então veio o segundo barril formando uma cascata que esmagou Sharpe, afogando-o e então Harper correu para baixo, envolveu Sharpe em um cobertor seco e voltou a levar aquele corpo abatido para o catre. Os médicos disseram que era seguro que Harper havia matado Sharpe com aquele tratamento, contudo naquela noite a febre baixou, e quando Harper regressou da catedral

encontrou Sharpe lúcido outra vez.

— Como se encontra, senhor?

— Péssimo. — E assim o parecia. Tinha os olhos afundados na face pálida.

Harper lhe sorriu brincalhão.

— Logo estará bem.

Harper e Isabella faziam turnos para ir rezar. Ela o fazia na capela do Colégio Irlandês, arrumada e bonita, mas Harper pensava que Deus estaria mais perto da grande catedral, e subia a colina duas vezes por dia para rezar com devoção infantil. Seu rosto largo e forte se retorcia com a concentração como se a força de seus pensamentos pudesse elevar a oração para lá das perdizes-cinzentas, do teto glorioso e chegar até o céu onde tantas outras orações clamavam e esperavam uma resposta. Acendia velas para São Judas, o padroeiro das causas perdidas, e rezava para ele, suplicava-lhe, e uma vez mais os doutores começaram a sugerir, com fria cautela, que tinha uma possibilidade; que às vezes algum homem se recuperava daquela ferida, e Harper seguia rezando. Contudo, sabia que faltava algo. Davam remédios a Sharpe quando podiam, orações das quais não lhe diziam nada, e Harper sabia que havia algo mais; algo que o convenceria a viver. Algo que faltava.

Faltavam as armas de Sharpe. O rifle tinha sido roubado no hospital, a espada fora quebrada por Leroux. Harper demorou três dias, e ademais lhe custou um suborno, mas por fim um armazenista lhe abriu um pequeno depósito e revirou entre as prateleiras.

— Espadas — murmurou para si. — Espadas. Pode ficar com esta — disse para Harper oferecendo-lhe um sabre.

— Isto é uma porcaria. Está cheia de carcinoma. Eu quero uma espada pesada, não esta porcaria curva.

O cabo do armazém fez um ruído com o nariz. Encontrou outra espada, reta.

— Vinte libras?

— Quer que a prove contigo? Eu já paguei.

O cabo deu de ombros.

— Tenho que dar conta deste lote.

— Pobrezinho. E como justifica tudo o que rouba?

Harper foi ele mesmo até as estantes, revirou entre as armas e encontrou uma espada pesada de cavalaria, lisa e forte.

— Ficarei com esta. Onde ficam os rifles?

— Rifles? Não me disse nada sobre rifles.

— Bem, digo agora. — O enorme sargento empurrou o cabo de lado. — E então?

O cabo deu uma olhada para a porta aberta.

— Isso vale mais que meu trabalho.

— O valor de seu trabalho é uma merda. Bem, onde estão os rifles?

O cabo abriu uma caixa com desânimo.

— Isto é tudo o que temos. Não pegue muitos.

Harper pegou um. Era novo, bonito, o mecanismo lubrificado, mas não servia.

— Todos são assim?

— Sim — respondeu o cabo nervoso.

— Pode ficar com eles.

Harper o devolveu. Teria gostado de ficar com um para ele, não para Sharpe, mas estes eram os novos rifles com a cano de carabina, menores que os antigos rifles, e sabia que não seriam capazes de conseguir um suprimento de munição seguro. O rifle teria que esperar. Sorriu para o armazenista.

— Agora uma bainha.

O homem sacudiu a cabeça.

— Uma bainha é difícil.

Harper apontou para seu pescoço com a ponta da espada.

— Você tem dois dólares meus. Isso quer dizer que as bainhas são fáceis. Venha.

Ele a deu. A espada não era como a de Sharpe. Esta não tinha sido cuidada, era fosca, mas era uma espada pesada de cavalaria e se pôs a trabalhar nela. No primeiro dia refez o guarda-mão da espada. O guarda-mão era fino no pomo e depois se alargava de maneira a cobrir o punho de um homem e terminava em um círculo largo que impedia que a espada de um inimigo que descesse deslizando pela lâmina cortasse a mão do cavaleiro. Era um guarda-mão cômodo se um homem passava a vida na sela de montar, mas o pesado círculo de aço cravaria nas costelas a espada fosse levada ao modo de Sharpe. Era uma lâmina muito comprida para que se pendurasse com comodidade na cintura. As tiras da bainha teriam que ser encurtadas, de maneira que o pomo e o guarda-mão da espada ficassem na parte inferior da caixa torácica de Sharpe. Harper pediu emprestadas uma serra para metais, algumas limas e se pôs a trabalhar no guarda-mão. Cortou o lado direito do dorso do círculo, além dos buracinhos pelos quais se passariam as borlas para um desfile, até uma polegada da lâmina. Deu-lhe uma forma tosca, disforme e horrorosa, mas a limou até que conseguiu que o novo guarda-mão fosse uniforme e agradável à vista. Poliu o aço até que parecesse recém forjado na fábrica Woolley & Deakin de Birmingham. O pomo da espada estava bem ajustado à espiga da lâmina, mas a empunhadura de madeira era áspera ao tato. Harper tirou a parte posterior, limou a empunhadura, e a envernizou com óleo e cera de abelha até que ela ficou de um marrom escuro e brilhante.

No segundo dia refez a lâmina. O canto da espada era reto e a ponta se formava ao se curvar para trás do fio. Este não era o tipo de ponta que Sharpe gostava. O fuzileiro gostava de uma espada com dois fios, ambos afiados, e uma ponta simétrica. Harper rebuscou entre as oficinas do colégio e encontrou a roda que os jardineiros usavam para afiar as gadanhas. Pôs óleo na roda, acionou o pedal e depois pôs a lâmina sobre a pedra de forma que zumbisse e chiasse, e as faíscas saltaram do aço como fogo. Trabalhou o canto, curvando as duas polegadas finais da espada até que o canto anterior e o posterior fossem iguais. Tinha feito uma arma equilibrada. Depois poliu a espada apoiando a lâmina para cima para assegurar-se que as marcas da pedra eram lisas. O aço brilhava. Finalmente, quando caía a tarde, afiou a lâmina. Deu a Sharpe um fio que o capitão nunca tivera; trabalhou nisso uma e outra vez e o perfeccionista que havia nele não o deixaria até que o fio e as sete polegadas da ponta do canto estivessem afiadas como uma navalha. Deixou que a roda fosse parando. Pegou um trapo e passou azeite de oliva na espada. Voltou a polir, voltou a passar azeite. A espada não se parecia em nada com

aquela lâmina que pegara com o cabo do armazém. Não era uma Klighenthal, mas não era uma espada qualquer. Tinha reconstruído a espada de Sharpe, com cuidado e amizade, e havia posto naquele trabalho toda a mágica celta que pudera concentrar. Era como se ao trabalhar na espada estivesse trabalhando no próprio Sharpe, e elevou a espada acabada para o sol poente e esta resplandeceu com estalidos de luz branca. Já estava pronta.

Levou a espada para cima, queria ver o rosto de Sharpe e se encontrou com Isabella. Ela ia correndo pelo claustro; primeiro Harper se assustou, mas viu a expressão de seu rosto e ela se jogou sobre ele. Falava tão rápido que teve que tranquilizá-la e ela deu a notícia. Viera uma mulher, e que mulher!

O cabelo como o ouro e uma carruagem com quatro cavalos! Tinha visitado o hospital e havia dado presentes aos feridos e depois (os olhos de Isabella ainda brilhavam ao se recordar) a mulher fora ao quarto de Sharpe, havia visitado o capitão e se chateara.

Harper a conteve.

— Chateada?

O capitão era um herói, não? A marquesa gritou com os doutores, disse que era repugnante que um herói tivesse que viver em semelhante lugar e que no dia seguinte ela mandaria uma carruagem para levar Sharpe a uma casa nos arredores da cidade. Uma casa junto a um rio, e o melhor de tudo era (e ao chegar aqui Isabella se pôs a saltar para cima e para abaixo junto ao enorme irlandês, agarrando-se à casaca com a excitação) que a aristocrata tinha falado com ela, com Isabella! Harper e ela iriam com o capitão. Teriam criados, cozinheiros, e Isabella dava voltas no claustro explicando que a marquesa fora amável com ela, estava agradecida e, certamente, o capitão se achava melhor.

Harper sorriu contagiado de alegria.

— Repita o finalzinho.

Ela voltou a dizer e desta vez quis saber onde ele estivera. Havia perdido a marquesa, a pessoa mais afável que Isabella já conhecera, uma rainha! Bem, quase uma rainha, e Harper tinha perdido e amanhã se trasladavam todos para uma casa junto ao rio e iam ter criados! E, por certo, o capitão se encontrava muito melhor.

— O que quer dizer com muito melhor?

— Troquei sua bandagem, certo? Pois ela estava aqui! Pensei que nos visitaria. Visita a todos. Assim que troquei a bandagem e não havia porcária. Patrick! Sem porcária!

— Sem pus?

— Nada de nada. Nem porcária, nem sangue.

— Onde está agora?

Ela abriu bem os olhos porque sua história era impressionante.

— Está sentado na cama. Sentado! Muito contente de que a marquesa o visse. — Deu um carinhoso soco em Harper. — E você não a viu! Quatro cavalos! E seu amigo esteve aqui.

— Meu amigo?

— O lorde inglês. Lorde Spears. — Ela suspirou. — Usa um uniforme azul e prata, tudo brilhante, e já nada no braço! Não está mais com venda!

— Quer dizer que já não leva o braço na tipóia?

— Foi o que eu disse. — Ela sorriu. — Você ficaria estupendo com um uniforme azul

e prateado.

— Sim, seria um boa troca do negro para o azul. — Ele sorriu brincalhão. — Você pode ficar aqui, mulher? Quero falar com ele.

Abriu de um empurrão a porta da quarto e, tal como Isabella anunciara, Sharpe estava sentado. O rosto de Sharpe refletia uma expressão de assombro, como se estivesse esperando que a dor voltasse a qualquer momento. Olhou para Harper e sorriu.

— Estou melhor. Não entendo.

— Os médicos dizem que pode passar.

— Os médicos diziam que eu morreria. — Viu a espada que Harper tinha na mão. —

O que é isso?

— Só é uma espada velha, senhor. — Harper tentou fazer sua voz soar o mais prosaica possível, mas não pôde esconder o sorriso. Deu de ombros. — Pensei que talvez a quisesse.

— Mostre-me.

Sharpe estendeu uma mão e Harper viu como o pulso do capitão estava exageradamente magro. Harper virou a espada, estendeu-a e Sharpe agarrou a empunhadura. Harper puxou a bainha, Sharpe tinha a espada na mão e o peso lhe fez cair quase até o piso; teve que fazer uso de toda sua escassa força para levantar de novo a espada comprida e tosca. Brilhava com a luz que entrava pela janela. Os olhos de Sharpe pousaram na lâmina e seu rosto mostrava tudo o que Harper teria desejado. Girou a lâmina, lentamente, com o braço terrivelmente fraco enquanto ensaiava a volta que a espada necessitava para dar uma estocada no inimigo. Sharpe levantou a vista para Harper.

— Foi você que a fez?

— Bem, já sabe, senhor. Pouca coisa, senhor. Somente para matar o tempo, sim.

Sharpe deu outro giro à lâmina e a luz percorreu o aço.

— É bonita.

— Não é nada mais que o velho modelo do 96º, senhor. Comum. Nada especial. Eu tirei a falha da lâmina, senhor. Será verdade, senhor, que partiremos amanhã? Para as altas esferas, como ouvi?

Sharpe consentiu com a cabeça, mas não escutava as palavras de Harper. Ele olhava a lâmina, contemplava o aço de cima abaixo, desde a nova ponta da espada até o lugar em que o aço se enterrava no guarda-mão refeito. O peso era demais para ele e foi descendo, lentamente, até que a ponta pousasse sobre as esteiras. Olhou para Harper.

— Obrigado.

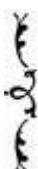
— De nada, senhor. Pensei que precisaria.

— Matarei aquele sacana com ela. — Sharpe fez uma careta por causa do esforço, mas a espada voltou a elevar-se. — Racharei aquele sacana.

Patrick Harper sorriu. Richard Sharpe estava vivo.

TERCEIRA PARTE

De 21 de julho a 23 de julho de 1812.



Às vezes o rio parecia de prata, era como uma miragem de prata manchada. E outras vezes, era de um verde-escuro como o veludo. À luz do crepúsculo parecia ouro líquido, pesado e lento, que fluía caudaloso pela ponte romana, depois, para a confluência com o Duero e finalmente para o distante mar. Às vezes era liso como um espelho, de forma que a margem oposta se via perfeitamente refletida sobre sua superfície, e outras vezes era cinzento e desigual. Sharpe não se cansava de ficar sentado no refúgio com colunas que um marquês anterior fizera construir bem na margem das águas. Era um lugar recolhido, ao qual somente se tinha acesso por uma porta e se a porta estivesse fechada com chave não se ouvia nenhum som proveniente da casa ou do jardim.

Sharpe treinava durante horas naquele refúgio, fortalecia o braço com a espada e a cada dia caminhava um pouco mais, de maneira que quando já estavam na casa há seis noites já era capaz de caminhar a milha que havia até a cidade e voltar sentindo como única dor uma leve pontada. Comia em quantidade, zampava o boi que, como bom inglês, sabia que era a única coisa que podia lhe proporcionar força. O capitão Lossow, da Legião Alemã do Rei, conseguiu enviar para Sharpe uma caixa de madeira cheia de garrafas de cerveja. Na caixa ia gravada uma nota muito breve. “Os franceses não puderam matá-lo, assim que você beba até a morte. De seu amigo. Lossow.” Sharpe não podia imaginar como Lossow tinha conseguido encontrar uma caixa inteira de cerveja na Espanha, mas percebeu quão generoso era aquele presente e se sentiu comovido.

No quinto dia Sharpe disparou o rifle de Harper, deixou que a culatra lhe golpeasse no ombro e obrigou a seus cansados braços a agarrar com força o cano; ao décimo disparo destroçou uma das garrafas vazias e isso fez que se sentisse contente. Estava se fortalecendo. Escrevera para Hogan no primeiro dia em que não sentira aquela terrível dor e o escritório do major na cidade lhe havia enviado a resposta. Hogan estava encantado com as notícias de Sharpe. O restante da carta era sinistra. Falava de marchas inúteis e de contramarchas através das planícies, do descontentamento do exército porque parecia que os franceses estavam superando os britânicos em estratégia, parecia que os derrotassem sem luta, e Hogan insinuava que talvez logo o exército se colhesse em Salamanca. Hogan se desculpava porque ainda não conseguira localizar Teresa. Sabia que sua mensagem chegara a Casatejada, mas a mulher de Sharpe não estava lá. Estava mais ao norte acossando as tropas do general francês Caffarelli e Hogan não sabia quanto tardaria ainda em receber a notícia. Esperava que fosse logo. Sharpe se sentiu culpado, pois não compartia a esperança de Hogan. Uma vez que Teresa estivesse em Salamanca ele se veria obrigado a abandonar a companhia da marquesa. Ela o visitava quase todas as tardes no refúgio junto ao rio e Sharpe percebeu que esperava aquelas visitas, que necessitava da companhia daquela mulher. Harper guardava seu assombro para si.

O major Hogan falava também de Leroux em sua carta. “Não deve se preocupar, Richard, nem sentir-se responsável pelo que passou.” Isso lhe pareceu muito amável da parte de Hogan porque Sharpe sim era responsável. O fracasso lhe chateava, deprimia e

ele se torturava imaginando o que o francês faria à marquesa para fazê-la falar. Ela acreditava que Leroux devia estar na cidade e Hogan compartia esta opinião. “Ele ficará oculto, acreditamos, até que Salamanca volte a estar em mãos francesas (pois temo que exista essa possibilidade se não conseguirmos que Marmont lute) e é de desejar que seus planos se vejam frustrados. Se lutarmos contra Marmont e vencermos então Leroux terá que abandonar Salamanca. Talvez já o tenha feito, não sabemos, entretanto pusemos uma guarda para O Mirante, e você não tem que se preocupar com nada que não seja sua total recuperação.”

O fato de mencionar a guarda confundiu Sharpe. A marquesa vinha sozinha, com o cocheiro, o postilhão e a dona. O cocheiro e o postilhão esperavam nos alojamentos dos criados e a dama de companhia mandavam ler um livro na biblioteca grande e sombria da casa. A marquesa ia só com Sharpe ao refúgio com colunas junto ao rio. Quando mostrou a carta à marquesa, ela riu.

— Seria muito evidente, Richard, não acha? Se eu viesse até aqui com um homem armado cavalcando atrás de mim? Pare de se preocupar.

Na tarde seguinte, lorde Spears veio com ela e não puderam se ocultar no pequeno refúgio. Caminharam pelo jardim conversando e Sharpe tinha que fazer parecer, ainda que achasse que Spears soubesse a verdade, que quase não conhecia a marquesa, que ela o tirara do hospital como se fosse uma obra de caridade e ele lhe dizia “senhora” e “minha senhora” e se sentia coibido e desajeitado, exatamente igual à primeira vez que se viram. Em um momento daquela tarde, quando o sol era de um esplêndido carmesim ao oeste, a marquesa se dirigiu ao muro junto ao rio e jogou umas migalhas de pão para os patos. Sharpe estava sozinho com Spears. O fuzileiro recordava o muito que aquele cavalheiro havia desejado conhecer a identidade de O Mirante; como o interrogara na Praça Maye na manhã seguinte ao primeiro assalto às três fortificações. Sharpe sorriu para Spears com ironia.

— Então, o senhor averiguou?

— Sobre você e Helena? Você foi pouco discreto, meu querido Richard, ao vir aqui à guarida da dama.

— Não — respondeu Sharpe sacudindo a cabeça. — Refiro-me a O Mirante.

Um olhar de alarme cruzou o rosto de Spears, depois veio a ira e uma pergunta que quase foi sussurrada para Sharpe.

— Você sabe?

— Sim — respondeu Sharpe consentindo com a cabeça.

— O que diabos você sabe?

Sharpe tentou falar com suma calma para aplacar a ira de Spears.

— Sei que colocaram uma guarda para O Mirante e suponho que seja o senhor.

— Como soube?

— Hogan me escreveu.

Não era toda a verdade. Hogan lhe escrevera que O Mirante estava protegido, mas não lhe dera nomes. O resto eram deduções de Sharpe e não teria imaginado uma reação como esta, quase violenta. Tentou voltar a acalmar Spears.

— Sinto muito. Não era minha intenção ofendê-lo.

— Não, não estou ofendido. — Spears afastou seu cabelo negro. — Deus! Dizem que este é o maior segredo desde que se converteu a água em vinho e vem Hogan e lhe escreve! Quantos mais o sabem? — Spears lançou um olhar para a marquesa e depois outra vez para Sharpe. — Sim, sou eu, mas, pelo amor de Deus, não diga a ninguém.

— Difícilmente poderia.

— Suponho que não.

Sharpe desejou não tê-lo mencionado. Tinha difamado Hogan ao sugerir que o major irlandês lhe escrevera tudo em sua carta, mas a ira de Spears fez que Sharpe decidisse não embarcar em uma explicação rebuscada.

A marquesa regressou e olhou para Spears.

— Você parece realmente nervoso, Jack.

— Uma vespa, Helena, que ameaça minha virtude.

— Uma coisinha tão pequena. — Olhou para Sharpe. — Está contente aqui, capitão?

— Sim, senhora.

A dama manteve uma conversa cortês em respeito a Spears.

— A casa é bastante bonita. Foi construída pelo tio avô de meu marido. Tinha lepra, assim que se viu obrigado a viver fora da cidade. A casa foi feita aqui, e ele pôde ir apodrecendo sozinho com inteira liberdade. Dizem que era espantoso por isso tem esses muros tão altos.

Spears sorriu zombando.

— Espero que tenha lavado bem este lugar antes de pôr Sharpe aqui.

Ela o olhou, sorriu e o tocou na bochecha com o leque.

— Você é um homem realmente encantador, Jack. Pode dizer a meu cocheiro que se prepare?

Spears fez uma leve inclinação.

— Estará a salvo com Sharpe?

— Eu me arriscarei, Jack. Agora se retire.

Observou Spears enquanto caminhava pela casa e depois levou Sharpe até a sombra de uns arbustos. Havia um banco de pedra em uma pequena clareira e ela se sentou.

— Sinto muito, não devia tê-lo trazido.

— Eu acho que sim.

Ela ficou indiferente.

— Por quê?

— É seu guarda. É seu trabalho.

A dama ficou olhando para Sharpe durante alguns segundos.

— Como descobriu, Richard?

Ele se sentiu confuso. Primeiro Spears reagira quase com violência, e agora a marquesa o interrogava como se ele tivesse que lhe prestar contas. Pensou que ela devia estar com medo. Se Spears tinha dito a Sharpe, então ele não era de confiança. Sharpe sorriu para a dama.

— Primeiro, está aqui contigo. Segundo, eu lhe perguntei. Não confirmou, mas ficou bastante chateado ao ver que eu sabia.

Ela fez um gesto aprovando com a cabeça.

— Bem. O que ele disse?

— Que era a guarda de O Mirante. — Sorriu. — A Mirante.

Ela sorriu ao ouvir isso.

— Não existe tal nome, já lhe disse. Em espanhol, os mirantes são masculinos não podem ser femininos. Pode-se confiar nele?

— Chateou-se bastante.

Ela suspirou e depois moveu bruscamente o leque para acertar uma mosca.

— É tonto, Richard. Não tem dinheiro, perdeu tudo no jogo, mas às vezes é divertido.

Está com ciúmes?

— Não.

— Mentiroso — ela disse sorrindo. — Não voltarei a deixá-lo vir. Esta noite ele insistiu. — Riu. — Esta noite me recordas a quando nos vimos pela primeira vez. Você se irritou com dignidade. Estava tão disposto a sentir-se ofendido...

— E você a ofender-me.

— E outra coisa, Richard.

— Sim.

Ele se sentou junto dela e ela percebeu um novo colorido no rosto de Sharpe. A marquesa ficou sentada em silêncio durante alguns instantes, estirou a cabeça como para escutar algum som distante e logo relaxou.

— Não se ouvem canhões hoje.

— Não.

Não havia batalha, o que significava que os franceses tinham voltado a ter vantagem sobre Wellington, que os exércitos se aproximavam mais da cidade e que talvez o momento em que Sharpe teria que abandonar Salamanca se aproximava. Ele a olhou.

— Venha conosco.

— Talvez você não parta.

— Talvez — disse ele ainda que seu instinto lhe dissesse o contrário.

A dama se apoiou nele com os olhos fechados e então se ouviu a voz de Spears que gritava da casa que a carruagem esperava. Ela olhou para Sharpe.

— Amanhã virei cedo.

— Por favor.

Ela o beijou.

— Fez exercício hoje?

— Sim, senhora — respondeu ele sorrindo com zombaria.

Helena lhe fez um cumprimento cômico.

— Não se renda, capitão.

— Nunca.

Sharpe a seguiu até a casa e ficou observando a carruagem, com o cavalo de Spears de um lado, que atravessava as altas portas, e a seguir voltou para o edifício. Era sua última noite com Harper sabe Deus até quando, pois no dia seguinte o sargento partiria para o norte e levaria Isabella, voltariam ao South Essex. Harper iria com um grupo de homens que recuperaram de suas feridas, e para celebrar sua última noite o enorme irlandês e Isabella comeram com Sharpe na sala de jantar em lugar de fazê-lo na cozinha.

Sharpe passou os dias seguintes sozinho, fazendo exercício e caminhando, e as notícias que chegavam do norte eram cada vez piores. Um oficial que regressava a Cidade Rodrigo parou na casa para pedir água e se sentou no jardim com Sharpe. Falou da irritação das tropas porque não podiam lutar. Parecia que Wellington cedia terreno, que sempre estava se retirando, e a cada novo dia significava que chegavam reforços para Marmont. O oficial afirmou que Wellington era prudente demais, que estava perdendo a campanha, mas Sharpe não entendia. O exército saíra de Portugal com grandes esperanças e agora aquelas esperanças se viam desperdiçadas. A campanha se perdia sem uma batalha, as manobras de cada dia aproximavam os exércitos da cidade e logo Leroux se acharia de novo em liberdade para sair à caça. Sharpe se perguntava onde estaria o francês, o que estaria fazendo, e praticava com a grande espada, pois tinha a leve esperança de voltar a vê-lo.

Um mês depois do ferimento de Sharpe a má notícia foi confirmada. O dia tinha se levantado com nuvens de poeira no leste e pelo entardecer Sharpe percebeu que os exércitos haviam chegado até o Tormes, ao leste da cidade, e soube que Salamanca voltaria a trocar de mãos. Chegou-lhe outra carta de Hogan, que lhe foi entregue em mãos por um cavaleiro da cavalaria irritado porque tinha ido primeiro ao Colégio Irlandês, em seguida ao comandante da cidade e finalmente havia encontrado Sharpe. A carta era breve, a mensagem sombria.

Esta noite cruzaremos o rio e amanhã nos dirigiremos para o oeste. Os franceses nos avantajam a cada dia assim que temos de nos apressar. Temo que possa ser uma corrida até a fronteira portuguesa e não estou seguro de que possamos vencer. Tem que partir daí. Prepare a bagagem agora! Se não tiver cavalo tente ir ao quartel general. Eu lhe deixarei meu remonta. Despeça-se e vá, não mais tardar amanhã ao amanhecer.

Havia sublinhado “ao mais tardar”.

Tal vez no ano que vem possamos pegar Marmont, mas por desgraça, neste não. Com pressa, Michael Hogan.

Sharpe tinha pouca bagagem. Ficou no jardim olhando por cima do rio e viu as cabras que viviam nas colinas ao longe descendo em fila para as terras baixas. Era um sinal seguro de que se aproximavam chuvas abundantes, contudo o sol brilhava. Olhou para cima de sua cabeça e viu as nuvens que vinham rodando do norte. O rio era como de prata com reflexos verdes.

Pôs o pouco que tinha na mochila. Duas camisas de reposição, dois pares de meia, uma malga, a luneta, sua navalha de barbear e encheu a mochila de couro até em cima com comida que pegou da cozinha. Envolheu duas varas de pão, um queijo e um presunto grande. O cozinheiro lhe deu três garrafas de vinho e ele jogou duas dentro da mochila e verteu o conteúdo da terceira dentro de seu cantil de reserva. Não tinha rifle, apenas a grande espada.

Regressou de novo ao jardim, o céu estava mais escuro, quase negro, e percebeu de

que esperaria até o dia seguinte para partir. Disse a si mesmo que tinha se tornado preguiçoso, que estava amolecendo porque queria se poupar uma noite ao relento, mas sabia que esperava o amanhã com a esperança de que a marquesa lhe visitasse aquela noite. Talvez sua última noite. Pensou em caminhar até a cidade, em ir ao palácio Casardes, mas então ouviu o som de cascos e o da grade que se abria; entendeu que ela chegava. Esperou.

Havia algo curiosamente belo na paisagem. O sol ainda brilhava, inclinava-se muito debaixo das nuvens e conferia à terra uma luminosidade que o céu tinha perdido. O que havia acima era escuridão, cinzenta e negra, debaixo uma vista resplandecente de colinas verdes, edifícios brilhantes e brancos e o rio como se fosse seda. O ar era pesado. Parecia que as nuvens pressionassem para abaixo como obrigadas pelo peso da água. Esperava que a chuva comesse a qualquer momento, mas aguentava; pegava forças. As cabras, como sempre, tinham razão. Haveria uma tormenta enorme esta noite. Foi caminhando até o pequeno refúgio com colunas construído, conforme lhe dissera a marquesa, à imitação de um pequeno santuário grego. Ficou no degrau superior, que dava para a porta, estirou a cabeça e olhou por cima do alto muro para a cidade. Talvez fosse a última visão de Salamanca ao entardecer. O sol perfilava a pedra fina, debruava a grande catedral com ouro vermelho, e então ele empurrou a porta para abri-la e esperar a marquesa. O rio era quase negro, redemoinhava esperando os golpes da chuva.

Com a manhã partiria. Afastar-se-ia daquela cidade e a poeira das estradas se converteria em barro. Esse verão ele tinha fracassado. Prometera que pegaria a um homem e o homem quase o mata; contudo isso não era o que mais lamentava. Traíra a sua mulher e isso o entristecia, mas não lamentava. Perderia a marquesa. Perderia o cabelo dourado, a boca, os olhos, o riso e a beleza, o mundo mágico de uma mulher que desejou assim que a viu, mas que nunca pensou em chegar a possuir. Hoje era a última noite. Ela ficaria, estaria em perigo, e ele regressaria com o exército. Poderia recuperar todas suas forças em Cidade Rodrigo e sempre a admiraria, lembraria dela e temeria que seu inimigo a destroçasse.

A primeira gota de chuva, pesada e sonora, bateu contra a prateleira de mármore que dava para o rio. Deixou uma marca do tamanho de um penique. Ele tinha sonhado anteriormente com uma última noite em Salamanca, mas aquela esperança tinha morrido na sala dos enganados. Agora o desuno lhe havia voltado a entregar aquela noite, ainda que tingida pela derrota. Sabia que havia se obcecado com ela e tinha que abandoná-la, e isso era algo que ocorria com muita frequência entre mulheres e soldados. Contudo, ainda restava aquela noite.

Ouviu as pisadas na grama e não virou. De repente se sentiu supersticioso. Dar a volta era tentar o destino, mas sorriu ao ouvir os pés sobre os degraus; e então ouviu o pesado estalido de uma pederneira que retrocedia a mola.

— Boa noite, capitão.

Era a voz de um homem, o homem empunhava um rifle e o rifle apontou diretamente para o estômago de Sharpe quando o fuzileiro girou de repente e ficou de cara para a porta.

O primeiro trovão retumbou no céu.



O reverendo doutor Patrick Curtis, conhecido como Dom Patrício Cortes, reitor do Colégio Irlandês e catedrático de Astronomia e História Natural da Universidade de Salamanca, segurava o rifle como se fosse uma serpente venenosa que em qualquer momento pudesse voltar-se e lhe morder. Sharpe recordava que Leroux fugiu para a habitação daquele homem, que Spears disse que Curtis se apresentara como voluntário para lutar contra os ingleses e agora o alto sacerdote se encontrava de frente para Sharpe. A cobre caçoleta estava levantada e aquele irlandês já idoso a baixou. Sorriu.

— Vê? Ainda funciona. É seu rifle, capitão.

O trovão retumbou no céu. O som se assemelhava ao das pesadas balas de um canhão de sítio que estivessem rodando em gigantescas pranchas de madeira. A chuva sussurrava ao cair sobre a superfície do rio. Sharpe estava a quatro passos do homem. Pensou em lhe saltar em cima com a esperança de que o sacerdote hesitaria antes de apertar o gatilho, mas sabia que a ferida não lhe deixaria correr. Olhou a mão direita de Curtis e elevou a voz por cima do som da chuva.

— Tem que pôr um dedo no gatilho para que funcione.

Aquelas povoadas sobranceiras se levantaram surpreendidas.

— Não está carregado, capitão. Apenas o devolvo. Aqui está — disse estendendo-o.

Sharpe não se moveu e o sacerdote irlandês apenas deu de ombros e apoiou o rifle contra o muro.

Sharpe assinalou com a cabeça para a arma.

— Não é bom que fique assim, para cima. Enfraquece a mola.

— Cada dia se aprende algo novo — disse Curtis e pegou o rifle, apertou o gatilho e retrocedeu quando a faísca estourou na caçoleta vazia. Voltou a largar a arma.

— Não parece muito contente em me ver.

— Deveria estar?

— Poderia estar-me agradecido. Desviei-me de meu caminho para devolver-lhe a arma. Tive que perguntar por seu paradeiro ao comandante da cidade e depois tive que esconder o rifle debaixo da batina. Prejudicaria minha reputação se me vissem armado pelas ruas — disse Curtis sorrindo com desaprovação.

— Bem, podia tê-lo devolvido antes — acrescentou Sharpe com voz fria.

Queria que esse sacerdote intrometido se fosse. Esperava pela marquesa.

— Gostaria de tê-lo devolvido antes. Foi roubado por um dos pedreiros do colégio. Sua mulher me disse e eu o recuperei para o senhor. E aqui está, devolvido.

O sacerdote esperou que Sharpe falasse, mas o fuzileiro estava de mau humor. Curtis suspirou, caminhou até a borda do refúgio e se pôs a olhar a chuva.

— Ah, Amado. Que tempo!

A superfície do rio se ondulava com a água da chuva. O sol ainda brilhava no oeste sob as grandes nuvens. Curtis puxou a batina para cima e se sentou. Sorriu para Sharpe amavelmente.

— Importa-se que me sente para esperar até que passe? Houve um tempo em que saía fizesse o tempo que fizesse, mas este ano faço setenta e dois, senhor Sharpe, e ao bom Deus poderia não gostar que me resfriasse.

Sharpe não se comportava com educação. Queria ficar sozinho até que a marquesa chegasse, queria pensar nela, abstrair-se na infelicidade que supunha a antecipação de sua separação. Aquela última noite lhe era muito preciosa, algo que teria que guardar para quando viessem dias piores, e agora este maldito sacerdote se instalava para manter uma encantadora conversa. Sharpe voltou a falar com voz dura.

— Estou esperando companhia.

Curtis não fez caso. Indicou com a mão todo aquele pequeno e belo refúgio.

— Eu conheço bem este lugar. Eu era o confessor do marquês, e ele sempre foi amável comigo. Deixava que o utilizasse para algumas de minhas observações. — Moveu-se para olhar para Sharpe. — No ano passado observei o cometa daqui. Extraordinário. O senhor o viu?

— Não.

— Perdeu algo que realmente valia à pena. O marquês era da opinião que o cometa afetava a colheita da uva, que era o responsável pela boa vindima. Eu não entendo nada disso, mas não há dúvida de que o vinho do ano passado foi excelente. Excelente.

Uma grande explosão de trovão evitou que Sharpe tivesse que responder. O céu retumbou, cresceu e se desvaneceu e a chuva começou a cair com maior força.

— Suponho que está esperando a marquesa.

— Pode supor o que quiser.

— Verdade — replicou Curtis consentindo com a cabeça. — Isso me concerne, senhor Sharpe. Ao marido dela eu o tenho por amigo. Sou um sacerdote. O senhor é, eu sei, um homem casado. Acho que estou falando para sua consciência, senhor Sharpe.

Sharpe riu.

— O senhor saiu com este tempo vir aqui me dar este sermão?

Sharpe se sentou no banco curvo que havia, encostado, na parede interna do refúgio. Estava preso ali enquanto seguisse chovendo, mas não ia permitir que um sacerdote comesse a intrometer-se em sua vida espiritual.

— Esqueça disso, padre. Não é assunto seu.

— Mas de Deus, sim, filho — disse Curtis com suavidade. — A marquesa não se confessa comigo. Ela o faz com os jesuítas. Eles têm uma ideia complicada do pecado. Estou seguro de que deve ser muito confusa. Eu tenho uma ideia muito simples do pecado e sei que o adultério é mau.

Sharpe falou com calma, apoiou a cabeça contra a parede.

— Não queria ofendê-lo, padre, mas está me incomodando.

— E isso?

Sharpe jogou a cabeça para frente.

— Pois recordo-me que Leroux foi para seu quarto, lembro de ter ouvido que lutou contra os ingleses e sei que os franceses têm espiões nesta cidade, e tardaria dois minutos em submergi-lo no rio. Pergunto-me quantos dias passariam antes que o encontrassem.

Curtis ficou olhando-o fixamente.

— Isso é o que queria, não?

— Sim.

— A solução simples, não? Como fazem os soldados. — Curtis zombava dele com voz firme. — Quando os seres humanos não sabem o que fazer chamam os soldados. A força o vence tudo, não é assim? Isso é o que fizeram a Jesus Cristo, senhor Sharpe, chamaram os soldados. Não sabiam o que fazer com ele, assim que chamaram homens como o senhor; e suponho que estes não pensaram muito no que tinham que fazer, simplesmente lhe puseram cravos. Isso é o que o senhor teria feito, não?

Sharpe não disse nada. Bocejou. Olhou as ondas que a chuva criava no rio. O céu estava escuro, a oeste o horizonte era de um dourado escuro, e pensou que talvez a marquesa esperasse até que passasse a tormenta para que a carruagem pegasse o caminho para a casa pelo rio.

Curtis olhou para trás para os tapetes e almofadas que a marquesa havia posto no refúgio do rio.

— De que tem medo, Sharpe?

— Das traças.

— Falo sério.

— Eu também. Odeio as traças.

— Do inferno?

Sharpe soltou um suspiro.

— Padre, não quero ofendê-lo, na realidade não tenho vontade de lançá-lo nesse maldito rio, mas não quero ficar aqui sentado ouvindo um sermão sobre minha alma. Entendido?

Um trovão rasgou o céu por cima de suas cabeças, foi tão repentino que Curtis deu um salto, o relâmpago desapareceu ao cair sobre o rio e o odor do ozônio se sentiu no ar. Parecia que o som daquele trovão rodasse para o oeste da cidade e ecoasse, depois só se viu a chuva que se chocava contra a água do rio. Curtis olhou o rio.

— Amanhã haverá uma batalha.

Sharpe não disse nada. Curtis falou mais alto.

— Amanhã haverá uma batalha e os senhores vencerão.

— Amanhã fugiremos dos franceses — disse Sharpe com voz incomodada.

Curtis se levantou. A batina negra se destacava na escuridão. Aproximou-se o mais que pôde do rio sem deixar que a chuva lhe molhasse. Seguiu falando de cara para a água, de costas para Sharpe.

— Os ingleses têm a antiga crença de que suas grandes vitórias vão sempre precedidas de uma noite de trovões. — O cabelo do sacerdote se via branco contra as nuvens negras. — Amanhã terá sua batalha, sua solução de soldado, e ganhará.

O trovão gemeu com pouco entusiasmo e, aos olhos de Sharpe, o sacerdote parecia um antigo feiticeiro que tivesse conjurado esta tormenta das profundezas. Quando o ruído do trovão se desvaneceu, Curtis olhou para Sharpe.

— Os mortos serão uma legião.

Sharpe achou ter ouvido um ruído de passos do outro lado da casa. Levantou a

cabeça, escutou, mas apenas se ouvia a chuva no jardim, o vento nas árvores. Olhou para Curtis, que tinha voltado a se sentar.

— E o mundo, quando vai acabar?

— Isso é coisa de Deus. Os homens fazem as batalhas. Não lhe agradaria uma batalha amanhã?

Sharpe não disse nada. Apoiou-se contra a parede. Curtis estendeu as mãos em sinal de resignação.

— Não queria que falasse de sua alma, assim que lhe falo de uma batalha e segue sem querer falar! Falarei do mesmo jeito.

O sacerdote de avançada idade baixou a cabeça como se quisesse pôr em ordem seus pensamentos e depois levantou as povoadas sobrancelhas para olhar para Sharpe.

— Suponhamos que o trovão diga a verdade. Suponhamos que amanhã tenha lugar uma batalha e que os ingleses ganhem. O que aconteceria? — Levantou a mão para impedir que Sharpe falasse. — Isto é o que acontecerá. Os franceses terão que bater em retirada, esta parte da Espanha será livre e o coronel Leroux ficará aqui preso. — Agora Sharpe lhe prestava atenção. O fuzileiro havia se sentado. — É quase certo que o coronel Leroux — prosseguiu Curtis — esteja no interior da cidade. Está esperando que os britânicos se vão. Uma vez se tenham ido voltará a aparecer, e com ele o crime e as torturas continuarão. Estou no certo?

— Sim — respondeu Sharpe. Até então Curtis não tinha dito nada que qualquer outro não pudesse deduzir. — E?

— E se Leroux for detido, as mortes pararão, o senhor tem de lutar e ganhar uma batalha amanhã.

Sharpe voltou a jogar-se para trás. Curtis era apenas um estrategista de salão.

Wellington está esperando uma batalha já faz um mês. É pouco provável que amanhã a tenha.

— Pelo que tem esperado?

Sharpe esperou que soasse um trovão. Olhou para o rio e viu que a chuva ainda caía com insistência. Já era quase noite. Desejava que a chuva parasse, que Curtis se fosse. Esforçou-se para manter a conversa.

— Tem esperado porque quer que Marmont cometa um erro. Quer pegar os franceses desprevenidos.

— Exato! — consentiu Curtis com energia como se Sharpe fosse um aluno que havia captado uma sutileza. — Agora, escute-me, senhor Sharpe. Amanhã, Wellington estará ao sul do rio e então girará para oeste, para Portugal, não é assim? Sim?

Sharpe consentiu com a cabeça. Curtis seguiu adiante, falava com urgência.

— Suponha que não vire para o oeste. Suponha que decidisse esconder seu exército no lugar do giro e depois suponha que os franceses não soubessem. O que ocorreria?

Era muito simples. Os dois exércitos cruzariam o rio e virariam para a direita. Era como a curva de uma corrida de cavalos e os britânicos estavam na parte interna. Se queriam adiantar-se a Marmont para ganhar a corrida até a fronteira portuguesa tinham que pegar a curva rápido e seguir marchando. Contudo, se Curtis estivesse certo e Wellington se ocultasse na curva, os franceses passariam junto dele, seu exército se

estenderia ao longo formando uma linha e seria fácil pôr-lhe na armadilha. Deixaria de ser uma corrida. Seria como o pastor que estende ao largo seu rebanho frente a uma manada de lobos famintos. Mas apenas era uma conjectura. Sharpe deu de ombros.

— Os franceses seriam derrotados. Apenas há uma coisa que não encaixa.

— O que é?

Sharpe pensava na carta de Hogan.

— Amanhã marchamos para o oeste, tão rápido como nos seja possível.

— Não, senhor Sharpe — disse Curtis com voz segura. — Seu general está ocultando o exército em um povoado chamado Arapiles. Não quer que Marmont saiba. Quer que os franceses achem que simplesmente deixa uma retaguarda em Arapiles e que o restante do exército marcha tão rápido como pode.

Sharpe sorriu.

— Com meus maiores respeitos, padre, duvido que os franceses possam ser enganados. Afinal de contas, se o senhor ouviu falar deste truque outros também terão ouvido.

— Não — respondeu Curtis sorrindo enquanto a chuva seguia caindo lá fora oculta pela escuridão. — Eu passei à tarde em Arapiles. Apenas há um problema.

Sharpe estava sentado inclinado para frente e havia esquecido a chuva.

— Qual é?

— Como dizemos aos espiões de Marmont que Wellington realmente se põe em marcha amanhã?

Sharpe sacudiu a cabeça.

— Fala sério, não?

— Sim.

O fuzileiro se levantou, caminhou para a porta e olhou para o jardim. Não havia nada para ver salvo as árvores açoitadas pela tormenta. Sharpe girou surpreso pela conversa.

— O que quer dizer com “nós”?

— Quero dizer nosso lado, capitão.

Sharpe voltou a caminhar até o banco, recolheu o rifle e sentiu como se a terra tremesse debaixo de seus pés. Primeiro Curtis o havia provocado, depois havia zombado, agora lhe fazia sentir muito estúpido. Passou os dedos pelo martelo do rifle, sentiu sua solidez e olhou para o sacerdote.

— Diga o que tem a dizer.

Curtis meteu a mão pela parte do peito de sua batina e pegou um pedaço de papel. Estava dobrado formando uma tirinha.

— Isto me chegou hoje, e é por isso que fui ver Wellington. Chegou, capitão, costurado na lombada de um livro de sermões. Vem de Paris.

Sharpe correu o dedo pelo tosca borda da pederneira de seu rifle. Não sentia dor alguma na ferida, apenas escutava àquele sacerdote que de repente tinha adotado uma grande autoridade.

— Leroux é um homem perigoso, capitão, muito perigoso, e nós queríamos saber mais coisas sobre ele. Eu pedi informação a um de meus correspondentes, um amigo, um

homem que trabalha em um ministério em Paris. Esta é a resposta. — Desdobrou o papel. — Não o vou ler tudo porque muito do que diz o major Hogan já lhe explicou. Somente lerei a última linha: “Leroux tem uma irmã, tão dotada para os idiomas como ele próprio, e não posso descobrir seu paradeiro. Escreveram Hélène”.

Sharpe fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Não.

— Sim.

— Não, não, não. — O trovão afogou seu protesto. Abriu os olhos e o sacerdote era algo e sob a noite. — O senhor..., o senhor é O Mirante.

— Sim.

— Não. Não. — Sharpe não queria acreditar.

Curtis era implacável.

— O senhor pode não gostar, capitão, mas a resposta continua sendo “sim”.

Sharpe seguia sem querer acreditar.

— Então, onde está seu guarda?

— Lorde Spears? Acredita que estou confessando na catedral, como faço nas terças-feiras. Ele está se despedindo da marquesa, Sharpe, e por isso ela se atrasa. A metade dos oficiais de cavalaria da cidade está lhe fazendo a corte neste momento.

— Não! Seus pais foram mortos pelos franceses! Ela vivia em Saragoça!

— Sharpe! — gritou Curtis. — Conheceu o seu marido em Paris faz apenas cinco anos. Ele fazia parte de uma embaixada do governo que se apresentou a Napoleão. Ela diz que seu pai foi executado durante a época do Terror, mas quem sabe? Foram tantos os que morreram! Milhares! E não há arquivos, Sharpe, nem registros cuidadosos! Não custa muito para os homens de Napoleão produzir uma garota bonita e afirmar que é a filha de Dom Antônio Huesca e sua mulher, uma inglesa. Não saberíamos nunca se não tivéssemos pedido informação a respeito de Leroux.

— Mas sequer sem saber. Há milhares e milhares de Hélènes e Helenas.

— Capitão Sharpe, pense, por favor.

Ela havia assegurado que era O Mirante e não era. Pensou no telescópio que havia na sacada, o telescópio que apontava para o forte São Caetano onde estava o segundo telescópio. Teria sido muito fácil para ela fazer sinais para Leroux, falar-lhe usando um sistema similar ao telégrafo que utilizava o exército. Sharpe seguia sem querer acreditar. Indicou com um braço todo o refúgio.

— Mas e tudo isto! Ela tem cuidado de mim!

— Sim. — Curtis se levantou. A chuva tinha amainado, os trovões se ouviam mais para o sul. — Eu acredito, Sharpe, que ela está um pouco mais que enamorada pelo senhor. Lorde Spears assim o diz, e sabe Deus que ele teria pecado com ela se ela lhe tivesse permitido. Eu acredito que ela está apaixonada pelo senhor. Está sozinha, longe de casa. Como sacerdote o desaprovo, como homem o invejo e como O Mirante quero utilizar esse amor.

— Como?

— Deve mentir-lhe, capitão, esta noite. Deve lhe dizer que Wellington deixará uma retaguarda em Arapiles e que tentará convencer a Marmont de que a retaguarda é todo

seu exército. O senhor lhe dirá que Wellington quer enganar Marmont para que fique quieto, para que enfrente a retaguarda enquanto o grosso do exército britânico foge. O senhor dirá isto, capitão, e ela acreditará porque o senhor nunca a decepcionou. Ela dirá a Marmont e amanhã poderá o senhor observar o fruto de seu trabalho.

Sharpe tentou rir.

— Ela dirá a Marmont? Assim fácil?

— Ninguém na Espanha detém a um mensageiro que leva o selo da casa de Casares o Grande e Melida Sadaba.

— Não — disse Sharpe sacudindo a cabeça.

Queria vê-la, abraçá-la, escutar sua voz, rir com ela.

Curtis voltou a se sentar perto de Sharpe e ia falando enquanto a chuva caía sobre o rio, a tormenta se dirigia para o sul. Falou das cartas que tinha recebido, cartas ocultas, em código. Falou dos homens que lhe mandavam e das estratégias que utilizavam para fazer passar as mensagens. Agora, para Sharpe lhe parecia que Curtis era um feiticeiro. Conjurou a imagem de seus correspondentes que temiam por suas vidas, que apenas trabalhavam pela liberdade, que tinham estendido uma rede ao longo do império de Napoleão que conduzia até este sacerdote já idoso.

— Não recordo exatamente como começou, talvez faça quatro anos, mas me vi recebendo cartas e eu as respondia e, então, comecei a esconder as cartas, a ocultá-las na encadernação dos livros. Depois, quando o exército britânico chegou me pareceu sensato passar-lhes o material e assim o fiz. Agora sou o espião mais importante que os senhores têm. — Curtis deu de ombros. — Não era minha intenção. Eu formei sacerdotes, Sharpe, durante anos. Muitos deles me escrevem, em latim, às vezes em grego, e apenas perdi um homem. Temo que para Leroux.

Sharpe recordava que a marquesa lhe havia dito quanto o temia a Leroux. E era sua irmã.

Sharpe olhou para Curtis.

— O senhor acredita que Leroux está na cidade?

— Sim. Não tenho certeza, mas parece lógico que se oculte ali até que os franceses regressem. Ou que fique e continue me procurando. — Curtis riu. — Prenderam-me uma vez. Levaram todos meus livros, todos meus papéis, mas não encontraram nada. Eu os convenci de que sendo um sacerdote irlandês não sentia muito amor pelos ingleses. E é verdade. Mas amo este país, Sharpe, e temo a França.

A chuva quase tinha cessado. O trovão se ouvia ao sul. Sharpe se sentiu terrivelmente sozinho.

Curtis olhou para o fuzileiro.

— Sinto muito.

— Pelo quê?

— Porque acredito que se apegou a ela.

Sharpe consentiu e Curtis suspirou.

— Michael Hogan me disse. Não sabia se o senhor era seu amante, assim que eu indaguei para ver como reagia. Lorde Spears disse que era, mas aquele jovem propaga o escândalo. Acredito que talvez sinta inveja.

— De quê? — perguntou Sharpe.

Sentia-se mal, como se lhe dissecassem a vida. Tinha sido usado.

— Eu sou um cavalo castrado por minha profissão, Sharpe, mas isso não significa que não perceba as águas.

— Ela não passa despercebida.

Curtis sorriu na escuridão.

— Faz os homens ficarem como um pudim.

Sharpe colocou o rifle sobre o banco junto dele.

— O que ocorrerá se houver uma batalha amanhã?

— Procuraremos por Leroux pela noite. Suponho que teremos que revistar o palácio Casardes.

— E ela?

Curtis sorriu.

— Nada. Ela pertence à aristocracia espanhola, acima de qualquer censura, de qualquer castigo. — O vento se esfriou. Curtis olhou na escuridão da noite. — Devo ir. Se me encontrasse aqui, tenho a desculpa do rifle, mas é melhor que não me encontre. — Levantou-se. — Convença-a esta noite, Sharpe, e o absolverei por esta noite, por esta obra.

Sharpe não queria a absolvição, ele queria Helena, ou Hélène se aquele era seu nome, e, contudo temia vê-la, temia que ela notasse alguma mudança. Ela o usara e talvez ele nunca devesse ter achado que uma aristocrata pudesse ter um autêntico propósito de amizade com um homem como ele, contudo não podia acreditar que tudo havia sido fingimento. Primeiro ela precisara dele porque ele era o homem que ia à caça de seu irmão e ele lhe havia dito tudo, e ela tinha dito a Leroux, mas a marquesa tinha voltado para buscar ele, havia lhe resgatado do hospital, e esta noite o fuzileiro a queria, fosse o que fosse que a escuridão ocultava.

Curtis atravessou a porta que dava para o jardim bem molhado pela chuva. As árvores gotejavam depois da tormenta.

— Boa sorte, Sharpe.

— Ao senhor também, senhor.

Curtis se foi. Sharpe se sentiu tonto e sozinho. Ele a queria, queria mentir-lhe e queria deitar-se com ela; sentia-se só. Esperou. Para o sul, além de Arapiles, o trovão retumbou.



A cordilheira ia de norte a sul. As ovelhas, as cabras e os coelhos, cujos excrementos pareciam balas de mosquete entre a grama fina e pequena, tinham-na deixado bem curta. A cordilheira cheirava a tomilho selvagem.

O dia amanhecera com um céu pálido e limpo. Os únicos restos da grande tormenta eram alguns farrapos de nuvens e charcos de água na terra que desapareceriam com o calor do meio-dia. O cume da cordilheira já estava secando quando Sharpe chegou.

Ela havia lhe implorado para que se ficasse. Pedira que a protegesse de Leroux e ele se juntara à mentira e tinha pedido a ela que se juntasse ao exército para ir a Cidade Rodrigo, mas a dama não o faria. A marquesa voltara para a cidade de madrugada quando ainda estava escuro e prometera a Sharpe que lhe mandaria um cavalo, um presente, e ele tinha protestado, mas o cavalo chegou. Um criado o entregou e observou em silêncio ao fuzileiro cavalcando em direção aos pastos ao leste da cidade. A dama lhe dera um cavalo, uma sela de montar, um bridão, e ele não podia imaginar quão valioso era aquele presente. A marquesa logo descobriria que ele a atraíra, assim como ela tinha feito, e ele lhe devolveria o presente. Agora Sharpe ia cavalcando e descia a grande colina para o lugar onde acabavam as colinas e começava a planície; o lugar do giro. Esta era a curva onde os exércitos girariam para o oeste e a colina era o que sinalizava o interior da curva. Sharpe tinha explicado tudo para a marquesa, na escuridão, dissera que os franceses podiam avançar mais depressa que os britânicos e por isso Wellington planejava antecipar-se. Deixaria uma divisão em Arapiles, enviaria o restante do exército em marcha rápida quinze milhas para oeste e ficaria com a retaguarda para convencer Marmont de que todo o exército estava ainda em frente a Salamanca. Ela o escutara, havia feito perguntas e Sharpe tinha se adaptado à mentira.

Brincara com ela no refúgio e quando chegara o momento de se separarem ela tocara sua cicatriz da face.

— Não quero ir.

— Fique.

— Tenho de ir — ela havia respondido sorrindo com tristeza. — pergunto-me se voltarei a lhe ver.

— Estará rodeada de oficiais da cavalaria e eu ficarei ciumento.

Ela lhe beijou na face.

— Irritou-se com dignidade, como da primeira vez que foi ao mirante.

Ele devolveu o beijo.

— Voltaremos a nos ver.

Aquelas palavras ressoavam em sua cabeça enquanto o cavalo, dela, trotava sobre o cume da colina.

A leste da cordilheira havia um amplo vale onde o trigo maduro tinha sido esmagado pela chuva e onde algumas poucas árvores escuras mostravam o curso de um arroio. No outro extremo do vale havia um talude cuja face mais empinada ficava de frente para

Sharpe, e percebeu de que do outro lado dos escarpados íngremes de rocha vermelha, estaria marchando o exército francês para o cume. A cordilheira e o talude terminavam em uma grande planície e era naquela planície onde Marmont viraria para oeste; a corrida para bloquear a rota para Portugal.

No extremo sul da cordilheira o terreno descia escarpado e, a pouca distância da cordilheira para oeste, havia um povoado. Era como qualquer outra vila. As cabanas eram baixas, feitas de pedra tosca e na maioria das casas quase não cabia um homem. As casas eram coladas umas nas outras e formavam um labirinto de diminutas ruelas que rodeavam a única igreja, não maior que um armazém. A igreja tinha um pequeno arco de pedra construído em um extremo do telhado que se fazia de campanário. Havia um ninho de cegonhas em cima do arco.

Os camponeses mais ricos, que eram poucos, pintaram as cabanas de branco. Algumas rosas cresciam nos muros. Os quintais estavam vazios, pois os aldeãos temiam o exército que viera com a noite de trás da cordilheira. Os aldeãos levaram o gado para outro povoado e as cabanas e as ruelas tinham ficado à mercê de Deus e dos soldados. A vila, que nunca tinha sido famosa, chamava-se Arapiles.

Olhando para o sul, bem ao pé da ladeira, perto do povoado, via-se uma planície quase lisa e em aparência vazia. Era coberta de trigo e de grama. Ao horizonte se via algo escuro, havia algumas árvores, e confuso, porque além da planície a região era acidentada. Caso se virasse para a direita se via o povoado do Arapiles e, logo após o povoado e tão colado nele que parecia que suas rochas surgissem das cabaninhas, havia uma colina: o monte São Miguel. Entre este e o extremo sul da cordilheira existia um valezinho, de apenas duzentas jardas de largura em seu ponto mais estreito. Caminhando-se pelo centro desse vale, com a cordilheira à direita e o monte São Miguel à esquerda, via-se bem na frente, quatro milhas ao norte, a grande torre da catedral nova de Salamanca. Se aquele valezinho fosse envolvido em fumaça de canhão, tapado pela fumaça de mosquete, essa referência seria fundamental.

Ao leste ficava o talude, depois o largo vale, atrás a alta cordilheira que cheirava a tomilho e lavanda e que as mariposas da cauda faziam mais bonita, o valezinho e o monte São Miguel com Arapiles a seu pé. Mais adiante, depois do povoado e da colininha, estendia-se a planície para o oeste. Contudo, nada destoava na paisagem. Sharpe se colocou com o cavalo no extremo sul da cordilheira e com sua mente de soldado abarcou o talude, os vales e o povoado, mas o que lhe assombrou foi à planície que se estendia pela linha de árvores ao sul. A planície, pálida com o trigo maduro, era como um imenso mar que chapinhava contra o talude, a cordilheira e o monte São Miguel, e naquele mar havia duas estranhas ilhas. Duas colinas, e para um soldado as duas colinas eram a chave da planície.

A primeira colina era pequena, mas elevada. E por ser pequena e elevada era escarpada, muito escarpada para o cultivo. Tendo sido deixada para as ovelhas, os coelhos e os escorpiões que viviam entre as rochas que salpicavam as ladeiras e os falcões que aninhavam no cume plano. A colina pequena estava situada justo ao sul da cordilheira, tão perto que o vale entre ambos era muito estreito. Das nuvens, a cordilheira e a colininha pareceriam um sinal de exclamação.

Se uma cegonha voasse por cima do rio, diretamente em direção sul desde seu ninho na catedral nova de Salamanca, e se adentrasse nas terras de lavoura, atravessaria a colininha. E se seguisse voando para o sul, em direção à grande planície, atravessaria a segunda colina exatamente a três quartos de milha de distância da primeira. Esta colina estava realmente isolada entre o trigo. Era maior que a primeira, mas mais baixa, e era como uma tábua plana situada, como uma linha, abaixo do ponto de exclamação. Era tão escarpada como a primeira colina, também com o cume plano, e os falcões e os corvos viviam ali sem que nenhum homem os molestasse, pois não havia razão para escalar as ladeiras escarpadas, nenhuma razão a menos que se tivesse um canhão. Então tudo seriam razões, pois nenhuma infantaria poderia desalojar uma força que estivesse no cume plano que era como uma grande plataforma para um canhão no mar de trigo. As duas colinas eram chamadas pelos aldeãos de “os irmãzinhos”. Seu verdadeiro nome era o do próprio povoado. Eram os Arapiles; Arapiles Menor, e ali na planície Arapiles Maior.

Quando Deus criou o mundo fez aquela extensa planície para a cavalaria. Era firme, ou o seria quando o sol tivesse secado a chuva caída durante a noite, e era quase uma superfície plana. Os sabres podiam cair como gadanhas entre o milho. Os Arapiles, o Maior e o Menor, Deus fez para a artilharia. De seus cumes, bem aplanados para que os artilheiros tivessem uma plataforma estável, os canhões dominariam a planície. Deus não tinha feito nada para a infantaria, salvo um terreno no qual se poderiam cavar tumbas com facilidade, mas a infantaria já estava acostumada a isto.

Isso tudo Sharpe viu em poucos segundos, porque era seu trabalho conhecer o terreno e entender seu uso para matar homens, e também sabia que se ele tivesse iludido a marquesa isto seria um campo de morte. Alguns homens já tinham morrido aqui. No largo vale entre a cordilheira britânica e o talude francês, os fuzileiros mantiveram uma batalha descontrolada com os atiradores franceses. Os fuzileiros tinham feito os inimigos retrocederem até o próprio cume do talude, tinham matado um punhado, mas ninguém prestava demasiada atenção àquela batalha. Quando começasse pela segunda vez seria a sério. Havia enviado as tropas portuguesas para tomarem Arapiles Maior, lá na planície, e a infantaria francesa os havia feito correr pelo cume e depois lhes lançaram o fogo de mosquete sobre a ladeira. Os portugueses fracassaram. Os franceses tinham conseguido com uma das duas plataformas que dominavam aquele campo mortal e Sharpe viu que já havia canhões no cume. Dois canhões britânicos estavam em silêncio em Arapiles Menor. As dotações tinham posto os uniformes para secar depois da chuva noturna e se perguntavam com o que se deparariam no dia seguinte. Provavelmente, pensavam, outra marcha desesperada fugindo dos franceses. Eles queriam lutar, mas muitos dos dias daquela campanha tinham acabado em uma retirada desalentadora.

Sharpe passou junto à pequena fazenda construída no extremo sul do cume da cordilheira. Estava ocupada por oficiais do estado maior e ele fez o cavalo parar e deslizou até o chão. Uma voz fez que se girasse.

— Richard! Richard!

Hogan caminhava para ele com os braços abertos, quase como se quisesse abraçar a Sharpe. O major parou e sacudiu a cabeça.

— Pensei que não voltaria a vê-lo. — Pegou a mão de Sharpe e a sacudiu para cima e

para baixo — Estava entre os mortos! Tem melhor aspecto. Como está a ferida?

— Os médicos falam de um mês, senhor.

Hogan sorriu encantado.

— Pensava que estava morto! E quando o tiramos do porão. — Sacudiu a cabeça. — Como se encontra?

— Meio recuperado — Sharpe se sentia perturbado pela alegria que Hogan mostrava.

— E o senhor, senhor?

— Eu estou bem. Estou contente de vê-lo, de verdade. — Olhou o cavalo e abriu bem os olhos maravilhado. — Você o herdou?

— É um presente, senhor.

Hogan, que adorava cavalos, examinou seus dentes. Apalpou suas pernas, o ventre e falou cheio de admiração.

— É uma beleza. Um presente?

— Da marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba.

— Oh — exclamou Hogan ruborizando. — Ah. — Deu uns golpezinhos no pescoço do animal e olhou para Sharpe. — Sinto muito, Sharpe.

— Pelo quê? Creio que fui feito de bobo.

— Oxalá tivesse sido eu com ela. — Hogan sorriu. — Você lhe disse?

— Sim.

— E ela acreditou?

— Sim.

— Bom, bom — disse Hogan sorrindo.

Não podia resistir ao prazer. Fez alguns passos de baile sobre a grama e sorriu para Sharpe.

— Oh, bom! Temos que dizer ao general. Já tomou o café-da-manhã?

— Sim, senhor.

— Então tome de novo! Direi ao meu criado que leve seu cavalo para o estábulo. — Parou e olhou para Sharpe. — Foi duro?

— Sim.

Hogan deu de ombros.

— Sinto muito. Mas se saiu bem, Richard...

— Eu sei.

Se sáísse bem haveria uma batalha. A extensa planície ao sul da cidade, ao redor das colinas, se converteria em um terreno mortal, engendrado durante uma noite escura de trovão, traição e amor. Sharpe foi desjejuar pela segunda vez.



O sol que brilhava alto e com mais intensidade secou o terreno mortal e cozinhou as rochas, que não se podiam nem tocar. Cobriu o horizonte de neblina e fazia reluzir o ar sobre os cumes planos e rochosos das duas colinas dos Arapiles. Os artilheiros cuspiam nos canhões e observavam como a saliva sussurrava e fervia até desaparecer. E isso sem que os canhões disparassem. Os insetos se labutavam entre a grama e o trigo, as mariposas volteavam sobre as papoulas e as centáureas, e os últimos farrapos de nuvens da tormenta desapareceram. A terra se encolhia debaixo daquele calor e parecia desértica. Da cordilheira ou do talude, de qualquer uma das colinas, não se podia ver mais que uma centena dos cem mil homens que haviam se reunido nos Arapiles naquele dia. Quarta-feira, 22 de julho de 1812.

Auguste Marmont tinha trinta e seis anos. Era duque de Ragusa, mas isso não significava nada para ele comparado com o fato de ser o marechal mais jovem da França, e estava impaciente. O cavaleiro inglês, Wellington, tinha derrotado todo general francês que havia enfrentado, mas ainda não derrotara Marmont, e não o faria. Auguste Marmont, filho de um fabricante de ferro, havia superado em estratégia ao inglês, o havia deixado para trás e só o que tinha que fazer agora era correr mais depressa que ele para Portugal. Contudo, agora que a manhã chegava a seu fim, estava cheio de dúvidas.

Cavalgou pela parte posterior dos Arapiles Maior, desmontou e subiu a escarpada ladeira a pé. Apoiou sua luneta sobre a roda de um canhão e observou durante um tempo para o Arapiles Menor, o povoado, e as construções da fazenda no extremo sul da cordilheira. Outros oficiais faziam também uso de suas lunetas e um deles, um oficial do estado maior, apontou para a fazenda.

— Ali, senhor.

Marmont semicerrou os olhos quando o sol o ofuscou ao refletir-se no bronze de seu luneta, moveu-a, e lá, bem claro através da lente circular, via-se um homem com uma comprida casaca azul, calças cinza e um chapéu escuro. Marmont resmungou. Wellington.

— E o que está fazendo?

— Comendo, senhor? — sugeriram os oficiais do estado maior rindo.

Marmont franziu o cenho ante a indireta.

— Vai ficar ou vai partir?

Ninguém respondeu. Marmont moveu a luneta para a esquerda e viu dois canhões ingleses sobre Arapiles Menor e depois mais canhões, talvez quatro, sobre a colina detrás do povoado. Não eram muitos canhões e não lhe davam medo. Afastou a lente, endireitou-se e olhou fixamente em direção oeste.

— Como está o terreno?

— Seco, senhor.

A planície se estendia tentadora para o oeste. Uma grande estrada dourada e vazia que poderia conduzi-lo à cabeça de Wellington. Marmont estava impaciente para mover-se, para se adiantar aos britânicos para poder bloquear a rota e conseguir a vitória que se alardearia pela França, a Europa e o mundo que Auguste Marmont tinha destruído o

exército britânico. Podia até saborear aquela vitória. Escolheria o campo de batalha, obrigaria à infantaria de casacas-vermelhas a combater subindo por alguma ladeira impraticável que ele teria coberto com sua amada artilharia, e já via as balas e a metralha surrando as linhas britânicas. Contudo, sobre Arapiles Maior, hesitava. Via os casacas-vermelhas no povoado, canhões sobre as colinas, mas era apenas uma retaguarda, ou havia mais?

— Vai partir ou vai ficar?

Ninguém respondeu. Um marechal da França era um personagem elegante, apenas o imperador estava acima dele, e estava vestido com um uniforme azul escuro debruado de folhas douradas, e tinha o colarinho e os ombros carregados de condecorações douradas. Um marechal da França tinha privilégios, riquezas e honra, mas isso tinha que ganhar respondendo às perguntas difíceis. Vai ou fica?

Marmont ia coxeando pelo cume do Arapiles Maior. Estava pensando. As botas lhe apertavam e isso lhe molestava, qualquer homem que levava cento e cinquenta pares de botas para a guerra tinha direito de encontrar um par que fosse cômodo. Voltou a pensar nos britânicos. É certo que recuam? Wellington não havia apresentado batalha em todo um mês, por que havia de fazê-lo naquele dia? E pelo que Wellington esperava? Marmont voltou a se dirigir para o canhão e olhou de novo pela luneta. Via a figura sem condecorações de seu inimigo, que falava com um homem alto vestido com a casaca verde dos fuzileiros. Os fuzileiros. As tropas ligeiras britânicas. Rápidos na marcha, mais até que os franceses. Suponhamos que Wellington tivesse deixado sua divisão ligeira neste povoado. Suponhamos que o restante do exército já estivesse em rota, marchando para o oeste, fugindo da vingança dos canhões franceses Gribeauval. Marmont se pôs no lugar do inimigo. Ele queria ganhar esse dia de marcha. Queria que os franceses ficassem aqui, pensando que o exército britânico os ameaçava, e como o faria? Deixaria suas melhores tropas no povoado, ele mesmo ficaria, porque se o general está presente, então o inimigo dá por certo que o exército está presente, e Marmont voltou a perceber que tinha de tomar uma decisão. Malditas botas!

Fazer algo era melhor que não fazer nada. Virou-se para os oficiais de seu estado maior e ordenou um ataque ao povoado. Sabia que era um movimento de contenção. Isso faria a retaguarda britânica desistir de se aventurar pela planície e formaria uma barreira atrás da qual ele poderia marchar para o oeste; contudo, sabia que ainda devia tomar a decisão, a grande escolha, e a temia. Seu criado estendeu uma toalha de mesa de linho sobre a grama e preparou os talheres de prata, que viajavam para toda parte com o marechal junto com seus cento e cinquenta pares de botas; Marmont decidiu que a guerra teria que esperar até que tivesse comido algo. Esfregou as mãos.

— Peru frio! Excelente, excelente!

Um cavaleiro desceu a ladeira sul do talude, passou junto às tropas que esperavam as ordens que deviam mandá-los para o oeste ou mantê-los esperando durante um dia. Seu cavalo chapinhou ao atravessar um vau pouco profundo, passou por uma antiga passarela que atravessava o arroio com blocos de pedra e esporeou o cavalo em direção à colina dos Arapiles, onde lhe disseram que Marmont esperava. Levava uma carta no bolso. Conduziu ao cavalo até a ladeira, fez que subisse tudo o que pudesse e depois desmontou, lançou as

rédeas para um soldado de infantaria e foi subindo a pé o último vão escarpado. Correu para o marechal, cumprimentou-lhe e entregou o papel dobrado e selado.

Marmont sorriu ao ver o selo de cera. Conhecia aquele selo, sabia que se podia confiar nele; rasgou o papel para abri-lo e chamou o major Berthon.

— Decifre-o. Rápido!

Voltou a olhar para as colinas mantidas pelo inimigo. Se pelo menos pudesse ver o que havia do outro lado! E talvez a carta lhe dissesse, ou talvez, e se pôs pessimista, fosse apenas alguma notícia de caráter político, ou um informe sobre a saúde de Wellington, e se irritou enquanto Berthon esforçava-se com os números escritos no papel. Marmont simulava estar tranquilo. Ofereceu vinho ao cavaleiro que lhe trouxera a mensagem. Fez elogios ao seu uniforme e depois, por fim, Berthon lhe trouxe o papel. “Os britânicos marcham para o oeste hoje. Uma única divisão ficará para fazer que ache que planejam lutar por Salamanca. Têm muita pressa e temem que os adiantem.”

Ele sabia! A mensagem não fazia mais que confirmar o que seu instinto lhe dizia, ele sabia! E então, como se fosse a confirmação de sua repentina certeza, viu o penacho de poeira revelador elevando-se para o céu do oeste. Havia se posto em marcha! E ele ia ultrapassá-los! Rompeu em pequenos pedaços a nota da marquesa e os espalhou pelo cume da colina enquanto sorria para seus oficiais.

— Nós o pegamos, cavalheiros! Finalmente o pegamos!

A cinco milhas dali a Terceira Divisão Britânica, que tinha ficado na margem norte do Tormes para proteger Salamanca, atravessava a cidade e a ponte romana. Era uma marcha incômoda. Os cidadãos de Salamanca zombavam deles, acusavam-nos de fugir, e os oficiais e os sargentos tinham que controlar seus homens. Marcharam debaixo da pequena fortaleza da ponte e giraram para a direita em direção a Cidade Rodrigo. Quando perderam a cidade de vista, desviaram-se para a esquerda e foram para o sul até que chegaram a um povoado chamado Aldeia Telhada. Achavam-se perto de uma grande planície de trigo que podia se converter em um campo mortal.

A Terceira Divisão levava mais de duas horas em cada tramo do caminho. Os homens estavam cansados, desanimados pela retirada e envergonhados por abandonar a cidade. Alguns deles iam arrastando os pés por causa do cansaço. A poeira começava a se levantar. A estrada havia secado, o pó formava nuvens, removia-se e o ar que se elevava por cima da rota para Cidade Rodrigo enchia-se de uma neblina feita de pó branco e fino. Os apetrechos do exército, mandados à frente para o caso do exército britânico ter que lutar em retirada, somaram-se à neblina que manchava o horizonte pelo oeste.

Marmont tinha a mensagem, vira a poeira e agora esqueceu que as botas lhe apertavam. Conseguiria sua vitória!

Na cordilheira britânica não havia tal regozijo. A espera tinha provocado irritação entre os oficiais de Wellington. Sharpe havia dormido pouco, e olhava fixamente para a grande planície que estava vazia abaixo dos falcões que sulcavam o céu de um azul-aço. Não havia sinal de que Marmont tivesse estendido seu flanco esquerdo, de que houvesse caído na armadilha, e Sharpe calculou que devia ser meio-dia. Despertou com os canhões que disparavam no ataque francês ao povoado. Estivera observando durante um tempo as balas britânicas que abriam caminho pelas filas dos batalhões inimigos, enquanto os

atiradores se reuniam para manter sua própria guerra no trigo. Mas o ataque francês parou nos arredores do povoado. Marmont havia conseguido um triunfo. Os canhões que tinha em Arapiles Maior haviam afastado os canhões britânicos do cume do Arapiles Menor. Sharpe observou os artilheiros, que ajudados pela infantaria, conduziam as grandes armas ladeira abaixo. A França ganhou o primeiro assalto.

O ataque francês não foi intenso. Uns cinco mil homens surgiram detrás do Arapiles Menor e avançavam sobre o povoado. Sharpe ouvia o som agudo dos rifles Baker provenientes da planície e percebeu que os atiradores franceses estariam maldizendo aos fuzileiros britânicos, que os voltigeurs estariam morrendo entre o trigo; tudo parecia tão distante, como a batalha de um menino com soldadinhos de chumbo vista de uma janela. Os uniformes azuis avançavam, paravam e os jorros de fumaça branca mostravam onde se disparavam as descargas de mosquete, as baforadas mostravam onde a metralha explodia no inimigo, e o som chegava segundos depois de que aparecesse a fumaça.

O ataque parou justo aos arredores do povoado. Esta não era a autêntica batalha, ainda não. Se os franceses fossem a sério, se realmente quisessem capturar as miseráveis cabanas, podiam ter marchado com suas colunas enormes, com as Águias destacando-se por cima da tropa, os imensos tambores marcando o passo e a artilharia abrindo um caminho na frente deles. O som teria aumentado progressivamente sob o calor da tarde enquanto a onda francesa varria o povoado, vale acima, e logo haveria uma batalha. Sharpe cochilou outra vez.

Hogan o despertou e lhe ofereceu algo para comer; duas coxas de frango frias e vinho. Sharpe comeu à sombra que lhe oferecia o muro da fazenda, escutando os leves sons dos atiradores que repercutiam pelo povoado. A extensa planície seguia vazia para o oeste, os franceses não mordiam a isca e Hogan tinha admitido com pesar que em duas horas o general provavelmente ordenaria uma retirada total. Outro dia perdido.

Wellington caminhava para cima e para baixo na frente da fazenda. Tinha ido até o povoado uma vez, viu que os defensores não tinham problemas e agora se preocupava enquanto comia frango frio e esperava que Marmont descobrisse sua jogada. Tinha visto Sharpe, dado as boas-vindas ao mundo “dos vivos”, mas o general não estava com humor para conversas. Caminhava, observava e se preocupava.

— Senhor, senhor!

Um cavaleiro esporeava o cavalo cordilheira acima procedente do oeste e sua montaria chegou coberta de suor. O cavaleiro saltou da sela, cumprimentou e entregou um pedaço de papel ao general. Era um ajudante de campo do general Leith, e não esperou que Wellington lesse o papel.

— Senhor! Estendem-se pela esquerda!

— Inferno! Dê-me minha luneta! Rápido!

Havia zonas sem cultivar na planície, vãos no trigo que ficavam ocultos da cordilheira, mas nos quais alguns franceses haviam se escondido. O general Leith, longe ao oeste, era o primeiro que tinha visto o movimento, mas agora os franceses podiam ser vistos ascendendo por um caminho que surgia do terreno sem cultivar. Sharpe, com sua luneta aberta, viu que o inimigo marchava. As ovelhas haviam se metido na boca do lobo. Wellington dobrou a luneta e jogou jovialmente a coxa de frango que estivera comendo por

cima do ombro.

— Meu Deus! Isso sim está bom!

Tinha o cavalo preparado, montou e o esporeou em direção oeste, adiantando-se aos oficiais de seu estado maior e deixando atrás de si uma nuvem de poeira. Sharpe continuou observando o sudoeste, para a extensa planície que se estendia tão tentadora diante dos franceses, e viu que as tropas saíam do terreno baldio e se punham claramente à vista. Era uma imagem preciosa. Batalhão após batalhão inimigo entrava em formação de marcha e se dirigiam para o oeste debaixo de um sol abrasador. O ataque ao povoado era um estratagema para reter a retaguarda britânica enquanto os franceses partiam sem perigo algum, pois sabiam que seus adversários já haviam se posto em marcha, e não desejavam mais que tentar avantajá-los. O sol fazia o calor ferver sobre a planície; contudo os franceses estavam animados, cheios de ambição e avançavam contornado por entre as veredas de trigo e cardos, com as armas penduradas ao ombro e com grandes esperanças. Marcharam afastando-se cada vez mais para o oeste, e o exército francês foi se estendendo como um fio cada vez mais delgado sem suspeitar que seu inimigo estivesse esperando, pronto para a batalha e oculto ao norte de sua posição. Hogan estava exultante de alegria.

— Conseguimos! Finalmente conseguimos, Richard!



As batalhas poucas vezes começam de uma forma rápida. Crescem como o fogo no capim. Um pedaço ao vermelho vivo da bucha de um mosquete é cuspidado sobre a grama, arde sem chama, se aviva e centenas de faíscas diminutas volteiam pelo terreno seco. Algumas se apagam, outras acendem e um atirador irritado as apaga com o pé. Porém, de repente, duas delas se unem e o vento as aviva, sopra e faz que formem um redemoinho de fumaça. Então, de forma bastante rápida, as faisquinhas da bucha se convertem em chamas incontidas que queimam os feridos e consomem os mortos. Ainda não havia batalha nos Arapiles. Existiam algumas faíscas que podiam se converter em um inferno, mas a tarde avançava e os oficiais que observavam da fazenda para o extremo sul da grande cordilheira viram como seu júbilo se transformava em chateação. As baterias francesas ainda seguiam disparando para o povoado por cima das cabeças das tropas que se instalaram na grama e no trigo, mas o bombardeio era mais lento, quase sem entusiasmo, e os britânicos utilizaram a trégua para subir dois canhões ao Arapiles Menor.

A tarde avançava sem novidade. Deu três, quatro horas, e para os homens que estavam na cordilheira, para os batalhões que havia detrás, o som da batalha era como uma tormenta distante que não lhes afetava. O flanco esquerdo do exército francês, um quarto dele, marchava para o oeste enquanto ouvia os canhões pelas costas e acreditava que era apenas o murmurar da retaguarda.

Os artilheiros britânicos da Artilharia Real que tinham arrastado com esforço dois canhões até o cume do Arapiles Menor serviam aqueles monstros corcoveantes banhados em asqueroso suor. Os canhões retrocediam com grande estrépito sobre as armações, destroçavam as rochas da outra colina dos Arapiles e depois de cada disparo os artilheiros tinham que voltar a colocar as tábuas laterais em seu lugar e alimentar o monstro, enquanto a fumaça dificultava a respiração e fazia que seus olhos penicassem. Um artilheiro empurrou uma bala esférica para dentro do cano. Era a arma secreta dos britânicos, inventada fazia vinte e oito anos pelo tenente Shrapnell e que nenhum outro país havia conseguido copiar. Era uma bala pequena porque o canhão era de seis libras, o máximo que se podia subir pela escarpada ladeira da colina. A bala de ferro oca inventada por Shrapnell levava sessenta balas de mosquete que recheavam a carga de pólvora central. O estopim era cortado de maneira que a bala explodisse em cima do Arapiles Maior. A baqueta a empurrou para dentro da garganta do canhão, o soldado retrocedeu e o sargento que comandava o canhão comprovou o ajuste, pôs fogo à mecha. As rodas do canhão se chocaram contra a rocha, a tábua lateral girou, a fumaça saiu expelida para frente, a bala retumbou sobre a planície.

A batalha ardia sem chama. Podia acender a qualquer momento e a Sorte, a deusa dos soldados, se interessava pelas faíscas que volteavam ameaçadoras pelos Arapiles. Do Arapiles Menor, um oficial de artilharia viu que a bala desprendia fumaça, era como o sinal finíssimo de um risco de lápis cinza no ar, e então explodiu justo no extremo oposto do Arapiles Maior. Foi uma explosão de ar anegrado e vermelho-intenso e a terra que havia

abaixo e na frente se levantou com as balas de chumbo e os pedaços do invólucro. A maior parte atingiu o solo sem produzir danos, outras quicaram sobre a pedra quente, mas duas balas, com a malevolência da Sorte, acertaram em Auguste Marmont no lado e o marechal mais jovem da França caiu. Não estava morto, mas não ia poder conduzir seu exército naquele dia, um exército que ele já havia encaminhado para a destruição.

Wellington estava longe dali. Tinha cavalgado até a Terceira Divisão, tinha ordenado uma nova direção para o leste e já tinham iniciado a marcha. Os franceses se dirigiam para o oeste acreditando que corriam para ultrapassar os britânicos, mas os britânicos se dirigiam para eles e esperavam atrás deles sem que os franceses soubessem. Os britânicos, amargurados pelas semanas de marcha e de contramarcha, de retirada, queriam lutar.

Entre a Terceira Divisão e os Arapiles, ocultos em um profundo vinco do terreno, havia mais britânicos. A cavalaria. A cavalaria pesada, recém chegada da Grã-Bretanha e ansiosa para provar suas montarias e suas espadas, longas e retas, de trinta e cinco polegadas; folhas que eles diziam que eram muito pesadas para aparar com rapidez, mas maravilhosas para matar a infantaria.

O sol branqueava a planície. O terreno mortal começava a se encher como se fosse um cenário, mas seguia esperando a chispa que o converteria em uma batalha. Isso começou no leste, quando a Terceira Divisão atacou a cabeça da coluna francesa e os homens que estavam acima, sobre a cordilheira, ouviram um som distante e amortecido de mosquetes similar ao de um fogo distante que crepita. Do oeste chegava fumaça e ruído, e a poeira se unia à fumaça. As lunetas puderam entrever algo do que estava acontecendo. A coluna francesa se enrugava, jogava-se para trás, e a batalha que havia começado a oeste chegava ao leste, de novo para os Arapiles.

Os batalhões franceses se recolheram. Eram inferiores em número, em canhões e em comandos. Acreditavam ser a vanguarda de uma marcha e de repente eram a linha de frente de uma batalha; sua derrota estava a ponto de se converter em um desastre.

Sharpe observava. Odiava a cavalaria assim como todo soldado de infantaria, e estava acostumado a ver a cavalaria britânica mal dirigida e pouco efetiva. Mas a Sorte era caprichosa com os franceses naquela calorosa tarde espanhola. Os Dragões pesados Britânicos, alguns da guarda do rei, avançaram sobre os franceses do norte. Queriam lutar. Surgiram de seu terreno baldio em duas filas e ao trote para manter a ordem, os negros penachos sobre os brilhantes capacetes com crista ondeavam com o avanço. Sharpe, que olhava pela luneta, viu um tremor de luz e brilho, eram as espadas levantadas, e os cavaleiros iam bem junto tocando-se uns nos outros pelos joelhos cobertos pelas botas. Sharpe não ouviu o trompete que lhes assinalou o meio galope, mas viu que a linha ia mais depressa e que seguiam mantendo a disciplina; ele conhecia o que deviam estar sentindo. Todos os homens tremem no momento de entrar em batalha, mas estes homens iam sobre seus grandes cavalos, o odor da pólvora lhes impregnava o olfato, o trompete lhes acendia o sangue e as espadas que levavam na mão estavam famintas. Os franceses não estavam preparados. A infantaria pode formar quadros, e nos livros de texto se explica que nenhuma cavalaria do mundo pode romper um quadrado bem formado, mas os franceses não tinham percebido o perigo e não estavam formando quadrados. Iam

recuando, disparavam e carregavam maldizendo seu general, quando a terra tremeu.

Mil cavalos, os melhores cavalos do mundo, e mil espadas surgiram do interior da poeira enquanto os trompetes iam instigando os cavaleiros para a carga final, o momento em que se solta o cavalo para que corra como o diabo e a linha cambaleia e se curva; mas não importa porque o inimigo está muito perto. E os cavaleiros, diante de um alvo com o qual toda cavalaria sonha, rugiram triunfantes; as grandes e pesadas espadas afiadas penetraram nos franceses com todo o peso do homem e do cavalo. O medo se convertera em ira, em loucura, e os britânicos matavam uma e outra vez, dividiam os batalhões, atropelavam os franceses, as enormes espadas desciam e os cavalos mordiam e empinavam e os franceses, que não podiam fazer outra coisa, começaram a correr.

Os cavalos corriam com eles. As espadas os perseguiam. Os Dragões pesados abriram caminhos de sangue e poeira por entre os fugitivos sem esforço. Os franceses davam as costas para os cavalos, assim as espadas podiam acertar no pescoço ou no crânio, e isso divertia os cavaleiros, que grunhiam para seus inimigos; as espadas tinham onde escolher. O som de mosquetes havia desaparecido. Substituído pelo retumbar de cascos, berros e o som dos cortes.

Alguns franceses correram em busca de ajuda para a infantaria britânica. As filas vermelhas se abriram e lhes ajudaram a entrar, porque toda infantaria teme aquele momento em que não se está em quadrado e a cavalaria ataca a toda carga. Os soldados britânicos gritavam para os franceses, diziam que corressem para as linhas britânicas, e os casacas-vermelhas observavam com pavor o que os Dragões pesados estavam fazendo. Sabiam que a Sorte podia ter disposto que fosse de outra maneira e por isso ajudavam seus inimigos a escapar do inimigo comum de toda infantaria. A fâisca se convertera em uma chama que avançava veloz.

Sharpe observava da colina convertido em um espectador privilegiado, e viu que o flanco esquerdo do exército francês se desfazia em fragmentos entre os cavalos e a Terceira Divisão. Observava aos Dragões pesados, guiados com maestria, que voltavam a formar uma e outra vez, a carregar uma vez e outra vez mais, e que lutavam até já estarem cansados demais para sustentar as pesadas espadas.

Destroçaram oito batalhões franceses. Uma Águia foi perdida, cinco canhões capturados e foram feitos centenas de prisioneiros que tinham as caras negras de pólvora e as cabeças e os braços com cortes da espada. Os franceses que restavam estavam divididos, destroçados, massacrados. Os cavaleiros, apenas esgotados. A Sorte não estava só do lado dos britânicos. Havia decretado a morte do general dos Dragões pesados, que não poderia voltar a mostrar à cavalaria britânica como se luta, mas neste dia tinham cumprido com seu dever. Tinham as espadas bem manchadas de sangue, cavalgaram para a glória, e recordariam sempre os momentos em que o único que tinha que fazer um homem era inclinar-se para a direita, cortar e esporear. Wellington lançava seus ataques, um atrás do outro, do oeste para o leste. A Terceira Divisão avançara, depois a cavalaria, e eram mais os homens que se enviavam sobre a extensa planície. Vinham dos dois lados do teso São Miguel e cavalgavam em direção sul apontando para o eixo da linha francesa, seu centro, dominado pelo Arapiles Maior. Sharpe observava. Viu que a infantaria se dispersava desde o pequeno vale entre a cordilheira e o teso São Miguel e que passava

pelo povoado. Haviam tirado os estandartes das fundas de couro e estes ondeavam sobre os batalhões; e Sharpe sentiu um orgulho extraordinário ao ver as bandeiras.

Os canhões do Arapiles Maior mudavam o alvo, disparavam e as primeiras brechas se abriam nas linhas britânicas, os sargentos gritavam para os homens as fecharem, fechavam, e seguiam marchando, atacando em linha. Sharpe viu a bandeira amarela do South Essex.

Era a primeira vez que não lutava com eles e se sentiu muito culpado enquanto observava seus homens, os atiradores que iam correndo à frente por entre o trigo. Ele os observava temeroso; sabia que a ferida ainda lhe doía, que os médicos tinham dito que podia voltar a se abrir e sangrar e da próxima vez poderia apodrecer e ele morreria.

As tropas portuguesas marchavam em direção a Arapiles Maior. A Quarta Divisão, sobrevivente de Badajoz como o South Essex de Sharpe, marchava para a direita da colina francesa. Seguiam caindo balas. Os franceses tinham alinhado canhões na planície que havia junto à colina e as baterias berravam contra as linhas britânicas e portuguesas. Abriam-se vagas, completavam-nas, e iam ficando grupinhos de homens vestidos de vermelho ou de azul sobre o trigo pisoteado. As tropas francesas que estiveram atacando o povoado recuaram ante a Quarta Divisão. Esta avançava com os estandartes para o alto e desafiava os canhões franceses existentes na planície, as tropas que se retiravam diante deles e as tropas que regressavam da carnificina do oeste. Sharpe apoiou a luneta no ombro de Hogan e procurou por seus homens que iam aos pares por entre o trigo, e quando localizou Harper o seguiu com a lente. O sargento fazia gestos para os homens da companhia para que se mantivessem espaçados, para que não ficassem quietos, e Sharpe se sentiu muito culpado por não estar lá. Eles teriam que lutar sem ele e não suportava a ideia de que algum morresse sem que ele pudesse salvá-lo. Sabia que ele pouco mais podia fazer que já não estivessem fazendo o tenente Price e os sargentos, mas isso não lhe consolava.

Até então sabia que os britânicos estavam ganhando a batalha. O flanco esquerdo francês tinha desaparecido, o centro estava muito castigado e Sharpe não via como poderia resistir os ataques. Provavelmente a Quarta Divisão tomaria o terreno à direita do Arapiles Maior e os canhões franceses o abandonariam. Sharpe achava, ao observar do cume que cheirava a tomilho, que de alguma maneira os franceses tinham perdido as vontades de contra-atacar. O trigo e o capim estavam envolvidos em fumaça, no ar trovejavam as balas, a metralha e os shrapnel e os milhares e milhares de homens avançavam sobre a planície, e as casacas vermelhas, por toda parte, faziam os franceses retrocederem. Parecia como se aquele dia, os homens de Wellington fossem implacáveis, invencíveis, que apenas o anoitecer pudesse salvar alguns poucos franceses. O sol descia para o entardecer, ainda brilhava, mas a noite já se anunciava.

Marmont não sabia o que estava sucedendo. Tinha sido levado para ser atendido pelos cirurgiões; seu segundo estava ferido e um terceiro homem, o general Clausel, havia se encarregado do exército. Ele sim podia ver o que estava acontecendo, e não havia perdido o desejo de lutar. Ainda era um homem jovem, vivera meia vida como soldado e não tinha nenhuma intenção de perder aquela batalha. O flanco esquerdo tinha desaparecido, fora surpreendido e estava destroçado, e o centro estava ameaçado, mas ele

ia jogar suas cartas. Fora ensinado a lutar por um mestre, o próprio Napoleão, e Clausel se contentava em deixar que o centro lutasse enquanto juntava suas reservas, concentrava-as, e as arrumava para o combate atrás da proteção que lhe oferecia o Arapiles Maior. Estava ao comando de uma força imponente, milhares de baionetas, e as continha esperando o contragolpe que apontaria para o próprio centro do exército de Wellington. A batalha ainda não estava perdida, qualquer lado poderia ganhá-la.

Os portugueses escaramaram a empinada ladeira do Arapiles Maior; Clausel os observou e calculou seu contra-ataque para que fossem os primeiros a sofrê-lo. Deu o sinal. No cume da colina se alinhava a infantaria, os mosquetes não podiam falhar àquela distância, e os portugueses, desamparados ao dar aqueles últimos passos, foram derrubados. Não havia valentia que pudesse compensar as dificuldades do terreno. Os portugueses foram destroçados pelos mosquetes franceses, e mesmo sua derrota não teria importado se a Quarta Divisão tivesse sido capaz de atacar o outro lado da colina e rodeá-la, pois então os franceses que estavam em Arapiles Maior teriam fugido.

A Quarta Divisão não conseguiu passar da colina. De trás dela, surgindo pela direita de Sharpe, veio o contra-ataque do pedacinho de terreno baldio que havia no extremo ocidental da colina. As colunas francesas avançaram. Doze mil homens, com as Águias para o alto, as espadas agitadas como o trigo que pisavam e esmagavam; e Sharpe ouviu, entre os canhoneiros, os tambores franceses que tocavam o pas-de-charge. Este era o tipo de batalha que França dominava. O ataque em massa, a força irresistível, conduzida por preguiçosas baquetas de tambor. O grupo de homens concentrados se converteu em um grande ariete que marcharia contra o inimigo para golpeá-lo no próprio centro e fazer um buraco através do qual fluiria a cavalaria, que destroçaria os flancos.

A linha britânica, de duas filas, normalmente podia deter a coluna. Sharpe vira isso uma dúzia de vezes e o processo tinha uma fria lógica matemática. Uma coluna era um grande retângulo recheado de homens, e apenas os que ficavam nos lados externos podiam usar os mosquetes. Cada um dos homens da linha britânica podia disparar, e ainda que a coluna tivesse mais homens que a linha, esta sempre venceria em o tiroteio. O que espantava na coluna eram suas dimensões, e isto assustava as tropas inseguras, intimidava-as, mas era vulnerável às boas tropas. A coluna recebeu o castigo, tal como Sharpe tinha visto em outras ocasiões, e uma vez mais se assombrou ao ver como os soldados franceses ficavam quietos debaixo do horrível bombardeio. As balas de canhão golpeavam as colunas e as filas sucessivas absorviam os espaços que as balas abriam, o shrapnel estourava por cima de suas cabeças, mas a coluna seguia avançando. Os tambores não paravam nunca.

Esta era a força da França, o orgulho da França, a tática do primeiro exército do mundo; e esta coluna, o contra-ataque de Clausel, ignorava a fria lógica matemática. A linha não a derrotava.

Fazia retroceder à Quarta Divisão. Os britânicos tinham disparado suas descargas com precisão, os mosquetes lampejavam ritmicamente por entre a nuvem de fumaça, e Sharpe vira que as companhias ligeiras retrocediam para seus batalhões, formavam em linha e se somavam ao fogo de mosquete. A Quarta Divisão se via intimidada pela coluna. Talvez os britânicos tivessem visto demasiado sangue em Badajoz, achavam que qualquer

homem que tivesse sobrevivido àquele fosso não tinha direito de morrer em um campo de verão, e davam um passo para trás antes de voltar a carregar; e esse passo se convertia em dois, a coluna seguia avançando enquanto os oficiais gritavam, os sargentos tentavam recompor as filas, mas as linhas iam retrocedendo.

Os tambores fizeram uma pausa para deixar que milhares de vozes entoassem seu grito de guerra. “Vive l’Empereur!” E os tambores voltaram a tocar o velho redobre que Sharpe conhecia tão bem. Bumbum, bumbum, bumabum, bumabum, bumbum. Aquele ritmo havia soado do Egito até a Rússia. Tinha conduzido as colunas ao governo de Europa, e ao final de cada frase os tambores paravam, o grito se elevava e a coluna avançava quando os garotos do tambor, justo no centro da coluna, deixavam cair de novo as baquetas sobre os tambores. A cada grito, as baionetas se levantavam no ar e lascavam a luz do sol enviesada em doze mil fragmentos, e à esquerda da coluna, no espaço que havia entre as duas estranhas colinas, a cavalaria francesa penetrava a golpes entre os portugueses restantes.

“Não”, disse Sharpe para si. Hogan viu que o fuzileiro apertava uma e outra vez a empunhadura da espada.

A Quarta Divisão estava vencida. Alguns homens subiram pelas ladeiras do Arapiles Menor, alguns pelas ladeiras do teso de São Miguel, enquanto que outros se refugiaram no povoado. A coluna abriu caminho entre os batalhões derrotados sem fazer-lhes caso, avançava com firmeza para o pequeno vale que conduzia diretamente ao coração da linha britânica. Alguns homens da Quarta Divisão, como o South Essex, ainda marchavam para trás diante da coluna, mas estavam derrotados e a coluna alcançou o pequeno vale, e os canhões, de ambos os lados dos franceses, vomitaram morte entre suas filas. As balas britânicas penetraram na coluna, o shrapnel explodia por cima dela, mas os franceses seguiam bem juntos, marchavam pisando em seus mortos e deixando um rastro de corpos mutilados e destroçados atrás deles como se fosse uma baba de sangue sob a fumaça.

O som era o da vitória francesa. Os tambores, os vivas, os canhões que não podiam detê-los, o som encheu o vale enquanto os batalhões franceses se dirigiam para o distante marco que era a torre mais alta da catedral nova. As Águias brilhavam por cima de suas cabeças.

Os mensageiros de Wellington galopavam a velocidade suicida colina abaixo. Iam à Sexta Divisão, a nova divisão, aquela a quem custara tanto tomar as fortalezas, e era a única divisão que se interpunha entre Clausel e a vitória. A Quarta Divisão fora derrotada e agora a Sexta tinha que triunfar; ou Clausel teria convertido uma derrota em uma vitória.

As batalhas poucas vezes começam depressa. Às vezes era difícil saber quando uma escaramuça se convertia em uma batalha. Contudo, era fácil determinar quando uma batalha está em seu ponto culminante. Quando as Águias voavam e os tambores soavam, quando a atividade dos canhões de ambos os lados era frenética, então a batalha estava em seu apogeu. Ainda tinha que ser ganha e Sharpe, que havia visto o South Essex retrocedendo pelo vale envolto em fumaça, não podia suportar que se ganhasse ou se perdesse sem ele. Tirou de cima de si o braço de Hogan que lhe freava, pediu seu cavalo e desceu para a fumaça.



D o cume da cordilheira vira um esquema da batalha, amiúde disfarçado e sempre envolvido em fumaça, mas um esquema reconhecível. O flanco esquerdo francês tinha sido destroçado, o centro se rendera e depois havia iniciado um contra-ataque, enquanto que o flanco direito francês, assim como o flanco esquerdo britânico, seguia na reserva. Wellington ia lançando seus ataques do oeste, um a um, mas Clausel lhe obrigara a mudar de esquema e agora se atrevia inclusive a confiar na vitória. Uma vez no vale, não havia esquema. Para Sharpe era familiar, pois ele estivera em muitos campos de batalha, mas para os homens que carregavam e disparavam e que examinavam com desespero as nuvens de fumaça em busca de um sinal de perigo, o vale era um lugar sem ordem ou concerto. Estes homens não podiam saber que o flanco esquerdo francês estava destroçado, não sabiam que o sangue secava até formar uma crosta nos flancos dos cavalos dos Dragões pesados, apenas sabiam que aquele vale era o lugar onde lutavam; o terreno no qual tinham de matar ou ser morto.

Era um lugar confuso, mas com a simplicidade que Sharpe necessitava. A marquesa o enganara e isso tinha feito seu inimigo escapar. Os engenhosos que mantinham aquela guerra secreta se zombavam dele, mas em neste vale o que ele tinha que fazer era bem simples. Sabia que a marquesa ouviria os canhões como se fosse o eco dos trovões da última noite. Sabia que ela já devia estar ciente de que se vingara, tinha mentido por meio de seu amor da mesma maneira que ela lhe mentira por meio do dele, e ele se perguntava se ela pensaria nele. Esta batalha fora provocada pela política, a estratégia, a habilidade e o engano. Agora cabia aos soldados.

À sua direita via o avanço da Sexta Divisão, em pequenas colunas, para a grande coluna francesa. Isso seria, talvez, dois minutos antes que a nova divisão formasse em linha de duas filas e os mosquetes voltassem a tentar deter o ataque francês, e ele sabia que o South Essex tinha que fazer algo naquele breve tempo. O batalhão estava no extremo do vale, a companhia de granadeiros estava situada em frente ao teso São Miguel e fazia de dobradiça. As outras nove companhias iam virando diante dos franceses e a companhia ligeira, à esquerda da linha, dava o giro a toda velocidade e carregava mais lentamente. Sharpe começava a ver o major Leroy que comandava as cinco companhias da esquerda, gritava e lhes fazia gestos. Sharpe já sabia por que. Se a pequena linha do batalhão virasse totalmente para a ladeira da colina, a coluna poderia lançar-se em tropel pelo terreno descoberto da retaguarda britânica. Leroy queria reter o South Essex, obrigá-lo a desviar-se para a direita, que fossem diretos para os mosquetes da Sexta Divisão. O South Essex era como um quebra-mar exageradamente frágil que tivesse que obrigá-lo a uma marejada a retirar-se do terreno vazio e meter-se por um canal preparado para a ocasião.

O espaço que havia atrás do batalhão estava cheio de feridos, e os músicos os arrastavam para trás, afastavam-nos das companhias que se retiravam. Sharpe cavalgou até ali e chamou um dos garotos que tocava o tambor. O garoto ficou boquiaberto olhando-o enquanto Sharpe descia do cavalo.

— Senhor?

— Cuide do cavalo! Entendido? Procure-me quando isto tiver acabado. E não vá perdê-lo!

Sharpe ouvia os tambores e os vivas dos franceses, parecia que o estalido dos fuzis se afogava naquele ruído enorme. O ataque era no vale, ia avançando, e o South Essex pensava que era o último obstáculo entre os franceses e Salamanca. Lutavam, mas retrocediam depois de cada disparo; o major Leroy galopava por trás da delgada linha e sua voz feriu a Sharpe.

— Parados, sacanas! Parados!

O major se aproximava da companhia ligeira, que era a que retrocedia com maior rapidez, e lhes disse palavras e amaldiçoou, mas enquanto ele detinha a companhia ligeira as outras retrocediam dobrando-se e Leroy se enchia de raiva. Viu Sharpe, mas não havia tempo para manifestar alegria ou surpresa. O major americano indicou as companhias.

— Pare-os, Sharpe!

Saiu galopando para a direita para as outras companhias e Sharpe desembainhou a espada. Presente de Harper. Era a primeira vez que a empunhava em uma batalha e a lâmina resplandecia na escuridão do vale. Agora saberia se trazia sorte.

Passou pelo flanco da companhia e viu que os homens tinham os olhos avermelhados, os rostos manchados de negro por causa da pólvora, mas ninguém pareceu notar de sua presença. Sabiam que Leroy tinha partido e eles retrocediam com as baquetas firmes na mão quando, de repente, uma voz familiar, uma voz que já temiam não voltar a ouvir nunca mais, gritava para eles.

— Parados!

Os homens se detiveram surpreendidos, começaram a sorrir e então reconheceram a ira no rosto de Sharpe.

— Primeira fila! De joelhos!

Isto deteria os sacanas.

— Sargento Harper!

— Senhor?

— Dispare no próximo sacana que recue.

— Sim, senhor.

Ficaram olhando-o como se fosse um fantasma. Ficaram imóveis, com as balas meio socadas nos canos, e ele lhes ordenou que carregassem a toda pressa. Era a primeira vez que gritava em um mês e o esforço excessivo lhe repercutia na ferida, ainda tenra, que tinha no ventre; Harper viu uma expressão de dor no rosto de seu capitão. Agora a primeira fila se punha de joelhos, mais temerosos da ira de Sharpe que dos franceses, e os fuzileiros carregavam as armas sem usar o pequeno pedaço de pele engordurado que se agarrava às ranhuras do cano. Sharpe sabia que isso desperdiçava uma boa arma.

— Rifles! — Apontou para o extremo aberto da linha, o mais próximo dos franceses.

— Movam-se! Carreguem bem!

O som dos franceses estava perto, era esmagador, e ele queria encolher-se diante dele, virar e observá-lo, mas não se atrevia. Seus homens estavam carregando de novo, sua instrução dependia do medo, e ele observou como as baquetas surgiam dos canos e

logo ficavam apoiadas junto aos corpos dos homens. Os mosquetes apontavam contra os franceses. Deu uma olhada para a esquerda e viu que a companhia número cinco já tinha disparado e tinha que confiar que não era muito desagradável para nenhum homem da companhia a ponto de disparasse contra ele.

— Fogo!

As balas passaram junto dele.

— Carregar!

Observava-os desafiando-os a se moverem. Os fuzileiros formavam agora um grupinho no extremo da linha e ele os olhou.

— Matem os oficiais. Fogo com discrição.

Voltou a olhar para os homens.

— Ficaremos aqui. Apontem para o canto da coluna.

De repente sorriu para eles com zombaria.

— Estou contente de estar de volta.

Deu a volta e ficou de costas para a companhia. Agora, só o que podia fazer era ficar parado, negar aquele pequeno pedaço de grama aos franceses. Ficou com as pernas separadas, ouvindo os gritos e os tambores da grande coluna que avançava para eles.

As pequenas descargas do South Essex abateram o canto mais próximo da coluna, caíram homens ao chão de maneira que as filas que vinham detrás se torceram para a direita para desviar dos corpos. As descargas da companhia surgiam do South Essex e os franceses, que tinham sido varridos com shrapnel e metralha e rachados com as balas de canhão, viraram um pouco para passar pelo único batalhão. O quebra-mar aguentava. Os franceses lhe disparavam enquanto avançavam, mas custa muito carregar o mosquete enquanto se caminha, e ainda é mais difícil apontar no ritmo da marcha. A coluna não ganhava por sua potência de fogo, era desenhada para ganhar por puro peso, medo e glória. Os tambores hipnotizavam o vale e faziam os franceses avançarem, passando a cinquenta jardas na frente de Sharpe. Que observou as filas bem apertadas, viu suas bocas abertas ritmicamente quando os tambores paravam e o grande grito se elevava, Vive l'Empereur! Outra descarga esvaziou o canto, caíram mais homens e então um oficial tentou tirar um grupo de homens da coluna para que disparassem na companhia ligeira, mas Daniel Hagman lhe atravessou a garganta com uma bala. Sharpe observou como a infantaria inimiga desnudava o oficial morto enquanto iam passando. As filas sucessivas se agachavam para rebuscar nos bolsos e bolsas do oficial, e os canhões e os gritos enchiam o vale. Sharpe se perguntava onde estaria a Sexta Divisão e o que estaria ocorrendo no restante do campo. Via os soldados inimigos muito de perto, e salvo pelos bigodes, não eram muito diferentes de seus próprios homens. Às vezes Sharpe captava o olhar de um francês e por um momento parecia que se reconhecessem, como se o rosto do inimigo fosse o de um companheiro que se recordava pela metade. Viu que voltavam a abrir as bocas. Vive l'Empereur! Um homem chamou a atenção de Sharpe, enquanto entoava as palavras encolheu os ombros e Sharpe não pôde deixar de rir. Era ridículo.

— Fogo! — gritou o tenente Price.

Os homens da companhia apertaram o gatilho e a coluna se sacudiu espasmodicamente com as balas. Sharpe se alegrou ao comprovar que o homem que tinha

encolhido os ombros ainda estava vivo. Virou-se.

— Parem de disparar!

Não tinha sentido disparar agora. Poderiam matar alguns homens nos flancos da coluna, mas seu trabalho consistia em desviar a tremenda coluna umas poucas jardas para a direita, e já tinham conseguido. Podiam reservar-se os mosquetes carregados para quando a coluna recuasse, se o fizesse, e Sharpe fez um sinal para Price com a cabeça.

— A companhia pode recuar, tenente, até a colina.

Agora passava a retaguarda da coluna e Sharpe viu que os coxos iam atrás, tentando acompanhar seus companheiros, e alguns deles caíam e se juntavam aos caídos no grande ataque. Olhou para o sul entre a fumaça e ainda não via a cavalaria, nem canhões, mas viriam. Girou e foi caminhando para sua companhia; os homens sorriram para ele, chamavam-no e se envergonhavam de ter temido que um deles lhe disparasse.

— Como estão?

Os homens lhe deram palmadas nas costas, aclamaram-no e parecia que todos eles tivessem sorrisos inatos no rosto como se acabassem de conseguir uma grande vitória. Ele abriu passagem entre os homens e percebeu o mau cheiro de suas bocas depois deste mês que esteve afastado das tropas, mas se alegrava de ter regressado. O tenente Price o cumprimentou.

— Bem-vindo, senhor.

— Alegro-me de estar de volta. Como se saiu?

Price deu uma olhada para os homens que tinha mais perto e sorriu para Sharpe.

— Continua sendo a melhor companhia do batalhão, senhor.

— Sem mim?

— Tinham a mim, senhor.

Os dois riram para encobrir o mútuo prazer. Price deu uma olhada para o estômago de Sharpe.

— E o senhor, senhor?

— Os médicos dizem que mais um mês.

— Harps diz que foi um milagre.

Sharpe sorriu.

— Pois então foi dele.

Girou e observou como avançava a coluna. Era como uma máquina estúpida que abria caminho para o norte apontando para a cidade, e percebeu que logo o vale se encheria de canhões franceses e de cavalaria, a menos que a coluna parasse. Um de seus homens gritou e seu grito se elevou por cima da onda de tambores e dos vivas dos franceses.

— Harps disse que vivia em um palácio com a duquesa!

— Harps é um mentiroso de merda! — respondeu Sharpe enquanto abria passagem entre o monte de homens e sorria para o enorme sargento.

— Como está?

— Bem. E o senhor?

— Bem, também. — Sharpe olhou para o norte, onde o vale estava cheio de cadáveres. — Baixas?

Harper sacudiu a cabeça. Parecia que estava indignado.

— Dois feridos. Retrocedemos muito depressa. — Apontou para o rifle pendurado no ombro de Sharpe — Devolveram seu rifle?

— Sim. Mas preciso de munição.

— Eu me encarrego disso, senhor.

Harper se deu a volta quando um novo som se estendeu pelo vale. Era como o som de cem meninos golpeando com paus as grades de um parque; o som das descargas que a Sexta Divisão lançava sobre a cabeça da coluna. Os homens da Sexta Divisão tinham jurado que naquele dia recuperariam sua reputação, manchada pelo tempo que lhes custara capturar as três fortalezas. Haviam se aproximado da grande coluna em colunas menores e então, já em frente do inimigo, abriram-se em linha e esperaram até que os franceses se pusessem ao alcance de seus mosquetes.

A linha formada com duas filas envolveu a cabeça da coluna. Os homens lutavam como autômatos, mordiam o cartucho, carregavam, atacavam, disparavam ao receber a ordem, de forma que as chamas das descargas percorriam a frente da linha uma e outra vez e as balas atravessavam a neblina de fumaça da pólvora e trituravam os franceses. As descargas britânicas converteram a cabeça da coluna em um monte de mortos e de feridos. Os franceses da quarta e quinta fila que acreditavam estar a salvo viram, de repente, que tinham que preparar os mosquetes e disparar com desespero para a nuvem de fumaça. A coluna parou. Os canhões seguiam soando, mas já não faziam a pausa para que se elevasse aquele grito. Os garotos dos tambores manejavam as baquetas como se quisessem obrigar os homens a atravessar a barricada de mortos e lançar-se para a Sexta Divisão, mas os homens da frente da coluna retrocediam ante aquele fogo mortífero. Os homens de trás empurravam para frente, a coluna se apertava e se avultava, e os tambores se quebravam. Alguns oficiais, mais valentes do que requeria o dever, tentavam fazer que os homens avançassem, mas era inútil. Os mais valentes morreram, os outros se recolheram diante do fogo britânico; a coluna ofegava e se sacudia como um animal gigante que caiu em uma armadilha.

Os britânicos pararam um momento. O silêncio se encheu com um som novo, o esfregar e o estalar de centenas de compridas baionetas que se extraíam das bainhas e se encaixavam nos mosquetes. Então se ouviram vivas, vivas britânicos, e a comprida linha foi avançando brandindo as lâminas, e a grande coluna, que esteve a ponto de consagrar-se com a batalha, converteu-se em uma massa aterrorizada. Começaram a correr.

Os franceses tinham tentado levar canhões ao galope pelo valesinho para triturar a Sexta Divisão, mas a artilharia britânica havia destroçado os canhões. Os artilheiros franceses que restavam usaram as carabinas para poupar seus cavalos feridos da agonia. O terreno do vale estava coberto com os restos da batalha. Corpos, canhões, cantis, bolsas, mochilas, balas de canhão perdidas, cavalos mortos, e os feridos. Por toda parte havia muitos feridos. A coluna francesa era uma massa de fugitivos que corria da rígida linha formada pela Sexta Divisão, que avançava pelo valesinho coberto por um fino toldo de fumaça. O sol pintava de vermelho aquela fina camada. A Quarta Divisão se refez, seus homens desembainharam as baionetas e avançaram com a Sexta. Os britânicos avançavam, os franceses retrocediam e o centro de Clausel tinha desaparecido. A derrota tinha lhe saído cara, muito cara, mas já havia terminado. As Águias retrocederam,

abandonaram o Arapiles Maior, os franceses fugiam dali. O flanco esquerdo francês havia sido destruído, totalmente, em apenas quarenta minutos. O centro tinha tentado, mas fracassara, e só o que podia fazer agora era mandar o flanco direito formar uma barreira no extremo da planície para deter a perseguição que os britânicos iniciariam.

O sol que se punha sobre uma almofada dourada e escarlata dava ao campo de batalha um tom carmesim e parecia que iluminaria ainda durante um tempo. Tempo suficiente para que se derramasse mais sangue sobre a terra que já fedia com seu odor.



Para os espectadores que sobre a grande cordilheira, a batalha havia sido como uma encrespada maré de primavera, que penetrava aos borbotões em um lugar que ficava normalmente acima da linha da maré alta. A maré tinha surgido do oeste, avançou rapidamente pela planície e chocou-se com os obstáculos dos Arapiles. O combate tinha virado. Por um momento pareceu que o centro francês fluiria sem resistência para a cidade, atravessando o valezinho, mas fora contido; tinham destroçado as duas divisões que iam em coluna e a luta recuara para trás dos Arapiles. O combate se deslocava para o sul e para o leste; para longe da cidade.

A luta não tinha acabado, mas os lixeiros já estavam sobre o terreno. As mulheres e as crianças dos britânicos desnudavam os cadáveres inimigos. Quando escurecesse começariam com os homens de seu próprio lado, cortariam o pescoço dos feridos que resistissem. Mas de momento saqueavam os franceses enquanto os músicos se ocupavam dos feridos britânicos. O South Essex foi seguindo a Sexta Divisão durante um tempo, mas lhes chegou a ordem de que descansassem e os homens se deixaram cair ali onde estavam.

O menino do tambor, com a grande preocupação de criança quando lhe encomendam uma grande responsabilidade, havia se aferrado ao cavalo de Sharpe e o fuzileiro lhe agradeceu. A ferida dava pontadas, estava cansado, e se esforçou para responder às felicitações de Leroy, de Forrest e dos outros oficiais, que zombaram dele por ter um cavalo. Estava cansado, mas seguia intranquilo.

Ouviam-se mosquetes provenientes do sul. O combate continuava. Sharpe se sentou no cavalo, o cavalo dela, e olhou, sem ver, que uma menina puxava o anel que havia no dedo de um cadáver nu. A mãe da menina estava perto tirando a roupa de outro francês, abria bem as costuras e gritou para a menina que se apressasse porque havia muitos cadáveres e muitos saqueadores. A menina, vestida apenas com uma saia da mãe arrumada, pegou uma baioneta francesa abandonada e começou a cortar o dedo anular. Os prisioneiros foram reunidos, desarmados e conduzidos para a retaguarda.

Os franceses foram vencidos. Não somente vencidos, mas totalmente derrotados. Tinham destroçado a metade de seu exército e os sobreviventes iam correndo pelo caminho que lhes levaria para o leste através dos bosques. Apenas uma retaguarda impedira que as cavalarias britânica e alemã destroçassem os fugitivos, mas a perseguição da cavalaria podia esperar. Os franceses retrocediam dando tombos, sem disciplina alguma, através dos bosques de sobreiros e carvalhos para Alba de Tormes. A batalha fora travada em uma enorme curva do rio e Alba era a única cidade com uma ponte que pudesse conduzir os franceses para o leste, para um lugar seguro. Muitos homens usariam os vaus, mas a maioria, com todo o equipamento, as armas, os fundos e os feridos iriam para a ponte medieval de Alba de Tormes. E ali, parada. Os espanhóis tinham uma guarnição na cidade, uma guarnição que dominava a ponte, e os franceses ficariam apanhados no grande meandro do rio. A cavalaria podia sair pela manhã e encurralar os fugitivos. Era uma grande vitória.

Sharpe ficou olhando a fumaça que cobria o campo de batalha e formava longas fitas rosáceas. Deveria sentir o júbilo daquele dia. Esperaram uma batalha durante todo o verão, desejaram-na, e ninguém teria se atrevido a imaginar que fosse tão decisiva. Durante este ano tinham tomado Cidade Rodrigo, Badajoz e agora derrotaram ao chamado Exército de Portugal. Contudo, Sharpe estava obcecado com o fracasso. Tinha protegido a marquesa, que era sua inimiga, e fracassara ao tentar capturar Leroux. Os franceses o tinham derrotado. Leroux tinha metido Sharpe na sala dos desenganados, quebrara sua espada e Sharpe queria vingança. Existia um homem vivo que podia se gabar de ter vencido Sharpe e isso lhe doía; dava-lhe as mesmas pontadas que a ferida, e Sharpe queria livrar-se daquela dor. Estava inquieto. Queria ter outra oportunidade para enfrentar a Klighenthal, queria apoderar-se dela, e tocou a empunhadura de sua nova espada como se fosse um talismã. Ainda tinha que manchá-la de sangue.

Os homens do South Essex estavam amontoado suas armas, iam para o povoado para roubar portas e móveis que pudessem queimar e Sharpe não queria descansar. Tinha um assunto inacabado e isso lhe produzia frustração, pois não via como acabá-lo; perguntava-se se revistariam o palácio de Casardes para encontrar Leroux. Agora poderia voltar à Salamanca, mas não poderia se apresentar diante da marquesa.

O major Forrest se aproximou caminhando até o cavalo de Sharpe e levantou a vista.
— Você parece uma estátua, Sharpe. — Levantou uma garrafa de conhaque. — Um trago?

Sharpe olhou para o extremo sul do campo de batalha onde ainda se elevava um pouco da fumaça da batalha.

— Posso ficar para ver o final, senhor?

— Só você — respondeu Forrest sorrindo brincalhão. — Tenha cuidado, não quero voltar a perdê-lo.

— Terei cuidado, senhor.

Deixou que o cavalo fosse abrindo caminho entre os fogos que havia na grama e entre os feridos. O sol quase já havia se posto, uma lua pálida brilhava no céu e ele podia ver o lugar onde a retaguarda francesa fazia cintilar o crepúsculo com seus mosquetes. Um cachorro, que gemicava junto ao corpo morto de seu dono, latiu para o cavalo de Sharpe quando este se aproximou demais e depois voltou correndo para junto de seu dono.

Sharpe se sentia deprimido. Sempre soube que não podia ter a marquesa; contudo, sentia sua falta e lhe entristecia pensar que ambos haviam se enganado. Era tanto o que faltava a ser dito. Isso também era um assunto pendente. Foi trotando lentamente para os disparos.

A última divisão francesa formara em uma colina baixa e escarpada que bloqueava os caminhos de entrada para o bosque. A colina permitia que seis e às vezes sete filas de homens disparassem nos britânicos, cada fila disparava por cima das cabeças das filas dianteiras e o crepúsculo ficava manchado pelas chamas francesas.

A Sexta Divisão, que já havia acabado com as valentes esperanças de Clausel, avançava contra o obstáculo. Já tinham conseguido uma grande vitória e agora pensavam que esta retaguarda, esta linha insolente, se fundiria antes que seus mosquetes disparassem sob o crepúsculo. O duelo de mosquetes começou. Linha contra linha, os

cartuchos se abriam de uma mordida, derramava-se a pólvora e as pederneiras estalavam; a linha francesa aguentava. Lutavam gloriosos, sem esperança, sabendo que se cedessem e corressem para o leste através dos bosques, a cavalaria iria atrás deles. Tinham as esperanças postas na escuridão, essa era sua salvação, e a última divisão francesa ficou na colininha escarpada mortificando a Sexta Divisão, esfolando-a e os batalhões foram perdendo um homem atrás do outro.

A artilharia britânica foi avançando com estrépito pela planície, virou e cobriu os flancos da Sexta Divisão. Retiraram os cavalos, desprenderam as armações, a munição em sacos vermelhos estava amontoada junto às armas. Metralha. Os apontadores olharam a linha francesa de forma desapaixonada; a esta distância não podiam falhar.

Quase a totalidade das balas das atrozes latas caíria sobre a colina francesa. Os canhões retrocederam de um salto vomitando fumaça e Sharpe viu que os franceses caíam de lado como trigo ceifado. Mas seguiam lutando. O terreno tinha pontos com fogo na grama que se somavam à fumaça, suas chamas adquiriam um colorido avermelhado por baixo da fumaça da batalha que sobrevoava em revoadas os mosquetes que cuspiam fogo. Os franceses mantinham sua posição, os mortos caíam na ladeira, os feridos lutavam para seguir disparando. "Devem estar aterrorizados" — pensou Sharpe enquanto os observava —, porque sabem que a batalha está perdida, que em lugar de marchar para as portas de Portugal terão uma retirada acossada para o centro da Espanha, e, contudo, seguem lutando. Sua disciplina sob o violento ataque dos mosquetes e da metralha era imponente. Estavam comprando tempo com suas vidas, tempo para que seus companheiros destroçados abrissem passagem em direção leste até a ponte de Alba de Tormes. E lá, tal como sabiam os britânicos, uma guarnição espanhola esperava para concluir a destruição.

A contenda não podia durar por maior que fosse a valentia dos franceses, e o final foi marcado pela Quinta Divisão, que naquele mesmo dia horas antes, havia atacado o flanco esquerdo dos franceses junto com a cavalaria quando marchou contra sua retaguarda. Duas divisões britânicas lutavam contra uma única divisão francesa. Mais canhões entraram na bagunça de poeira e fumaça e sua metralha arrebentou no centro das grandes chamas dos canhões. Mais fogos se acenderam na grama e suas chamas lançavam sombras negras e ondulantes enquanto o crepúsculo se convertia em noite. O final se aproximava. Houve uma pausa no fogo de mosquete da Sexta, uma ordem foi se repetindo de uma companhia a outra e se ouviu o grande ruído das baionetas que chiavam ao sair das bainhas. A linha vacilou com os reflexos das lâminas de dezessete polegadas.

"Avançar!" A luz se escorria para o oeste, para Portugal; ouviram-se vivas provenientes dos britânicos, a linha se lançou contra os franceses destroçados pelos canhões, mas o combate ainda reservava uma surpresa.

Sharpe ouviu alguns cascos atrás dele e não prestou atenção, mas depois, aquele som de um único cavalo fez que se girasse. Um oficial de cavalaria solitário, resplandecente com seu uniforme azul e prata e com o sabre desembainhado galopava para a linha francesa. Gritava como um louco.

— Esperem! Esperem!

Os da companhia mais próxima de Sharpe ouviram o som, pararam e um sargento

fez um espaço nas filas. Os oficiais gritavam para o cavaleiro, mas ele não prestava atenção, apenas fazia correr o cavalo que avançava com dificuldade por causa do esforço, atido pelas esporas, e a grama ia se levantando aos pedaços debaixo os cascos.

— Esperem! Esperem!

O oficial entrou pelo espaço e os franceses, sobre a cordilheira, eram apenas sombras quando giraram e correram para pôr-se a salvo nos escuros bosques.

O cavaleiro atravessou o espaço que havia na infantaria britânica e seguia gritando ameaças aos franceses enquanto estes desapareciam. Colocou seu cavalo na ladeira da colina e subiu. Açoitava o sabre como se fosse um chicote enquanto obrigava o cavalo a ir atrás do inimigo. Sharpe esporeou seu próprio cavalo. O cavaleiro era lorde Spears.

Spears tinha desaparecido dentro das árvores escuras e Sharpe desembainhou a espada, deu a volta pelo flanco da linha britânica, na frente dos canhões silenciosos e fumegantes, e se encaminhou para a ladeira da colina que estava cheia de franceses mortos. Alguns oficiais da Sexta Divisão lhe gritaram e xingaram, pois estava em sua linha de tiro, mas então seu cavalo chegou ao cume e se encontrou cavalgando em direção às sombras profundas. Diante dele ouvia gritos, depois fogo de mosquete, e Sharpe inclinou a cabeça quando o cavalo da marquesa penetrou nas árvores.

Spears estava em uma pequena clareira entre as árvores e mantinha uma luta solitária com os fugitivos franceses. Sharpe chegara muito tarde. O cavaleiro tinha cavalgado ao longo da clareira dando golpes e quando Sharpe chegou, ele estava fazendo o cavalo girar, dando cortes, mas do outro lado havia um sargento francês com o mosquete levantado. Sharpe viu o resplendor e Spears ficou rígido, e depois o francês fugiu pelas árvores. Spears abriu a boca, em silêncio, parecia que tremia e desabou sobre a sela. O sabre pendia de um lado, tinha o braço débil e ofegava.

Sharpe cavalgou até seu lado. Spears tinha a mão direita agarrada ao uniforme azul e prata e entre os dedos corria o sangue vermelho que lhe manchava o uniforme. Olhou para Sharpe.

— Quase chego muito tarde.

— O senhor é um bobo.

— Eu sei — Spears olhava para trás de Sharpe para os três corpos que tinha deixado na clareira. — Foi um bom trabalho, Richard. Você já sabe, né?

— Sim, meu lorde.

— Chame-me de Jack.

Spears lutava para controlar sua respiração. Olhou incrédulo o sangue que lhe manchava a mão e a casaca. Sacudiu a cabeça.

— Oh, Deus.

Sharpe ouvia a infantaria da Sexta Divisão penetrando no bosque.

— Venha, meu lorde. Vamos a um doutor.

— Não — disse Spears com olhos brilhantes. Pestanejou rapidamente e parecia envergonhado. — Deve ser a fumaça do mosquete, Richard.

— Sim.

— Tire-me daqui.

Sharpe embainhou a espada pela segunda vez naquele dia sem tê-la manchado de

sangue, pegou as rédeas do cavalo de Spears e o guiou para fora das árvores. Rodeou a infantaria que avançava para evitar que algum soldado nervoso lhe disparasse, e saíram em uma pequena lombada a umas cem jardas de onde ocorrera o último combate do dia.

— Pare aqui, Richard.

Estavam no cume da elevação. Os fogos e a escuridão do campo de batalha estendiam-se diante deles.

Sharpe seguia prendendo as rédeas do cavalo de Spears.

— Necessita de um médico, meu lorde.

— Não — disse Spears sacudindo a cabeça. — Não, não, não. Ajude-me a descer.

Sharpe atou os dois cavalos a uma árvore disforme e anã. Depois tirou Spears da sela e o deitou no chão. Usou seu gabão como almofada. Ouvia a Sexta Divisão cortando as galhos com podadeiras e baionetas, acendendo fogueiras; a batalha, por fim, tinha terminado. Sharpe abriu a casaca e a camisa de Spears e teve que tirar linho da ferida. A bala tinha metido alguns fios da camisa no seu peito e apareciam, emaranhados e indecentes, como se fossem grossos cabelos. Parecia que o buraco era pequeno. O sangue brotava brilhante e negro sob a luz da lua, e se derramava sobre a pálida pele de Spears. Spears fez uma careta de dor.

— Dói.

— Por que diabos fez aquilo?

— Não queria perder a batalha.

Spears tocou o sangue com os dedos, levantou a mão e os olhou horrorizado.

— Foi uma loucura. A batalha tinha terminado.

Sharpe cortou a camisa de Spears com uma navalha e lhe arrancou a parte limpa para fazer uma bandagem para a ferida.

Spears esboçou um sorriso.

— Todos os heróis são loucos. — Tentou rir e o riso se converteu em tosse. — Estou morrendo — disse muito tranquilo.

Sharpe pôs a bandagem na ferida, pressionou suavemente e Spears se jogou para trás, pois a bala tinha quebrado uma costela. Sharpe afastou a mão.

— Não morrerá.

Spears torceu a cabeça e olhou para os olhos de Sharpe. Sua voz tinha um pouco de seu velho encanto malicioso.

— Na realidade, Sharpe, com risco de parecer terrivelmente heróico e dramático, preferiria morrer. — As lágrimas que tinha nos olhos desmentiam suas palavras. Sorveu pelo nariz, jogou a cabeça para trás e ficou olhando para cima. — Isto é horivelmente embaraçoso, eu sei. Desculpe.

Sharpe não disse nada. Olhava fixamente os fogos que se espalhavam no campo de batalha, fogos de grama, e os misteriosos vultos que eram os corpos deslocados. Um vento se desprende do campo e trouxe o odor da vitória; fumaça, pólvora, sangue e carne queimada. Sharpe havia conhecido outros homens que queriam morrer, mas nunca ninguém que fosse lorde, tivesse boa aparência, que fosse encantador, e que agora voltava a se desculpar.

— Eu o incomodei. Esqueça-se do que disse.

Sharpe se sentou junto dele.

— Não estou incomodado.

Durante um momento nenhum dos homens falou. Ouviam disparos de mosquete provenientes do campo de batalha; ou saqueadores que se viam dissuadidos ou homens que livravam outros do sofrimento. Spears voltou a girar o rosto.

— Nunca me deitei com a marquesa.

Sharpe ficou surpreso com aquela confissão tão repentina e estranha. Deu de ombros.

— Tem importância?

Spears consentiu com a cabeça lentamente.

— Agradeça-me.

Sharpe sem entender do que se tratava seguiu a corrente.

— Obrigado.

Spears voltou a olhar para cima.

— Eu tentei, Richard. Deus, como tentei. Não foi muito decente de minha parte. —

Falava em voz baixa e se dirigia para as estrelas.

Era uma culpa estranha e Sharpe seguia sem entender por que Spears tinha abordado aquele tema.

— Não acho que se ofendesse.

— Não, não o fez. — Spears fez uma pausa. — Louco Jack.

Sharpe recolheu os pés como se fosse se levantar.

— Deixe-me ir buscar um médico.

— Não. Um médico não. — Spears pôs a mão no braço de Sharpe. — Um médico, não, Richard. Pode guardar um segredo?

— Sim — respondeu Sharpe assentindo com a cabeça.

Spears retirou a mão. Respirava com dificuldade. Parecia que estivesse decidindo se devia falar ou não, mas finalmente o disse, com voz muito amarga.

— A tarântula me picou. Santo Deus! A tarântula.



-O h, Deus.

Sharpe não sabia o que dizer. Os dois homens estavam no extremo do campo de batalha, na borda de uma enorme extensão de sofrimento. Algumas sombras cruzavam as chamas intermitentes, alguns cachorros ladravam para a meia lua que prateava os volumes que formavam os feridos e os mortos. Os canhões que tinham destroçado a retaguarda francesa estavam ali de onde tinham disparado e seus canos se esfriavam com o ar da noite. De longe do campo escuro chegava o som de canções. Um grupo de homens ao redor de uma fogueira celebrava por estarem vivos.

Sharpe olhou para Spears.

— Há quanto tempo tem?

— Dois anos — respondeu Spears encolhendo-se de ombros.

— Oh, Deus.

Sharpe entendia o desesperado daquela situação. Todo homem a temia, certamente, rondava entre as sombras como a escura besta cujo nome o exército a apelidava. A tarântula, o pior tipo de sífilis, a sífilis que matava um homem deixando-o senil, cego e louco. Sharpe tinha pagado uma vez para entrar em Bedlam, o manicômio que havia em Londres, e vira os pacientes sífilíticos em suas jaulinhas repugnantes. Os pacientes podiam ganhar uma miséria, os visitantes jogavam-lhes quartos de peniques, e eles faziam cabriolas e exibindo-se. Os loucos de Bedlam era uma das coisas dignas de se ver em Londres, mais populares inclusive que as execuções públicas. A Spears lhe esperava uma agonia longa e asquerosa. Sharpe o olhou.

— Foi por isso que fez isto?

O rosto elegante consentiu.

— Sim. Não dirá a ninguém?

— Não.

A bolsa de Spears estava na ladeira e tentou alcançá-la, não pôde e lhe deu um tapa.

— Tem charutos ali dentro. Importa-se?

Sharpe abriu a bolsa. Havia uma pistola na parte superior, e ele a pôs de um lado, em baixo tinha alguns charutos enrolados e uma lata com material inflamável. Queimou o linho chamuscado, acendeu dois charutos e deu um a Spears. Sharpe não fumava quase nunca, mas esta noite, com tanta tristeza, desejava um charuto. O cheiro o fez se lembrar da marquesa. Com a brisa, a fumaça se elevou entre os mortos.

Spears emitiu um ruído semelhante a um riso.

— Nem sequer deveria estar aqui.

— Na batalha?

— Não. — Deu uma chupada no charuto e o extremo se pôs brilhante. — No exército.

— Deu um suspiro e se moveu. — Meu irmão mais velho recebeu a herança. Era um homem tão chato, Richard, tão terrivelmente chato... Sentíamos um ódio mútuo e fraternal. Então, duas semanas antes que se casasse, Deus escutou minhas orações. Ele

caiu de seu maldito cavalo e partiu o gordo pescoço. E eu fiquei com tudo. Dinheiro, propriedades, casas, todo o lote. — Falava em voz baixa, era quase um ronco. Parecia ter vontade de falar. — Eu já estava aqui e não queria regressar. — Virou-se para Sharpe e sorriu — Há tanto prazer nesta guerra... Tem sentido o que digo?

— Sim.

Sharpe conhecia o prazer da guerra. Não havia nenhuma outra coisa que lhe produzisse tal excitação, ou que exigisse tal preço. Ficou olhando os fogos, que iam chamuscando os feridos e os mortos. A guerra tinha proporcionado a Sharpe ascensões, uma mulher, a marquesa e ainda podia matá-lo como estava matando a Spears. A Sorte caprichosa.

Spears tossiu e desta vez limpou sangue dos lábios.

— Joguei e perdi toda a herança. Santo Deus! Cada maldito penique!

— Tudo?

— Duas vezes. Você não joga, né?

— Não.

Spears sorriu brincalhão.

— Você é muito chato para ser um herói.

Tossiu e girou a cabeça para cuspir sangue sobre a grama. A maior parte foi parar no gabão de Sharpe.

— É como estar no cume da colina e saber que se pode voar. Não há nada como isso, nada. Salvo a guerra e as mulheres.

O vento era mais fresco agora e esfriava a cara de Sharpe. Passou a casaca de Spears por cima da ferida. Gostaria de ter conhecido melhor este homem; Spears lhe oferecera sua amizade e Sharpe tinha sido cauteloso. Agora que o sangue fluía dos pulmões de Spears sentia-se muito perto dele.

Spears voltou a dar uma tragada no charuto, voltou a tossir e o sangue lhe salpicou as bochechas. Girou o rosto para Sharpe.

— Pode me fazer um favor?

— Certamente.

— Escreva para minha irmã. Hogan tem seu endereço. Diga-lhe que morri bem. Diga-lhe que morri como um herói. — Sorriu com amargura. — Promete?

— Prometo.

Sharpe levantou o olhar. As estrelas eram as fogueiras de acampamento de um exército celestial sem limites. Abaixo delas, os fogos dos britânicos vitoriosos pareciam débeis. Os mosquetes se ouviam na distância, eram os homens que matavam aos feridos.

Spears soltou uma nuvem de fumaça.

— Chama-se Dorothy. Nome horrroso. Ela me gosta. Quero que saiba que morri bem. Agora é o mínimo que posso fazer.

— Eu lhe direi.

Parecia que Spears não escutava as palavras de Sharpe.

— Eu destrocei a vida dela, Richard. Sem dinheiro, sem herança, sem dote. Terá que se casar com qualquer comerciante de merda por seu dinheiro e, em recompensa, ele conseguirá seu corpo e um pouco de sangue nobre. — Sua voz era amarga. — Pobre

Dorothy. — Respirou fundo e sua garganta raspou. — Estou arruinado, sífilítico e desonrei minha família. Mas se morro como um herói, pelo menos terá isso. Muita gente não irá cobrar minhas dívidas. Não é elegante quando se morre pelo rei e pela pátria. — Spears riu e o sangue se via escuro sobre sua pele. — Pode-se viver tão mal como se queira, Richard, todo tempo possível, mas tudo é perdoado quando se morre pela pátria. Tudo. — Spears afastou a vista de Sharpe para poder observar a imensa tristeza que oferecia o campo de batalha. — Costumavam me arrastar para a maldita igreja a cada domingo. Ficávamos no banco privado. Então o maldito pregador se elevava sobre as patas traseiras e nos advertia sobre o jogo, a bebida e a fornicção. Proporcionou-me tudo o que ambicionei na vida. — Voltou a tossir, desta vez pior, e fez uma pausa para encher os pulmões de ar. — Quero apenas que Dorothy saiba que fui um herói. Poderão pôr uma placa de mármore na igreja. O último dos Spears, morto em Salamanca.

— Escreverei para ela. — Sharpe tirou seu chapéu e passou a mão pelo cabelo. — Estou seguro de que o general lhe escreverá.

Spears girou o rosto para voltar a olhar para Sharpe.

— E diga a Helena que me partiu o coração.

Sharpe sorriu. Ele não sabia se voltaria a ver a marquesa, mas consentiu.

— Eu direi.

Spears suspirou, sorriu com malícia e ficou olhando o campo de batalha.

— Podia ter feito um favor para a Inglaterra. Contagando-a com a sífilis.

Sharpe sorriu com deferência. Supôs que deviam de ser quase onze horas. Muita gente na Inglaterra estaria a ponto de ir dormir e ignorariam que na hora do chá a Terceira Divisão destroçara o flanco esquerdo francês, e que na hora em que a porcelana fora recolhida os franceses já tinham perdido uma quarta parte de seu exército. Contudo, dentro de poucos dias, os sinos repicariam em todos os povoados e os sacerdotes dariam graças a Deus como se sua divindade fosse uma espécie de supremo general de divisão. Os terratenentes pagariam cubas de cerveja e fariam discursos a respeito do tirano caído em mãos dos honestos ingleses. Haveria uma nova colheita de placas nas igrejas para os que pudessem pagar, mas, em geral, a Inglaterra não mostraria muita gratidão pelos homens que haviam se arriscado para consegui-lo. Então se lembrou o que Spears dissera. “Contagiá-la com a sífilis”, “um favor para a Inglaterra” e Sharpe sentiu um arrepio repentino em seu interior. Spears sabia que ela era francesa e se entregara ao não poder resistir à brincadeira. Sharpe manteve a voz tranquila.

— Há quanto tempo sabe a respeito dela?

Spears virou-se para olhá-lo.

— Você sabia?

— Sim.

— Céus. O que as pessoas chegam a dizer na cama — disse enxugando sangue da bochecha.

Sharpe ficou olhando fixamente na escuridão.

— Há quanto tempo sabia?

Spears lançou o charuto colina abaixo.

— Um mês.

— E disse para Hogan?

Houve uma pausa. Sharpe olhou para Spears. O cavaleiro estava observando-o, percebera de repente que havia falado demais. Spears assentiu lentamente.

— Certamente que lhe disse. — Sorriu repentinamente. — Quantos acha que morreram hoje?

Sharpe não respondeu. Sabia que Spears estava mentindo. Não fazia nem vinte e quatro horas que Hogan descobrira que a marquesa era Héléne Leroux. Curtis havia recebido a carta pela manhã, vira Hogan pela tarde e depois tinha ido ver Sharpe. Spears não dissera a Hogan, e Spears tampouco sabia que Curtis fora ver Sharpe.

— Como descobriu?

— Isso não importa, Richard.

— Sim importa.

Spears se irritou.

— Eu sou um oficial explorador, lembra? Meu trabalho é descobrir coisas.

— E dizê-las a Hogan. Mas não o fez.

Spears respirava com dificuldade. Olhou para Sharpe e sacudiu a cabeça em sinal de negação. Tinha a voz cansada.

— Deus! Isso não importa agora.

Sharpe se levantou, via-lhe muito alto abaixo do céu noturno, e odiava o que tinha que fazer, mas agora tinha sua importância, ainda que Spears não concordasse. A espada assobiou ao sair da bainha e seu aço era de uma cor pálida sob a meia lua.

Spears franziu o cenho.

— O que diabos está fazendo?

Sharpe pôs a espada debaixo de Spears, empurrou contra o braço que se ressentia e fez alavanca com a lâmina de maneira que o cavaleiro rodou afastando-se de Sharpe; então o fuzileiro pôs um pé sobre a cintura de Spears e a folha da espada contra suas costas. A voz de Sharpe denotava raiva, uma raiva espantosa.

— Os heróis não têm cicatrizes nas costas. Conte-me, meu lorde, ou vou fazer fitas com suas costas. Direi à sua irmã que morreu como um covarde sífilítico, com as feridas nas costas.

— Não sei de nada!

Sharpe se inclinou sobre a espada, o suficiente para que atravessasse o tecido. Falava em voz alta.

— Sim, sabe, sacana. Sabia que ela era francesa, ninguém mais sabia. Sabia que era a irmã de Leroux, não?

Não houve resposta. Empurrou a espada.

— Sim. — Spears se afogava, cuspiu sangue. — Pare, pelo amor de Deus, pare.

— Então fale.

Outra vez silêncio, só o vento que fazia sussurrar as folhas das árvores que tinham detrás, o crepitar das chamas das fogueiras da Sexta Divisão e os disparos de mosquete distantes e desconexos. Sharpe baixou a voz.

— Sua irmã se sentirá desonrada. Não terá nada. Nem dinheiro, nem futuro, nem sequer um herói morto como irmão. Terá que se casar com algum quinquilheiro de mãos

suas e barriga grande e se prostituirá por seu dinheiro. Quer que salve sua maldita honra, meu lorde? Fale.

Spears falou. Ia interrompendo suas palavras com a tosse e com os escarros sanguinolentos. Às vezes gemicava, tentava mover-se, mas tinha sempre a espada perto e um golpe depois de outro lhe foi sacando toda a história. Sharpe se deprimiu e entristeceu. Spears suplicava compreensão, inclusive perdão, mas era a história de uma honra vendida. Spears havia dito a Sharpe, umas semanas antes, que quase fora capturado por Leroux. Disse que tinha escapado por uma janela e que quebrara o braço, mas a história não era verdadeira. Lorde Spears não havia escapado de Leroux. Tinha sido capturado e dera sua palavra. Leroux, disse, falara com ele durante toda uma noite, bebera com ele e tinha encontrado seu ponto fraco. Fizeram um trato. Informação em troca de dinheiro, Spears vendeu a Colquhoun Grant, o melhor oficial explorador do exército, Leroux lhe dera quinhentos napoleões e ele jogara.

— Pensei que podia recuperar a casa de verão, pelo menos.

— Continue.

Vendeu a lista que havia roubado dos papéis de Hogan; a lista dos homens aos quais a Grã-Bretanha pagava para que lhe informassem. Conseguiu dez moedas de ouro por cabeça, depois perdeu tudo nas mesas, e então, disse, Sharpe estragou tudo. Fez Leroux fugir para as fortalezas e Spears pensou que tinha perdido seu financiador, preso; então Helena lhe perguntou por ele, falou com ele e o dinheiro voltou a fluir. E, além de tudo isto, Leroux tinha a palavra de Spears, um pedaço de papel que demonstrava que Spears era um mentiroso, que fora capturado e lhe faziam chantagem com o papel. Se os traísse, disse, Leroux ameaçava mandar o papel para Wellington. Leroux tinha convertido Spears em seu escravo, um escravo bem pago, e quem suspeitaria de um lorde inglês? Os secretários, os cavaleiros, os criados, os cozinheiros, toda a gente de pouca importância do quartel general tinham sido suspeitos. Mas não lorde Spears, o Louco Jack, o homem que animava as festas e fazia uso de seu engenho e seu encanto para extasiar ao mundo, e todo aquele tempo era um espião.

Havia mais. Sharpe sabia que haveria mais. Tinha afastado a espada, estava sentado junto a Spears e o cavaleiro confessou tudo, quase contente de poder vomitar tudo. Contudo, mostrava certa reserva no final de sua história. Os fogos se iam apagando. Os gemidos e os disparos de mosquete provenientes do campo de batalha eram mais leves e menos frequentes, o vento já estava fresco. Sharpe olhou a espada cinzenta que tinha estirada em sua frente.

— O Mirante?

— Está a salvo.

— Onde?

Spears deu de ombros.

— Hoje está em um monastério. Fazendo reverência.

— Não o vendeu?

Spears riu com um som áspero e borbulhante por causa do sangue que tinha na garganta. Engoliu-o e fez uma careta.

— Não havia necessidade. Leroux já o havia descoberto. Tal como Hogan suspeitava.

— Santo Deus!

Sharpe ficou olhando o campo depois da batalha. Antes havia temido pelo corpo da marquesa torturado por Leroux, agora se encolheu ao pensar naquele sacerdote já idoso atormentado sobre uma mesa banhada em sangue.

— Disse que ele está a salvo?

Curtis estava a salvo, mas era um homem velho. Os homens velhos, disse Spears, preocupam-se em morrer antes de ter acabado com seu trabalho, assim que Curtis tinha escrito os nomes e os endereços de todos seus correspondentes em uma cadernetinha de couro. Estava camuflada como se fosse uma de suas cadernetas de observações astronômicas, cheia de mapas de estrelas e nomes em latim, mas os códigos podiam ser decifrados.

Leroux tinha esperado o momento oportuno. Planejara pegar Curtis quando os britânicos tivessem ido, mas então chegaram notícias de uma grande vitória britânica e ele exigiu que Spears que fosse buscar o sacerdote. Spears falava em voz baixa.

— Isso eu não podia fazer. Assim que lhe levei a caderneta.

Leroux já não necessitava de O Mirante. Com o livro em seu poder podia encontrar a todos os correspondentes que lhe escreviam lealmente de toda Europa e podia ir para buscar eles um a um e matá-los, e a Grã-Bretanha ficaria cega. Sharpe sacudiu a cabeça incrédulo.

— E por que, simplesmente, não mentiu? Por que teve que lhes dar a caderneta? Não sabiam que existia!

— Pensei que me recompensariam.

Lorde Spears era patético.

— Recompensá-lo! Mais dinheiro manchado de sangue?

— Não. — Tinha a bochecha manchada de sangue escuro. — Queria o corpo dela apenas uma vez. Só uma vez. — Fez um ruído que podia ser um riso ou um soluço. — Não consegui. Leroux me devolveu o papel com meu juramento. Devolveu-me minha honra. — A amargura se percebia em sua voz.

O vulto enorme que era o Arapiles Maior se via coroadado por dois fogos. Isso impedia que Sharpe visse as luzes de Salamanca.

— Onde está Leroux agora?

— Cavalgando para Paris.

— Por que rota?

— Dirige-se a Alba de Tormes.

Sharpe olhou para Spears, moribundo sobre o solo.

— Não lhe disse que lá havia espanhóis?

— Pareceu não dar importância.

Sharpe amaldiçoou em voz baixa. Tinha que partir. Voltou a xingar, alto, porque gostava de Spears e odiava esta repentina fraqueza, este homem que vendeu sua honra.

— Vendeu a todos seus agentes por um juramento?

Não. Também houve dinheiro, disse Spears, mas o dinheiro só seria pago quando Leroux chegasse a Paris, e iria para a Inglaterra para Dorothy. Um dote, o último presente traiçoeiro de Spears, e implorou a Sharpe, disse que ele não podia entender; a família era

tudo, e Sharpe se levantou.

— Já vou.

Spears estava deitado no chão, derrotado, arruinado.

— Uma última promessa?

— Qual?

— Se o encontrar, ela não receberá o dinheiro.

— Não.

— Então conserve minha honra por ela. — Sua voz era rouca, quase quebrada. —

Diga-lhe que fui um herói.

Sharpe levantou a espada, pôs a ponta na bainha e a meteu fundo.

— Direi que morreu como um herói. Por causa das feridas da batalha.

Spears virou para um lado porque era mais fácil esvaziar o sangue.

— Uma coisa mais.

— Tenho pressa.

Sharpe tinha que encontrar Hogan. Primeiro despertaria Harper, porque o sargento gostaria de se unir a esta caçada final, esta última oportunidade ante seu inimigo. Leroux tinha matado Windham e McDonald, esteve a ponto de matar Sharpe, torturara sacerdotes espanhóis e tinha roubado a honra de lorde Spears. Sharpe tinha mais outra oportunidade entre os restos depois da batalha.

— Eu também tenho pressa — disse Spears apontando com sua débil mão para o campo de batalha. — Não quero que esses saqueadores de merda me matem, Richard. Faça-o por mim. — Pestanejou. — Sinto dor, Richard, muita dor.

Sharpe se recordou de Connelley. Deve morrer bem, pequeno, morrer bem.

— Quer que o mate?

— O último favor de um amigo? — Era uma súplica.

Sharpe recolheu a pistola de Spears, levantou-a e se agachou junto ao cavaleiro.

— Está seguro disso?

— Sinto dor. Diga-lhe que morri bem.

Sharpe havia gostado deste homem. Recordou-se do frango lançado como uma bala de morteiro no baile; daquele grito sonoro na Praça Maior na manhã depois de sua primeira noite no mirante. Este homem lhe havia feito rir, compartilhara vinho com ele, e agora era um desgraçado, um homem destroçado que entregara sua honra primeiro a Leroux e agora a Sharpe.

— Direi a sua irmã que morreu bem. Direi que foi um herói. Eu o converterei em sir Lancelot.

Spears sorriu. Tinha o olhar fixo em Sharpe. O fuzileiro aproximou a pistola de seu pescoço.

— Direi a ela que faça construir uma igreja o bastante grande para que haja lugar para a maldita placa.

Spears sorriu mais abertamente e a bala passou sob seu queixo e para cima, atravessando-lhe o crânio, e saiu pela parte superior de sua cabeça. Era o tipo de ferida que um herói a cavalo podia receber. Morreu no mesmo instante, sorrindo, e o gabão de Sharpe ficou salpicado com a ferida. Ele o puxou e jogou ao solo, odiando-o. Virou-se e

lançou a pistola entre as árvores, ouviu quando se chocava com uns galhos e depois se fez o silêncio. Olhou para Spears no chão e se maldisse por ter-se visto mesclado em tudo isto. Spears havia falado do prazer da guerra, a irresponsabilidade da juventude desenfreada, mas pouco prazer havia nesta guerra secreta.

Inclinou-se e recolheu o gabão, o sacudiu e caminhou para os cavalos. Montou no seu e foi levando o de Spears pelas rédeas ladeira abaixo. Parou ao pé, olhou para trás; o corpo de Spears era como uma sombra escura sobre a grama. Disse para si mesmo que as lágrimas que tinha nos olhos eram apenas devido à irritação causada pela fumaça da batalha; algo que pode ocorrer com qualquer homem.

A vingança estava em Alba de Tormes, com seus calcanhares esporeou o cavalo e o relógio da catedral, por cima do palácio Casardes, deu as doze.

A lba de Tormes era uma cidade elevada sobre uma colina ao leste do rio Tormes. A colina era coroada por um antigo castelo e coberta por uma bagunça de telhados que desciam pelo magnífico convento onde os peregrinos veneravam o corpo de Santa Teresa de Ávila. Junto ao convento se achava a ponte.

Os franceses necessitavam da ponte para conduzir seu exército destroçado para a segurança relativa que lhes oferecia a margem leste, e para afastar-se da perseguição de sabres que sabiam que padeceriam ao amanhecer. Mas Wellington lhes fechara a ponte. Semanas antes, quando seu exército chegou a Salamanca, puseram uma guarnição espanhola no castelo e nas construções defensivas que havia no extremo leste da ponte. Os canhões espanhóis podiam varrer a ponte toda, repicar contra suas pedras com a metralha e assim os franceses se achariam apanhados na grande curva do rio.

De Alba de Tormes o rio fluía nove milhas para o norte e depois, formando um grande meandro, girava para o oeste e avançava umas dez milhas antes que suas águas passassem sob os arcos da ponte romana de Salamanca. Naquele grande meandro os franceses fugiram para o leste durante toda a noite. Foram centenas os que atravessaram pelo vau, mas a maioria se dirigiu para a cidade que tinha a única ponte utilizável. Os canhões franceses, os apetrechos, as grandes arcas com os pagamentos, os feridos, todos foram a Alba de Tormes e para a ponte protegida pelos canhões espanhóis.

Salvo que os espanhóis não estavam ali. Tinham fugido três dias antes; fugiram sem ter visto o inimigo. Sabiam que os franceses se dirigiam para o sul e temiam uma derrota britânica, assim que a guarnição espanhola preparou a bagagem e partiu para o sul. Desertaram de seu posto. A ponte ficou livre para os franceses e durante toda a noite os homens de Marmont avançaram em direção leste. Uma grande vitória ficava desvalorizada. Os retardatários do exército vencido foram reunidos na margem leste, fizeram que formassem em filas e marchassem. Uma retaguarda que não havia lutado no dia anterior bloqueava a rota para o leste, pouco depois do povoado, e sua ponte vazia.

Tais notícias chegaram ao quartel general de Wellington ao mesmo tempo em que Sharpe persuadia Hogan de que o serviço secreto britânico tinha sido traído. Uma caderneta, apenas isso, e uma centena de portas seriam derrubadas de Madri a Stettin, os correspondentes de O Mirante se veriam arrastados e os pelotões de fuzilamentos franceses teriam muito trabalho extra. Hogan sacudiu a cabeça.

— Mas como sabe?

— Lorde Spears percebeu sua falta, senhor.

Sharpe já havia descrito a heróica morte de lorde Spears.

Hogan ficou olhando-o com desconfiança.

— Isso é tudo? Nada mais?

— Não é suficiente, senhor? Infelizmente morreu antes de poder dizer algo mais.

Hogan consentiu com a cabeça.

— Temos que dizer isso ao general.

Então se ouviu um estalido de ira, de maldições, porque Wellington, no quarto do lado, escutava da boca de uma patrulha da cavalaria que os franceses estavam cruzando a ponte em Alba de Tormes. O exército vencido escapava, não estava preso tal como ele pensava porque os espanhóis tinham fugido. A porta que separava os quartos se abriu de golpe.

Sharpe já conhecia a ira de Wellington. Era uma ira fria, oculta atrás da calma, que se expressava com uma cortesia mordaz. Esta noite não. O general bateu a mesa com o punho.

— Malditos sejam! Que Deus os amaldiçoe a todos eles! — Olhou para Hogan. — Abandonaram Alba de Tormes. Por que não ficamos sabendo?

Hogan deu de ombros.

— Porque não julgaram conveniente nos dizer, senhor.

— Álava!

Wellington gritou o nome do general espanhol que servia de oficial de enlace com os britânicos. Os oficiais do estado maior permaneciam quietos diante da ira do general. Voltou a dar um soco na mesa.

— Será que acham que lutamos por seu maldito país porque o amamos? Merecem perdê-lo!

Saiu do quarto irado, deu uma batida de porta e Hogan soltou lentamente o ar que tinha retido até então.

— Eu acho que o general não está de humor para receber sua notícia, Richard.

— E o que fazemos então, senhor?

Hogan virou-se para um oficial do estado maior.

— Qual é a cavalaria que está mais perto?

— A cavalaria ligeira da Legião Alemã do Rei, senhor.

Hogan se voltou para pegar seu chapéu.

— Vá buscá-los. — Olhou para Sharpe. — Você não, Richard. Não está bem.

Sharpe foi a cavalo, apesar do que Hogan dissera, e Harper ia junto dele com o cavalo de Spears. O capitão Lossow e sua tropa eram sua escolta e o oficial alemão cumprimentou Sharpe sem ocultar seu prazer. O prazer logo se dissipou por causa do trajeto longo e duro. Hogan se sentia à vontade no lombo de um cavalo, cavalgava com as costas retas sobre os estribos, enquanto que Harper, que tinha crescido no vale de Donegal e montara pôneis ao pêlo desde menino, ia sentado com facilidade sobre o cavalo de Spears. Para Sharpe aquilo era um pesadelo. Todos seus ossos doíam, sentia pontadas na ferida e em três ocasiões esteve a ponto de cair ao sentir-se invadido pelo sono. Ao amanhecer, estava sentado dolorido sobre o Tormes e observava a paisagem cinzenta pela qual serpenteava o rio, vigoroso e prateado, ao passar pela cidade silenciosa, com seu castelo e seu convento, e a ponte vazia. Os franceses tinham partido.

E Leroux? Sharpe não sabia. Talvez o coronel francês tivesse mentido para lorde Spears. Talvez Leroux planejasse ficar em Salamanca até que os britânicos voltassem a se deslocar, desta vez em direção ao leste, mas Sharpe tinha dúvidas. Leroux queria regressar com seu tesouro para Paris, decifrá-lo e depois soltar os homens cruéis contra os nomes que continha. Leroux tinha partido, Sharpe estava seguro, mas por onde? Alba de

Tormes? Ou tinha ido diretamente para o leste de Salamanca para Madri? Hogan duvidava. Hogan estava certo de que Leroux tentaria chegar à segurança que lhe oferecia o exército francês, e a grande dúvida de Hogan era apenas se Leroux tinha conseguido muita vantagem. Esporearam colina abaixo para o rio que escorria frio sob a ponte vazia que zombava deles.

Sharpe tinha sua última oportunidade. Havia cavalgado para ela durante toda a noite e com o amanhecer suas esperanças eram mínimas. Queria levantar sua espada, aquela espada ainda sem manchar de sangue, contra a Klighenthal. Queria a Leroux porque Leroux o havia vencido, e se um homem pensasse que isso não era um bom motivo, é porque esse homem não tinha orgulho. Mas como podiam descobrir a um cavaleiro solitário naquela imensidão, envolvida na neblina matinal? Sharpe queria vingança pelas mortes de Windham e McDonald, pela pistola que lhe tinha disparado no claustro superior, e por Spears, a quem Sharpe apreciava, a quem Sharpe tinha matado e cuja honra protegia.

Hogan se retorceu sobre a sela. Parecia estar muito cansado e irritável.

— Acha que o ultrapassamos?

— Não sei, senhor.

Ao amanhecer não existia a certeza.

Passaram ressoando sobre a ponte, os alemães de Lossow iam com as espadas desembainhadas para o caso dos franceses terem deixado uma retaguarda na cidade, e então o ferro dos cascos dos cavalos encheu as ruas estreitas com um estrondo ensurdecedor. Ao passar pelo barranco da colina, na parte alta do povoado, viram que o horizonte, que até então era cinzento com toques rosados, de repente brilhava com o extremo superior do sol nascente. Era de um dourado escarlate, deslumbrante, e o muro oeste do castelo tomava um tom alaranjado. Um novo dia.

— Senhor! — Harper apontava exultante. — Senhor!

Sob o amanhecer, debaixo da glória do novo dia, as dúvidas se dissiparam. Um cavaleiro, sozinho, se dirigia para leste e, na luneta, através do fulgor da luz, Sharpe viu calças negras e verdes, uma casaca vermelha e um inconfundível chapéu de pele negra. Um Chasseur da Guarda Imperial de Napoleão solitário, que trotava em direção leste. Tinha que ser Leroux! A figura solitária se escureceu e se nublou com o amanhecer, depois se perdeu em uma ladeira do caminho. Não tinha olhado para trás.

Eles o seguiram, fizeram os cavalos correrem a um trote rápido, pois tinham que manter as forças apesar de todos os cavaleiros quererem persegui-lo ao galope e avançar com seus sabres para o fugitivo. Duas vezes mais viram ao oficial, cada vez mais perto, e depois da segunda vez Leroux virou-se, viu seus perseguidores e começou a caça. Os trompetes de Lossow desafiaram, as esporas se lançaram para trás e Sharpe tentou puxar a enorme espada da bainha mal acabada.

Os alemães o deixaram bem atrás, todos eles eram bons cavaleiros e ele amaldiçoava ao sentir que a bainha se batia e lhe golpeava a coxa. Cambaleou ao perder o equilíbrio com o galope repentino, então a espada se liberou e aí estava, brilhando sob a luz do amanhecer. Viu Leroux mais uma vez. O francês estava a menos de uma milha na frente deles, o cavalo estava rendido, e Sharpe se esqueceu das coxas que lhe doíam, do traseiro ardido e foi dando golpes com os calcanhares para que o cavalo corresse mais.

Os alemães seguiam na frente de Sharpe. Atravessaram um pequeno povoado onde Leroux, misteriosamente, girou para a esquerda. Eles tomaram a mesma direção para o norte, os cavalos se meteram na margem pouco profunda de um arroio e salpicaram o amanhecer com água de um prateado brilhante, depois foram para os campos na margem oposta. Leroux tinham umas colinas baixas e Sharpe se perguntou se Leroux ia à busca de um lugar onde ocultar-se. Parecia uma tentativa desesperada.

Então Lossow começou a gritar, levantou a mão e fez que se detivessem, a tropa puxou as rédeas, diminuíram o passo, Sharpe os alcançou e o protesto que ia fazer por abandonarem a perseguição ficou em sua boca. Os cavalos se detiveram. Leroux estava a salvo.

Leroux chegaria até Paris, decifrariam a caderneta e o francês ganharia. Se tivessem duas milhas mais o teriam agarrado, mas agora não.

Leroux ia trotando com seu cavalo para a face de uma colina baixa que se erguia desde o amplo vale. Alinhada na ladeira estava a retaguarda francesa, uns mil cavaleiros, e Lossow cuspiu enjoados.

— Não podemos fazer nada. — Parecia que se desculpasse como se realmente acreditasse que Sharpe esperava que carregasse contra um milhar de inimigos com apenas cento e cinquenta homens. Deu de ombros e olhou para Sharpe. — Sinto muito, amigo.

Sharpe estava observando Leroux.

— O que ele está fazendo?

O francês não ia se reunir com a cavalaria. Percorria ao trote a frente da tropa e Sharpe viu que levantava a espada para cumprimentar os comandantes do esquadrão francês. Leroux seguia avançando para o norte, depois da cavalaria, e Sharpe pôs o cavalo ao trote para poder seguir o francês. Sharpe conduziu a tropa de Lossow para o norte, a meia milha ao oeste da linha dos franceses, e observou que Leroux seguia cavalgando, passava a cavalaria e penetrava em um vale ao pé da colina. Leroux se achava agora em um terreno que eles não podiam ver e Sharpe fez que seu cavalo cansado fosse a meio galope.

Diante deles tinham uma colina de onde poderiam dominar aquele terreno. Cavalgaram ladeira acima, o orvalho da grama brilhava com os golpes dos cascos, e foi Sharpe que virou e levantou a mão, diminuiu e amaldiçoou. Tinha a esperança de que Leroux quisesse seguir cavalgando e se dirigir para o leste outra vez com sua própria cavalaria atrás dele, mas Leroux se achava realmente a salvo. Naquele vazezinho esperava a infantaria francesa. Três batalhões em formação de quadrado e, um pouco mais atrás, outros dois batalhões que protegiam a parte posterior da colina onde a cavalaria francesa bloqueava a rota para o leste.

Leroux se dirigia com o cavalo para os batalhões formados em quadrado. Sharpe xingou, meteu a espada na bainha e se afundou na sela de montar.

Hogan se apoiou no cavanhaque.

— Acabou.

Um dos quadros franceses se abriu, Leroux penetrou com seu cavalo e para Sharpe era como se Leroux já estivesse em Paris.

Patrick Harper dobrou o sabre que lhe haviam emprestado e sacudiu a cabeça.

— Eu que esperava uma carga de cavalaria.

— Hoje não — disse Hogan estirando os braços e bocejando.

Mais para o leste, a umas três milhas de distância, o caminho estava cheio de tropas que batiam em retirada. Iam para o leste. Leroux havia alcançado a retaguarda, estava a salvo e logo se reuniria, escoltado por esta infantaria, com o restante do exército francês. Lossow apenas tinha cento e cinquenta homens. A retaguarda francesa possuía pelo menos dois mil e quinhentos homens, infantaria e cavalaria, e a última esperança de Sharpe se desvanecia como a névoa que se elevava na paisagem.

Prometia ser um dia bonito. Os pastos das suaves colinas estavam verdes, cheios de flores selvagens, e o primeiro calor do sol que se ia elevando batia no rosto de Sharpe. Odiava ter que abandonar a perseguição, mas que outra coisa se podia fazer? Podiam regressar a Alba de Tormes, sentar-se à margem do rio e beber vinho tinto áspero até que a decepção se afogasse na boa colheita do cometa. Haveria outros dias para lutar, outros inimigos, e os homens de Curtis não eram os únicos valentes que enviavam mensagens para a Inglaterra. Restava a esperança, e se a esperança não fosse suficiente sempre restava o vinho em Alba de Tormes.

Não tinha nenhum sentido, certamente, considerar o que poderia ter sido, contudo Sharpe amaldiçoou por não ter partido do campo de batalha uma hora antes. Imaginou o que poderia fazer com uma única bateria de canhões de nove libras. Poderia abrir os quadrados um disparo depois do outro, e com apenas dois bons batalhões britânicos os arrasaria! Hogan devia estar pensando o mesmo, pois olhava com pessimismo os três quadrados franceses.

— Não teremos canhões ou infantaria até esta tarde. Se chegar!

— Já terão ido, senhor.

— É isso!

A retaguarda ficaria o tempo suficiente para impedir a perseguição da cavalaria, enquanto isso o restante do exército de Marmont ia pegando vantagem dos britânicos. Sem canhões nem infantaria não se podiam romper os quadrados. Leroux estava a salvo.

Os homens de Lossow deixaram seus cavalos descansarem. Estavam sobre uma ladeira da colina que lhes oferecia uma ampla vista do terreno. A cavalaria inimiga estava em outra colina a uma meia milha para o sul, a infantaria mais perto, e o valezinho oculto, enquanto que à direita de Sharpe se estendia o largo vale onde se encontravam dois amplos caminhos. O mais distante fora por onde Leroux viera de Alba de Tormes, e ali onde atravessava o pequeno povoado se encontrava com o que ficava mais perto, que vinha dos vaus que cruzavam o rio. O inimigo dominava as duas rotas, bloqueava a perseguição. Leroux estava a salvo.

No caminho de Alba de Tormes se via movimento. Dragões leves britânicos, trezentos sabres, avançavam ao trote para os franceses, viram-nos e se detiveram. Os cavalos baixaram os pescoços e se puseram a pastar. Formavam uma única linha diante da cavalaria francesa e Sharpe imaginou que os oficiais estariam semicerrando os olhos contra o sol olhando para o inimigo que os superava em número.

Então, do nordeste, dos vaus, chegou mais cavalaria. Quatrocentos e cinquenta homens penetravam no vale com seus cavalos atrás dos britânicos e os recém chegados

tinham um aspecto estranho. Usavam casacas vermelhas, como as da infantaria, e na cabeça usavam bicornes negros com tiras metálicas fora de moda. Era como um regimento de coronéis de infantaria. Cada homem ia armado com uma comprida espada reta como a que Sharpe usava ao lado. Era a cavalaria pesada, os Dragões pesados da Legião Alemã do Rei. Pararam atrás dos Dragões leves britânicos, um pouco à esquerda. Hogan os olhou, depois observou o inimigo e sacudiu a cabeça.

— Não podem fazer nada.

Tinha razão. A cavalaria não pode romper um quadrado de infantaria bem formado. Era uma das regras da guerra, que se demonstrara uma e outra vez, que se a infantaria estivesse formada em sólidas filas e seus mosquetes carregados com as baionetas, os cavalos não poderiam atacar a fundo. Sharpe estivera em quadrados e tinha observado cargas de cavalaria. Vira como se elevavam os sabres e se abriam as bocas, e então os mosquetes disparavam, os cavalos caíam, e a cavalaria sobrevivente se desviava e afastava para os lados do quadrado, de onde lhes disparavam os mosquetes. Os quadrados não se podiam romper. Sharpe havia visto alguns que se rompiam, mas nunca se estivessem bem formados. Tinha visto um batalhão ao qual atacaram enquanto formavam um quadrado, viu que o inimigo penetrava no espaço que não estava fechado e destroçava a tropa desde o interior. Mas isso não sucedia nunca se o espaço estivesse fechado. Vira um quadrado que se rompeu só porque os homens entraram em pânico e se puseram a correr, mas isso era culpa da própria infantaria. O South Essex se quebrara uma vez, há três anos em Valdelacasa, e isso ocorreu porque os sobreviventes de outro quadrado correram para eles, se agarraram às filas bem juntas e a cavalaria francesa atacou os fugitivos. Contudo, esses quadrados franceses lá embaixo não se romperiam. Cada um era formado por quatro filas, na fila frontal os homens estavam ajoelhados, e cada uma era sólida, estavam tranquilos e cercados de baionetas. Leroux estava a salvo.

Leroux estava a salvo porque havia se refugiado na infantaria. A cavalaria inimiga, de cara para o oeste sobre a ladeira da colina, era vulnerável à perseguição dos britânicos. Sua segurança vinha de sua superioridade em número; contudo, os homens de Wellington tinham mais moral. Sharpe ouviu o distante som de uma trompeta, olhou para a direita e viu que os Dragões leves britânicos iniciavam a carga. Trezentos homens contra mil, e uma carga colina acima. O capitão Lossow lhes gritou com alegria.

A cavalaria ia carregar.



Uma carga de cavalaria começa lentamente. Os cavalos vão ao passo. Dando aos cavaleiros tempo para ler o aviso que levam gravados nos sabres, "garantido que não falha nunca", e de sentir o medo de que aquela mesma garantia não concerne aos homens.

Via-se a poeira que os cavalos levantavam ao passar. Ela se elevava pelo vale exuberante. A sombra dos Dragões leves estava bem atrás deles, levavam os sabres levantados, curvos, cortando a luz do sol. O vale estava silencioso, o inimigo quieto.

Uma segunda trompeta. Os cavalos se puseram ao trote e os homens seguiam juntos, joelho contra joelho. Os estandartes triangulares, os roteiros, sobressaíam da linha de uniformes azul e prata. O leve tamborilo dos cascos alcançou o cume da colina de onde Sharpe observava. A cavalaria francesa não se movia.

Lossow queria penetrar com seus homens no vale para se unir à carga, mas o major Hogan sacudiu a cabeça com desaprovação.

— Temos que vigiar Leroux. Poderia escapar.

Sabia que não era provável. Leroux estava no lugar mais seguro; no centro de um quadrado.

Ouviam levemente gritos ásperos; eram ordens. Sharpe olhou para a direita e viu quatrocentas e cinquenta espadas pesadas e toscas desembainhadas e contra a luz. Os dragões pesados alemães estavam em seis esquadrões, três na frente, três atrás, e cada esquadrão em duas filas. As filas estavam separadas por umas quarenta jardas, de forma que se carregassem a segunda linha teria espaço suficiente para se afastar dos mortos da primeira ou saltá-los. Os alemães estavam atrás e à esquerda dos Dragões leves britânicos que iam ao trote para a cavalaria inimiga, que estava sobre a colina.

Souu um trompeta muito mais perto e os cavalos de Lossow se moveram impacientes. Os esquadrões alemães iam avançando ao passo e Sharpe franziu o cenho. Olhou para sua esquerda.

— Não podem vê-los!

— O quê?

— A infantaria! — exclamou Sharpe assinalando. — Não podem vê-los!

E não podiam. Os quadrados franceses estavam à sombra do pequeno vale, ocultos por um contraforte da ladeira, e a cavalaria pesada alemã não havia notado sua presença. Os alemães cavalgavam para uma emboscada. Sua linha de carga contra a cavalaria francesa lhes faria passar pelo vazezinho, ao alcance dos mosquetes, e o primeiro sinal que teriam da presença da infantaria francesa seria a chama dos mosquetes.

Hogan amaldiçoou. Estavam muito longe dos esquadrões da Legião Alemã do Rei para poder avisá-los, só o que podiam fazer era observar como os cavaleiros avançavam para o desastre.

Os Dragões leves britânicos iam à cabeça, ao trote pela colina, e seu avanço estava longe do alcance da infantaria. Sharpe desembainhou a espada.

— Só o que podemos fazer é ficar aqui?

Hogan sabia que não podiam advertir a cavalaria pesada, mas não fazer nada era pior que fazer uma tentativa inútil. Deu de ombros.

— Vá.

O trompete de Lossow tocou a toda marcha, não havia tempo agora para um passo decoroso que fosse acelerando gradualmente até chegar ao galope, e os homens de Lossow se lançaram ao galope colina abaixo de forma temerária. Se seus companheiros dos dragões pesados os vissem, se pelo menos se perguntassem por que avançavam tão depressa e se agitavam tão freneticamente, então poderiam afastá-los do desastre. Mas os seis esquadrões da cavalaria pesada alemã avançavam imperturbáveis, o trompete soou e se puseram ao trote e Sharpe percebeu que chegaram tarde.

Outro trompete soou, longe pela frente, e os Dragões leves britânicos se puseram ao meio galope. Iriam cavalgando ao meio galope durante as últimas jardas e depois se soltariam ao galope estendido. Uma carga de cavalaria tem mais efeito quando todos os cavalos chegam ao mesmo tempo; uma muralha sólida de homens, cavalos e aço. Os britânicos chegaram ao pé da colina, começaram a subi-la e os franceses seguiam sem se mover.

A cavalaria pesada alemã seguia ao trote, ainda ignoravam a emboscada que lhes esperava a cinquenta milhas à sua frente. Alguns dos rostos sob os estranhos chapéus bicorne negros olharam com curiosidade para os homens de Lossow. Sharpe se removia em sua sela rezando para não cair, tinha a espada na mão direita e desejou que não houvesse quadrados, que pudesse enfrentar Leroux abertamente, mas Leroux estava a salvo.

O trompete britânico soltou os dragões leves. Avançaram gritando, no galope final que lançava o peso de um cavalo atrás do sabre. Eram inferiores em número, carregavam colina acima, contudo esporeavam os cavalos para que avançassem. Os franceses, finalmente, moveram-se.

Correram. Correram sem lutar. Talvez nenhum homem quisesse morrer depois da carnificina do dia anterior. Não lhes esperava a glória se vencesse esta perseguição da cavalaria, nenhum homem ganharia a medalha da Legião de Honra hoje, assim que os franceses giraram, esporearam em direção leste enquanto os dragões britânicos os perseguiam, os incitavam a lutar, mas a cavalaria francesa não queria lutar. Corriam para adiar a luta.

Os Dragões pesados alemães viram os franceses correrem, viram que sua oportunidade de lutar se desvanecia e o trompete lhes assinalou o meio galope. As notas da chamada chegaram a Sharpe e logo se viram afogadas pelo som que ele estivera temendo, o som de uma descarga da infantaria. As faces dos quadrados mais próximos desapareceram entre a fumaça, os esquadrões alemães que iam à frente desabaram com os cavalos entre a poeira e dando cambalhotas. Os homens morreram debaixo dos cavalos, esmagados, gritando. A emboscada havia dado certo.

Já não havia necessidade de avisá-los. Os quadrados franceses haviam convertido um esquadrão em uma carnificina, tinham ferido outros dois e o resto dos alemães deviam saber que estavam vencidos. De repente se encontraram com a infantaria, infantaria bem formada, e a cavalaria não pode com quadros bem formados.

Os chapéus bicornes negros giraram para a esquerda, a cavalaria viu os quadrados com horror e os trompetes soaram por cima da carga derrotada. Sharpe percebeu de que estavam chamando os esquadrões para que se afastassem dos quadrados. Olhou para Harper e sorriu com tristeza.

— Não haverá carga de cavalaria hoje, Patrick.

O irlandês não respondeu. Deu um golpe com os calcanhares, gritou louco de alegria e Sharpe virou a cabeça para os alemães. Estavam puxando as rédeas, mas não para se afastar. Estavam virando para os quadrados, carregavam contra eles e os trompetes os empurravam ao ataque. Aquilo era uma loucura.

Sharpe soltou suas rédeas, bateu no cavalo e deixou que cavalgasse com os outros. Sentia a espada em sua mão. Viu que a infantaria francesa voltava a carregar, com calma e profissionalismo, e percebeu que aquela carga estava sentenciada.

Os esquadrões alemães ainda iam a meio galope. Deram uma volta para a esquerda, alinharam as filas e enlouqueceram. Os trompetes lhes faziam avançar.

Lossow, seus homens, Sharpe e Harper chegaram a colocar-se junto aos esquadrões pesados quando começavam a carga final. Sharpe sabia que isso era uma loucura, sabia que estava sentenciado, mas era irresistível. Levava sua longa espada na mão, o sangue lhe fervia com o desafio do trompete, e avançaram galopando em uma carga suicida.



Os dragões pesados alemães estavam com ciúmes. No dia anterior a cavalaria pesada britânica havia carregado para a glória, tinham ensanguentado suas espadas até a empunhadura contra a infantaria francesa, que não tinha tido tempo de formar quadrado. Os alemães não gostavam que os britânicos levassem toda a glória.

Os alemães também eram disciplinados, os mais disciplinados de toda a cavalaria de Wellington. Eles não tinham o costume dos britânicos de carregar uma vez e depois ficar loucos indo à caça de forma que os cavalos ficavam sem fôlego e os cavaleiros vulneráveis às reservas do inimigo. Os alemães eram frios e eficientes na guerra. Agora de repente se encontravam enfurecidos, o suficiente para tentar o impossível. Quatrocentos e cinquenta homens, menos os que já haviam morrido, carregavam contra mil e quinhentos soldados de infantaria bem formados. O trompete lhes assinalou a ordem de ir ao galope.

Sharpe sabia que não tinham nada o que fazer ali, mas a loucura superava a prudência. A artilharia podia romper uma formação em quadrado, a infantaria também podia fazê-lo, mas não a cavalaria. A lógica matemática o demonstrava. Um homem montado a cavalo necessitava pelo menos de quatro pés de largura nos quais carregar. Diante dele, em duas filas, havia oito homens. Um soldado de infantaria só necessitava dois pés, um pouco menos inclusive, e assim o cavaleiro se encontrava carregando por um estreito corredor em cujo extremo lhe esperavam oito balas e oito baionetas. E mesmo se os soldados de infantaria não tivessem as armas carregadas, se apenas tivessem baionetas, a carga também fracassaria. Um cavalo não carregaria a fundo contra um sólido muro de homens e aço. Ele se aproximaria, depois se afastaria; Sharpe já estivera muitas outras vezes em quadrados e sabia o quão seguros eram. Esta carga era impossível.

O terror e a loucura se apalpavam no ambiente. Os alemães tinham se lançado nesta carga envolvidos em uma explosão repentina de raiva. Levavam as espadas, pesadas e longas, levantadas para o primeiro golpe, os cascos levantavam grandes torrões de grama, e os soldados que havia no quadrado mais próximo à carga voltaram a disparar. Faltavam oitenta jardas.

Ouviam-se gritos que provinham da frente de Sharpe. Viu um cavalo que resvalava e caía sobre o ventre, com a cabeça levantada e mostrando os dentes amarelos para o céu. Um homem ia rodando e rodando, com sangue saindo do pescoço, sua espada tinha ficado cravada reta no chão e se balançava. O trompete voltou a tocar desafios incoerentes e por toda parte se ouvia o martelar dos cascos que cobriam todo o vale.

Um cavalo golpeava a terra com suas patas enquanto morria deitado de lado, o sangue saindo como baba enquanto sacudia o pescoço e gritava de dor. A segunda fila se juntou, saltaram, e os franceses haviam reservado uma fila de mosquetes para a ocasião. Surgiu fumaça do quadrado, balas açoitaram a carga, e um homem foi atingido em pleno salto. Caiu do cavalo para trás com um halo de sangue em torno de seu rosto e o cavalo

continuou sozinho. Um porta-bandeira estava no solo, seu cavalo estava morto e correu sustentando seu estandarte no alto; outro alemão se inclinou para a esquerda sobre a sela, pegou-o a galope estendido e o estandarte estava de novo no alto guiando-os para a carga impossível.

A terra tremia com os pesados cavalos, com o martelar de seus cascos. As filas haviam se aberto com a loucura, de forma, que parecia que o vale estivesse cheio de grandes homens cavalgando sobre grandes cavalos, o sol se refletia em suas espadas, nas tiras metálicas dos bicornes e nos brilhantes cascos que os conduziam. Os cascos iam levantando terra que salpicava a cara de Sharpe. Parecia que os cavalos se esforçavam para alcançar o inimigo, com os olhos enlouquecidos, mostrando os dentes, e Sharpe deixou que aquela loucura se apoderasse dele para vencer o terror. Passou cavalgando junto a um cavalo morto atrás de cujo corpo se agachava seu cavaleiro para pôr-se a salvo, e Sharpe nunca tinha feito isso. Nunca cavalgara com a cavalaria em uma carga e isso tinha uma magnificência que ele nunca teria sonhado. Este era o momento em que um homem se convertia em um Deus, onde o ar era só ruído, em que a velocidade cedia sua força à espada, o sentimento glorioso desses minutos prévios àquele em que uma bala convertia o Deus em carne morta.

Um cavaleiro ferido era arrastado pelos estribos. Uivava.

A cinquenta jardas outra fila do quadrado levantou os mosquetes, percorreram com a vista aquela tormenta de ira e dispararam. Um cavalo e seu cavaleiro caíram, e o sangue manchou a grama; então passou a fila seguinte, com as crinas ao vento, e os franceses ainda tinham uma fila carregada.

O quadrado desprendia fumaça. Uma bala passou perto de Sharpe. Mas não a ouviu. Apenas ouvia os cascos. Acertaram um oficial que ia à frente de Sharpe. Viu que o homem estremecia de dor, imaginou o grito que não conseguia ouvir naquele vale de ruído e viu que a comprida espada pendia inútil pela correia do pulso. O cavalo do homem também estava ferido e sacudia a cabeça de dor, mas seguia carregando. Um homem moribundo sobre um cavalo moribundo encabeçavam a carga.

O trompete os lançava para o inimigo. Um dos trompetistas estava no solo com as pernas quebradas, mas seguia tocando, tocava a carga uma e outra vez, as notas que podiam conduzir um homem à glória selvagem. Ouviam-se berros no vale, de homens e cavalos, gritos de dor que afogavam os trompetes. As flâmulas eram arriadas como lanças, era o momento final. O fogo cruzado lhes pegou vindo de outro quadro e uma flâmula desceu, apontou primeiro para a terra e parecia que o homem que a levava caía muito lentamente, mas de repente se encontrou rodando e gritando e tingindo a grama com seu sangue. A carga ainda era encabeçada por um homem moribundo sobre um cavalo moribundo. O homem morreu primeiro. Caiu para frente sobre o pescoço do cavalo, mas o cavalo seguia obedecendo a sua última ordem. Carregava. O sangue do grande coração que bombeava para os membros moribundos se esgotou e o cavalo caiu de joelhos. Ainda tentava ir à carga e ia escorregando na grama, resvalava por causa do sangue que lhe saía do peito, e foi escorregando com sua carga inerte e morreu. Morto e sem poder virar, foi deslizando como um grande míssil de carne para frente do quadrado. Homem e cavalo mortos quebraram as filas e abriram um espaço que a fila de alemães

seguinte vislumbrou.

Viram a luz. Puxaram bruscamente as rédeas, gritaram e os franceses tentaram com desespero voltar a formar a linha. Tarde demais. Já havia um cavalo ali, a primeira espada desceu assobiando, e então o cavalo recebeu a bala de um mosquete, caiu e fez um espaço maior; já havia dois cavalos na brecha. As espadas assobiavam e os cavalos saltaram por cima do monte de mortos e entraram no quadrado. Os franceses eram homens mortos.

Alguns correram, outros se renderam, alguns lutaram. Os alemães os alcançaram com as longas espadas e os cavalos lutavam como eram adestrados a fazer. Os cavalos matavam com seus cascos, martelando contra os crânios, mordiam de tal maneira que um homem podia ficar sem a face em um horrível segundo de medo estremecedor. E a poeira se elevou junto com os gritos quando os últimos esquadrões alemães puxaram para a direita e se dirigiram ao outro quadrado.

Alguns sobreviventes do primeiro se agarravam ao segundo quadrado, entravam nas filas rompendo-as e os cavaleiros também penetravam. Harper estava ali manejando com rapidez o sabre, e o cavalo de Spears era adestrado para isto. Movia-se constantemente de forma que nenhum soldado de infantaria pudesse deparar-se com ele, ia pondo em fila os alvos do sabre, e o irlandês ia entoando seus gritos de guerra em gaélico, levado pela loucura daquela carnificina. O vale estava cheio de cavaleiros, de espadas e de infantaria desesperada. O segundo quadrado caiu, partiu-se, e os alemães grunhiam ao mesmo tempo em que faziam descer suas pesadas espadas para desferir golpes mortais. O trompetista com as pernas quebradas seguia pondo-os furiosos, pois agora as notas eram de autêntico triunfo. O cavalo de Sharpe, que não era adestrado para a guerra, afastava-se do caos e ele o maldisse, puxou as rédeas e então um oficial de infantaria francês que ia a cavalo foi atrás dele; levava a espada como se fosse uma lança e Sharpe o açoitou com sua grande espada, faliu, e maldisse àquele cavalo que não ia conduzi-lo até o seu objetivo. Leroux?

Onde diabos estava Leroux?

Viu Harper. O irlandês estava entre os que fugiam do segundo quadro. Um homem atacou o sargento com uma baioneta e Harper o golpeou com o pé, pegou a baioneta e depois o segou com o sabre. O homem caiu e seu chapéu se ficou ridiculamente cravado no sabre de Harper. Aguentou-se ali ainda por mais dois golpes, e se desprendeceu quando o enorme sargento matou um oficial francês.

Sharpe via Hogan. O major, sem sequer ter desembainhado a espada, dava voltas entre a infantaria gritando para que se rendessem. Lançavam os mosquetes, punham as mãos ao alto, mas Sharpe seguia sem ver Leroux.

O terceiro quadrado se batia em retirada colina acima. Em algum lugar ali por trás Sharpe sabia que havia mais dois batalhões franceses. Um novo trompete tocou para que dois esquadrões se refizessem e então Sharpe viu Leroux. Estava no terceiro quadro. Ia a pé, mas agora se lançava sobre sua sela de montar, Sharpe golpeou o cavalo com os calcanhares e cavalgou para o quadro que ainda estava intacto. Os homens desse quadrado estavam nervosos, tinham pânico por causa do cheiro de sangue e medo, e enquanto Sharpe cavalgava o trompete lançava os esquadrões refeitos contra o quadrado.

Os dois primeiros quadros estavam acabados. A maioria havia se rendido, muitos morreram, e os alemães, que tinham conseguido algo importante, queriam mais. Alguns cavaleiros soltos esporeavam para o terceiro quadrado.

O quadrado disparou, não para a cavalaria, mas para os sobreviventes dos outros quadros que queriam penetrar em suas filas. Os soldados de infantaria estavam desesperados pelo medo, tropeçavam ao retroceder pouco a pouco. Chegaram os primeiros alemães, que iam lançados. Um homem foi cavalgando ao longo da frente do quadrado com o rosto coberto de sangue e com a espada comprida golpeava inutilmente as baionetas, dava golpes contra os mosquetes, e um disparo o lançou ao solo.

Outros alemães atacaram a fundo, as espadas caíram e não havia razão para que o quadrado se rompesse, mas seus homens estavam aterrorizados com a sorte de seus companheiros. Alguns jogavam os mosquetes e levantavam as mãos, e Sharpe viu que os oficiais que estavam a cavalo no interior do quadro tiravam precipitadamente o estandarte. Este batalhão não levava a Águia do regimento, levava uma bandeira que rasgavam em tiras para guardá-las nos uniformes. O quadrado morria e Sharpe viu os que se rendiam; seguiu carregando, queria atravessar as linhas para alcançar seu inimigo, Leroux.

Leroux ainda não havia se rendido. Não podia imaginar que a coisa sairia assim (quem teria imaginado?). Ele havia cavalgado por toda a noite, desviara-se bem para o sul para se esquivar das patrulha da cavalaria britânica e em Alba de Tormes, de madrugada, tinha tirado a pesada sotaina com a qual se disfarçara. Acreditava estar seguro no quadrado. Nunca tinha visto um quadrado se romper; nunca, nem mesmo quando atacado pelo próprio Imperador. E agora isto!

Leroux via os cavaleiros alemães que rodeavam o quadro que havia se rendido, contudo não eram tantos. A maioria cavalgara na retaguarda para os dois batalhões franceses. O francês ainda tinha possibilidades de escapar, de cavalgar para o norte durante uma milha e depois virar para o leste, e se dirigiu à face norte do quadrado, gritou para que a tropa se afastasse e então viu Sharpe que avançava diretamente para ele. Aquele maldito fuzileiro! Achava que estava morto, desejou que assim fosse, tinha guardado em sua memória os gritos que deu no claustro superior, e depois a boba de sua irmã tinha cismado com aquele homem, protegera-o, e aí estava o sacana. Desta vez o mataria. Brandiu a pistola, a pistola mortífera que levava no peito, e apontou por cima das filas do quadrado. Não podia falhar. Apertou o gatilho.

Sharpe puxou a rédea, jogou-se para trás e o cavalo da marquesa empinou, os cascos se agitaram e a bala acertou na garganta do cavalo. Sharpe soltou os estribos, afastou-se como pôde da sela e então se achou rodando pela grama enquanto o cavalo caía sobre as filas francesas. Os homens se jogaram para trás empurrando e Sharpe lhes gritou algo, pegou sua espada e mergulhou entre as filas.

Podiam tê-lo matado, qualquer um deles, mas só queriam se render. Deixaram Sharpe passar com os rostos tristes, e ele arrebatou um mosquete de um homem da última fila. Os soldados franceses observavam o alto fuzileiro, temiam-no, e nenhum deles levantou um dedo contra ele.

Leroux estava gritando no outro lado do quadrado, dava golpes com o plano de sua

espada Klighenthal e Sharpe apoiou a espada na perna, comprovou a caçoleta daquele mosquete que lhe era desconhecido e apontou. Levava seu próprio rifle às costas, mas ainda não tinha munição e este mosquete pesado e estranho devia bastar-lhe. Apertou o gatilho.

A pólvora lhe beliscou na face, notou um baque no ombro, a fumaça o cegou. Jogou o mosquete, recolheu a espada, havia acertado Leroux! Ele agarrava a perna esquerda onde se via sangue e a bala devia ter atravessado a carne da coxa, a sela e atingido o cavalo. Este empinou de repente por causa da dor e Leroux teve que se agarrar à crina; tentou controlá-lo, mas voltou a empinar e ele caiu.

O quadrado havia se rendido. Alguns alemães já iam abrindo passagem para o centro e um deles pegou uma tira do trapo dourado e com borlas que tinha pertencido ao estandarte francês e o fez ondear bem alto gritando para seus companheiros. Os soldados franceses se sentaram deixando os mosquetes junto deles conformados com sua sorte.

Leroux chocou-se contra o solo, estava sem fôlego, fazia caretas por causa da dor que sentia na perna. Tinha soltado a Klighenthal e não via nada porque o grande chapéu de pele redondo lhe cobria os olhos. Ajoelhou-se, puxou o chapéu para trás e viu a Klighenthal no chão. Havia uma bota sobre a lâmina. Leroux levantou a vista lentamente, pelas calças negras, pela casaca verde andrajosa e viu sua própria morte nos olhos do fuzileiro.

Sharpe percebeu o medo nos olhos pálidos. Deu um passo para trás, liberou a Klighenthal e sorriu para Leroux.

— Levante-se, sacana.



Os dois batalhões franceses da retaguarda não se emocionaram com a ruptura dos quadros. Disparavam friamente, com disciplina, e as descargas cortavam os cavaleiros alemães.

No valezinho os quadros tinham se rompido. Reuniam-se os prisioneiros, muitos deles com terríveis cortes nas cabeças e nos ombros, ali onde lhes haviam caído as espadas. Os cavalos ofegavam para tomar fôlego. Os soldados de cavalaria estavam imóveis, sem acreditar no que tinham feito e mantendo as espadas baixas de cujas pontas jorrava sangue. Havia feito o impossível. Alguns homens riam aliviados, e os prisioneiros franceses, já sem paixão, ofereciam vinho de seus cantis aos vencedores.

Patrick Harper deslizou por entre o terceiro quadrado e olhou para Sharpe e para Leroux. O francês ainda estava de joelhos, a Klighenthal ainda estava no chão. Harper olhou para Sharpe.

— Qual o problema?

— Não vai lutar.

A espada de Sharpe ainda estava limpa. Leroux se levantou e fez uma careta de dor, pois lhe doía a ferida que tinha na perna esquerda.

— Eu me rendo.

Sharpe xingou, depois apontou para a espada.

— Pegue-a.

— Eu me rendo — repetiu Leroux pedindo ajuda com seus olhos pálidos, mas Harper impedia que fosse visto.

Sharpe tentou ver alguma semelhança entre este homem e a marquesa, mas não pôde encontrá-la. O que nela era beleza, no irmão era dureza.

— Pegue a espada.

Leroux sacudiu a grama que havia nos adornos de pele de sua casaca vermelha.

— Eu me rendi.

Sharpe brandiu a espada e lhe golpeou o chapéu de pele, que caiu.

— Lute, sacana.

Leroux sacudiu a cabeça em sinal de negação. Sharpe não ia aceitar a rendição.

— Já se rendeu antes, recorda-se, né? Desta vez não, capitão Delmas.

Leroux sorriu, assinalou a Klighenthal.

— O senhor tem minha espada.

Sharpe se inclinou mantendo a vista em Leroux e pegou a Klighenthal com sua mão esquerda. Era bonita, perfeitamente equilibrada, uma espada fabricada por um mestre. Lançou-a para Leroux.

— Lute.

Leroux deixou que caísse.

— Eu sou seu prisioneiro.

— Mate este sacana, senhor — grunhiu Harper.

— É o que vou fazer.

Sharpe levantou sua espada, pôs no peito de Leroux e empurrou. O francês retrocedeu. Sharpe se inclinou e recolheu a Kligenthal uma vez mais, estendeu-a para o francês, voltou a avançar e Leroux voltou a retroceder. Os soldados franceses observavam.

Então Leroux já não podia mais retroceder. Estava encurralado em um canto do quadro, e Sharpe levantou sua espada e tocou com a ponta o pescoço de Leroux. O fuzileiro sorriu.

— Eu vou lhe matar. Não me importa se luta ou não.

Fez pressão com a espada, Leroux jogou a cabeça para trás e de repente os olhos pálidos revelaram certo alarme. Realmente ia morrer; levantou o braço, agarrou a Kligenthal e Sharpe deu um passo para trás.

— Agora lute, sacana.

Leroux lutou. Lutou porque pensou que se ganhasse esta batalha poderia se render. Sabia que Sharpe desejava matá-lo, tinha percebido isso, de maneira que tinha que matar Sharpe. E, se conseguisse matar o fuzileiro, sempre restaria alguma esperança. Talvez pudesse escapar outra vez, voltar para a França, e sempre poderia tomar as medidas para que Curtis fosse capturado. Lutou.

A Kligenthal se sentia bem. Deu um par de golpes curtos e com força para desentorpecer a munheca e sentiu o choque das lâminas, depois pegou impulso investigando a fraqueza do fuzileiro; deixava que a Kligenthal zombasse da velha espada afastando-a para um lado preparando-se para a estocada.

Sharpe retrocedeu, deixou que Leroux saísse do canto e Harper ia avançando junto deles como se fosse o árbitro de uma luta a prêmio. Alguns dos franceses gritavam animando Leroux, mas não muitos, e alguns dos alemães se aproximaram para olhar.

Sharpe observava os olhos pálidos de Leroux. Era um homem forte e mais rápido do que Sharpe recordava. As espadas soavam como bigornas. Sharpe se conformava em deixar que sua espada, comprida e reta, fizesse o trabalho para ele, deixou que seu peso amortecesse os ataques e planejou a morte deste homem. A marquesa, irmã de Leroux, tinha lhe perguntado uma vez se ele gostava de matar, inclusive lhe acusara de gostar, mas isso não era verdade. Há algumas mortes que agradam a um homem, a morte de um inimigo, e Sharpe era pago para ter inimigos. Contudo, não desejava a morte aos franceses. Era mais satisfatório ver o inimigo se render, um inimigo derrotado, antes de ver o inimigo massacrado. Um campo depois de uma batalha era o lugar mais desagradável que a gente da Inglaterra poderia imaginar, e logo poderiam celebrar Salamanca. A morte impedia que a guerra fosse um jogo, proporcionava glória e horror, e os soldados não podiam ser melindrados com a morte. Podiam lamentar o momento em que a ira ganha do medo, quando desterra toda humanidade e converte um homem em um assassino. Mas aquela ira podia salvar um homem da morte, e desta maneira o remorso se misturava com o alívio e a consciência de que, para ser um bom soldado, a ira devia voltar.

Sharpe aparou uma estocada, torceu a espada passando-a por cima da Kligenthal e as duas lâminas chiaram, jogou-se completamente, parou e voltou a jogar-se completamente;

percebeu a dor nos olhos pálidos quando Leroux teve que forçar o pé que tinha mais afastado. Sharpe ia matar este homem e desfrutaria fazendo-o. Ficaria alegre com o castigo merecido como um homem se alegra com a morte de um assassino de crianças em Tyburn, ou dos disparos contra um desertor depois de uma batalha. A morte era às vezes pública porque as pessoas necessitavam, precisavam do castigo justo, e o cadafalso de Tyburn oferecia mais prazer que dor. Isso talvez não fosse bom, mas era para o povo. Sharpe tocou com a ponta de sua espada no guarda-mão da Kligenthal, obrigou-a a abrir-se, soltou-se quando o braço de Leroux estava desequilibrado e Sharpe retirou a lâmina cortando, de forma que a passou pelo peito de Leroux; depois retrocedeu outra vez e a espada cortou Leroux no antebraço e Sharpe percebeu que aquele homem ia morrer.

Morreria por McDonald, por Windham, pelos espanhóis anônimos, por Spears, pelo O Mirante, pelo próprio Sharpe, e Leroux percebeu porque estava desesperado. Tinha o braço direito ferido, segurava o pulso com a mão esquerda e segou com a Kligenthal com um golpe brilhante que soou no ar; Sharpe retrocedeu, deixou que a espada passasse e gritou exultante enquanto atacava de fundo, escolheu o lugar e não ouviu Hogan que estava lhe gritando, nem Harper que o aclamava, pois a lâmina se meteu no corpo de seu oponente no lugar exato onde Leroux ferira Sharpe. Leroux soltou a Kligenthal com a boca aberta e com suas mãos se agarrou à espada que o atravessava, como um gancho que o torturava; que lhe atravessava a pele e músculo e lhe arrancou um grito.

Caiu. Ainda não estava morto. Tinha os olhos pálidos bem abertos. Endireitou as pernas assim como Sharpe tinha endireitado as suas. Esforçou-se para encher os pulmões de ar para que o grito pudesse lutar com a dor que tinha causado em Sharpe durante duas semanas, e então Sharpe torceu a espada para liberá-la, colocou a ponta sobre o pescoço de Leroux e o finalizou.

Deixou a espada balançando sobre o francês sem vida e retrocedeu. Leroux estava morto.

Hogan havia observado a ira de Sharpe. Poucas vezes vira o fuzileiro lutar. Tinha ficado assombrado com a destreza de Sharpe, preocupado com a turbulência de seu amigo e viu a aversão que se mostrava na cara de Sharpe quando tudo havia terminado. Leroux já não era o inimigo, não era o homem de Napoleão, era um cadáver patético e encolhido. Hogan falou com voz suave.

— Não queria se render?

— Não, senhor — respondeu Sharpe sacudindo a cabeça. — Era um sacana teimoso.

Sharpe recolheu a Kligenthal, a espada que tanto havia desejado e que poderia ter sido feita para ele. Ajustava-se a sua mão direita como se fosse parte de si mesmo. Era uma arma bela e mortífera.

Desabotoou o cinturão com a fivela em forma de serpente que Leroux usava, afrouxou as correias do corpo e se atou a bainha sobre a sua. Meteu a Kligenthal. Sua Kligenthal.

As bolsas de couro negro de Leroux estava salpicado de sangue. Sharpe levantou a solapa e ali em cima havia uma cadernetinha de couro. Abriu-a, viu um mapa de estrelas com umas palavras raras ao redor e a lançou para Hogan.

— Isto é o que queríamos, senhor.

Hogan olhou para os mortos que havia no vale, para os prisioneiros e para os sobreviventes dos dragões pesados da Legião Alemã do Rei que retiravam seus cavalos do infrutífero ataque que tinham realizado contra os dois batalhões franceses restantes. Os alemães tinham conseguido uma grande vitória, a um preço alto, e o vale fedia a sangue. Hogan olhou a caderneta e depois para Sharpe.

— Obrigado, Richard.

— Foi um prazer, senhor.

Sharpe estava tirando as calças de Leroux. Ele usava calças exatamente iguais a estas até a luta no Colégio Irlandês. Agora tinha matado outro coronel Chasseur. As calças de Leroux ainda tinham os botões de prata pelas pernas e Sharpe sorriu. Limpou a espada com as calças.

A irmã de Leroux havia perguntado uma vez a Sharpe se lhe agradava matar e ele não lhe havia respondido. Podia ter respondido que às vezes era terrível, que geralmente era triste, que normalmente ocorria sem emoção alguma, mas que às vezes, muito poucas vezes, como nesse dia, não havia remorsos. Recolheu sua espada, a grosseira espada que havia ganhado a luta, e sorriu para Harper.

— Desjejuamos?

Salamanca era, sob a luz do sol, dourada como o mel. Uma cidade construída como Roma sobre colinas que se elevavam junto a um rio.

O sol da manhã inclinava as sombras alongando-as na Praça Maior. Os feridos, dois dias depois da grande batalha nos Arapiles, seguiam morrendo no hospital.

Sharpe estava na ponte romana e olhava fixamente o mato verde e sinuoso. Sabia que era uma bobagem estar ali, talvez uma perda de tempo, mas ele esperava.

Uma companhia de soldados espanhóis marchava atravessando a ponte. O oficial lhe sorriu e agitou um charuto. Os homens olharam com curiosidade as duas espadas que pendiam do lado daquele fuzileiro carrancudo.

Um granjeiro passou com seu gado junto dele. Dois sacerdotes iam pelo outro lado discutindo violentamente e Sharpe se pôs a caminhar lentamente atrás deles, parou na pequena fortificação com arcos que se levantava à borda do caminho e regressou lentamente.

O relógio sobre a colina tocou dez horas.

Um sargento de cavalaria conduzia uma dúzia de cavalos de reserva até o rio. Começaram a beber enquanto ele os ia rastelando. A beira do rio era muito pouco profunda. Havia alguns meninos brincando ali, corriam com facilidade até uma ilhinha e suas vozes chegavam até a ponte.

Ela possivelmente nem passava por aqui, pensou Sharpe, mas sim o fez.

Primeiro chegaram dois criados com libré, montados a cavalo, depois a carruagem azul-escuro com os quatro cavalos brancos, e detrás outra carruagem que ele supôs era para a bagagem ou os criados. Apoiou-se contra a pedra da mureta, observou os criados que passavam, depois os quatro cavalos brancos e finalmente a carruagem descoberta passou diante dele.

A marquesa o viu.

Sharpe teve que dar alguns passos até onde a carruagem tinha parado. Levantou a vista.

— Tentei encontrá-la.

— Eu sei — disse ela abanando-se o rosto.

Ele se sentia incômodo. O sol lhe batia com força no cangote. Notava que o suor lhe descia pela axila.

— Está bem, senhora?

Ela sorriu.

— Sim. Parece que sou temporariamente impopular em Salamanca. — Deu de ombros. — Madri pode ser mais acolhedora.

— Pode se encontrar com nosso exército em Madri.

— Então irei para o norte.

— Longe?

— Longe — respondeu ela sorrindo. Seus olhos pousaram então nas duas espadas que Sharpe levava e depois o olhou. — Você o matou?

— Em uma luta limpa.

Sharpe se sentiu de novo incômodo, assim como da primeira vez que se viram. Ela não parecia diferente. Ela continuava bela, insuportavelmente bela, e parecia impossível que fosse inimiga. Deu de ombros.

— Seu cavalo morreu.

— Você o matou?

— Foi seu irmão.

Ela esboçou um sorriso.

— Matava com muita facilidade. — Ela voltou a pousar os olhos na espada e depois em Sharpe. — Não nos queríamos muito.

O fuzileiro supôs que se referia a ela e a seu irmão, mas não estava seguro de que não estivesse falando dele mesmo.

— Estava me esperando?

— Sim — respondeu ele.

— Por quê?

Sharpe deu de ombros. Para lhe dizer que sentia sua falta? Para dizer que não importava que fosse francesa, uma espiã que fora solta simplesmente porque era uma aristocrata espanhola e Wellington não podia se permitir aquele escândalo? Para lhe dizer que entre todas as mentiras havia algo verdadeiro?

— Para lhe desejar o melhor.

— Eu também lhe desejo o melhor — disse ela zombando amavelmente. Para Sharpe lhe pareceu intocável, inalcançável. — Adeus, capitão Sharpe.

— Adeus, senhora.

Ela disse algo ao cocheiro e voltou a olhar para Sharpe.

— Quem sabe, Richard, talvez outro dia.

A carruagem avançou dando solavancos, o último que ele viu foi o cabelo dourado da dama que voltava a se meter nas sombras. Pensou que não tinha nada dela para recordá-la, apenas a memória e isso era o pior.

Meteu a mão na bolsa de munições e apalpou a mensagem de Wellington que lhe haviam entregado naquela manhã. Ele lhe agradecia. Supôs que Napoleão teria escrito algumas mensagens similares para Leroux e para a marquesa se Sharpe não tivesse recuperado a caderneta nos quadrados destruídos em García Hernández. Depois da batalha se informaram de que esse era o nome do povoado que havia perto da colina e do vale.

O major Hogan estava muito comunicativo na hora do almoço. Sharpe ia ficar nos antigos alojamentos de Hogan para que a dona o alimentasse bem e Hogan bebeu em abundância antes de partir.

— Deve ficar e se recuperar, Richard! Ordens do general! Nós o queremos de novo com toda sua força.

— Sim, senhor.

— Forrest lhe esperará, não se preocupe. Sua companhia se encontra a salvo.

— Alguma notícia do novo coronel?

Hogan sacudiu a cabeça em sinal de negação, arrotou e deu umas palmadinhas em seu estômago.

— Ainda não. Eu acredito que Lawford gostaria de sê-lo outra vez, mas não sei. — Deu de ombros. — Ele poderia ficar com Forrest. Não sei, Richard. — Afundou-lhe o dedo indicador no lado. — Deveria pensar nisso.

— Eu? Sou capitão — exclamou Sharpe sorrindo e depois deu uma mordida no boi frito.

Hogan lhe pôs mais vinho.

— Pense! O posto seguinte é major. Depois tenente-coronel. Poderia ser, Richard. Vai ser uma guerra longa. Soubemos que os americanos estão no poder, pelo que sabemos, poderiam estar em Quebeque. — Bebeu um trago de vinho. — Você permitir ser promovido a major?

— Eu? — exclamou Sharpe rindo. — São duas mil e seiscentas libras. De onde acredita que posso sacar essa quantidade de dinheiro?

Hogan sorriu.

— Mas você não acaba sempre conseguindo o que quer, Richard?

Sharpe deu de ombros.

— Eu consigo sonhos, senhor. Nunca marmitas de ouro.

Hogan deu umas voltas no copo que tinha entre as mãos.

— Tem outra coisa, Richard, uma coisinha. Falei com o padre Curtis e me disse algo estranho. Disse que aquela caderneta estava bem escondida, realmente bem escondida, e não pode imaginar como Leroux pôde encontrá-la.

— Leroux era um homem inteligente, senhor.

— Sim, talvez. Mas Curtis estava seguro de que estava muito bem escondida. Diz que somente Spears sabia onde estava. — Olhava com seus olhos astutos para Sharpe.

— Verdade, senhor? — Sharpe se serviu de mais vinho.

— Isso lhe parece estranho?

— Spears está morto, senhor. Morreu bem.

Hogan consentiu com a cabeça.

— Eu ouvi dizer que seu corpo estava um pouco afastado dos demais. Afastado da luta, de fato. Estranho?

Sharpe sacudiu a cabeça em sinal de negação.

— Pode ter se afastado arrastando-se.

— Sim. Com um buraco na cabeça. Estou seguro de que você tem razão, Richard. — Hogan fez girar o vinho que tinha no copo. Sua voz seguia sem deixar entrever seus pensamentos. — O único motivo que tenho para fazer perguntas é que eu sou o responsável por encontrar quem quer que fosse o espião do quartel general. Suponho que posso chegar a ser desagradável remoendo as coisas, mas estou seguro de que você me entende.

— Não acho necessário que seja desagradável, senhor.

— Bem, bem. — Hogan sorriu para Sharpe e levantou seu copo. — Bem feito, Richard.

— O que, senhor?

— Nada, nada.

Hogan brindou aos dois.

Hogan partiu naquela tarde, foi em direção leste, para o exército que agora se dirigia a Madri. Harper foi com ele, montava um dos cavalos de reserva de Hogan e pela segunda vez naquele dia Sharpe se encontrou na ponte romana. Olhou para Harper.

— Boa sorte.

— Nós o veremos logo, senhor?

— Muito breve — respondeu Sharpe tocando o estômago. — Já quase não dói.

— Deve ter cuidado, senhor. Quero dizer, foi assim que aquele francês morreu.

Sharpe riu.

— Ele não teve cuidado.

Hogan se inclinou e deu a mão para Sharpe.

— Tenha calma, Richard! Não vai haver outra batalha.

— Não, senhor.

Hogan sorriu.

— E durante quanto tempo vai usar duas espadas, hein? Está ridículo!

Sharpe sorriu e soltou a Klighenthal. Ofereceu-a para Hogan.

— Quer?

— Santo Deus, não! É sua, Richard. Você a ganhou.

Mas um homem só necessita de uma espada. Harper observou Sharpe, sabia quanto ele ansiara a Klighenthal, vira como a brandia na noite anterior. A Klighenthal tinha sido forjada por um gênio, sua forma fora dada por um mestre, era uma arma de grande beleza. Olhá-la era temê-la, vê-la nas mãos de um homem que soubesse usá-la, como Sharpe, era entender a mente que havia fabricado aquela espada. Na mão de Sharpe parecia que não pesava nada, de tão perfeitamente equilibrado que estava o aço, e o fuzileiro a sacou lentamente e o aço brilhou como a seda sob o sol.

A espada que tinha ao lado, a espada que Harper lhe dera, era mal acabada e mal equilibrada. Era muito comprida para um soldado de infantaria, era lenta e tinha sido forjada com um centena mais em uma fábrica mal iluminada de Birmingham. Comparada com a Klighenthal era tosca, de pouca qualidade e mal acabada.

Apesar disso, Harper tinha trabalhado aquela espada sem valor como se fosse um talismã contra a morte de Sharpe. Algo mais que amizade havia posto na lâmina. Não importava que fosse barata. Essa espada tinha derrotado a Klighenthal, a espada cara, e sua lâmina lhe trazia sorte. Espadas similares a essa tinham sido abandonadas às dúzias em García Hernández depois da carga, não valia a pena recolhê-las, e os camponeses fariam com elas facas longas. Contudo, a espada de Sharpe era afortunada. Existia uma deusa dos soldados cujo nome era Sorte e ela gostara da espada que Harper fizera para Sharpe. A Klighenthal estava manchada com o sangue de amigos, com a tortura de sacerdotes esfolados, e a bela espada não continha sorte, mas maldade.

Harper observou que Sharpe jogou o braço para trás, parou um segundo e depois o lançou. A Klighenthal se elevou dando voltas sob a luz do sol, girando, deslumbrando com rápidos lampejos quando a luz batia no aço. Pareceu que ficava um segundo suspensa no extremo do arco que descrevia, lançou luz nos três homens e caiu. Caiu para a parte mais profunda do Tormes enquanto seguia girando, e o sol deixou de atingi-la e o aço se viu cinzento, bateu contra a superfície da água, rompeu-a e desapareceu. Harper pigarreou.

- Vai assustar os peixes.
 - Você fez bem mais que isso.
- Harper riu.
- Eu peguei alguns.

Voltaram a se despedir, os cascos ressoaram sobre as pedras da ponte e Sharpe voltou caminhando lentamente para a cidade. Não queria que aquela separação fosse longa. Queria voltar com o South Essex, para a linha de atiradores à qual pertencia, mas esperaria uma semana, comeria e descansaria tal como lhe haviam ordenado.

Empurrou a porta do pequeno pátio da casa aonde ia se alojar e parou. Ela levantou a vista.

- Pensava que estava morto.
- Eu pensava que a tinha perdido.

Sharpe estava certo. A recordação era o pior que podia ficar de algo. A recordação lhe dizia que ela tinha o cabelo comprido e negro, o rosto de um falcão, um corpo magro e musculoso forjado pelos dias passados cavalcando pelas altas colinas da fronteira. A recordação se esquecia dos movimentos de um rosto, da vida de uma pessoa.

Teresa largou o gato no piso, sorriu para seu marido e se aproximou dele.

- Sinto muito. Estava muito ao norte. O que aconteceu?
 - Depois eu explico.
- Sharpe a beijou, abraçou e voltou a beijá-la. Sentia-se culpado.

Ela o olhou, confusa.

- Está bem?
- Sim — respondeu ele sorrindo. — Onde está Antônio?

— Lá dentro — disse indicando com a cabeça a cozinha onde “a alma maternal” de Hogan estava cantando. Teresa deu de ombros. — Encontrou outra pessoa para cuidar dela. Creio que não deveria tê-la trazido, mas pensei que devia estar perto da tumba de seu pai.

— Ainda não.

Os dois riram, pois se sentiam incômodos. A espada roçou no piso, ele a tirou e deixou em cima da mesa. Voltou a apertá-la entre seus braços.

- Perdoe-me.
- Pelo quê?
- Por preocupá-la.
- Acha que este matrimônio será tranquilo? — perguntou ela sorrindo.
- Não.

Ele voltou a beijá-la e desta vez deixou que o alívio se manifestasse; ela o abraçou com tanta força que a ferida doeu, mas não importava. Importava o amor, mas isso era tão difícil de aprender, e ele voltou a beijá-la uma e outra vez até que ela se separou.

Teresa sorriu e seus olhos mostravam alegria.

- Olá, Richard.
 - Olá, esposa.
 - Alegro-me de que não tenha morrido.
 - Eu também.
- Ela riu e depois olhou a espada.

— É nova?

— Sim.

— O que houve com a velha?

— Quebrou.

Não tinha importância. De agora em diante esta velha espada, com a bainha fosca, seria sua espada e a arma da Sorte; a espada de Sharpe.

Por melhor intencionado, inclusive perverso, que pareça de minha parte o fato de apresentar mais personagens irlandeses nas aventuras de Sharpe, a verdade é que Patrick Curtis e Michael Connelley existiram e em *A espada de Sharpe* fazem o mesmo papel que fizeram em 1812. O reverendo doutor Patrick Curtis, conhecido pelos espanhóis como Dom Patrício Cortes, era reitor do Colégio Irlandês e catedrático de História Natural e Astronomia da Universidade de Salamanca. Também era, aos setenta e dois anos, o chefe de sua própria rede de espiões, que se estendia por toda a Espanha ocupada pelos franceses e ainda mais ao norte do outro lado dos Pirineus. Os franceses suspeitavam de sua existência e queriam destruí-lo, mas só conheceram sua identidade depois da batalha de Salamanca. Tal como se diria em um romance de espionagem moderno o “disfarce” de Curtis foi descoberto, e quando os franceses voltaram a fazer uma breve aparição na cidade viu-se obrigado a fugir em busca de proteção britânica. Em 1819, quando as guerras haviam terminado, o governo britânico lhe outorgou uma pensão. Finalmente abandonou a Espanha para ser o arcebispo de Armagh e primaz de toda a Irlanda, e morreu em Drogheda à avançada idade de noventa e dois anos.

O arcebispo Curtis morreu de cólera, o sargento Michael Connelley, do hospital de soldados de Salamanca, morreu de intoxicação etílica pouco depois da batalha. Não tenho provas de que Connelley estivesse no hospital, que ficava situado no Colégio Irlandês, antes da batalha, inclusive duvidaria, mas creio que estava lá depois dos acontecimentos do 22 de julho de 1812. Atraiçoei sua memória ao pô-lo a cargo da sala dos moribundos quando na realidade o haviam designado sargento de todo o hospital. O fuzileiro Costello, ferido em Salamanca, escreveu a respeito de Connelley em suas memórias, e devo confessar que roubei a descrição de seu livro. Era certamente muito atento com os enfermos. Bebia, tal como diz Costello, como um cossaco, mas sua principal característica era a preocupação para que os britânicos morressem bem ante os feridos franceses. Costello o cita: “Deus misericordioso! O que mais queres? Vão lhes enterrar com mortalha e caixão, não? Pelo amor de Deus, morra como um homem ante estes frinchinotes”^[5]. O sargento Connelley era tremendamente popular. O funeral do próprio general não teria congregado mais pessoas que o de Connelley. Um dos portadores do caixão, que era um ventríloquo dos bairros baixos de Londres, bateu no caixão e imitou a voz de Connelley. “Não vai me deixar sair, oh Deus misericordioso? Estou me asfixiando.” O cortejo se deteve, apresentaram as baionetas e a tampa foi aberta mostrando o sargento morto. O incidente foi considerado como algo muito divertido, uma brincadeira de bom gosto, que não parecia destoar com os homens de Wellington.

Colquhoun Grant, o oficial de exploradores, também é um personagem real que foi capturado pouco antes da batalha de Salamanca. Conseguiu escapar de seus capturadores na França e, surpreendentemente, passou algumas semanas em liberdade pelas ruas e salões de Paris. Seguiu usando o uniforme de gala britânico e se lhe paravam afirmava que

era o uniforme do exército americano. Sua história, mais incrível que a ficção, pode ser encontrada na obra de Jock Haswell *The First Respectable Spy* (Hamish Hamilton, 1969).

Sem dúvida, os franceses utilizavam mensagens em código e o capitão Scovell, que se menciona no capítulo 4, era o homem que decifrava os códigos do inimigo. O leitor que queira saber como funcionavam os códigos pode encontrar todos os detalhes no apêndice XV do volume V da obra de Ornan *A History of the Peninsular War*. Para os detalhes referentes ao fundo de espionagem de Sharpe e à campanha de Salamanca estou em dívida com o livro de Haswell e, para isso e muito mais, à extensa e inteligente história de Ornan.

Salamanca continua sendo uma das cidades mais belas do mundo. A praça está praticamente intacta desde que a Sexta Divisão desfilou em 17 de junho de 1812, ainda que as corridas de touros foram transferidas para uma praça moderna. A praça é simplesmente magnífica. A zona onde os franceses criaram um terreno baldio ao redor das três fortificações foi reconstruída; infelizmente carece de beleza, mas se segue conservando muito da antiga cidade e vale a pena uma visita. A ponte romana está reservada agora para os pedestres. As ameias e a fortaleza pequena desapareceram nos meados do século XIX e devolvendo à ponte seu aspecto original, e o touro de pedra segue ali, sobre o décimo primeiro arco. Indica o lugar onde se rompeu nas inundações do 1626. Apenas são romanos os quinze arcos mais próximos da cidade, os outros onze são reconstruções que datam do século XVII. O Colégio Irlandês está igual a quando era o hospital do exército em 1812.

O campo de batalha é um lugar especialmente agradável, já que o terreno quase não mudou desde 22 de julho de 1812. Algumas árvores desapareceram com os anos, e uma via férrea transcorre entre o Arapiles Maior e o Arapiles Menor e se adentra no valezinho onde a Sexta Divisão deteve o contra-ataque de Clausel. Há um punhado de casas modernas ao sul dos Arapiles, mas não chegam a enfeiar o terreno. Para encontrar o campo de batalha deve-se se pegar a estrada que sai do sul da cidade, a N-630, que vai a Cáceres, e o povoado do Arapiles fica sinalizado à esquerda. A estrada secundária que leva até o povoado marca aproximadamente o limite esquerdo do avanço da Terceira Divisão, e a cavalaria pesada deve ter carregado justo perto de onde fica sinalizado o povoado na estrada principal. Vale à pena pegar uma boa explicação da batalha, com bons mapas. Eu simplifiquei o relato da batalha um pouco e qualquer um que esteja interessado o bastante a ponto de visitar o lugar se verá bem recompensado lendo um dos muitos e esplêndidos relatos que se encontram disponíveis em obras de não ficção. Uma vez se chega aos Arapiles, o terreno surpreende pelas colinas, e há um obelisco comemorativo, por desgraça agora deteriorado, no cume do Arapiles Maior. Subindo-se até onde fica o obelisco qualquer um se admira que as tropas portuguesas tenham feito a mesma subida, com o equipamento completo, contra um horizonte defendido. Realmente, realizaram uma missão impossível.

Eu passei mais de uma semana caminhando pelo campo de batalha e, como de costume, recebi uma grande ajuda da gente do lugar.

Salamanca foi uma grande vitória. Wellington sofreu cerca de cinco mil baixas (das quais umas mil morreram no ato, no campo, e ninguém sabe quantos morreram depois em

consequência das feridas). Marmont, temeroso da ira de Napoleão, tentou ocultar o número de suas baixas. Disse ao imperador que havia perdido uns seis mil homens. De fato perdeu catorze mil, um estandarte de águia, outros seis estandartes e vinte canhões. Foi uma derrota esmagadora que anunciou ao mundo que um exército francês podia ser totalmente vencido. O oeste da Espanha ficou livre de franceses e a derrota teria sido inclusive mais humilhante se a guarnição de Alba de Tormes tivesse obedecido às ordens e se mantivessem em suas posições. Sua deserção permitiu que os 34.000 soldados que restavam a Marmont escapassem e conduziu, também, à admirável e impossível vitória em García Hernández. Os alemães perderam 127 homens naquela carga. Os franceses, contando a totalidade do batalhão que foi tomado prisioneiro, perderam uns 1.100 do total de 2.400. O primeiro quadrado se rompeu de forma muito similar à descrita no romance.

Para se chegar a García Hernández deve-se seguir a estrada que sai de Salamanca em direção a Alba de Tormes. É bem sinalizada porque Alba de Tormes (graças à santa Teresa de Ávila) segue sendo um lugar de peregrinação. Deve-se atravessar a cidade e seguir as sinalizações para Peñaranda, e o povoado fica a uns sete quilômetros depois de Alba de Tormes. Na atualidade chama-se "Garcíhernández". A estrada passa por lá, mas vira para a esquerda dentro do povoado e atravessa a única ponte que cruza um riacho e com pista adequada para carros que leva ao abrigo da colina, chega-se ao lugar onde a Legião Alemã do Rei fez sua magnífica e extraordinária carga.

Estou muito em dívida com Thomas Logio, médico e amigo, que me proporcionou uma ferida "adequada" para Richard Sharpe. Salvou-me de minha ignorância médica, ainda que tema ter adornado a informação, para sua vergonha. Por isso, peço-lhe perdão. Tudo o que é exato a respeito da ferida, tratamento e recuperação de Sharpe se deve ao doutor Logio.

O resto é tudo ficção. Nem Leroux, nem lorde Spears, nem o nome em código de O Mirante, nem sequer, infelizmente, uma marquesa de Casares o Grande e Melida Sadaba. Sharpe e Harper são apenas sombras dos verdadeiros homens que marcharam e marcharam, e finalmente lutaram naquele abrasador dia de julho no vale junto aos Arapiles. Foi uma grande vitória e os sobreviventes devem ter se sentido aliviados, e talvez um pouco inquietos, pois creio que sabiam que a guerra que em 1812 se estendia por todo o mundo necessitaria de "grandes" vitórias como aquela se tinha de acabar algum dia. Sharpe e Harper voltarão a marchar.

[{1}](#) Sharpe 08 - A Águia de Sharpe - Bernard Cornwell. (N. do T.)

[{2}](#) Sharpe 09 - Ouro de Sharpe - Bernard Cornwell. (N. do T.)

[{3}](#) Sharpe 13 - A Companhia de Sharpe - Bernard Cornwell. (N. do T.)

[{4}](#) Papelada da Armada. (N. do T.)

[{5}](#) Edward Costello, The Peninsula and Waterloo campaigns, edição de Antony Brett-James, Londres, Archon Books, 1967, p. 109. (N. do A.)